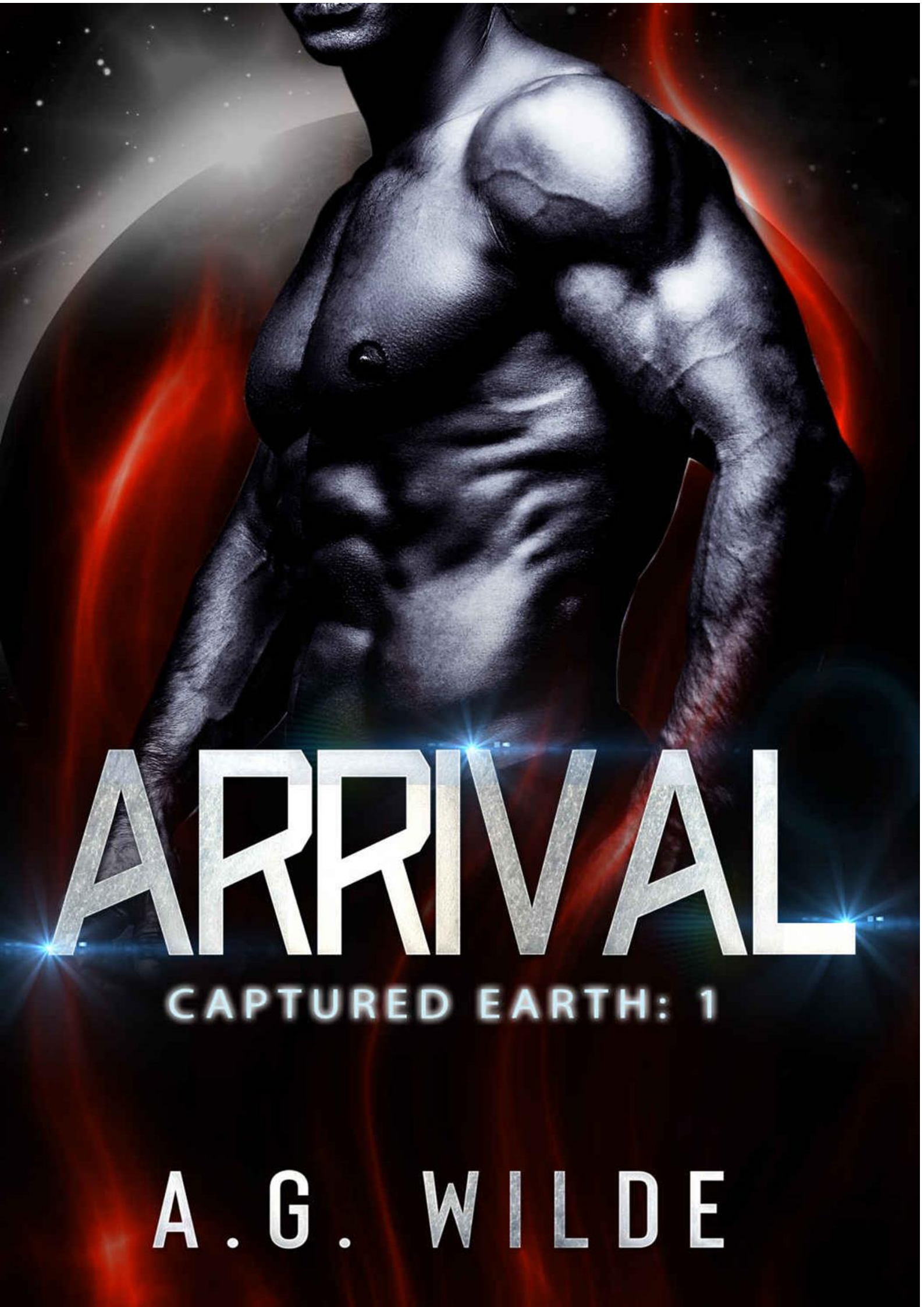




ARRIVAL

CAPTURED EARTH: 1

A.G. WILDE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CHEGADA

CAPTURED EARTH BOOK 01

A.G. WILDE

Arrival

Você acha que a Terra é um porto seguro?

Você acha que o mundo não pode acabar amanhã?

Pense novamente.

Nosso mundo não é mais nosso.

Foi levada por seres que nunca poderíamos ter imaginado.

E nós somos fracos.

Desamparada.

... sem esperança.

Caçada.

Eles nos dividiram em grupos: Colheitadeiras, Coletoras e Criadoras...

Eu sou apenas uma das dispensáveis.

Meu nome é Adira Mosely

...e eu sou uma Criadora.

Arrival é um romance de ficção científica apocalíptico de invasão alienígena completo, apresentando uma heroína engenhosa e um herói alienígena durão que muda seu mundo para sempre.

Existem gatilhos nessa história: cenas gráficas envolvendo violência e morte, temas sombrios e cenas de natureza sexual.

Contém proximidade forçada e alienígenas com ferramentas interessantes .

Este livro / série não é para quem se ofende facilmente.

ANTES DE VOCÊ LER!

Esta nota é uma espécie de aviso de gatilho.

Ao iniciar esta série, decidi não bloquear as coisas que os livros desta série abordarão.

Isso significa que há tópicos sobre os quais alguns leitores podem não querer ler.

Vou tentar dar um aviso adequado sobre isso com antecedência e, se você decidir rejeitar este livro / série, tudo bem!

Este livro em particular dá o tom para o resto da série.

Há morte. Tortura. Cenas gráficas.

Violência. Terror.

Emoção crua e sexo quente e cru.

Esses heróis alienígenas têm línguas milagrosas - um presente da evolução - e não têm medo de usá-las onde suas mulheres humanas mais gostam!

Mas, apesar dessa bondade alienígena, há o pano de fundo de que o mundo está acabando.

Se você ainda não pegou, esta série começa no início de um apocalipse.

Não são borboletas e rosas, mas espero que, se você continuar a ler, goste da história tanto quanto eu gostei de escrevê-la.

Leitura feliz!

AG

ESTÁ TRADUÇÃO FOI FEITA POR FAS E PARA FAS.

Nós realizamos esta atividade **sem fins lucrativos** e temos como objetivo incentivar a leitura de autores cujas obras não são traduzidas para o PORTUGUÊS.

O material a seguir não pertence a nenhuma editora NO BRASIL, e por ser feito por diversão e amor à literatura, pode conter erros.

**ESTE LIVRO É FEITO PARA LEITURA
INDIVIDUAL, NÃO COMPARTILHEM**

**Por favor, não publique nossos arquivos em blogs,
Instagram, Twitter e no DOCERO.**



Capítulo Um

Adira

Uma chuva de meteoros.

Isso é o que todos nós pensamos que era.

Nós estávamos errados.

Mas não poderíamos saber...

Como poderíamos?

A maioria de nós pensou que estávamos sozinhos...

Terra.

O único planeta que conhecíamos que tinha vida senciente. Nós.

Os alienígenas eram algo que imaginávamos e colocávamos em filmes de ficção científica e desenhos animados.

Ou assim pensávamos...

Então eu pensei.

As bolas de fogo que desciam do céu eram um espetáculo a princípio. Não houve nenhuma reportagem na mídia sobre uma chuva de meteoros. Fora uma surpresa agradável e maravilhosa.

As chuvas de meteoros eram raras, e esta era uma que você podia ver durante o dia, nada menos.

Eu estava correndo naquele dia. Com fones em meus ouvidos. Minha música estridente.

O sol estava quente. As ruas não muito movimentadas.

Eu tinha uma hora antes de me apresentar à clínica veterinária onde trabalhava.

Eu tinha uma cirurgia para realizar naquele dia. Em um coelho.

O coitado ia ser castrado.

Era nisso que eu estava pensando enquanto corria - meu pequeno paciente peludo. Eu mal via o tráfego na estrada ao meu lado... mal via os rostos das pessoas na calçada enquanto eu passava correndo por elas.

Era um dia normal como outro qualquer...

As pessoas estavam fazendo suas compras. Alguns voltavam correndo para o trabalho depois de almoçar.

Ao lado, uma mãe agarrou a mão do filho e puxou-o enquanto aumentava o ritmo, correndo para onde quer que fosse.

Normal... até que olhei para cima.

Meus passos vacilaram. Eu cambaleei um pouco quando parei de correr.

Bolas de fogo.

Muitas delas.

Atirando pelo céu em velocidades incríveis.

A princípio, minha mente não conseguia compreender o que eu estava vendo.

Havia tantos deles. Como asteroides maciços caindo.

Eu nem notei outras pessoas parando o que estavam fazendo para olhar também. Eu não conseguia tirar os olhos do espetáculo.

Nunca tinha visto nada parecido antes...

Quando tirei meus fones de ouvido, meus ouvidos se animaram com o súbito silêncio ao meu redor.

Os carros pararam.

As pessoas pararam.

Os que estavam dentro das lojas saíam lentamente para contemplar o espetáculo.

O tempo parou.

Eu não conseguia desviar os olhos.

Olhando para trás agora... eu deveria ter fugido naquele exato momento.

Foi só quando a primeira bola de fogo se aproximou que nós, eu, percebemos o que estava acontecendo.

Eles estavam vindo direto para nós.

Eles não estavam queimando na atmosfera. Eles não estavam se desintegrando.

Eles iriam colidir com a superfície.

Todos nós começamos a correr então, o silêncio subitamente interrompido pelo primeiro grito.

E então... caos.

Virando-me, comecei a correr.

Mas a rua de repente se encheu de gente.

Fugir não foi tão fácil.

Em vez de ser um caminho claro na calçada, eu esbarrei em corpos e pessoas esbarraram em mim enquanto todos nós lutávamos para fugir.

E no meio da confusão... o medo... os gritos... os gritos... outro som.

O som abrasador da própria bola de fogo.

Como se o ar ao nosso redor estivesse esquentando. Estalando.

Um estrondo alto como uma bomba explodindo nos atingiu com força, o impacto enviando uma onda de choque que nos jogou no chão.

Meu corpo voou pelo ar. Caí de cara.

A dor explodiu em meu crânio, meus braços, meus joelhos.

Alarmes de carros dispararam em uníssono e houve o som de vidro quebrando quando as vitrines da loja explodiram.

Gritos.

Sons de agonia.

Tudo misturado no caos.

As pessoas estavam tentando fugir.

Alguém pisou na minha perna e tropeçou antes de se arrastar para frente e começar a correr.

No fundo da minha mente agora... eu podia sentir a dor da minha queda... o sangue escorrendo pela minha testa.

Mas tudo isso era como uma dor surda nos recessos da minha mente, pois quando olhei para trás... todo o resto foi esquecido.

O meteoro estava envolto em poeira e fumaça.

Ele havia pousado na minha lanchonete favorita e engoli a sensação imediata de angústia que surgiu dentro de mim.

Tinha gente lá dentro...

Eu poderia estar lá dentro.

Segurando minha cabeça com uma mão, inclinei-me sobre o outro cotovelo enquanto tentava me levantar.

O que diabos acabou de acontecer?

Meus olhos permaneceram no local do impacto, observando a poeira e a fumaça baixarem para revelar um grande...

Não sei o que esperava ver.

Uma enorme rocha espacial negra com arestas ásperas, talvez.

Mas isso... isso não era áspero... ou preto.

Era... uma orbe de metal, brilhando à luz do sol.

Era suave e refletia tudo ao seu redor como um espelho.

Por um momento, acho que nenhum de nós sabia o que fazer.

Houve silêncio novamente. Ou talvez eu simplesmente não conseguisse ouvir o que estava acontecendo ao meu redor.

Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta.

Eu me levanto e me viro totalmente para poder olhar para a coisa.

E então...

O ar vibrou.

Não há outra maneira de descrevê-lo.

Um som quase baixo demais para ouvir, mas que eu senti na minha pele.

Os pelos do meu corpo se arrepiaram.

O som por si só enviou um arrepio na espinha.

Algum instinto básico dentro de mim me disse que eu deveria correr, mas... eu não conseguia me mover.

O ar vibrou novamente, o som passando por todos nós, e eu cambaleei para trás quando o orbe se moveu.

A poeira subiu do prédio que havia nivelado e algo apareceu.

Um longo, sinuoso, metálico... braço.

Uma garra de metal.

Ela se fechou em torno de um homem parado ao meu lado.

Gritos pontuavam o ar enquanto as pessoas começavam a correr mais uma vez. Ainda assim, eu me levantei.

Incapaz de compreender o que estava vendo.

Incapaz de acreditar.

A velha lanchonete tremeu, o que restava de suas paredes desmoronando enquanto o orbe se levantava, erguendo-se da poeira e das cinzas para ficar em três pernas.

Ele continuou subindo e subindo... e meu olhar o seguiu.

O que era isso?

Era tão alto quanto uma torre. Mais alto do que qualquer outra coisa ao seu redor.

Isso nos fez parecer anões.

O homem que ela segurava em um daqueles braços de metal gritou enquanto lutava para se libertar de suas garras.

Ele estava gritando por socorro, seu braço esticado em minha direção.

Mas ele estava muito alto.

Não consegui alcançar.

Mesmo se eu pudesse, eu não poderia me mover.

E então... aquele som arrepiante. Aquele estrondo profundo.

O líquido molhou meu rosto quando os gritos do homem pararam de repente.

Mesmo enquanto escorria pelo meu rosto, meu corpo, manchando meus braços de vermelho... minha mente se recusava a aceitar o que era.

Alguém esbarrou em mim enquanto corriam.

Não sei quem eram, não sei se sobreviveram, mas devo-lhes a minha vida.

Pois se eles não tivessem colidido comigo, eu poderia ter ficado lá enquanto aquele braço de metal ensanguentado descia novamente.

Mas eu estava acordado agora e o medo me empurrou para virar.

E corri.

Capítulo Dois

Adira

Perdi tudo naquele dia.

Tudo o que importava.

Família.

Amigos.

Eu.

Eu me perdi.

Quem eu era...

Quem eu sou.

O que você se torna quando tudo o que você conhece é destruído?

O que você faz quando um inimigo imbatível vem para destruir tudo o que você já conheceu?

Nós tentamos lutar.

Pela primeira vez, a humanidade tinha um inimigo comum e todos os outros problemas humanos pareciam minúsculos em comparação.

Nós éramos minúsculos.

Os governos pegaram a bola rapidamente.

Mísseis.

Bombas.

Ataques aéreos.

Bombas nucleares.

Tudo por...

Nada.

Nada do que fizemos funcionou.

Cidades inteiras foram arrasadas.

Banhado na morte.

Sangue.

Destruição.

Nenhum lugar na Terra era seguro.

Pelo menos foi o que ouvi antes de os telefones pararem de funcionar. Antes das estações de rádio serem cortadas. Antes que a comunicação fosse perdida.

Nova York caiu.

Los Angeles.

Paris.

Londres.

Sidney.

Berlim.

Minha própria cidade foi arrasada... e então, nenhuma ajuda veio...

Os caças diminuíram lentamente em número até não haver mais.

Tanques jaziam abandonados nas ruas.

O som da luta morreu lentamente.

No fundo da minha mente, quero imaginar que haja algum lugar seguro lá fora... mas mesmo quando as consequências se estabelecem em minha consciência, sei que isso não é verdade.

Os orbes... suas enormes pernas de metal... eles pisotearam... tudo .

E eles simplesmente continuaram.

Parecia que seu único propósito era destruir o único planeta que chamamos de lar.

Éramos como formigas para as feras de metal — pois é assim que as conhecemos.

Gigantes, bestas de metal.

Ninguém sabe o que há dentro deles.

Ninguém sabe quem os controla, ou se os próprios orbes são sencientes.

Eles não têm rostos. Ninguém chegou perto o suficiente para ver dentro deles.

Pelo menos ninguém chegou perto o suficiente para sobreviver e contar a história.

Essas... máquinas.

Tudo o que sabemos é que eles matam a todos nós .

De um jeito ou de outro.

Mas talvez aqueles que morreram naqueles primeiros momentos tenham sido os sortudos.

Eles não viveram para ver o horror do que a vida se tornou.

Deve ter sido dias que eu estive escondida, mas parecia semanas.

Escondida em qualquer lugar que eu pudesse. Sozinha.

As adegas eram a melhor aposta. Elas estavam no subsolo.

Se o prédio acima desmoronasse, havia uma chance de sobrevivência.

Mas quando você encontra um bom abrigo, a próxima coisa que você precisa encontrar é comida.

Os recursos eram escassos; era cada um por si.

Os outros humanos que consegui encontrar, os que ainda sobrevivem, os que ainda estavam livres, geralmente só cuidavam de si mesmos.

Então eu também.

Por algum milagre, eu sobrevivi.

Eu iria sobreviver.

Mais uma vez, eu estava errada.

Aconteceu uma noite.

Eu estava dormindo.

A máquina... ela me encontrou.

Eu ainda não sei como.

Algo me acordou do meu sono.

Um barulho.

Aninhado no porão, enrolado no velho cobertor de alguma pobre criança, eu semicerrei os olhos na escuridão.

Levou apenas um segundo. Um segundo para eu ver o reflexo da luz das estrelas contra o metal.

Mas era tarde demais.

Levou-me.

Um grito saiu da minha garganta quando o braço de metal se fechou ao meu redor.

Fui arrancado do meu esconderijo, a sensação do metal gelado gelando meus ossos quando fui puxado do meu esconderijo e levada para o alto.

Eu sempre soube que os orbes eram enormes.

Alto.

Mais alto que torres.

Mas ser levantado por um enviou um terror recém-descoberto através de mim.

Não havia orbes por perto quando adormeci.

Eles eram tão grandes que você podia vê-los por quilômetros.

Mas de alguma forma... este tinha me encontrado.

O vento foi arrancado de mim quando me balançou, meu corpo se debatendo como se eu fosse uma boneca de pano.

Ele me ergueu bem alto na frente de si mesmo, como se estivesse olhando para mim, e por um momento eu o encarei de volta.

Lágrimas cegaram minha visão, mas o ódio queimou.

Puro, cru, ódio.

Um grito cheio de frustração deixou minha garganta quando o orbe me balançou para baixo.

Era isso. Ia me atropelar.

Esmague-me como fez aquele homem naqueles primeiros momentos.

...mas não deu.

Em vez de me matar, o orbe me trouxe para si.

Talvez eu estivesse sonhando... Talvez a perda de sangue tivesse afetado minha percepção das coisas... mas o metal amoleceu e eu o atravessei.

A máquina me soltou e minha cabeça bateu em algo duro quando caí.

Corpos macios interromperam minha queda. Algumas com bordas afiadas, percebi vagamente que eram ossos furando a pele.

Onde eu estava?

Eu não fazia ideia.

Tudo que eu sabia era que deveria estar morto... mas não estava

Por alguma razão, o universo estava me poupando.

Ou talvez eu estivesse sendo punida.

Para que? Não sei.

Foi quando eu ouvi.

Alguém falando ao meu lado...para mim.

Ouvi a palavra — *criadora* — mas não fazia ideia do que significava.

Minha cabeça estava doendo agora, mas quando o sangue subiu ao meu crânio e eu perdi a consciência, ouvi as palavras novamente.

Desta vez, eles se registraram em minha realidade.

— Foi encontrado outro reprodutor.

Capítulo Três

Adira

Dias de hoje?

Dias desde capturada pela máquina

Já me acostumei com o balanço.

Isso nos embala enquanto essa coisa se move.

Pode-se quase esquecer onde você está, na barriga da máquina.

Há quatro de nós... mas... houve mais.

Quando ele me colocou dentro de si, o pequeno espaço estava cheio.

Agora, nem tanto.

A cada quatro semanas, mais ou menos, uma de nós é levada embora.

E estou aqui há mais dias do que posso contar.

Há espaço para se mover, mas nenhum lugar para ir.

É surpreendentemente brilhante dentro da máquina, como se estivesse atrás de uma janela de vidro.

Neste alto, podemos ver tudo abaixo.

Podemos ver o mundo a partir de sua visão.

E cara... nós somos pequenos.

Insignificante.

— Acho que ele vai morrer logo. — A voz da mulher ao meu lado.
Sam.

Talvez abreviação de Samantha. Eu nunca perguntei.

— Quem? — Minha voz soa distante. Cheia de apatia. Ouvir isso soa como um estranho usando minha boca e não eu.

Sam aponta o queixo para o outro lado do orbe. Através da barreira lá.

Pois há dois compartimentos nesta barriga da besta.

Estamos simplesmente em um.

Do outro lado estão as pessoas.

Humanos.

Homens.

E eles são...

Minha garganta se move quando eu afasto meu olhar.

Você é uma covarde, Adira.

Talvez eu seja.

Mas não preciso olhar para ver o que está acontecendo no segundo compartimento. A imagem já está gravada em meu cérebro.

Eu o encarei, mesmo quando não queria ver.

Os homens estão protegidos por... cipós...

Apenas...

Eles não são videiras em tudo.

Eles pulsam, se movem... como se estivessem vivos.

Por toda a parede... no chão... as videiras estão por toda parte.

É como uma selva ali, envolvendo os corpos... perfurando-os.

Se eu chegar perto o suficiente, posso ver o sangue se movendo pelas videiras enquanto a máquina alimenta.

— Eu acho que ele está tentando dizer alguma coisa — Sam sussurra.

Meus olhos se movem para o homem a quem ela está se referindo.

Ele está de frente para nós. Seu rosto pressionado contra a barreira transparente que separa nossos compartimentos.

Tudo, exceto seu rosto, está coberto de vinhas — *veias* — e, enquanto o encaro, percebo que Sam está certa.

Seus lábios estão se movendo, mas não podemos ouvir nenhum som.

Há uma palidez mortal em sua pele. Ele está pálido enquanto a máquina drena seu sangue. Há quanto tempo está se alimentando dele?

Por alguma razão, eu me aproximo, esbarrando nas outras três mulheres no compartimento comigo.

Meu corpo parece fraco quando me movo e os olhos do homem se fixam nos meus quando me aproximo.

A esperança brilha um pouco em seu olhar quando me aproximo.

Seus lábios se movem novamente e eu posso apenas distinguir as palavras que ele está pronunciando.

— Ajude-me, por favor.

Eu o encaro. Talvez, antes de tudo isso, eu fosse capaz de chorar. Para lamentar o que estou testemunhando diante dos meus olhos.

Mas nenhuma lágrima vem agora.

Em vez disso, pressiono minha mão contra a barreira. Eu estaria tocando sua bochecha se não fosse pela separação entre nós.

— Vai acabar logo — eu sussurro.

Talvez fosse tudo o que ele precisava.

Algum tipo de conforto.

Não sei quanto tempo fico sentada ali, observando-o, até que seus olhos finalmente se fecham.

E então, ele se foi.

Seu corpo é arrancado quando a última gota de sangue sai de suas veias.

Vejo o que sobrou dele cair quando as vinhas o soltam e o orbe o expulsa de si mesmo.

Todos os ossos de seu corpo serão quebrados quando ele cair.

Mas ele já está morto.

Ele não sentirá mais dor...

Eu me afasto da barreira e deslizo para sentar entre Sam e uma das outras mulheres.

Mina é o nome dela.

Ela quase não fala.

Em frente a ela está outra mulher.

Ela descansa longe de nós. Sua barriga está inchada e pressiona seu vestido rasgado.

Cresceu ainda mais. Não estava tão grande ontem.

Lembro-me de quando a máquina a levou.

Quando ela foi criada.

Isso foi cerca de um mês atrás.

Ela geme, seus olhos se abrem e a dor se registra em seu rosto.

Não consigo imaginar como é ter algo desconhecido crescendo dentro de você.

Mas logo saberei.

Em breve, será a minha vez.

— Você quer um pouco? — Sam estica o saco cheio de líquido para mim e eu balanço minha cabeça.

— Coma, Adira. Você sabe que o orbe não vai nos alimentar de novo pelo resto do dia.

E ela está certa.

Os sacos cheios de líquido aparecem através da parede em rotação.

Nosso sustento vem na forma de algum tipo de polpa que nos mantém vivas.

Estremeço só de pensar de onde vem.

Eu quero dizer a Sam que não.

Talvez se eu me recusar a comer, passar fome, a máquina não tentará me reproduzir.

Mesmo enquanto penso nisso, meu olhar se move para a mulher descansando no chão em frente aos meus pés.

Ela é magra. Tão magra que sua barriga enorme parece deslocada.

Sua barriga se move enquanto o que quer que esteja crescendo dentro dela se contorce sob sua pele e o pouco apetite que eu tinha de repente desaparece.

Sam me empurra com o cotovelo. Seu braço treme quando ela estende a coisa para mim.

Ela é tão magra também, posso ver seus ossos. Meu olhar sobe pelo braço dela, sabendo que o que estou vendo é uma imagem espelhada de mim mesma.

Mas há uma diferença entre nós.

Ainda há esperança nos olhos de Sam.

Seu braço treme novamente e eu sei que até mesmo o simples ato de segurar o saco de comida para mim está drenando sua energia.

Me odiando, estendo a mão para ela e pego o saco.

É uma cor marrom-clara desagradável, como água leitosa suja.

Levando-o aos meus lábios rachados, faço um buraco nele e forço o conteúdo.

É mais como engolir do que beber.

Eu jogo na minha garganta, o líquido apenas atingindo a parte de trás da minha língua enquanto eu tomo.

É doentiamamente doce e mais uma vez desvio minha mente de pensar de onde deve ter vindo.

À minha esquerda, Mina nos observa.

Ela não diz nada, mas seu olhar fala muito.

Puro ódio.

O mesmo que sinto por essa coisa que está nos carregando.

O balanço suave continua enquanto a máquina percorre a paisagem abaixo e, por um momento, meu olhar cai abaixo de nós.

É engraçado como as coisas podem mudar rapidamente.

Lá embaixo não se parece mais com a Terra que eu conhecia.

Mais como um mundo devastado por guerras e desastres naturais.

Quanto tempo desde as máquinas chegaram?

Eu não me lembro agora.

Os dias se fundem. Só sei que o tempo está passando porque a noite chega e o sol nasce.

De alguma forma, parece que o tempo está me deixando para trás.

Abaixo está uma terra árida e seca.

A poeira caiu sobre tudo.

Edifícios foram queimados, esmagados, destruídos.

Os veículos ficam no que antes eram estradas.

Vinhas e plantas selvagens começaram a recuperar no que costumava ser uma pequena cidade.

Qualquer água, árvores, vegetação que pontilhava a paisagem de antes, agora se foram.

A Terra foi capturada.

É o mundo deles agora.

E somos principalmente insetos em seu caminho.

Às vezes, avistamos outras máquinas à distância, mas elas nunca estão próximas umas das outras.

Mesmo assim, um é o suficiente para dizimar tudo ao seu redor.

E os humanos... não vejo outro humano lá embaixo há muito, muito tempo.

Quando cruzo os braços, a mulher no chão geme e aperta a barriga.

Oh não.

Não percebo que sussurro as palavras até que cheguem aos meus ouvidos.

— Merda — Sam sussurra também.

Seus olhos arregalados encontram os meus e percebo vagamente que Mina está se aproximando de nós.

A mulher fica sozinha de lado enquanto geme mais alto.

Há movimento em seu estômago.

Algo grande pressiona contra sua pele por dentro e meu coração para.

Está na hora.

Como se fosse uma deixa, a parede interna pulsa e ouço o som que todos tememos.

A superfície lisa acima de nós se abre e um daqueles braços mecânicos aparece.

É diferente dos que estão do lado de fora – aqueles sobre os quais ele caminha.

Este é menor, mas não tem problema em nos agarrar do mesmo jeito... se nos pegar.

Mas não está vindo para nós.

Nós sabemos o que ele quer.

A mulher... ela está pronta para dar à luz.

Observo enquanto o braço a segura pelo pescoço e, por um momento, fico paralisada.

Um por um, é feito isso.

Levou-nos.

Nos engravidou.

A princípio, revidamos, tentamos fazer com que parasse.

Quando paramos de brigar?

O pensamento me energiza e estou me movendo antes mesmo que eu possa reconsiderar.

— Adira! — O grito de Sam não registra. Tudo o que posso ver é o braço mecânico se fechando em torno da mulher.

Tudo o que posso sentir é meu próprio ódio.

Eu o alcanço em questão de segundos, meus braços se fechando em torno de sua garra.

Eu puxo. Com toda a minha força, eu puxo. Mas não muda.

— Deixe ela ir! Ela merece viver. Todos nós merecemos viver! — As palavras saem de meus lábios em um grito que ecoa na pequena câmara.

— Você não fez o suficiente?!

Estou me segurando nela e juro que a garra de metal fica imóvel por um momento.

E então estou voando para trás como uma mosca.

Minhas costas colidem com a parede atrás de mim e a dor sobe pela minha espinha quando caio de cara no chão.

Estou vagamente ciente de Sam correndo até mim, do grito de Mina, e levanto minha cabeça.

Através da minha visão turva, vejo o braço recuar com a mulher.

E então ela grita...

Não a veremos mais.

Mas a máquina vai voltar, e será um de nós o próximo.

Capítulo Quatro

Adira

A noite chegou.

O sol nasceu mais uma vez.

Meu corpo ainda dói com a última tentativa de autonomia.
Liberdade.

Meu olhar se ajusta dentro do orbe enquanto o saco de comida vazio escorrega de meus dedos.

Ele cai aos meus pés e eu observo enquanto... desaparece na parede de metal.

— Você acha que ele vai parar de andar? — Sam pergunta.

Sua voz está distante.

Ela também está olhando para fora do orbe e me pergunto se ela está tendo os mesmos pensamentos que eu.

— Eu gostaria de pensar que sim — eu respondo, mas mesmo esse pensamento faz uma sensação estranha descer pela minha espinha.

Quando a máquina para de andar... o que acontece?

Será que algum de nós vai ficar?

A humanidade, por algum milagre, terá sobrevivido?

Andando. Andando. Ele sempre se dirige para a água. Ele passa vários dias sugando tudo e depois desliga novamente.

No tempo em que estive no ventre da besta, eu a vi drenar sete lagos.

Sete ... todos se foram.

Não sei o que ele faz com toda aquela água.

Eu me pergunto se isso leva tudo, evapora de alguma forma.

Destrói-o.

Algo me diz que não é isso que está fazendo.

Mas com a água desaparecendo lá embaixo... assim é a vida.

A Terra está ficando seca.

Ressecada.

Construímos toda a base da vida no único emparelhamento de duas substâncias químicas. Duas partes de hidrogênio. Uma parte de oxigênio.

Água.

Ao pesquisar estrelas distantes, era o que procurávamos.

E eu me pergunto se isso é o que eles estavam procurando também?

É por isso que eles vieram aqui?

Foi assim que eles nos encontraram?

Eu olho para o nada.

Não olhando para o outro lado onde estão os Alimentadores.

Sem focar nas outras duas mulheres ao meu redor.

Restam apenas três de nós.

Vai acabar logo.

Durante horas, a máquina anda.

Não há nada a fazer a não ser sentar e ser balançado dentro dele, meu olhar focado na distância.

Minha mente... minhas emoções... bloqueadas.

Só me levanto quando avisto vegetação.

Vida.

Estamos perto de uma floresta... ou pelo menos do que costumava ser uma, e a máquina deixa árvores pisoteadas em seu rastro.

As árvores morrerão em breve. Assim como tudo mais.

Sam me vê mover e olha para baixo.

— Reconhece onde estamos?

— Nenhuma ideia.

Nada parece igual lá fora.

Nem sei se estamos mais no mesmo estado.

— Eu também não — diz ela. — Eu desejo...

Ela não continua.

Não adianta dizer.

Eu sei o que ela deseja.

Para ver alguma forma de vida lá embaixo.

Esperança.

Seu cabelo escuro está sujo e ela passa a mão nele.

Estamos todas sujas, apesar da forma estranha como a máquina limpa este compartimento.

Ele suga os resíduos que deixamos para trás. As secreções corporais desaparecem na parede de metal como se não existisse em primeiro lugar. Mas não pode lavar a sujeira que se instalou em nossa pele ao longo do tempo.

— Você acha que sobrou alguém lá fora? — Sam ainda está olhando para baixo.

Eu balanço minha cabeça.

— Não sei.

— E os animais...

Sua voz tem esperança e mesmo que Mina não fale muito, eu a ouço zombar.

Desde que entramos na máquina, não vimos nenhuma vida abaixo dela.

Nem mesmo um lampejo disso.

Passei a vida inteira cuidando de bichos... E pensar que já morreram tantos também...

É algo que deixo intocado no fundo da minha mente. Como um tipo de lugar seguro para onde eu possa ir.

Imagino que os animais estejam todos escondidos lá embaixo.

Em algum lugar.

Que toda a vida não está sendo extinta pouco a pouco.

E mesmo que não falemos sobre isso, sobre as outras mulheres que estiveram na barriga da besta, o que aconteceu com elas, todos nós sabemos que nosso fim está próximo também.

Não adianta falar sobre isso.

Especialmente quando...

Como se meu pensamento o convocasse, há movimento.

As paredes pulsam. O buraco no topo se abre e o braço desce.

Instintivamente, todas nos sacudimos e corremos para longe.

Sam solta um grito quando o braço roça em seu pé e minha mente entra em pânico.

Já está pronto para criar outra de nós?

Sam colide comigo, seu cotovelo cavando em meu estômago enquanto eu luto para trás também.

Mas Mina... Mina não é rápida o suficiente.

O braço de metal se fecha em torno de sua barriga e ela grita, seu olhar fixo no meu.

Pânico inunda através de mim.

Não temos armas. Nada com o que lutar, exceto nossa pura vontade.

Mas isso nunca é suficiente.

Antes que eu perceba o que estou fazendo, estou lutando debaixo de Sam, tentando me libertar.

Atacar a coisa nunca funciona.

Mas talvez desta vez...

Mina grita quando o braço a puxa para si, suas mãos agarrando a superfície lisa abaixo de nós, tentando agarrar algo sem sucesso.

O puro terror em seus olhos me atinge profundamente.

É como olhar para um espelho.

Isso poderia ter sido eu.

Serei eu.

E esse é o pensamento que me empurra para frente.

Minhas mãos se fecham em torno das dela, e eu puxo, gritando.

Parece que minhas articulações vão se deslocar conforme a garra recua para dentro da máquina, puxando Mina e, por extensão, eu, com ela.

Ela grita de novo, agarrando-se a mim pela vida, e no fundo da minha mente, sinto braços magros envolvendo minhas pernas.

Sam.

Ela está ajudando também, tentando nos puxar de volta.

Mas é inútil.

Mina não se mexe. O braço continua recuando e é forte demais para a força de nós três juntos.

— Deixe ela ir! — Eu grito, as palavras saindo da minha boca com toda a força que posso reunir. — Deixe-a ir!

Se ele me ouve, sei que não se importa.

— Por favor — eu imploro, e uma parte de mim deseja que meu apelo seja ouvido.

Mas nada impede a coisa.

O olhar de Mina trava com o meu.

Eu vejo o momento em que ela desiste como um fogo morrendo em seus olhos.

E então, ela escorrega do meu alcance.

A força da atração é perdida e eu desmorono, mas meus olhos permanecem fixos em Mina enquanto ela desaparece no buraco escuro.

Eu quero ir atrás dela.

Mas antes que eu possa me mover, o buraco se fecha, como sempre acontece.

Ele fecha, mas não antes que os gritos de Mina cheguem aos nossos ouvidos.

Adira

Quando Mina retorna, Sam e eu estamos esperando.

Há movimento. A parede pulsa e o buraco se abre.

O corpo de Mina é um borrão quando ela cai e corremos para amortecer sua queda.

Ela está sufocando, seu corpo arfando e tremendo ao mesmo tempo, e ela está molhada.

Ela agarra a barriga e eu engulo em seco.

Não precisamos falar.

Todos nós sabemos o que aconteceu.

É a mesma coisa que aconteceu com todas as outras.

— Mate-me — ela engasga. — Me mate agora.

Eu olho para Sam e meu coração bate contra o meu peito. Eu posso sentir a dor de Mina.

— Faça isso! — ela grita.

Seus olhos estão em nós agora, vermelhos, injetados e ela engasga novamente, cuspendo sangue.

O fluido desaparece prontamente na parede do orbe.

Ela arranha seu estômago e um caroço se forma em minha garganta.

Não consigo ver com clareza e levo um momento para perceber que as lágrimas nublaram meus olhos.

Eu tento segurá-las enquanto observo suas unhas em si mesma, tentando removê-lo.

Porque o que está dentro dela é como uma sentença de morte.

É uma sentença de morte.

A barriga da Mina vai inchar.

E então a máquina a levará novamente.

Mina continua apertando sua barriga e um gemido sai de seus lábios que me despedaça por dentro.

Sem esperança.

Desesperada

Desamparada

Isso vai matá-la como matou as outras.

E então... então será a minha vez...

Ou de Sam.

Meu peito arfa com grandes respirações enquanto afasto meu olhar de Mina para olhar através da parede à minha frente.

No fundo da minha mente estão os gritos de Mina.

Não podemos move-la. Mesmo que quiséssemos.

Não há nada que possamos fazer.

Sam e eu fizemos um pacto.

Se uma de nós for pega... a outra terá que fazer uma ação horrível.

A asfixia é a nossa única arma.

Mas o que aconteceria com a outra uma vez que a ação fosse feita?

Nós não sabemos.

Nós não falamos sobre isso.

A última mulher que quase se matou foi esmagada pela garra de metal.

— Há água à frente — eu sussurro. O pensamento vem quase como uma reflexão tardia sussurrada no fundo da minha mente.

Eu posso ver isso.

Um grande lago.

A máquina irá parar. Engula. E então seguirá em frente.

O lamento de Mina lentamente se transforma em soluços baixos enquanto ela se acomoda. Seu queixo está no peito e através de suas roupas rasgadas, vejo vergões profundos em seu abdômen onde ela se arranhou.

Pego a mão dela e me recosto também.

Sam segue, sentado do outro lado de Mina, e nós descansamos em silêncio, embalando-nos com o balanço enquanto a máquina se move.

Nos próximos minutos, meu olhar está focado no lago enquanto a máquina segue em direção a ele e, quando chega lá, entra na água e faz uma pausa.

Os soluços de Mina parecem os meus.

Ninguém está vindo para nos salvar.

Ninguém está lá fora.

O pensamento registra como um furacão e eu engulo um soluço.

Não tenho permissão para chorar.

Sinto-me culpado por querer fazer isso quando Mina está enfrentando a morte muito antes de mim.

Também não consigo olhar para os Alimentadores — os homens do outro lado.

Felizmente, as videiras cobrem a maior parte do que podemos ver.

Não sei de que lado está pior.

Eles ou nós.

Então eu forço meu olhar para frente, meus olhos vidrados com lágrimas não derramadas.

Não posso fazer nada para ajudar Mina, mas posso ser forte.

Eu posso ser forte por ela.

Através da minha visão turva, acho que vejo alguma coisa, e franzo a testa um pouco enquanto forço as lágrimas.

Com as costas da mão livre, enxugo os olhos e aperto os olhos e paro... Eu acho que vejo um movimento à distância.

Algo preto, movendo-se em nossa direção através do céu.

É crepúsculo e não vejo nenhum tipo de pássaro há muito tempo.

Pisco de novo e minha visão clareia, mas o pássaro ainda está lá.

Maior agora.

Por um momento, não sei o que estou vendo.

Parece estar ficando maior quanto mais perto chega.

Do nada, uma luz brilhante irrompe na minha frente. Muito brilhante. Tão brilhante quanto o sol.

A claridade repentina me cega e eu assobio enquanto protejo meus olhos.

Algo se move sobre minha pele como uma teia invisível. Eu o sinto se mover através de mim e é uma sensação tão estranha que eu soltei a mão de Mina para me agarrar.

Não há nada aqui.

Como se o que eu sinto fosse invisível.

Tipo... energia.

Pura. Crua. Energia.

E quando a luz diminui e meus olhos começam a se ajustar mais uma vez, há um estrondo alto.

O ar vibra.

É o mesmo som que ouvi naquele primeiro dia e me dá um arrepio na espinha que faz tudo cair dentro de mim.

Eu sei o que esse som significa agora.

Isso significa que o orbe está prestes a atacar alguma coisa.

— O que está acontecendo?! — A voz de Sam é alta, em pânico, mas não consigo nem olhar para ela porque tudo que posso ver é aquele pássaro ainda se aproximando.

Algo se move em minha visão periférica. Está do lado de fora. Um dos braços ambulantes da máquina. Mas antes que ele possa fazer qualquer coisa, o orbe inteiro estremece.

Fomos... atingidos .

A explosão é tão forte que nos joga para o lado.

Sam grita. Meus olhos se arregalam.

Há uma dor no meu ombro de onde eu me conecto com o interior liso, mas meu olhar de alguma forma encontra o pássaro novamente.

Meu coração pula uma batida.

Pela primeira vez em semanas, a esperança queima dentro de mim.

Pois o que estou olhando não é um pássaro.

É uma nave.

E está atirando na máquina.

Capítulo Cinco

Adira

Não há tempo para se preparar para o que acontece a seguir.

Somos jogadas de cabeça para baixo, a gravidade muda.

Como bolas de pingue-pongue em uma jarra de vidro, nossos corpos batem um contra o outro.

Gritos perfuram meus ouvidos. Não sei se são meus.

Tudo o que sei é que o caos irrompeu de repente.

Eu tento agarrar e segurar alguma coisa.

Qualquer coisa.

Mas não há nada para segurar nesta prisão suave e sem características.

Algo colide com a máquina mais uma vez e ela estremece forte, balançando descontroladamente.

Parece que meus ossos estalam cada vez que meu corpo bate contra o interior do orbe e, em seguida, o balanço para.

Há outro puxão, como se algo pesado aterrissasse no orbe e, enquanto me esforço para me endireitar, vejo um movimento.

Algo preto.

Um homem.

Um homem no orbe?!

Ele é tão rápido que mal consigo vê-lo e me pergunto se foi imaginação minha.

Eu tento me levantar, mas a máquina de repente está se movendo novamente.

Correção: Nós estamos caindo.

Rápido.

Rápido o suficiente para eu sentir a força da gravidade enquanto meu sangue corre para a minha cabeça.

Eu me agarro tanto a Sam quanto a Mina, cerrando os dentes com a força do puxão.

E então isso me atinge.

Algo está acontecendo que eu não sabia que era possível.

A máquina está caindo.

A água calma do lago abaixo está se aproximando rapidamente e a esperança presa na minha garganta.

A ajuda finalmente chegou.

Em algum lugar, de alguma forma, os humanos encontraram um caminho.

A luta ainda não acabou.

Mas abaixo de mim a superfície da água se aproxima e um novo terror me invade as veias.

Duas coisas ficam claras.

Primeira: Afinal, a máquina indestrutível não é indestrutível afinal. Está caindo. Está sendo destruída; e Segundo está caindo e estamos presas dentro dela.

Um grito deixa meus lábios com determinação.

Batendo meus punhos no orbe de metal, rezo para que se quebre. Mas é claro que nada acontece.

Sam e Mina estão lutando, tentando fazer o mesmo, embora saibamos que não podemos sair.

Nós tentamos muitas vezes antes.

Mas logo antes de o orbe bater na água, aquele homem aparece novamente.

Não consigo ver o rosto dele e tudo está acontecendo tão rápido que não tenho certeza se estou vendo ele de verdade.

Seu punho acende e se choca contra nosso compartimento. O vidro-metal, a barreira para o mundo exterior... racha.

E então ele se foi. Jogada para fora do orbe quando ele se choca contra o lago.

— Lá! — Sam grita, seu olhar na rachadura.

Eu me pergunto se ela viu o homem corajoso também, mas não há tempo para perguntar a ela. Já estou pronta para me mover.

Eu bato meu punho na rachadura e a dor rasga através de mim. Tenho certeza que acabei de quebrar meu pulso. Mas a rachadura racha e aí... cede!

De alguma forma, eu fiz um buraco nele.

— Adira! — O grito de Sam é quase abafado pelo meu próprio sangue correndo em meus ouvidos.

Eu fiz um buraco nele!

Mas minha euforia dura pouco. Pois assim que o orbe atinge a água, ele começa a afundar e eu me deparo com um novo terror.

A água corre pelo buraco que acabei de fazer, desesperada para preencher o espaço.

Está vindo tão rápido que me atinge com força e sou jogado para trás.

Sam luta para segurar Mina, que está mole, e ela grita. Ou talvez eu faça.

Mina não está se movendo.

Inconsciente.

Eu rezo para que ela não esteja morta.

Não sei.

Eu escorrego enquanto tento me levantar novamente.

A água está fria e o vestido rasgado que encontrei na casa de alguém agora está encharcado.

Ainda assim, consigo me empurrar para frente.

— Ajude Mina! — Eu grito de volta. — Vou tirar a gente daqui!

Eu espero que eu possa.

Avançar contra a torrente repentina parece que estou lutando contra todas as leis da física, mas de alguma forma, alcanço o buraco que fiz.

Talvez a área enfraquecida ceda ao meu punho novamente. E então eu tento.

Eu o soco, lutando contra a pressão da água enquanto o orbe se enche.

A dor explode em meu punho novamente e eu respiro fundo.

O vidro parecia ainda mais duro do que antes.

Cada vez que eu bato meu punho contra ela, mais dor ricocheteia em meu braço, mas o medo do que vai acontecer se não sairmos é muito pior.

Então eu continuo.

Não paro, mesmo quando a água atinge meus joelhos... minha cintura... meus ombros.

Ele atinge meus lábios rapidamente e eu respiro fundo, esperando que não seja a última vez que continuo batendo meu punho contra o orbe.

A água está turva, mal consigo enxergar, mas não paro.

Não consigo parar, mesmo quando o cenário mais provável está bem na minha cara.

É assim que morremos?

Atrás de mim, Sam está tentando manter a cabeça de Mina acima da água. Bem acima de mim, ela nada, lutando contra sua própria energia minguate para salvar a mulher que está puxando para cima com ela.

Mas a bolsa de ar acima de mim mal é grande o suficiente para os dois.

Sam percebe isso e coloca seu corpo embaixo do de Mina, apoiando a cabeça da mulher.

Ela vai ficar sem ar em breve.

Não temos muito tempo.

Então eu bato na barreira. Eu bato nele mesmo quando minha pele se rompe e meu sangue começa a encher a água ao nosso redor.

Sinto meus olhos queimando... meus pulmões... meu corpo inteiro parece que está protestando.

Eu preciso de ar.

Precisamos de ar.

Mas a barreira não está quebrando.

Não importa o quanto eu bata nela, não consigo nos tirar.

Dou uma mini cambalhota e aponto minha bota para a barreira.

Nada.

Meus pulmões parecem prestes a explodir e há uma pressão na minha cabeça como se minhas veias estivessem prestes a estourar.

Eu levanto minha perna mais uma vez, mas minha força se foi...

Eu não posso nem chutar para frente mais uma vez.

Estamos prestes a morrer.

Olho para fora do orbe, para fora da barreira, para a água que nos cerca.

Liberdade... tão perto...

Quando minhas últimas forças me abandonam, algo grande e escuro se move na água.

Um peixe, ou talvez um junco... não tenho certeza.

Vagamente, percebo que meu corpo está se afastando da barreira, flutuando e não tenho forças para impedir.

E Sam...Mina...elas estão à deriva também.

A forma escura se aproxima e em algum lugar da minha mente um pensamento surge.

Isso não é um peixe.

Demasiado grande para ser um.

Parece um sonho. Como se o tempo tivesse parado de existir e eu simplesmente estivesse... flutuando.

Uma espécie de paz se instala em mim quando a forma escura se materializa em um homem.

Aquele homem.

Eu não o tinha imaginado.

Ele chega perto, suas mãos pressionando contra o lado de fora do orbe, e seus olhos se fixam nos meus.

Ouro líquido... como lava derretida, eles perfuram o meu, e eu me pergunto se ele é real ou uma invenção da minha imaginação.

Suas feições são indiscerníveis.

Ele é sem rosto. Ele é todo preto.

Tudo o que posso ver são aqueles olhos.

Ele levanta a mão e imagino seu punho brilhando com o mesmo tipo de energia branca que rastejou sobre minha pele.

À medida que minha consciência diminui, a barreira do orbe se rompe e ele está de repente diante de mim.

Olhos que não são humanos olham para mim, mas estou longe demais para reagir.

Eu penso...

Acho que isso é o fim.

Capítulo Seis

Fer'ro

Há movimento dentro do Scrit.

Tem passageiros.

Eu desço pela casca externa bem a tempo de vê-los lá dentro.

Seu piloto está morto. Eu me certifiquei disso.

Nossos mísseis apontaram direto para o núcleo central que continha o Gryken.

Ele não percebeu nossa chegada, andando com os escudos abaixados.

Mas mesmo com os escudos levantados, não teve chance.

Um mundo inteiro foi destruído enquanto descobrimos como matar o Gryken, e não temos medo de usar esse conhecimento agora.

O que não sabíamos, porém, era que o Scrit estava transportando passageiros...

Sou jogado para fora da embarcação quando ela atinge a água e tenho que voltar atrás para vê-la novamente. Chego bem a tempo de ver a criatura, o passageiro, lá dentro.

Longos filamentos marrons flutuam acima de sua cabeça. Ele está flutuando para trás, seus membros estendidos, mas noto uma coisa.

A calma em seus olhos.

Ele me vê e por um momento... faço uma pausa.

Meus simbioses, meu ba'clan, se contorcem sobre minha pele.

Eles podem sentir isso também.

O grito de socorro do ser, embora nenhum som saia de sua boca.

Está morrendo.

Temos que salvá-lo.

Meu ba'clan ataca enquanto aponto meu punho, batendo na cúpula do Scrit.

O receptáculo não é mais invulnerável e se despedaça diante de mim.

Enquanto o ser flutua para longe, eu o alcanço.

A primeira coisa que noto é o quão pequeno ele é. Frágil.

O corpo está fraco quando o pego em meus braços e percebo que também está... flácido.

E há mais deles.

Dois outros dentro.

Também inconsciente.

Sinto um dos meus irmãos se aproximando e sinalizo para ele.

Não posso salvar os outros, ou este perecerá.

É óbvio que esta espécie não pode respirar debaixo d'água. Se eu não trouxer este ser à superfície, ele morrerá.

Um simples comando mental é tudo que eu preciso e meu ba'clan é ativado, ajudando-me em direção à superfície.

Uma mensagem vibra em minha garganta, as vibrações são transmitidas pela água para meus irmãos.

— Mais abaixo.

Eu ouço uma resposta enquanto mais de meus irmãos mergulham.

Se soubéssemos alguma coisa sobre esta espécie, teríamos sido mais capazes de criar estratégias.

Mas eles são desconhecidos para nós.

Uma espécie distante – uma que nunca vimos nem com a qual fizemos contato antes.

De um mundo muito, muito distante e viemos para salvá-los.

Ajudar.

O último grupo de guerreiros Vullan se comprometeu com uma tarefa final.

Depois de viajar pelas estrelas por tanto tempo, ver o Scrit nos fez vibrar de raiva reprimida pelo que pareceram eras.

O flagelo que perseguimos pela galáxia estava aqui.

E... estávamos atrasados.

O planeta já foi destruído.

Mesmo enquanto penso no Scrit afundando abaixo de mim, meus braços se apertam ao redor do ser que estou segurando enquanto a raiva me inunda.

Meu ba'clan se contorce, sentindo a emoção crescente, mas não posso evitar.

Sáimos de Edooria com um único propósito.

Alcançar o próximo alvo antes do Gryken.

Para avisá-los.

Para salvá-los.

Para impedir que a mesma coisa que aconteceu conosco ... com Edooria... aconteça com eles .

Mas... falhamos antes mesmo de termos a chance de começar.

Também não sabíamos que o Scrit tinha passageiros a bordo. Se soubéssemos, ainda teríamos atacado?

Mas o que parece ser eras no cosmos, viajando pelas estrelas para chegar aqui, apenas criou uma necessidade ardente de destruir os Gryken... como eles nos destruíram .

É possível que tenhamos agido rápido demais. A frustração pode fazer isso com um vullano.

Mas a satisfação de ver o Scrit cair valeu a pena.

Eu agarro o ser a mim enquanto subo pela água.

Eu posso sentir o líquido, mesmo que nem um centímetro da minha pele o toque. Posso sentir a reação deles — meu ba'clan. Eles estão tão felizes em vê-lo quanto eu e há um desejo de descomprimir e senti-lo contra minha pele nua.

Quando foi a última vez que senti água pura assim?

O próximo pensamento me atinge com força.

Água.

Ainda há água aqui.

Talvez não estejamos atrasados, afinal.

Minhas pernas afundam na terra macia enquanto trago o ser para a margem.

Ainda está flácido, a cabeça pendendo para trás para revelar a pele macia e pálida do pescoço.

Saio da água e coloco-o na terra úmida.

Atrás de mim, estou ciente de meus irmãos se movendo em direção aos destroços do Scrit. Acima de nós, nossa nave se camufla, se misturando ao estranho céu azul deste planeta.

O ser ainda está flácido quando o coloco no chão e, pela primeira vez, dou uma boa olhada nele.

Filamentos marrons se agarram à sua cabeça. Seu rosto é liso com um nariz estreito empoleirado sobre lábios estranhamente carnudos.

Seus lábios estão rachados e machucados e já posso ver o início de outros hematomas escuros se formando no rosto do ser.

Meu olhar desliza para baixo e faço uma pausa.

É tão... pequeno.

Frágil.

Fraco.

Seu corpo é tão magro que não sei dizer se é macho ou...

Seu estranho traje é rasgado em vários lugares revelando uma pele mais macia por baixo.

Montes redondos se acomodam em seu peito, e um dos botões atrevidos espreita através de seu traje.

Não sou bobo...

É óbvio o que estou vendo.

Não tenho dúvidas de que o ser diante de mim é feminino.

Uma fêmea .

Eu ouvi, o som vibrando da minha garganta para culminar em um rugido.

Uma fêmea.

Meus irmãos respondem ao meu kreen; Eu ouço seus cliques quando ouvem minha mensagem.

Encontramos uma fêmea.

Certamente nem tudo está perdido.

Este mundo, esta espécie, ainda tem uma chance.

Adira

Recupero a consciência com um movimento violento do meu corpo.

Eu não consigo ver nada. Minha visão está embaçada e tudo queima.

Eu engasgo, tossindo água enquanto luto por ar.

O que aconteceu?

Onde estou?

E então tudo volta correndo.

A máquina.

Caiu.

Estávamos nos afogando.

Como escapamos...

Os olhos.

Lava derretida.

Eu tusso de novo, puxando grandes respirações em meus pulmões, mas parece que minha via aérea está bloqueada, embora eu esteja lutando para respirar.

Quando as lágrimas em meus olhos finalmente diminuem um pouco, o medo toma conta de mim.

Tudo o que vejo é preto.

Está na minha boca, no meu nariz...

O traje escuro.

O homem coberto de preto.

Ele está aqui.

Ele é real.

Meu olhar trava com aquelas fogueiras dele e eu esqueço de respirar.

Eles são anormais.

Fenda.

Como o de um réptil.

Alienígena.

Um grito atravessa minha garganta, balançando meu corpo e eu percebo a coisa preta que está em meu nariz, minha boca – está vindo dele.

Ele se retrai como ferro fluido de volta em seu corpo e meus olhos se arregalam enquanto eu luto para trás.

Estrangeiro. Alienígena.

É tudo o que se repete em minha mente enquanto luto para fugir.

O alienígena não se move.

Aqueles olhos semicerrados estão fixos em mim.

Vagamente, estou ciente de mais deles saindo da água. Eles têm Mina e Sam – ambas moles. Ambas sem resposta.

Ao me ver, um dos lábios do alienígena se repuxa para mostrar as presas afiadas.

Por um momento, fico entre não querer deixar Sam e Mina, mas tudo em que consigo pensar é que preciso correr.

E assim eu faço.

Meu corpo parece uma desculpa lamentável de carne e ossos, mas de alguma forma eu me levanto e começo a correr.

É estranho usar meus membros depois de ficar presa na máquina por tanto tempo e eu tropeço algumas vezes antes que minhas pernas finalmente comecem a cooperar.

Não faço ideia para onde estou indo. Tudo o que sei é que preciso sair daqui.

Há um caos.

É como se minha mente fosse uma ruína desgastada.

Não consigo entender o que está acontecendo. Tudo em que posso me concentrar são as emoções que passam por mim.

Meus pulmões estão queimando.

E a água também.

Estou vagamente ciente disso enquanto meus pés me levam sobre as rochas e em direção ao único lugar neste deserto árido onde tenho uma chance de estar segura.

Um bosque de árvores que foi poupado da destruição ao nosso redor.

Há outra floresta maior ao lado, mas se eu mudar de direção agora, acho que não vou conseguir.

Eu olho para trás e mais terror enche minha alma.

O alienígena de olhos vermelhos está olhando para mim enquanto se levanta. Há lâminas afiadas em seus braços agora e seus lábios estão puxados para trás para exibir presas de aparência cruel também.

Merda.

Ele não se mexe e, por um momento, acho que não vai me perseguir.

Mas então ele coloca um pé antes do outro, e outro... e então ele está correndo.

O terror me enche tanto que não consigo nem gritar.

Em vez disso, engasgo com meu próprio medo enquanto acelero o passo.

Aqueles dentes cruéis dele são a última imagem que vejo antes de deslizar sob a cobertura das árvores, o terror fazendo todo o meu corpo tremer.

Eu corro e tropeço, pedras afiadas e galhos rasgando minha pele.

Eu sou fraca. Cansada. Mas continuo até avistar uma árvore.

Tem um buraco grande o suficiente para eu entrar e, mesmo enquanto corro em direção a ele, o medo me faz questionar.

Não é um bom esconderijo.

Realmente não é.

Mas eu tenho uma escolha?

Minha respiração fica presa na garganta quando deslizo para dentro da árvore e não ousa nem respirar.

Se eu fizer um som... ele vai me ouvir.

Um grito ecoa pelo ar e eu engulo um soluço.

Está vindo de perto do lago e me pergunto se é Mina ou Sam.

Enquanto outro soluço passa por mim, eu bato minha mão sobre minha boca, meus olhos arregalados enquanto eu olho para frente através da abertura na árvore.

Fica quieto por alguns momentos, o único som sendo minha respiração em meus próprios ouvidos.

E então eu ouço.

Um galho estalando.

Minha respiração para.

Eu sei que não é um animal.

Eu só sei .

Outro galho estala e eu pressiono minha mão com mais força sobre minha boca.

Ele vai me encontrar.

Capítulo Sete

Fer'ro

Eu encaro a fêmea enquanto ela foge.

Por um momento, não consigo me mover.

Tudo o que posso ver diante de mim é uma repetição da guerra... imagens de nossa espécie morrendo... nossas fêmeas morrendo.

As memórias estão frescas, possivelmente porque é como se tivesse acontecido ontem.

Para minha mente, para meu ba'clan, foi como ontem. Pois embora levasse muitas luas para chegar a este novo mundo, eu estava dormindo o tempo todo.

— Fêmea. — Eu tamborilo. — O ser é feminino.

Ga'Var, meu companheiro de útero, solta um trinado surpreso. Ele olha para nossos irmãos saindo da água e olha para os seres em seus braços.

— Fêmeas. — Ele vibra. — São fêmeas.

Posso sentir a emoção intensificada que passa por todos nós.

Fêmeas. E uma que está tão assustada que está fugindo de nós.

Ela tropeça enquanto eu a observo e seu olhar assustado se volta para mim. Nossos olhares se encontram.

Ela tem medo de mim.

Seus olhos estão arregalados. As covas marrons são grandes demais para seu rosto encovado e estão cheias de expressão.

Ela não está simplesmente assustada.

Ela está apavorada.

Devo ir atrás dela.

Eu me levanto e dou um passo à frente, depois outro, e então corro atrás da fêmea.

Eu poderia pegá-la agora. A velocidade não é um obstáculo.

A gravidade neste planeta é ligeiramente menor do que em Edooria.

Posso sentir isso na maneira como me movo pela superfície — senti no momento em que entramos na atmosfera do planeta.

Posso me mover ainda mais rápido do que faria em nosso planeta.

Mas não quero assustar a fêmea mais do que já está. Então, propositalmente, desacelero. Eu a deixo correr.

Atrás de mim, Ga'Var me segue.

Eu o seguro.

— Tenha cuidado.

Ele responde com um clique próprio.

Não conhecemos este mundo. É desconhecido. E embora eu suspeite que não haja muito que possa nos prejudicar em sua superfície, acabamos de chegar.

Não podemos jogar a cautela ao vento.

À medida que a mulher se retira, estendo meus sentidos para o mundo ao meu redor.

O solo é macio, a atmosfera silenciosa.

Diante de nós está um pequeno aglomerado de plantas grandes atrás das quais a fêmea desapareceu.

Árvores, percebo, quando me deparo com elas.

Elas são diferentes das árvores em Edooria.

Folhas verdes, não cinza.

Baixo, não alto.

Fino e rijo, não grosso e imóvel.

É uma folhagem estranha.

Tão pequeno e frágil quanto os habitantes do mundo, ao que parece.

A estrela que este planeta orbita também é... brilhante.

Muito brilhante.

Dolorosamente assim.

Eu posso sentir a alta temperatura sobre mim mesmo enquanto meu ba'clan me cobre.

Se não fosse por eles, o brilho também estaria machucando meus olhos, mas sei que vou me adaptar com o tempo.

Isto é... se ficarmos aqui.

Se esta espécie nos aceitar. Aceitar nossa ajuda.

Pequenos galhos estalam sob meus pés quando entro na vegetação rasteira.

É estranhamente quieto e o silêncio parece fora de lugar.

Nenhum animal pequeno está escondido aqui. Apenas pequenos insetos.

Insetos.

Um me chama a atenção ao subir por cima de algumas folhas caídas.

— Está quieto — Ga'Var clica.

Eu sei que ele está pensando a mesma coisa.

Está quieto como Edooria estava no final. Quando quase tudo havia morrido.

Mas... há uma grande diferença entre Edooria e está estranha nova terra.

Apesar de este planeta estar devastado... eu ainda sinto... esperança.

— Ainda há esperança. — A mensagem deixa minha garganta em um tom baixo.

Não é apenas o fato de que as mulheres ainda estão vivas neste mundo.

Olhando para cima, noto o vento balançando as árvores de aparência frágil.

Frágeis, mas ainda estão de pé, alcançando sua estrela.

Este planeta não passou do ponto de não sobrevivência.

Um som suave, como o gemido de uma pequena criatura, chega aos meus ouvidos e, não muito atrás de mim, Ga'Var para.

— Aí — ele clica, mas já estou olhando na direção de onde veio o som.

É uma árvore com um buraco na lateral, grande o suficiente para um animal pequeno entrar.

Eu cheiro o ar e sinto o cheiro da fêmea.

Um rosnado inesperado começa na minha garganta que eu prontamente mato.

Ela está aqui.

Dentro da árvore.

Ga'Var fareja. Eu sei que ele a cheira também.

Faço sinal com a mão para que ele vá para o outro lado.

Ela está com tanto medo de me ver, ver nós dois só vai piorar as coisas.

Não precisamos de palavras. Ele entende e eu estou ciente de que ele se move para o lado.

Sinto os olhos da fêmea em mim enquanto me movo na frente do buraco. Ainda estou a vários metros de distância de sua localização, mas isso não impede o cheiro doce que flutua em minha direção pelo ar.

Eu paro no meio do caminho.

Eu conheço esse cheiro.

É um que conheço bem.

O cheiro do medo.

Meus lábios se afastam um pouco dos meus dentes e é um esforço consciente meu não rosnar.

O cheiro é quase insuportável.

Um que apela aos meus instintos mais básicos.

Ela é uma presa.

Uma espécie menos desenvolvida.

Sem ba'clân

Sem armadura.

Basicamente nua, sem meios óbvios de se defender.

Ao lado, Ga'Var rosna e meus olhos o encontram.

Ele também sente o cheiro do medo da fêmea.

Rek.

Não preciso que ele perca o controle agora.

Eu clico nele, puxando meus lábios para trás para mostrar as pontas das minhas presas, e seu olhar cai do meu.

Ela é uma presa. Mas não nossa presa.

Eu tenho que lutar contra o desejo de caçar, mesmo enquanto olho para meu irmão lutando contra o mesmo.

Seus músculos estão preparados e eu percebo com horror que ele deve ser a minha imagem no espelho.

Sabíamos que era uma possibilidade... que o planeta que o Gryken visava a seguir poderia ter habitantes que poderiam colidir com nossos sentidos... mas era um risco que precisávamos correr.

Posso sentir a tensão em meu corpo quando me viro para olhar o buraco em que a fêmea se escondeu.

Seu cheiro de medo se intensifica e eu rezo para que ela não corra neste momento.

Pois se ela resolver fugir quando estivermos nesse estado...

Não posso prometer controle.

Vou caçá-la... e vou pegá-la.

— Fer'ro. — Ga'Var chama meu nome e eu volto à realidade.

Agora é ele quem está me controlando e vejo seu olhar cair para os meus braços.

Meus pelos cresceram, as pontas perigosamente afiadas apontando para fora como se eu estivesse prestes a atacar a fêmea.

A realização os coloca de volta.

Eu nunca faria uma coisa dessas.

Mesmo que seu cheiro de medo me faça querer caçá-la, é aí que meus instintos terminam.

Eu nunca faria mal a uma mulher. Um macho de sua espécie, no entanto... eu não poderia prometer a mesma misericórdia.

Há silêncio mais uma vez e sei que a fêmea está nos ouvindo.

Dando alguns passos para frente, eu me agacho, meu olhar procurando a escuridão de seu esconderijo.

Não é difícil vê-la nas sombras.

Ela não tem habilidade de camuflagem, embora sua pele seja tão assustadoramente pálida.

Eu teria pensado que ela se tornaria translúcida para se mascarar... mas não.

Ela está bem ali.

Assim que ela me vê, ela estremece de surpresa.

Sua mão levanta. Ela está segurando algo.

Apontando para mim de uma forma que deveria ser ameaçadora se sua mão não estivesse tremendo tanto.

É... um bastão.

— Fi...fique bbem lo...longe de mmimm. — Sua voz treme enquanto ela fala, mas sua voz...

A melodia me pega de surpresa.

É como uma criatura voadora assobiando. Assim como o pequeno luu que vivia em Edooria.

Olho para Ga'Var e noto sua surpresa também.

A fêmea me encara com aqueles olhos castanhos arregalados, o braço ainda estendido com o que ela deve pensar ser uma arma.

Sua outra mão está sobre a boca, os dedos longos e esqueléticos e aquele doce cheiro de medo dela permeia tanto o ar que tenho que fechar minhas narinas contra ele.

Ela está... indefesa.

Se isso é alguma indicação do resto de sua espécie, não é de admirar que o Scrit andasse sem seus escudos.

Quão assustador foi quando os Scricts caíram na superfície deste planeta? Quão aterrorizante tinha sido para esta espécie?

Edooria tinha lutado.

Esta espécie tinha sido capaz de lutar?

— Está tudo bem — eu clico. Mas minhas palavras só fazem a mulher recuar ainda mais na escuridão, embora não haja para onde ir.

— Eu não vou te machucar.

Estico meu braço para ela e ela inala profundamente, estremeando como se esperasse algum tipo de ataque.

O horror em seu olhar enquanto seus olhos vagam sobre mim é desconcertante.

Eu sou realmente tão assustador?

Olho para mim mesmo.

Não há nada visível da minha verdadeira forma. Tudo o que ela pode ver é o ba'clan.

Possivelmente, eles a assustam.

Imagino como devo parecer para uma criatura que nunca viu minha espécie antes.

Meu ba'clan cria um escudo quase impenetrável e cobre cada seção do meu corpo como um fluido escuro.

Talvez eu devesse me retratar...

Os simbiosistas sentem o que eu preciso antes mesmo que eu possa enviar o comando mental, e eu os sinto pulsar contra mim.

Eu considero afastá-los do meu rosto para que ela possa ver que não há nada a temer, mas hesito.

Não sabemos nada sobre este planeta, exceto que ele tem água.

As três formas de vida nativas parecem semelhantes o suficiente, exteriormente, ao tipo Vullan.

Menor, semelhante, mas não igual.

Não sei se consigo respirar o ar ou se o ba'clan é a única coisa que me mantém vivo.

Mas quando olho nos olhos da mulher, a decisão é fácil.

Vou arriscar. Se algo acontecer, o ba'clan evitará danos críticos.

Eu fecho meus olhos e envio um sinal para o ba'clan se retrair do meu rosto.

Eles não respondem imediatamente. Inseguros.

Meus olhos se abrem quando sinto que eles começam a se mover e respiro pela primeira vez.

Eu paro por um momento, esperando, mas nada acontece.

Ao lado, Ga'Var clica, satisfeito.

Podemos respirar o ar. Caso contrário, o ba'clan teria voltado ao seu lugar.

Meu olhar encontra a fêmea novamente, mas ela não se move. Em vez disso, seus olhos estão ainda maiores agora e estou surpreso com sua propensão a aumentar.

Suas pupilas são redondas e eu me pergunto se ela pode ver bem.

É por isso que seus olhos estão ficando maiores a cada segundo?

Retiro os simbiontes da minha mão e aponto para ela novamente.

Imediatamente, seu olhar se torna suspeito.

Eu reconheço o olhar naqueles olhos estranhos dela.

Ela é uma espécie diferente.

Emotiva.

Mas seu olhar comunica uma coisa.

Ela já viu muita dor.

Eu também.

Pelo canto da minha visão, Ga'Var se aproxima.

Seu ba'clan também se retraiu e eu ouço um zumbido de prazer em sua garganta enquanto respira o ar fresco.

Mas seu movimento faz com que a fêmea recue ainda mais e eu clico em aborrecimento para ele.

Eu aceno para ela mais uma vez com a minha mão e seu olhar cai para ela.

Ela olha para a minha mão por tanto tempo que meu próprio olhar cai nela também.

É diferente do seu próprio pálido e ossudo.

Meus quatro dedos são mais longos, mais grossos e parece que falta um baseado no dela.

Quando meus olhos encontram os dela mais uma vez, a suspeita em seu olhar só aumentou.

Um clique sai da minha garganta.

Minha tática não está funcionando.

Ela não confia em nós.

A pequena fêmea está se protegendo com sua lança e não se mexe.

Ela não está deixando seu esconderijo.

Capítulo Oito

Adira

Não sei o que pensar enquanto encaro o alienígena à minha frente.

Sua pele estranha se retraiu e eu percebo que não é pele, mas algum tipo de... traje?

Parece se mover sem nenhuma entrada externa dele, o que é assustador o suficiente porque tenho certeza de que estava na minha boca – na minha garganta! – antes.

Que tipo de traje pode fazer isso?

Ele está mais perto agora, mas pelo menos não tentou me forçar a sair do meu esconderijo.

E ele não está sozinho.

Outro de sua espécie está por perto. Avistei-o com um olhar fugaz.

Eles são grandes. Bem mais de um metro e oitenta de altura e sua pele real é apenas alguns tons mais claros do que o breu de seus — trajes.

Seus rostos são... humanoides... mas tão, tão diferentes.

Seus rostos estão cheios de sulcos.

O que está na minha frente, olhando para mim com tanta atenção com o braço ainda estendido, tem um conjunto de sulcos descendo pela testa. Eles continuam descendo pelo nariz e outro conjunto corre ao longo de cada maçã do rosto proeminente e de volta para as orelhas.

Suas orelhas também são diferentes.

Mais longas.

Mais pontudas.

Os lados de sua cabeça são carecas. Ao longo do topo, corre uma seção estreita de mechas grossas e pretas que são presas atrás de sua cabeça.

Ele é atraente.

Surpreendentemente.

Por um momento, esqueço meu medo.

Eu só posso olhar.

Eu saio de lá quando o alienígena fareja. Seus lábios se movem um pouco enquanto ele faz isso e meu olhar se concentra neles.

Eles são mais finos que os lábios humanos e há um conjunto de saliências descendo por seu queixo para desaparecer em seu estranho traje preto.

Eu deveria estar mais apavorada, mas sinto meu medo diminuir a cada momento que passa.

Ainda assim, mantenho meu braço erguido, o galho que encontrei apontado na direção do alienígena.

É a única coisa que parece mantê-lo afastado. Embora, no fundo, eu saiba que isso não é verdade.

Ele não está se aproximando por algum outro motivo.

Vou considerar isso uma vitória por enquanto, pois parece que ele poderia me partir em dois com uma mão.

Parece que caí de uma situação ruim para outra, mas pelo menos ele não está atacando.

Ele não está fazendo... nada.

Talvez eu tenha visto muito horror nos últimos meses.

Isso deveria me assustar mais do que é.

Minhas costas estão contra a casca da árvore. Não há para onde ir.

Eu não esperava que ele me encontrasse tão rapidamente. Eu pensei que ele iria mais longe nas árvores e então eu poderia correr na direção oposta.

Obviamente, esse plano não funcionou. Ele veio diretamente para a minha localização assim que entrou nas árvores.

Como se ele soubesse que eu estava lá.

Esse pensamento me enerva, mas pelo menos ele permanece congelado e a uma distância segura.

Ele fala de vez em quando com o outro.

Sons estranhos. Uma combinação de cliques, assobios e zumbidos.

Às vezes, há um som mais profundo que vibra o ar ao seu redor e quando esse som ocorre, ambos os alienígenas olham em minha direção como se estivessem falando de mim.

Seu amigo apareceu agora e sou recebida com olhos cor de vinho penetrantes.

Essa é a única coisa que os separa visualmente. Se não estivesse olhando em seus olhos, pensaria que são clones.

Olhos de Lava diz algo e meu olhar volta para ele.

Ele está falando comigo, eu acho.

Ele está olhando diretamente para mim, pelo menos.

Bom Deus... seus olhos são intimidadores.

É como olhar para um fogo que vai me engolir se eu chegar muito perto.

Ele diz algo novamente – um clique seguido de um tamborilado – mas, é claro, não consigo entendê-lo.

Ele dá um passo mais perto e eu respiro fundo, meus olhos disparando para seu amigo e depois de volta.

Um clique agudo deixa seus lábios e seu amigo responde com um dos seus.

E então o amigo está saindo.

Estou sozinho com Olhos de Lava.

Eu não me movo.

Não sei quanto tempo espero.

Horas talvez.

Só sei que muito tempo se passou quando a noite chega e o céu escurece.

O alienígena saiu da minha vista há algum tempo.

Mas ele ainda está por aí.

Esperando.

De vez em quando ouço galhos estalando e percebo que ele não foi longe.

O que ele está esperando?

Certamente, eu não posso ser tão interessante.

Volto meu olhar para o céu, vendo a escuridão engoli-lo, e espero também.

É minha única chance de escapar sem ser detectada.

Talvez o alienígena adormeça. Talvez ele fique entediado e vá embora.

Não sei.

Mas o que é pior, não sei o que ele quer .

O orbe ambulante gigante era hostil. Isso ficou claro desde o primeiro momento em que pousou.

Ainda me lembro do momento em que percebi que uma catástrofe estava começando, quando meu corpo foi banhado com sangue de alguém que estava vivo ao meu lado momentos antes.

Enquanto reviro as coisas em minha mente, não posso ignorar o fato de que há uma forte possibilidade de que os orbes e esses seres estejam relacionados.

Eram eles que controlavam os orbes ou estavam lutando contra eles?

Eles destruíram um.

Mas por que?

Quem são eles?

As chances de a Terra ser invadida por duas espécies diferentes de alienígenas em tão pouco tempo são altamente improváveis.

Isso só me traz de volta à minha conclusão anterior.

Os dois estão relacionados de alguma forma e eu já vi merda suficiente nos últimos meses para jogar a cautela ao vento.

Eu sei que é um milagre eu ainda estar viva.

Não estou prestes a jogar isso fora.

E Sam... Mina...

Engulo em seco e me reajusto contra o tronco da árvore.

Todo lugar dói e meu estômago está vazio.

Meu braço está mole ao meu lado e meu pulso está latejando.

Eu me sinto maltratada e machucada. A única coisa que quero fazer é descansar um pouco.

Respirar.

Mas cada célula do meu corpo ainda está em alerta máximo.

Eu não estou segura.

Ainda não.

Nenhum outro som veio da margem do lago desde que ouvi aquele grito.

Eu me pergunto se Sam e Mina ainda estão vivas.

Por um breve momento, eu fecho meus olhos e penso.

Eu posso fazer isso. Eu vou sair dessa de alguma forma.

As estrelas estão começando a aparecer quando percebo que já faz algum tempo que não ouço nenhum som fora do meu esconderijo.

Talvez o alienígena finalmente tenha ido embora.

Eu com certeza espero que sim .

Preciso voltar para o lago, verificar Sam e Mina.

Eu tenho que pelo menos saber se elas estão vivas e talvez tenhamos uma chance de sair daqui juntas.

Eu não posso simplesmente ir embora. Eu tenho que saber.

Mas tenho que esperar mais um pouco.

A escuridão é minha única aliada.

Os minutos passam e logo fica tão escuro que não consigo ver minha mão diante do meu rosto.

Apenas a luz das estrelas me guia enquanto avanço, meus ouvidos atentos a qualquer som.

Não ouço um galho estalar há tempos e, embora suponha que o alienígena finalmente tenha ido embora, não tenho certeza se é esse o caso.

Pelo que sei, ele está por aí por perto.

Assistindo.

Esperando.

Eu me inclino para fora da árvore, cerrando os dentes com a dor que ricocheteia nas minhas costas.

Eu tenho algumas contusões muito ruins. A cura vai demorar muito, muito tempo.

Eu estremeço, a dor me fazendo assobiar, e então eu congelo, me xingando por fazer qualquer barulho.

Mas não há outro som.

Nada, nem mesmo uma leve brisa se move nas árvores.

Reunindo um pouco de coragem, eu me espremo para fora da árvore e paro, inclinando a cabeça enquanto ouço.

Nada ainda.

Galhos quebram sob meus pés descalços enquanto sigo na direção que acho que é o lago.

Uma parte de mim reza para que os alienígenas tenham partido e de alguma forma Sam e Mina ainda estejam vivas, mas mesmo enquanto penso nisso, sei que os pensamentos são como os de uma jovem.

O mundo não funciona assim. Nunca aconteceu. E especialmente agora, este mundo não funciona assim.

Começo a correr mancando, lutando contra a dor que ecoa por todo o meu corpo e as lágrimas que surgem em meus olhos como resultado.

Estou progredindo e minha coragem começa a crescer quando a escuridão à minha esquerda se move.

Minha respiração fica presa na garganta.

Há apenas um único segundo antes de algo colidir comigo.

A dor dispara através de mim, mas estou vagamente consciente disso. Tudo o que posso sentir é que estou sendo envolvido por algo, alguém, muito maior, muito mais forte do que eu.

Um olhar aterrorizado atrás de mim e olhos de lava derretida encontram os meus. Não consigo respirar, engasgo com o ar, engasgo com o grito tentando sair do meu peito.

Estou em seus braços de alguma forma, seu peito contra minhas costas. Ele me segura no lugar sem muito esforço.

— Não! — Oh Deus, por favor, não!

Eu chuto para trás contra ele, batendo meus calcanhares e meus cotovelos para trás, mas é como bater contra uma parede.

Está claro que não estou tendo nenhum efeito sobre a besta que me tem em suas garras.

Minha vida passa diante dos meus olhos.

Não quero ser capturada novamente.

Não quero ser um peão para outra corrida mais uma vez.

Pensamentos do meu tempo dentro do orbe, esperando o dia em que seria criada , o dia em que morreria , esses pensamentos passam pela minha mente.

Desde que os alienígenas pousaram, nunca estive livre.

— Por favor — eu imploro, um soluço apertando minha garganta.
— Por favor, deixe-me ir!

O alienígena grunhe e parece que seus braços me apertam ainda mais.

Não consigo imaginar o que ele quer fazer comigo.

Mas mesmo enquanto luto, percebo algo.

Ele não está... me tratando .

Na verdade, seus braços são simplesmente como uma gaiola. Ele não está se movendo.

Estou tão apavorada que meu coração bate tão forte que juro que posso ouvi-lo.

Não consigo pensar direito, mas lutar contra o forte aperto do alienígena não está funcionando. Sou como uma mosca presa em uma teia, fraca e dominada, apenas esperando que o predador me devore.

Há um clique acima da minha cabeça quando o alienígena fala, e então ele faz outra coisa.

Só posso descrevê-lo como uma vibração que começa em seu peito. Ele sobe pelas minhas costas quando o alienígena levanta uma mão da minha cintura e agarra meu pescoço.

Minha cabeça é forçada para trás contra ele e quando ele se inclina, parece que estou sendo atacada pela própria escuridão.

Ele se funde com as sombras como se fosse parte delas.

Seu rosto está coberto novamente, mas nada pode proteger aqueles olhos.

Eu cerro os dentes, lutando para me libertar enquanto olho para o meu lado e o demônio de olhos vermelhos mantém meu olhar.

Agarro a mão que segura meu pescoço e é quase como se pudesse sentir sua pele — não, seu traje — se contorcer sob meu toque.

Eu levanto meu pé e chuto para trás. Se ele tem bolas, com certeza acabei de fazê-las se retrair em seu corpo, mas esse filho da puta é durão.

Ele não vacila.

Eu nem vejo qualquer indicação em seu olhar de que consegui machucá-lo.

A realidade está afundando lentamente conforme os segundos passam, e eu tenho que encarar isso.

Ele é maior.

Mais forte.

Antes de tudo isso acontecer, antes de a Terra ser capturada, eu não teria muita chance contra ele.

Eu com certeza não tenho chance contra ele agora na minha condição.

Músculos flexionam contra mim enquanto o alienígena ajusta seu aperto e aquela profunda vibração dele continua enquanto ele abaixa a cabeça no meu pescoço.

Eu me empurro e tento fugir. Eu vi seus dentes.

Está claro o que eles podem fazer.

Mas o alienígena apenas me mantém firme.

Essa vibração que ele está emitindo é intercalada com cliques e a intensidade aumenta à medida que perco a energia para revidar.

Fora dessa situação, o som que ele está fazendo seria quase... reconfortante. Calmante.

Eu endureço enquanto meu coração continua a martelar contra o meu peito.

É isso que ele está tentando fazer? Me acalme?

O clique-clique e o ronronar vibrante não param.

O alienígena continua a vibrar e eu juro que sinto uma sensação estranha na minha pele.

A vibração gutural parece nos envolver mesmo quando o alienígena me gira para encará-lo.

De repente sou levantada e um guincho sai dos meus lábios.

Em um movimento, ele me joga por cima do ombro em uma espécie de aperto de bombeiro e minha frente é esmagada contra o músculo puro e duro de suas costas.

Eu tento lutar, batendo meu punho menos danificado contra ele enquanto chuto minhas pernas.

Mas ele está se movendo agora. Ignorando minhas lamentáveis tentativas de me libertar.

Engasgo com um soluço antes de rugir para ele – para o universo – para a porra de tudo!

Mas minhas ações não têm efeito.

Mais uma vez, estou impotente.

Capítulo Nove

Adira

O alienígena me agarra enquanto se dirige por entre as árvores.

Se eu levantar a cabeça, posso ver para onde ele está indo, mas isso não ajuda muito.

Eu pensei que a escuridão era minha aliada.

Eu estava errada.

É dele .

Seu traje combina perfeitamente com a noite. Mesmo se eu fosse rápida e silenciosa, não o teria visto antes que ele me pegasse.

Este tinha sido seu plano o tempo todo.

Estremeço, meu olhar percorrendo a escuridão, enquanto tento pensar em um plano.

Meus sentidos estão sobrecarregados e quanto mais os segundos passam, mais o medo me domina.

Estou tão apavorada, meu corpo está tremendo e não consigo parar.

O alienígena para abruptamente e ouço quando ele inala. A entrada de ar soa alto na quietude da noite.

Eu paro de me mover, tentando desesperadamente me impedir de tremer quando o alienígena faz um som que envia uma nova onda de terror pela minha espinha.

É um silvo, como um jacaré faria.

Eu sei o suficiente sobre animais para reconhecer que é obviamente um som de alerta, embora eu não saiba o que fiz para fazer com que ele respondesse dessa maneira.

Ele me tem à sua mercê.

Não há muito que eu possa fazer.

Pelo que parecem segundos dolorosamente longos, o alienígena permanece enraizado no local.

Sua falta de movimento não me acalma nem um pouco.

— O...O que você quer de mim? De nós ? Eu sussurro.

Há muita vibração em seu peito e ele clica algumas palavras.

Eu levanto minha cabeça e aperto os olhos. Minha visão não é das melhores, mas não vejo nenhum de sua espécie por aí.

Ele está falando comigo .

Apesar do silvo, suas palavras não soam hostis, mas posso estar errada.

Não sou bom com idiomas. Especialmente aqueles que eu nunca ouvi antes. Muito menos com Alienígenas.

Abruptamente, o alienígena começa a andar novamente e nós rompemos a linha das árvores. Levantando minha cabeça, eu me esforço para olhar por cima do ombro. Ele está indo em direção à água.

Eu posso vê-lo brilhar à luz da lua.

Um movimento chama minha atenção e outra onda de medo me envolve.

Há mais de sua espécie esperando lá.

Como sombras na noite, mal percebo suas formas na escuridão quando passamos por eles.

Conto pelo menos seis e uma coisa fica evidente na maneira como o alienígena se move. Ele pode ver muito melhor do que eu no escuro.

Da minha posição, não consigo ver muita coisa, mas os outros parecem estar se movendo.

Há alguns toques e cliques do alienígena e alguns dos outros respondem.

Ele se vira e minha cabeça pisca enquanto tento entender o que ele está fazendo.

Não ousa falar, como se isso fosse de alguma forma alertar os outros da minha presença.

Estou confusa sobre o que está acontecendo quando de repente estou me movendo novamente.

O alienígena ergue meu corpo como se eu não pesasse nada e me põe no chão.

Eu recuo imediatamente, e meus olhos no enorme alienígena diante de mim.

Não sei onde ele me colocou no chão, estou vagamente ciente da terra dura, seixos e galhos abaixo de mim, mas não paro de me arrastar até que minhas costas batem em uma árvore e não consigo ir mais longe.

Há um pequeno incêndio aqui e... dois corpos descansando nas raízes das árvores.

Humanos .

— Sam!

A palavra mal sai da minha boca antes de Sam lançar um olhar na minha direção.

Ela está deitada de bruços, mas seu olhar está em mim. É óbvio que ela esteve alerta o tempo todo, nos observando.

Observando-os.

Ela não responde. Seu olhar apenas voa de volta para olhos de Lava.

Há tensão em seus ombros e lentamente, com cautela, ela se levanta e se aproxima de mim.

Ela agarra minha mão, seu olhar ainda no alienígena.

— Adira... — ela sussurra. — Você está viva. — Ela está segurando minha mão com tanta força que perturba as feridas já existentes. Mas eu não a afasto.

Há um problema maior em nosso meio.

Durante tudo isso, nenhum de nós move o olhar do alienígena diante de nós.

Ele fica do outro lado do fogo e a luz persegue as sombras em seu rosto.

Aqueles olhos estranhos dele se movem sobre nós dois antes de pousar onde estamos agarrados um ao outro.

Eu não entendo.

Sam está viva.

Mas o grito que ouvi...

— É Mina... — Eu engulo em seco.

— Não — Sam sussurra. — Ela está viva. Ela é apenas... a energia dela...

Sam para de falar, mas não precisa continuar.

O parasita dentro dela... é por isso que Mina dorme. Ela não estaria dormindo de outra forma.

Nossos olhares permanecem fixos no alienígena e as orelhas pontudas dele se contorcem um pouco.

Ele está de pé com as mãos ao lado do corpo, mas mesmo sem fazer nada, ele parece intimidador.

A luz do fogo ilumina seu peito, seu torso...

Com a gente no chão, posso ver que ele tem mais de dois metros de altura.

Estou pensando em dois. Dois metros e pouco?

— O que você quer? — As palavras saem dos meus lábios em um sussurro, mas sei que ele ouve. Ele não se mexe. Nem pisca, mas aquelas orelhas dele se contorcem de novo.

— O que você quer? — Repito, mais alto desta vez.

Nenhuma resposta, exceto por uma batida repentina que ele começa em seu peito.

Já trabalhei com muitas criaturas, e para mim esse som que ele está fazendo é quase como o ronronar de um gato.

Apenas... mais profundo e com um segundo tom baixo que quase não consigo ouvir de tão profundo que é.

Por que ele está ronronando para mim?

— De onde você veio? — Eu sussurro.

Ao som da minha voz pela terceira vez, o zumbido para de repente e as orelhas do alienígena estremecem novamente.

Não sei como consigo desviar meu olhar dele, mas de alguma forma consigo.

O olhar de Sam não vacila e quando eu olho para ela e, em seguida, olho para Mina, seus olhos permanecem fixos nele.

Ela está um pouco menos suja do que antes. Eu também.

O quase afogamento deve ter nos limpado um pouco.

— Você está bem? Eles te machucaram? Mina... ela acordou desde... Minha voz soa tão fraca que quase não reconheço que sou eu quem está falando.

— Ela vai ficar... bem. É... como sempre — Sam sussurra. — Eles nos reviveram quando nos tiraram da água. — Suas mãos apertam contra as minhas enquanto a outra se move para sua garganta.

Presumo que eles a reviveram da mesma maneira estranha que ele me reviveu.

— Adira, pensei que eles tivessem matado você. Sam soluça e meu olhar se volta para o alienígena por perto.

Enquanto ela soluça e eu a alcanço, com lágrimas brotando de meus próprios olhos, percebo que as orelhas do alienígena estão tão erguidas agora que estão quase apontando em nossa direção.

Seu olhar passa rapidamente por nossos rostos, mas não deixo minhas lágrimas caírem.

Eu as seguro enquanto inclino minha testa para descansar contra a de Sam.

Eu não tenho palavras.

Achei que ela e Mina tinham morrido.

A frieza de tudo. Como eu aceitei isso tão facilmente. Isso me arrepia.

Mas isso é a vida agora.

Você não se apega às coisas... nada . Nada é permanente. Tudo é temporário.

— Eles não me mataram — eu sussurro enquanto encaro o olhar vermelho do alienígena que poderia ter me matado tantas vezes nas últimas horas. — Ainda estou aqui.

— Estou aliviada. — Sam solta um suspiro que faz seus ombros subirem e descerem.

O alienígena não desvia o olhar e, além da leve contração de suas orelhas, você não saberia que ele não é uma estátua.

Seu peito nem sobe e desce como se ele estivesse respirando.

Ele é tão silencioso, se eu não estivesse olhando em sua direção, teria pensado que ele não estava lá.

Ele está apenas... nos observando e tenho a sensação de que ele está ouvindo cada palavra que dizemos.

— Eles machucaram você? — Eu pergunto a ela novamente. Ainda estou confusa sobre o que esses alienígenas querem conosco.

As máquinas deixaram isso claro.

Fosse você um Alimentador ou um Criador, ele não esperava para conhece-lo no grupo que queria — ou para fazer você deixar de existir, se quisesse.

Mas esses alienígenas... o que eles querem ?

Sam se afasta de mim, enxuga uma lágrima perdida de seus olhos e olha para Mina.

— Não — ela sussurra. — Eles ainda não nos machucaram. — Ainda.

Um de sua espécie clica em algo perto da água e olhos de Lava se volta para o som.

Aproveito o momento para deixar meu olhar vagar sobre ele. O traje que ele usa se apegando a ele como se fosse uma segunda pele.

Mesmo olhando para ele, de costas, tenho a sensação de que ele está ciente de cada movimento meu, embora seus olhos não estejam em mim.

Esse é um pensamento ridículo.

Mas eu estou olhando para ele quando algo pega pelo canto do meu olho.

Há um pico nele... em seu traje. Um pico em seu pulso.

Quase como se o traje estivesse... se estendendo em minha direção?

Mas isso é...

Os cliques alienígenas, o som me trazendo de volta à realidade e eu pisco.

Mas ele não está olhando para mim, seu olhar está na água, e quando meus olhos voltam para seu pulso, não há nada de errado com seu traje.

A ponta sumiu.

Estou imaginando coisas.

Enquanto ele se dirige para a água, só consigo olhar.

— Adira, você está bem? Onde você estava ? O olhar de Sam está procurando meu rosto e eu pisco novamente algumas vezes.

— Eu... eu estou bem. — Eu balanço minha cabeça. — Eu estava me escondendo. Ou tentando. Mas... ele me encontrou.

O olhar de Sam se volta para o alienígena. — Eles nos tiraram da máquina. Acho... acho que eles a destruíram. Sua voz cai como se ela estivesse expondo algum segredo.

Ninguém jamais foi capaz de destruir um orbe.

— Então você também viu. Eu não apenas sonhei com tudo isso.

Sam acena com a cabeça, seus olhos ainda arregalados enquanto ela olha para os alienígenas se movendo perto da água.

— Eles nos salvaram.

Eu quero acreditar nisso com cada centímetro do meu coração.

Quero acreditar que esses alienígenas vieram para destruir os outros e enquanto olho para as costas desse estranho ser, quero pensar que Sam está certa.

Ao lado, Mina faz um som, desviando minha atenção.

Há uma leve transpiração em sua testa e suas pálpebras estão baixas, mas ela sorri para mim.

Ela sorri .

Engulo em seco quando me movo para apertar sua mão.

— Mina — eu sussurro. Achei que ela estava dormindo.

Isso é o que geralmente acontece com as mulheres que são criadas.

O parasita tira tudo delas.

Elas simplesmente se tornam um hospedeiro.

Quando toco sua mão, Mina me dá outro leve sorriso.

Ela está lutando contra isso. Ela é forte.

Quero dizer a ela que vai ficar tudo bem, mas não sei se me atrevo a acreditar nisso.

Então, em vez disso, me aproximo dela.

É quando meu olhar capta algo nas árvores próximas.

Uma forma que se move na escuridão.

Meu coração pula uma batida quando ele se materializa em um dos alienígenas e eu congelo.

Ele está pairando entre as árvores atrás de nós e seus olhos são tão escuros que, juntamente com seu traje, ele se mistura quase completamente com a própria noite.

Desconforto sobe pela minha espinha.

Há quanto tempo ele está lá?

Eu nem o notei.

O fato de ele estar tão perto e eu não ter ideia...

O alarme dispara através de mim enquanto meu olhar percorre a escuridão atrás e ao redor dele, mas não sinto nenhum outro.

Ele olha para mim por um mero segundo antes de seu olhar pousar em Mina novamente, onde seu foco trava.

Juro que ouço um silvo, muito parecido com o que Olhos de Lava fez, mas o alienígena de olhos escuros não se move de onde está. Não tenho certeza se sua intenção era se esconder de nós ou se é apenas um efeito da escuridão.

— O que são ? — Eu sussurro.

— Muito, muito estranho — Sam responde.

— O que você acha que eles querem?

Sam dá de ombros e se aproxima de mim e de Mina.

Seu olhar de repente encontra aquele com os olhos escuros e eu ouço quando ela prende a respiração.

— Você não o viu lá, viu?

Ela balança a cabeça, os olhos arregalados.

— Eu não sei o que eles querem, Adira, mas eles me assustam pra caralho.

Eu me acomodo contra o monte de terra na raiz de uma das árvores e forço um pouco da tensão a deixar meu corpo.

Eles ainda não nos atacaram.

Eles não estão nem chegando perto de nós.

Eu levo um momento para me permitir sentir a extensão do dano ao meu ser físico.

Em todos os lugares dói e a quantidade de energia que estou liberando apenas tentando ficar neste alerta está cobrando seu preço rapidamente.

Não está tão frio quanto deveria estar aqui ao ar livre. O fogo ajuda.

E então percebo que há um incêndio.

Eu empurro para trás na posição vertical, olhando para ele.

— Eles fizeram isso depois que comentei que Mina estava com frio.

Meus olhos se arregalam um pouco, meu olhar voando de volta para Sam.

— Eles podem nos entender?

Ela dá de ombros. — Não sei. Eles não falaram conosco. Eles apenas olham.

Mesmo enquanto ela diz isso, eu olho para baixo em direção à água e posso ver olhos de Lava.

Ele está caminhando de volta para a margem e seus olhos estão focados desta forma.

Correção. Eles estão focados em mim .

— Eles acabaram de entrar e sair da água. Trazendo coisas à tona. Eu acho... — Sam faz uma pausa, sua voz baixa. — Eu acho que eles estão desmantelando essa coisa.

Meu olhar volta para ela. — A máquina?

Ela acena com a cabeça hesitante.

Por alguns momentos, apenas nos encaramos, com medo até de ter esperança.

Engulo em seco.

— Talvez eles sejam diferentes dos outros alienígenas — ela sussurra. — Talvez eles tenham sido enviados aqui para nos ajudar.

Eu a encaro. — Se sim, enviado por quem?

Sam dá de ombros.

Eu a encaro por alguns momentos, as implicações voando pelo meu cérebro.

— Nós não sabemos — eu finalmente digo. — Eles ainda podem ser nossos inimigos.

Há um clique agudo e um rosnado que me faz estremecer de surpresa e minha cabeça se ergue.

Olhos de Lava não está nem perto de nós, ele está a vários metros de distância e minha voz era baixa.

Não é possível que ele tenha me ouvido...

Mas aqueles olhos estão definitivamente fixos nos meus.

E tenho a nítida impressão de que o que acabei de dizer o irritou muito.

A noite fica cada vez mais escura. Mas continuo acordada.

Eu não consigo dormir.

Mesmo quando Sam cochila e os olhos de Mina se fecham, meus olhos permanecem abertos.

Ao nosso redor, os alienígenas mantiveram distância. No entanto, eles nos observam com uma intensidade que me mantém alerta.

Não há um segundo em que um par de estranhos olhos semicerrados não sejam direcionados para nós.

Eles são de cores diferentes, seus olhos, mas todos são em sua maioria escuros ou alguma variação de vermelho.

Quanto mais eu olho para eles também, percebo que estou diferenciando entre eles.

Não são apenas os olhos que são diferentes. Alguns deles são maiores que os outros.

Mas todos eles fazem uma coisa...

Eles nos observam.

Como Sam dorme enquanto está sendo observada está além de mim.

Mina, eu posso entender.

À medida que os minutos passam, os recursos de seu corpo estão se esgotando lentamente.

O parasita vai mantê-la quase morta até que esteja pronta para ser extraída... e depois?

Se esses novos alienígenas são realmente inimigos das máquinas, estremeço ao pensar no que farão quando descobrirem que Mina está carregando uma desova.

Isso martela na minha cabeça, junto com o fato de estarmos mais uma vez em uma situação precária, e eu luto contra o sono.

Mais de uma vez, eu cochilo apenas para acordar e encontrar Olhos de Lava olhando em minha direção.

Seu olhar não me assusta mais e me pergunto se é bom ou ruim que eu esteja me acostumando com eles.

Com ele.

Capítulo Dez

Adira

Meu corpo estremece quando acordo e a primeira coisa que vem à minha mente é o fato de que adormeci.

Eu voo para uma posição ereta, ignorando as dores em meu corpo enquanto eu aperto os olhos.

É de manhã... e estamos seguras .

Ainda estamos vivas?

Mas...

Cada cabelo na parte de trás do meu pescoço fica em pé quando meus olhos se erguem.

Meu olhar sobe pelas pernas escuras, cada vez mais alto, como se estivesse em câmera lenta, meus olhos arregalados, meu coração martelando contra o peito.

Eles estão ao nosso redor, alguns agachados, mas todos olhando para nós atentamente.

Eu puxo minhas pernas para mim enquanto eu luto para trás, e o tronco de uma árvore bate contra minha espinha.

Sam resmunga e se levanta lentamente, piscando para afastar o sono dos olhos.

— Sam... — eu sussurro, meus olhos se movendo em torno dos alienígenas que nos cercam.

Mina ainda está dormindo, mas sei que não faria diferença se ela estivesse acordada ou não.

Duvido que ela possa correr em suas condições.

— Sam! — Eu assobio enquanto meu olhar se move ao redor do grupo.

É de manhã.

O sol está nascendo e a luz só faz esses seres parecerem mais intimidadores.

Humanoides, mas não humanos. Não consigo pensar em um ser humano, exceto *The Rock and The Mountain*, que teria uma chance contra eles.

Os olhares do alienígena são intensos. Tão concentrada que uma sensação de enjoo começa a se desenvolver em meu estômago e me pego procurando por... ele .

Aquele com os olhos de lava.

Por que? Não sei.

Mas... ele não está aqui.

O pânico inunda minha alma e quase como se em uníssono, ouço os alienígenas farejarem.

Um deles sibila e imediatamente se afasta do círculo.

Outros enrijecem e quase posso ver a tensão em seus ombros.

A resposta deles me confunde e me assusta um pouco.

— Sam! — Eu coloquei alguma urgência na minha voz neste momento.

É quando o círculo ao nosso redor se desfaz.

Por um momento, estou confusa.

É quando eu o vejo .

Ele está vindo do lago em nossa direção e não sei como sei que é ele. Eu só faço.

O sol da manhã reflete em seu traje de uma forma estranha. Quase como se os raios desaparecessem nas próprias fibras, sugados para o derradeiro vazio escuro que é seu traje.

Sua cabeça está inclinada e meu olhar se move para onde ele está olhando.

Ele está carregando algo e não consigo entender o que é.

Parece quase uma água-viva morta.

Seja o que for, está criando uma resposta inesperada dos alienígenas que nos cercam.

Outro silvo começa e sobe, vibrando de cada um dos alienígenas.

Seus lábios se retraem, mostrando suas presas e seus músculos tensos.

Lâminas afiadas, assim como eu tinha visto na noite anterior, aparecem em cada um de seus braços como mágica.

As lâminas também aparecem ao longo de suas costas.

— Merda! — Sam está de repente ao meu lado, segurando meu braço enquanto nós duas olhamos para os seres à nossa frente.

— O quê? Por que eles estão agindo assim? — Sam pergunta. De repente, ela está totalmente acordada, com os olhos arregalados.

— Não sei. — Mas quando meu olhar cai de volta para a coisa estranha que Olhos de Lava está carregando, tenho a sensação de que os alienígenas não estão agindo de forma tão estranha por nossa causa.

Aquela coisa que o Olhos de Lava está carregando. É o motivo .

Como se soubesse que estou olhando em sua direção, sua cabeça se ergue e seu olhar me encontra como um farol.

A intensidade de seu olhar faz minha respiração engatar na minha garganta.

Ele caminha com propósito, indo em nossa direção e os alienígenas ao nosso redor saem de seu caminho.

Seu silvo agora é intercalado com cliques e rosnados que vibram o ar ao nosso redor.

Olhos de Lava para a poucos metros de nós, seu olhar ainda em mim enquanto ele deixa cair a coisa que está carregando diante de mim.

Eu o encaro, tentando ler aqueles olhos semicerrados dele, mas não tenho ideia do que ele quer – o que eles querem.

O olhar em seu rosto é idêntico ao dos outros.

Seus lábios estão puxados para trás, seus olhos ainda mais ardentes do que na noite anterior.

Ele olha para mim antes de seu olhar cair para a coisa no chão e eu finalmente olhar para ela.

Minha mente não pode compreender o que estou vendo.

Não é uma água-viva.

É mais como um... polvo morto?

Cinza. Carnuda. Vários braços.

Tem cerca de um metro de comprimento do topo da cabeça até onde começam as pernas e é obviamente uma espécie aquática.

Eu franzo a testa enquanto olho para ele, mal ciente do sussurro questionador de Sam.

Ela também não tem ideia de que diabos é essa coisa.

Mas não pode ser um polvo.

Os polvos não vivem em lagos.

— Eles querem que a gente coma? — Sam pergunta e eu posso ouvir o horror em sua voz.

Espero que não.

Mas quando olho para olhos de Lava, ainda não sei o que ele espera de mim.

O que é isso que ele trouxe?

O que devo fazer com isso?

Um braço trêmulo se estende em direção à coisa, meu braço trêmulo, e ouço um silvo ainda mais alto começar ao nosso redor.

Meu olhar dispara para cima e eu congelo novamente.

Estou sem palavras.

A raiva absoluta no rosto de Olhos de Lava é evidente. As saliências que marcam suas feições estão ainda mais definidas e seus braços... há pontas afiadas saindo de seus braços agora também.

Eles se parecem com longas lâminas escuras capazes de cortar qualquer coisa com a qual entrem em contato.

— Não toque.

Eu pisco.

Eu não imaginei isso. Eu?

Ele apenas falou.

Ele falava inglês?

Não toque.

A inflexão é estranha, como se sua língua não estivesse acostumada a formar tais sílabas e as palavras fossem quase irreconhecíveis.

— Você... — Meu coração dá um grande baque, batendo forte no meu peito. — Você pode falar? — Meu sussurro está quase inaudível.

Ao retrair minha mão, observo com admiração as lâminas em seus braços abaixarem lentamente.

— *Nnã soo mos irrnim* — ele rosna.

Porra.

Sua voz é tão profunda que é quase aterrorizante.

Minha boca se abre enquanto meu olhar vai para os outros alienígenas e depois de volta para ele.

Ele está se comunicando comigo, mas suas palavras não são registradas.

Tudo o que me impressiona é que ele pode falar.

— Eles podem falar... — A voz de Sam reflete meu choque.

— *Nnãoo soo mos irrnim* — o alienígena repete e eu noto o quanto as palavras soam mais seguras em sua língua. — Não somos seus inimigos.

Levantando uma perna, ele chuta o polvo e ele rola para mais perto de mim no chão. — Eles são.

Suas palavras são registradas, mas elas não fazem sentido até que meu olhar caia e eu grite.

O polvo tem um rosto.

E não me refiro a um rosto pertencente a um polvo.

Essa cara está toda errada.

Grandes olhos escuros olham para o nada. Eles estão colocados acima de dois buracos escuros, que devem ser as narinas, mas não vejo boca.

Olhos de Lava chuta a coisa novamente e ela vira para revelar três fileiras de dentes afiados em seu centro.

Eu grito e luto para trás. Sam segue.

Sim... isso não se parece com nenhum polvo que eu já vi.

E então tudo fica claro.

Seu significado se torna claro.

Essa coisa que estou olhando... essa coisa não é daqui.

O que estou vendo é outra espécie de alienígena.

Essa coisa é o que nos escravizou a todos.

— Isso é... — Meus olhos se arregalam enquanto eu olho para ele.

Começa com descrença... então eu sinto medo... então... raiva.

Ódio. Raiva. Ambos me preenchem enquanto eu olho para a coisa.

De alguma forma, desvencilho os braços de Sam dos meus enquanto rastejo sobre minhas mãos e joelhos, me aproximando do ser cinza e carnudo na terra.

Eu ouço os assobios dos alienígenas ao meu redor. Com o canto do olho, vejo as lâminas dos Lava Eyes subirem mais uma vez e faço uma pausa.

Meu olhar encontra o dele, mas ele não me impede. Então eu lentamente avancei novamente, mais perto da bolha cinza.

Eu olho para ele quando chego perto.

Essa... essa coisa .

Isso é o que estava naquela máquina?

— Seu inimigo ... — Olhos de Lava fala. — Nosso inimigo ... — Eu posso sentir meu coração batendo na minha garganta com suas palavras.

Estou entendendo agora.

Talvez Sam esteja certa. Talvez esses novos alienígenas estejam do nosso lado.

Eu olho para Olhos de Lava e tomo um pouco de coragem pelo fato de que nenhum de sua espécie interagiu conosco... ainda.

Eles certamente parecem uma raça hostil... não os salvadores pelos quais oramos.

Mas por que esse alienígena mentiria para mim?

Ele e sua espécie têm a vantagem.

Eles podem fazer o que quiserem...

O que me leva à conclusão de que... Olhos de Lava está dizendo a verdade.

À medida que o pensamento se estabelece, meu olhar recai sobre o rosto rude e o corpo estranho do alienígena morto diante de nós.

O que eu pensei que eram membros de polvo acabou não sendo.

Tinha cerca de seis braços e eles não são desossados. Seus membros têm mais articulações do que posso contar e são bem longos.

Um arrepio percorre meu corpo.

Não consigo imaginar como é, está espécie viva e andando.

Mas o que mais me chama a atenção é o rosto.

Os olhos escuros olham para mim e mesmo que não haja vida dentro deles, posso sentir a falta de alma no olhar da criatura.

Essa coisa sugou nosso sangue? Destruiu meu mundo?

Nos engravidou?

Isso que eu estou olhando é responsável por tanto?

Eu o encaro sem perder o foco.

Está levando algum tempo para minha mente compreender que o que estou vendo é responsável por toda a morte e destruição que testemunhei.

Meu mundo inteiro se foi por causa dessa criatura. As máquinas não eram algum tipo de corrida avançada de IA. Esta criatura tinha sido seu piloto .

Eles vieram aqui e levaram tudo.

Tudo o que eu sabia.

Minha família inteira.

Meus amigos.

Meu mundo.

— Por que? — Eu sussurro, a palavra quase inaudível antes de minha voz subir. — POR QUE?!

A palavra sai da minha garganta com tanta emoção quanto estou sentindo de repente.

Meu corpo treme com o desgosto do que testemunhei nos últimos meses. A dor atravessa meu corpo, sacudindo minha forma frágil.

Não sei quando o alcanço, mas há uma pedra em minha mão boa. Eu a levanto e bato no alienígena morto.

Uma vez.

Duas vezes.

Três vezes meu braço sobe e desce enquanto eu grito.

— Por que?!

As lágrimas me sufocam quando tudo o que perdi vem à tona.

Sam aparece ao meu lado, com os olhos arregalados. Ela não me impede, mas as lágrimas também correm pelo seu rosto e só quando meu braço sobe e não cai mais uma vez eu paro.

Alguém está segurando meu braço e eu sei que é ele, mesmo sem olhar para cima.

Seu traje se contorce contra a minha pele um pouco, mas a estranheza dele é fraca em comparação com o desgosto matando minha alma.

Eu encaro o maltratado ser na minha frente, ainda engasgando com minhas próprias emoções.

Toda a minha família está morta.

A humanidade está por um fio.

E essa coisa é responsável por tudo.

Eu ouço alguns cliques e batidas e o corpo do alienígena é chutado com tanta força que ele voa em direção à água.

Eu olho para cima, meus olhos nublados com lágrimas para encontrar os olhos de lava ilegíveis acima de mim.

Não consigo ler emoções naquele olhar estranho dele. Seus olhos vermelhos... pele escura... Ele se parece exatamente com a coisa que aprendi a temer.

O mundo realmente virou de cabeça para baixo.

Nada é o mesmo. Nada nunca mais será o mesmo.

Porque estou dividida.

Destruída.

Sem palavras.

E o diabo está segurando minha mão.

Capítulo Onze

Fer'ro

A agressividade da pequena fêmea nos faz vibrar de prazer.

Enquanto ela bate a pequena pedra no corpo do Gryken, eu não a paro.

Nenhum de nós entende.

Podemos sentir sua aflição. A dor dela.

A raiva dela .

Ela espelha a nossa.

Ela esmaga o Gryken da mesma forma que esmagou incontáveis mundos.

Merece cada golpe que ela coloca nele. É uma pena que ainda não esteja vivo para sentir a dor.

Eu chuto seu corpo maltratado em direção à água e ele cai não muito longe dela.

A fêmea liberou um pouco do que lhe dói por dentro, mas ela está exausta.

Eu posso ver como seu corpo cede.

— Enterre isso — eu digo, e Ga'Var concorda.

Ele e alguns de meus irmãos se movem em direção ao corpo de Gryken, mas outros permanecem.

Meu olhar passa por eles.

Nenhum voltou a nossa nave. Possivelmente, eles estão esperando meu comando para fazê-lo.

Extraoficialmente, tornei-me o líder deles. Um papel que não desejo, mas desempenharei com grande honra.

Se minha raça puder ajudar a livrar o universo do Gryken, farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que isso aconteça.

Ouço Ga'Var sibilar enquanto levanta o corpo espancado do Gryken. Uma de suas espadas o atravessa.

Ambas as fêmeas olham com olhos arregalados enquanto ele a empala com a vara de metal e bate à vara na terra abaixo.

Um ato bárbaro, mas que, no entanto, envia uma mensagem.

Eles são nossos inimigos – nossos e esses seres antes de nós.

Meu olhar se volta para a mulher e espero que ela entenda a mensagem.

Nós não somos seus inimigos .

San'tem estala bruscamente atrás deles e eles estremecem.

Posso dizer que seu senso de percepção não é muito bom. Eles não estão muito conscientes dos movimentos ao seu redor ou de como meus irmãos lutam contra seus instintos por causa do cheiro de seu medo.

— Esta — ele clica, seu olhar caindo sobre a mulher deitada no chão. — Esta, está infestada.

Um silvo deixa meus lábios que sou muito lento para segurar.

Eu sabia tanto.

Isso é o que os Gryken fazem.

Eles se reproduzem à força, clonando-se no útero de outras espécies.

Em seu curto período de vida, eles matam muitas, muitas fêmeas, muitas vezes destruindo a fêmea no processo de seu nascimento neste mundo.

Eu vi isso acontecer com meus próprios olhos para as mulheres do meu mundo.

Minha irritação aumentou novamente sem que eu percebesse.

Só reconheço a imagem que estou projetando quando a vejo refletida nos olhos da mulher de cabelos castanhos.

Ela solta a outra e corre até a infestada como se entendesse que estamos falando dela.

Ela não é capaz de lutar contra nós, mas tenta proteger outra.

Ela ao menos sabe o que a outra fêmea abriga? O que está crescendo dentro dela?

Temos que matá-la .

San'tem clica nela e se move em sua direção, mas a mulher grita e chuta ele.

Eu ouço uma batida baixa de outra pessoa, impressionada com a vontade da fêmea.

Reflete meus próprios sentimentos.

Ela me impressionou desde o momento em que apontou sua arma para mim.

Acalmo-me e clico em San'tem.

— Espere.

Ele lança seu olhar em minha direção, seus simbioses se contorcendo um pouco. Incomodado.

— Está crescendo a cada dia — ele clica. — Porque esperar? Devemos matá-la agora.

— Ainda há tempo. — Meu olhar penetra em seus olhos escuros até que seu ba'clan se acalme e seus cabelos se acalmem.

A mulher de cabelos castanhos está olhando entre nós agora e eu noto que ela encontra meu olhar com mais frequência do que nunca.

Talvez eu esteja ficando menos aterrorizante.

Dando um passo à frente, agacho-me ao nível dela e sua amiga de cabelos escuros se afasta e quase bate de costas em Ga'Var, que voltou da água.

— O Gryken está plantado. A mensagem clara.

Ele clica em mim e eu clico em aprovação de volta.

O olhar da mulher de cabelos castanhos está se movendo entre mim e Ga'Var agora e com sua atenção para nós, eu o ouço tamborilar.

Imediatamente, sibilo para ele.

Eu não sei porque.

Ele pisca para mim, mas sua batida para.

Por um momento, eu pisco para ele também antes de desviar meu olhar.

Ela ainda está olhando para nós, aqueles seus olhos expressivos e um pouco assustados.

Mas seu cheiro de medo não é tão forte quanto na noite anterior.

É suportável agora.

— Qual é a sua designação? — Eu racho. A linguagem dela é estranha na minha língua. Muitas sílabas.

Ela pisca para mim, aqueles olhos arregalados ficando um pouco maiores.

— M...meu nome? — Ela olha para a outra mulher que se afastou lentamente de Ga'Var. — Você quer saber meu nome?

Meus ouvidos se contorcem ao som de sua voz. Um zumbido começa na minha garganta que eu paro antes que os outros possam ouvir.

— Sim.

Ela olha para a outra fêmea novamente. — Meu nome é Adira.
Adira Mosely.

O nome é surpreendentemente curto para a quantidade de sílabas em seu idioma. Eu reviro isso em minha mente.

— *Adee'rah'mohs'lee.*

Ela pisca para mim como se não pudesse acreditar que estou falando com ela e seus lábios se contraem e se curvam um pouco. — Apenas Adira está bem.

Adee'ra.

— E você? Qual o seu nome?

Eu paro por um momento. Ela me deu a versão abreviada dela. Então eu vou fazer o mesmo por ela.

— Fer'ro.

Ela pisca para mim, mas seus olhos não estão tão arregalados quanto antes.

Ela olha para a outra fêmea e elas trocam algo em seus olhares que eu não entendo.

Ter esperança?

— Prazer em conhece-lo, Fer'ro. Bem-vindo à Terra.

Adira

Eles não deixaram o alienígena morto descansar no chão por muito tempo.

Com silvos e rosnados, cliques e tamborilados, eles perfuraram a coisa alienígena parecida com um polvo com uma vara afiada e a plantaram perto da borda do lago como uma espécie de efígie.

É como um ritual, celebrando a morte da coisa, e não sei se eles fazem isso por mim e Sam ou por eles mesmos.

Uma coisa é certa, porém, eles parecem odiar a coisa tanto quanto nós.

Está secando mesmo enquanto olho para ela, murchando sob o sol da manhã como uma passa.

Mina está acordada agora, seus olhos mal abertos e noto o alienígena com os olhos de carvão a observando.

Ele se aproximou dela mais cedo com aqueles picos de sua ascensão e suas presas à mostra.

Tenho certeza de que ele e Fer'ro estavam falando sobre ela.

Talvez eles saibam o que há dentro dela.

Talvez eles fossem machucá-la.

Não tenho certeza, mas o de olhos escuros parou quando Fer'ro falou com ele e tenho a sensação de que Fer'ro tem algum tipo de posição sobre os outros.

Eu os observo agora, tentando descobrir onde eu e o resto da humanidade estamos, quando Mina se inclina contra mim.

Ela está tão fraca que não consegue se levantar.

Ela precisa comer se tiver alguma chance de sobreviver por muito mais tempo.

Todos nós precisamos comer.

Olho para o lago e me pergunto se há algum peixe nele.

Talvez, se eu pudesse pegar alguns...

Mas os alienígenas ao nosso redor ainda têm os cabelos da minha nuca arrepiados.

Eles não me assustam tanto quanto antes. Eles parecem inteligentes e não parece que eles nos querem mal.

Ainda estou hesitante em confiar neles.

Afinal, eles não são deste mundo e ainda não sei por que estão aqui ou o que querem de nós.

Nenhum outro exceto Olhos de Lava, Fer'ro, falou conosco e meu olhar procura por ele na costa. Eu o pego quando ele sai da água e seus olhos me encontram imediatamente.

É um tanto perturbador, a forma como seu olhar me procura e eu me pego desviando o olhar rapidamente.

Ele não olha para Mina e Sam assim, e eu me pergunto por quê.

Quando eu olho para cima novamente, ele está colocando um pedaço de metal brilhante em uma pilha, seu olhar ainda em mim.

Eles parecem estar desmontando a máquina peça por peça e me ocorre que... a nave deles, o pássaro preto, não está em lugar nenhum.

Eu me pergunto se ele afundou durante o ataque também.

Eu o encaro enquanto ele se levanta e, ou estou me acostumando com os olhares ou estou me acostumando com o fato de que ele e os outros nos deixaram em paz.

Tirando aquele estranho círculo que formaram ao nosso redor enquanto dormíamos, eles não chegaram mais perto.

Eles nos observam, no entanto.

Sempre observando e sei que não há chance de escaparmos sem sermos notados e pegos imediatamente.

Ainda estou olhando para Fer'ro quando ele dá um passo em nossa direção.

Meu coração pula uma batida e prendo a respiração.

Ele vai falar comigo de novo?

Eu tenho muitas perguntas que quero fazer.

Mas quando ele se aproxima, meu estômago ronca e ele para de repente, suas orelhas se contorcendo sob o traje.

— Estaríamos recebendo aquele saco de comida nojento agora, não é? — Sam sussurra.

Ela estava certa. Por mais que eu não queira pensar no tempo que passamos naquela máquina, agora seria quando estaríamos comendo. O orbe... não, a coisa que controla o orbe nos alimentou em rotação. Uma vez por dia e à mesma hora.

Meu estômago ronca novamente e eu pressiono minha palma contra ele.

Terei que tentar encontrar comida para nós.

Está claro que esses alienígenas não vão nos deixar ir, não que possamos ir longe de qualquer maneira, em nossa condição.

Isso significa que não há muita chance de forragear – não que este seja o local ideal para forragear também.

Não sei nada sobre viver na selva.

Sam se aproxima de nós e pressiona as costas da mão na testa de Mina.

Ela mede sua temperatura assim em intervalos diferentes, certificando-se de que está estável e não aumentou.

Enquanto ela está cuidando de Mina, isso significa que preciso encontrar comida para nós.

Não tenho certeza de como vou lidar com isso.

Eu tenho meu pulso quebrado enrolado em direção ao meu corpo e cada fibra dentro de mim dói.

Vou ter que caçar com uma mão e mancar.

Há um clique próximo e percebo que é o alienígena de olhos cor de vinho. Não percebi sua aproximação e isso me deixou um pouco tensa.

Eles são grandes, enormes, mas se movem de forma fluida e silenciosa.

Mais alguns cliques agudos saem de sua boca e vários de sua espécie olham em nossa direção.

Fer'ro dá um passo em nossa direção.

Não sei de onde ele tirou isso, mas algo aparece em sua mão.

Uma bolsa.

Ele a estica em minha direção, seu olhar estudando meu rosto como se estivesse esperando minha reação – não, como se ele estivesse com medo de que eu gritasse e corresse se ele chegasse mais perto.

Observando-me, ele se aproxima e seu traje se retrai.

Sam suspira.

É a primeira vez que ela vê um deles sem o traje escuro cobrindo todo o corpo.

Ele não tira os olhos de mim, mas seu olhar é sincero, se é que posso chamar assim.

Clicando em mim, ele para no meio do clique e fala para que eu possa entender.

— Sustento — diz ele.

Meu olhar cai de volta para a bolsa em sua mão.

A bolsa se contorce e meu estômago vira imediatamente.

Puxando-o de volta para si, ele levanta a bolsa em direção à boca e belisca o lado com seus dentes afiados.

O que quer que esteja dentro começa a se contorcer ainda mais.

Eu o observo enquanto sua boca se abre e, pela primeira vez, vejo sua língua.

Não sei se sou eu que engasgo ou Sam.

— Foda-me... — Sam murmura.

De fato.

A língua de Fer'ro passa por seus lábios antes que ele a mergulhe na bolsa.

É tão longa e grossa que só consigo olhar para ela com os olhos arregalados.

Fico paralisada quando sua língua se retira da entrada da bolsa com longos fios de espaguete escuro em suas mãos, a ponta se enrolou ao redor deles, segurando-os enquanto ele os puxa para a boca.

— Você acabou de ver isso? — Sam agarra meu ombro, seus olhos também arregalados. — Diga-me que essa não é a língua dele.

Engulo em seco enquanto olho. Eu não sei que diabos era aquela coisa, mas deve ser a língua dele.

O que mais?

Fer'ro fecha a boca, seu olhar em mim enquanto mastiga.

Lá. Estão. Estourando. Sons.

Como algo cheio de fluido sendo esmagado por aqueles dentes afiados dele.

O espaguete não estoura e enquanto ele mastiga, uma linha escura de líquido aparece bem na borda de seus lábios.

O ácido estomacal sobe pela minha garganta e eu o forço a descer.

Mais uma vez, ele estende a bolsa para mim novamente.

— Parece espaguete — Sam sussurra.

Ela obviamente não tinha visto a bolsa se contorcer.

— Isso — meu estômago embrulha novamente — isso não é espaguete.

Como para provar que é comestível, Olhos cor de vinho faz um clique e pega a bolsa. Ele mergulha uma garra afiada dentro e tira o — espaguete — preto.

Ele se contorce entre seus dedos e eu definitivamente vomito em minha boca quando ele joga a cabeça para trás e deixa cair a coisa em sua boca.

— Oh... Deus — Sam geme. — Isso é nojento.

As orelhas de ambos os alienígenas se contorcem com suas palavras e eu enrijeço, me preparando se eles retaliarem com suas palavras ofensivas.

Mas tudo o que Fer'ro e Olhos cor de vinho fazem é olhar um para o outro, suas orelhas se contorcendo enquanto olham para a bolsa.

Ele gesticula para mim de novo, mas engulo em seco, usando o pouco de coragem que me resta, e balanço a cabeça.

— Não podemos comer isso — eu digo.

Bem... nós tecnicamente poderíamos , mas não importa o quão faminta, eu não acho que posso comer vermes alienígenas.

Fer'ro olha para a bolsa.

— Posso encontrar comida para nós, se você me permitir.

Minha sugestão faz o grande alienígena endurecer. Eu quase posso ver seus músculos endurecerem em seus ombros.

Ele sabe que é um teste.

Somos prisioneiras aqui? Ou estamos livres para ir?

— Não vou correr de novo. — Não sei por que digo isso. Desespero talvez.

Eu não poderia correr mesmo que quisesse. Estou muito fraca e as contusões que sofri ainda estão doendo muito.

Fer'ro me estuda por um momento.

— Onde você vai caçar?

Caçar?

Certamente, não pareço ser boa em fazer tal coisa. Eu?

Mas talvez seja a primeira vez que encontram nossa espécie. Talvez sejamos tão estranhos para eles quanto eles são para nós.

Não sei nada sobre caça, mas consigo pensar em algo.

Se os humanos não são bons em mais nada, nós somos bons em adaptar... ter ideias.

— Posso encontrar comida para nós — repito, mais segura desta vez.

— Onde? — Ele repete. — Onde você vai caçar?

Eu lambo meus lábios.

Isso é um teste para mim agora?

Empurrando meu queixo em direção à água, eu engulo em seco.

— Lá. Na água.

Fer'ro me estuda por alguns momentos antes de olhar para Olhos cor de vinho.

Há um clique e uma batida entre eles.

Ele olha para mim e clica também. Então, como se percebesse que não tenho ideia do que ele acabou de dizer, ele fala.

— Vem. Mostre-me como.

Sam agarra meu braço, sua voz baixa e insistente.

— Você não pode sair com ele.

Não sei se ela percebeu, mas mesmo que ela tenha apenas sussurrado essas palavras, tenho certeza que os alienígenas ouviram o que ela disse.

Mas eu forço um sorriso corajoso para ela.

Eu não estou assustada.

Estou confiando nos meus instintos aqui. Apoiando-se neles.

E eu...

Eu confio nele.

O inimigo do meu inimigo é meu amigo... certo?

Certo?

Capítulo Doze

Adira

Meus passos são trêmulos quando me levanto. Estou muito mais fraca do que pensei.

Tanto que quase tropeço. Mas me pego a tempo.

Lanço um olhar para Fer'ro e ele puxa o braço para trás.

Ele estava prestes a me tocar. Para impedir minha queda, talvez.

Aqueles olhos atentos dele estão em mim agora, eles nunca saíram, e eu tenho que desviar meu olhar enquanto encaro a água.

Ele não é o único me observando também.

Todos eles estão e eu me sinto como uma espécie de espetáculo enquanto caminho com as pernas trêmulas em direção ao lago.

Eu o encaro.

A superfície brilha a luz do sol e você não saberia o que está por baixo.

Os destroços... os corpos... o que sobrou dos Alimentadores.

Meus pulmões se contraem com esse pensamento e olho para trás.

Um arrepio passa por mim com os muitos olhos direcionados para mim.

Em Fer'ro.

Ele ainda está me observando também.

Ele está tão focado em mim que não sei se ele está ciente de mais alguma coisa ao seu redor.

Isto é um teste.

Ele está me testando tanto quanto eu o estou testando agora .

Minhas chamadas habilidades de — caça — estão prestes a ser avaliadas. Um indicador seguro da força da minha espécie — do que somos capazes.

Se eu parecer muito fraca... eles se voltarão contra nós?

Eles nos julgarão impróprios para... seja lá para o que eles estão aqui?

Engulo em seco com o pensamento e coloco um pé na frente do outro e depois outro.

É silencioso enquanto eu ando. Estranhamente assim.

Aqueles de sua espécie ao longo da costa param para nos ver partir e o silêncio é enervante.

Não há pássaros na pequena quantidade de árvores próximas. Nenhum sinal de vida em qualquer lugar.

Ainda assim, continuo, meu olhar desviado enquanto mantenho meu foco na minha frente.

Se o destino da humanidade realmente depende de minhas habilidades de caça...

Nós. Estamos. Fodidos.

Estou andando, ou melhor, mancando por alguns minutos, quando olho para trás e me agito um pouco.

Os olhos de Fer'ro perfuraram os meus.

Ele ainda está me seguindo.

Como alguém tão grande pode ser tão quieto?

Eu desvio o olhar rapidamente, de repente ciente de seu olhar nas minhas costas.

Eu disse que confiava nele? Cautelosamente?

Não tenho mais tanta certeza do que sinto.

Mas eu sou uma mulher racional... certo?

Eles ainda não nos machucaram. Eles poderiam ter nos machucado enquanto dormíamos.

Engulo em seco quando viro um pouco a cabeça para o lado e vejo a forma enorme de Fer'ro com o canto do olho.

Eu me sinto como uma presa com o jeito que ele olha para mim. Não apenas ele também... todos eles.

É como olhar para o olhar sem emoção de um predador.

Algum instinto profundo dentro de mim está me dizendo para correr.

Corra, agora mesmo!

Mas minha mente está lutando com a lógica de tudo isso.

Uma respiração estremece através de mim enquanto tento me apoiar no braço da razão.

Mesmo que eu corra, ele vai me pegar e, se quiser me machucar, não há nada que eu possa fazer para detê-lo.

Eu não estou em uma posição de poder.

Afastando o medo que está me dando palpitações, continuo colocando um pé na frente do outro.

Posso me concentrar no que posso controlar e, agora, estou tendo a chance de encontrar comida.

Farei o possível para conseguir alguns para nós três.

Então, eu me concentro em caminhar.

A margem deste lago é um pouco rochosa, o que não ajuda, mas quando olho na direção de onde vim, fico surpreso com meu progresso.

Afastei-me um pouco de Sam e Mina e, pode ter sido um esforço subconsciente, mas também me afastei de onde acho que o orbe caiu.

Há uma área rochosa perto da costa que leva à água. Madeira quebrada sobressai da superfície e algumas das tábuas ainda estão pregadas juntas.

Os restos de um antigo cais.

Eu sigo em direção a ele, procurando por algo que eu possa usar para tentar pegar alguns peixes.

Merda.

Não sei nem pescar com ferramentas adequadas muito menos com o que a natureza oferece.

Mas minha testa franze enquanto procuro o chão.

Vejo um galho enquanto manco e o agarro.

É tão longo quanto uma lança e fina.

Eu não tenho uma faca, então eu uso a próxima melhor coisa que posso pensar.

Meus dentes.

Levando a ponta à boca, mordo e mordo o galho para afiar a ponta o melhor que posso.

Eu bufo enquanto trabalho.

É difícil fazer as coisas com uma mão.

Atrás de mim, Fer'ro observa. Eu vejo quando ele se move em minha direção para ajudar, mas quando eu enrijeço, ele faz uma pausa.

Não sei se ele estava tentando ajudar ou não.

Não tenho tanta certeza se quero ficar desnecessariamente perto dele.

Quando chego ao cais, o galho é pontudo o suficiente para cutucar alguma coisa.

Quando piso nas rochas e começo a mancar pelo píer, ouço um clique atrás de mim.

Faço uma pausa e viro minha cabeça para o lado para que eu possa vê-lo.

Porra. O que deu em mim?

Eu não posso nem encará-lo completamente.

— Isso não parece um local de caça estável.

Sua voz é um barítono tão profundo que a inflexão faz com que as palavras soem estranhas aos meus ouvidos.

Mas eu aceno.

— Você tem razão. Não é realmente. Mas vai aguentar. — Eu penso.

Ele clica em mim novamente e desta vez eu encontro seu olhar.

As pálpebras secundárias deslizam sobre seus olhos antes de desaparecer novamente.

A visão me congelou enquanto eu olhava para ele.

— E se a fêmea cair?

Por um segundo, não percebo que ele está falando de mim.

Eu pisco para ele.

Ele não está se movendo. E agora percebo que quando ele se move, seus movimentos são medidos e calculados.

Como se... como se ele estivesse sendo cauteloso perto de mim .

Eu franzo a testa um pouco enquanto olho para a água.

Ele bate contra o píer de madeira pacificamente e o som é calmante.

— Se eu cair, vou sobreviver.

Quando olho para trás, aqueles olhos de fogo ainda estão em mim, me estudando, e suas orelhas se contorcem quando me viro e continuo ao longo do píer.

Ele não segue.

Acho que ele vai ficar lá então.

Sem problemas. Tê-lo tão perto ainda me enerva.

Eu também posso fazer isso mais rápido se ele não for mais longe.

Algo se move nas rochas atrás de mim que me faz parar, meu olhar estalando para o local do movimento, e eu me viro para ver um pequeno pássaro pular no topo das rochas.

Um *Robin*.

A surpresa me faz prender a respiração.

— Oh meu Deus — eu sussurro. É o primeiro animal que vejo em tanto, tanto tempo.

É uma coisinha minúscula e eu me pergunto o que está fazendo aqui.

Ele olha para mim, torcendo a cabeça daquele jeito estranho que os pássaros fazem, antes de tuitar para mim.

A felicidade me preenche tanto que engasgo com ela.

Mas essa felicidade diminui rapidamente quando vejo uma sombra escura no canto do olho.

Fer'ro se move em direção ao pássaro, com o braço estendido.

— Não!

Ele faz uma pausa.

— É só um pássaro. Deixe-o em paz.

Ele me olha.

— Por favor.

— Um pássaro? — ele diz daquele jeito estranho dele.

Eu concordo.

— Um pássaro — repito.

— Não é sustento?

Eu engulo com isso.

— Sim, mas não. Eu não quero comê-lo. — Eu não poderia imaginar matar e comer uma coisa tão bonita.

O pássaro pia de novo e eu observo as orelhas do alienígena estremecerem com a respiração suspensa.

O passarinho deve ter entendido a deixa de repente porque saiu voando.

Eu libero um suspiro e assisto ir.

Quando olho para trás, o alienígena está me encarando com tanta atenção que esqueço o que estava fazendo antes.

Oh.

Certo.

— Caçando.

Virando-me, continuo caminhando cautelosamente pelo píer quebrado.

A madeira está podre em algumas partes e um pouco escorregadia, mas não vou permitir que a lei de Murphy leve a melhor sobre mim agora.

Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, eu escorrego.

Há um único momento em que meus olhos se arregalam quando percebo que estou caindo e, no próximo, há uma mão forte contra minhas costas, me firmando.

Meu olhar surpreso atira para o alienígena que de repente está ao meu lado.

Como diabos ele se moveu tão rápido?

Meu coração dá um grande baque.

Eu tinha razão. Ele está calculando seus movimentos para não me assustar.

Por que mais?

Se ele pode se mover assim...

Porra.

Bem, lá se vai meu instinto de fugir.

Agora eu só quero me esconder.

Eu me endireito assim que fico de pé, mas não antes de seu toque enviar um raio pela minha espinha.

— O... obrigado.

Ele não responde, mas suas orelhas se contraem em minha direção quase comicamente.

Eu me afasto dele e continuo me movendo ao longo do píer. Mais cuidado desta vez.

A madeira range quando Fer'ro segue atrás de mim.

Ainda posso sentir seus olhos nas minhas costas e isso está fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem.

O píer leva um pouco para a água e logo estamos parados sobre a água profunda o suficiente para peixes de tamanho considerável estarem à espreita.

Eu me agacho e Fer'ro me observa por um segundo antes de me copiar.

Eu me pego olhando para ele em descrença.

Ele é tão grande que parece engraçado agachado do jeito que eu estou.

Uma risada nervosa sai do meu nariz e suas orelhas se achatam contra o lado de sua cabeça.

É quase... adorável.

Eu tiro meu olhar longe dele com esse pensamento.

Este é um ser cujo povo destruiu uma máquina que nem mesmo nossos mísseis poderiam derrubar.

Não há nada de adorável em um demônio.

Tentando ignorá-lo o melhor que posso, olho para a água.

Está escuro. Quase não consigo ver nada. Mas pego minha lança e espero.

E espero.

E espero.

Meus ossos estão doendo e estou prestes a desistir quando vejo um peixe.

Ele dispara por entre as algas e desaparece por um momento, sua pele prateada aparece refletindo a luz.

Segurando meu bastão com mais força, prendo a respiração, esperando para vê-lo novamente.

E então eu faço.

Lá!

Estou tão excitada, excitada demais, que dou um grito agudo e enfio minha lança na água rápido demais.

Há um silvo atrás de mim.

Fer'ro.

Um olhar por cima do ombro e eu me afasto com tanta força que quase caio na água.

Fer'ro subiu sobre mim, suas lâminas estão para fora, cravando-se ao longo de seus braços, e seus lábios estão puxados para trás.

Presas perversas estão à mostra para mim.

Choque, medo, minha respiração fica presa na garganta.

Quão estúpido eu fui por me aventurar longe de Sam e Mina?

Agora, neste momento, posso ver o quão tolo isso foi.

Era isso que ele pretendia desde o início? Ele estava apenas esperando até que estivéssemos sozinhos para me atacar?

Para me comer?

Mas a agressão que o alienígena sombrio está expressando dura apenas um segundo.

Ele para e as lâminas recuam, mas leva mais alguns momentos para sua boca se fechar e esconder aqueles dentes perversos dele.

Engolindo em seco, eu não me mexo.

Que porra foi essa?

Estou quase com muito medo de desviar o olhar dele.

Se eu desviar o olhar, ele tentará me atacar novamente?

Mas algo estala na ponta da minha lança com tanta força que quase perco o controle.

Um peixe.

Um pequeno, mas um peixe, no entanto.

Eu... eu peguei?

A pequena vitória me pega desprevenida e percebo que não tinha fé de que conseguiria pegar alguma coisa.

Não tenho certeza se quero rir ou chorar. O que acontece é um soluço de felicidade e medo que se aloja em minha garganta.

Pelo canto dos olhos, percebo que as lâminas de Fer'ro se erguem parcialmente enquanto ele me observa e eu imediatamente me silencio.

Eu não posso dizer se ele está prestes a me atacar ou não.

Talvez ele seja como um daqueles predadores que atacam quando você não está olhando.

Por essa razão, mantenho meu olhar nele enquanto puxo o galho em minha direção.

Está perfurando o peixe, que bate tentando sair dele.

Fer'ro observa o movimento do peixe.

— Sustento? — ele pergunta.

— Sim.

Ele olha para ela antes de se levantar.

— Você é um bom caçador — diz ele.

Esse soluço que está alojado na minha garganta contrai os músculos lá.

É isso?

Eu passei no teste?

Fer'ro

O fogo crepita sob a estrela da manhã que abençoa este planeta.

Ter'ra eles chamam isso. Humanos eles chamam a si mesmos.

Designações estranhas que Adee'ra expôs quando eu as perguntei a ela.

Eles exigiram o fogo mais uma vez, embora sua estrela tenha subido.

Eu fiz.

Acendi para elas em cima das brasas que se apagaram na noite anterior.

Estou tão surpreso quanto meus irmãos quando Adee'ra perfura a criatura do mar com outro pedaço de pau.

A princípio, acho que ela está simplesmente fazendo isso para tornar mais fácil para ela rasgar sua carne.

Mas então, ela o estende sobre as chamas, virando-o periodicamente.

Ga'Var se irrita e ouço alguns cliques descontentes dos outros.

Eles se reuniram para observá-la... preparar a refeição.

Com os sons que estamos fazendo, Adee'ra olha para nós e faz uma pausa.

Ela olha para a refeição e depois para nós novamente.

— Você quer um pouco?

Nenhum de nós se move.

Não podemos responder.

Ela está perguntando... isso a todos nós?

Cada pedacinho em mim coça para crescer.

Por um momento, esqueço que ela não é Vullan. Ela não tem ideia dos nossos costumes.

Mas parece que Ga'Var esqueceu completamente, pois ele vibra e eu assobio para ele.

Adee'ra empalidece e imediatamente me arrependo.

Não pretendo assustá-la.

Eu a assustei mais cedo também, enquanto ela caçava.

Mas dessa vez, fiquei simplesmente surpreso com seu grito de guerra.

Eu reagi involuntariamente.

Ga'Var me ignora e dá um passo na direção dela.

A raiva queima dentro de mim imediatamente e meus pelos se levantam.

— Não — eu clico.

Ele me encara. — Por que rekking não? Ela ofereceu.

Meus dentes se apertam com tanta força que tenho que cerrar os punhos para evitar que meus pelos fiquem ainda mais arrepiados.

Se Adee'ra me vir em minha verdadeira forma de lutador, qualquer progresso que fiz com ela até agora será perdido. E... não sei por que me preocupo tanto em perder esse progresso.

— Ela não sabe o que oferece. Abaix-se.

Pelo canto do olho, San'ten se aproxima. — Não importa. Não podemos obrigar nenhuma delas, de qualquer maneira. Olhe para elas. Elas são fracas, débeis, seres. Um acasalamento com uma certamente quebraria seus ossos e a mataria.

Ga'Var olha para Adee'ra e o simples fato de ele estar olhando para ela, contemplando-a, me deixa nervosa.

— Ela não é vullana. Ela não está convidando você para suas penas. Faço uma pausa, esperando que minhas palavras sejam absorvidas. — Adee'ra não sabe que oferecer-lhe sustento é um convite.

Por que eu deveria explicar isso?

Deve estar claro para ela.

Sinto que Adee'ra se enrijece ao ouvir seu nome.

Ela e a outra mulher trocam olhares, mas Ga'Var não recua.

— Hum — sua voz parece acalmar o ar ao nosso redor. — Nós podemos compartilhar. Isso não é um problema.

Meu olhar cai para ela e depois para a criatura do mar. Sua pele externa está sendo assada pelas chamas e me encolho um pouco com a perda de nutrientes.

Já está morto.

Por que ela está matando de novo?

Mas o que eu foco é o fato de que a coisa é tão pequena.

Difícilmente alimentará ela e as outras duas fêmeas, mas ela está tentando inocentemente compartilhá-lo conosco.

Sinto quando Ga'Var recua no momento em que seus ombros relaxam.

— Está tudo bem, pequena fêmea.

Adee'ra faz uma pequena pausa.

É a primeira vez que alguém além de mim fala com ela. Escondo minha surpresa. O ba'clan de Ga'Var também assimilou o idioma. Em breve, os outros seguirão e todos falaremos a língua desta terra.

— Você come, Ade'e'ra — eu digo a ela enquanto agarro meu companheiro de útero pelo ombro e o puxo para longe.

Capítulo Treze

Adira

Eu não sei o que diabos aconteceu.

Olho para as costas de Fer'ro enquanto ele quase puxa o amigo para a água.

Os outros ainda meio que pairam ao nosso redor, mas estou me acostumando com a presença deles.

Devagar.

Não parece que eles querem dividir o peixe. Eu nunca esperei que eles fizessem isso, mas como eles estão pairando, observando, foi rude não oferecer.

De qualquer forma, mais para nós.

O peixe é pequeno de qualquer maneira, mas é melhor que nada.

— Parece tão bom — Sam murmura, com água na boca.

A minha também está. Eu tenho que engolir várias vezes para não babar em mim.

— Cheira ainda melhor — eu quase gemo.

Um dos alienígenas, o de olhos escuros, faz um clique meio agudo e estou começando a sentir que significa descrença.

Eu ouvi quando ofereci a eles um pouco do peixe em primeiro lugar.

Eu quase rio.

É óbvio que eles acham o peixe nojento.

Bem, o espaguete vivo deles é pior.

— Acha que está pronto? — Eu pergunto Sam. Nunca fui uma boa cozinheira, mas do jeito que me sinto agora, provavelmente poderia ter comido o peixe cru.

— Cheira a pronto. — Sam literalmente baba e uma pequena risada borbulha dentro de mim.

Ela murcha em meus lábios.

Quando foi a última vez que eu ri?

Eu congelo, olhando para frente, mas não vendo nada.

Quase parece... errado sentir felicidade.

— Dira, acho que está queimando.

A voz de Sam me arranca do vazio em que eu estava entrando e puxo o manche para trás.

O peixe está esfumaçado e eu tusso enquanto tento assoprá-lo e respirar ao mesmo tempo.

Sam havia encontrado uma folha grande antes e eu coloquei o peixe nela.

Nós duas nos inclinamos sobre ele, olhando para ele.

É ainda menor do que era antes.

Parece ter encolhido no fogo.

— Bem... — Sam começa, — é melhor do que nada.

Esperamos que a comida esfrie e lentamente a pegamos com os dedos.

Eu mantenho minha mão doente dobrada para mim enquanto como, e meus olhos se fecham quando o sabor do peixe explode em minha língua.

Quase posso esquecer as dores e desconfortos em meu corpo.

A fonte dos meus ferimentos parece ter acontecido há muito tempo, mas os eventos se repetem na minha cabeça enquanto vejo Sam esmagar um pedaço do peixe e alimentar Mina com as mãos.

Mina engole e nos concede um sorriso que não chega aos olhos.

Ela está com dor. Eu só sei disso.

Mas ou ela está escondendo isso de nós, ou está escondendo dos alienígenas ao nosso redor.

Há movimento na praia e eu olho para ele.

Fer'ro está saindo da água. Engraçado como eu sei que é ele agora sem ver seus olhos. A água escorre de seu traje como se o material não pudesse molhar, mas não é isso que me faz olhar fixamente.

Ele está carregando algo.

Sobre o ombro, da mesma forma que ele me carregou, ele está carregando o maior bagre que eu já vi.

Ele ainda está vivo e luta, batendo com o rabo nas costas de Fer'ro.

— Oh... uau — Sam respira.

Uau, de fato.

Ele vem direto em nossa direção e tudo que posso fazer é encará-lo.

— Sustento — diz ele antes de seu olhar cair para o fogo.

Suas narinas se contorcem.

O fogo não é grande o suficiente, é o que suponho que ele esteja pensando, mas tudo que posso fazer é olhar para sua captura.

— V... você pegou isso para nós? — Como diabos?

Ele olha para Sam então, como se ela fosse uma reflexão tardia.

— Sim — diz ele. — Comida. Você deve comer.

Seu olhar se move para Mina então, e eu endureço um pouco.

— Ela deve comer também — diz ele, e suas narinas se contorcem novamente, as saliências acima delas se dobrando um pouco. — Vou matá-lo e fazer uma chama maior para você, para que você possa matá-lo novamente.

Fer'ro

A criatura do mar é grande demais para as fêmeas terminarem sozinhas e, depois de se fartarem, Adee'ra mais uma vez sugere que compartilhemos.

— Não é um convite para acasalar — eu rosno para meus irmãos, o aborrecimento percorrendo minhas costas.

Eu não gosto do que ela está oferecendo.

É inocente, mas me irrita do mesmo jeito.

— A humana não deseja procriar. — Eu encontro seus olhares e alguns deles abaixam suas orelhas, sinalizando vergonha... sinalizando que eles estavam considerando isso.

Eu rosno com o pensamento.

Mesmo enquanto eu falo, Ga'Var está encostado em uma árvore, seu ba'clan eriçado quase imperceptivelmente quando eles também percebem sua irritação.

Irritado comigo, talvez.

Muito ruim.

Mesmo que Adee'ra queira convidar um macho para sua cama de penas, o pensamento me irrita.

Eu não sei porque.

Eu não me importo em saber por quê.

Não estamos aqui para acasalar.

No entanto, não tenho certeza se essa é a verdadeira fonte da minha raiva.

Isso é algo que terei que contemplar mais tarde.

Em particular.

Enquanto as fêmeas descansam a maioria dos meus irmãos retornam a nave.

Quase terminamos de desmontar o Scrit.

Não vamos ficar aqui muito mais tempo depois disso.

Um dos meus irmãos, Fi'rox avança em direção à refeição da criatura do mar.

Os outros se irritam quando ele para e olha para as fêmeas.

Adee'ra olha dele para mim e depois de volta. — Vá em frente — diz ela. — Ainda está quente.

Fi'rox é o mais corajoso de todos nós.

Uma vez que ingerimos o sustento, não precisamos fazê-lo novamente por vários dias.

Então eu sei que ele não está com fome.

Observo enquanto os outros olham de um para o outro.

A criatura do mar não parece nada deliciosa.

Sua carne é branca. Sem sangue.

Imagino que tenha gosto de água.

Fi'rox cutuca a carne com uma de suas garras e seu ba'clan estremece um pouco.

Eu posso sentir que ele quer se retirar e não comer a coisa, mas ele foi longe demais. Voltar agora seria covardia.

Então ele pega uma parte da carne e a leva aos lábios.

Todos nós o observamos com a respiração suspensa.

Por um momento, ele não faz nada, ele simplesmente congela, seu olhar nas fêmeas.

E então, seu ba'clan se eriçou novamente.

Eu posso dizer que o movimento deles alarma as fêmeas, Adee'ra, quando ela enrijece um pouco, seus olhos se arregalando.

Então Fi'rox engasga. De alguma forma, ele consegue engolir a coisa.

Ele bate a mão contra o peito enquanto se levanta, seu olhar se voltando para mim por um segundo.

— Então? — Ga'Var clica. Ele se inclinou para fora da árvore agora, seu foco em Fi'rox.

Os lábios de Fi'rox recuam um pouco antes de responder.

— É... nojento. Como eles podem comer uma coisa dessas? Mesmo agora, minhas entranhas estão tentando expulsá-lo.

Suas costas arqueiam um pouco quando ele diz isso.

Eu acredito nele.

Mas...

— Não devemos irritar as fêmeas. — Meu olhar se move sobre meus irmãos. — Elas estão sendo generosas.

Nossos olhares voltam para a refeição — e um gemido audível deixa um de nós.

— Ótimo — Ga'Var clica. — Para as mulheres, então.

Capítulo Quatorze

Adira

Eles se acomodaram ao nosso redor da mesma forma que Sam e eu nos curvamos no chão.

Um a um, eles estendem a mão e pegam um pedaço do peixe e, embora todos o coloquem na boca e mastiguem, tenho a sensação de que acham horrível.

Eu os observo por alguns momentos.

Ninguém, exceto Fer'ro, removeu aquele traje estranho de seu rosto. Os outros simplesmente removeram a parte onde estão os orifícios da boca e me surpreende que esse traje deles seja tão reativo.

Fer'ro está à minha direita e eu o observo com olhos cautelosos.

Não quero que ele saiba que estou encarando, mas não consigo evitar.

Agora que está claro que eles não querem nos prejudicar, tenho ainda mais perguntas.

— Aquela coisa... — Fer'ro enrijece ao som da minha voz como se seu foco estivesse em mim o tempo todo, embora ele estranhamente não estivesse olhando na minha direção. Engulo em seco e continuo.
— Aquela coisa perto da água. O alienígena...

Eu lambo meus lábios quando seu olhar de lava encontra o meu. Eles são alienígenas também. Essa provavelmente não era a palavra certa para usar.

— Aquela coisa que estava controlando a máquina...

Todos eles endurecem agora e eu percebo que cada um deles está me ouvindo.

Reunindo minha coragem, eu empurro para frente. — O que é? O que ele quer de nós?

A boca de Fer'ro se move enquanto ele força o peixe para baixo e as saliências ao longo de sua bochecha se contraem e se expandem com o movimento.

Seu traje se eriça enquanto ele engole como se um monte de facas afiadas tivesse acabado de descer por sua garganta.

— Eles são chamados de Gryken — ele finalmente diz e eu fico quieta. Eu espero que ele continue e depois de alguns momentos ele finalmente o faz.

— Eles são de um mundo distante. Um que foi destruído eras atrás.

Eu pisco para ele. — O mundo deles foi destruído? É por isso que eles estão aqui. Eles querem capturar o nosso para torná-lo seu?

Fer'ro me encara. Ele não pisca.

— Não — diz ele.

— O que? — Sam fala. — O que você quer dizer?

— Eles estão aqui para colher e seguir em frente.

Eu olho para Sam então, o medo dos últimos meses ainda muito vívido em minha mente.

— Então há esperança, certo? — Sam pergunta. — Quando eles pegam o que querem, eles vão embora. Então podemos recomeçar. Reconstruir.

O alienígena de olhos cor de vinho dá um passo à frente e noto que as lâminas em seus braços subiram um pouco. — Não há reconstrução uma vez que os Scrits pousam.

Sua voz é tão áspera que Sam recua. Mas o alienígena continua.
— Eles destroem tudo. Seu mundo ficará estéril antes que Gryken saia.
Eles destruirão seu planeta como fizeram com Edooria.

Há assobios dos outros e meu olhar se move ao redor do grupo.

Todos eles parecem maiores de alguma forma. Agitado. E percebo que é porque as lâminas de todos eles estão ligeiramente levantadas.

— Edooria? — Eu sussurro.

Fer'ro finalmente desvia o olhar do meu.

— Nosso Lar.

Olho para Sam.

Esses... Gryken destruíram a casa deles? Mesmo que eles pareçam muito mais capazes de lutar do que a humanidade?

— É por isso que viemos — continua Fer'ro. — Para avisar sua espécie. Mas... chegamos tarde demais.

Meus olhos se arregalam com isso e eu me sento um pouco mais reta.

— Você veio nos avisar? Então você está aqui para ajudar.

Fer'ro clica e presumo que isso signifique

— Sim

— Mas por que? Não me interpretem mal. A humanidade precisa de ajuda. Mas mesmo que eles tenham sido gentis conosco, seu motivo ainda não está claro.

— Por que veio nos avisar?

Fer'ro não responde. Aquele com os olhos cor de vinho sim.

— Porque se Edooria tivesse sido avisada, talvez pudéssemos salvar nossa espécie.

Ficamos em silêncio depois disso.

Mesmo que eles não digam isso, é como se eu pudesse sentir sua raiva se contorcendo sob sua pele, então não faço mais perguntas.

Um a um, os alienígenas se afastam, de volta à água para terminar de desmontar a máquina.

Fer'ro também vai e de vez em quando eu olho para cima e os vejo trazendo peças da máquina do lago.

Minhas perguntas parecem ter criado uma nuvem negra sobre todos nós, pois não os ouço falando nem entre si em sua língua.

Pensar no que eles divulgaram também me deixa deprimido, então tento me manter ocupada.

Pegando o que sobrou do peixe, amassei o máximo que pude.

Enquanto trabalho, Sam vai até o lago com uma folha larga e traz um pouco de água. Ela o usa para lavar o rosto de Mina enquanto transformo o peixe em uma pasta da melhor maneira possível com as ferramentas que tenho - minha mão boa, um pedaço de pau e outra folha.

Mais do Scrit é lentamente removido do lago enquanto trabalhamos. Reconheço pedaços das enormes pernas que andam e estremeço e me viro, optando por me concentrar em alimentar Mina com a polpa que fiz.

Ela está tão exausta, fraca, que é difícil para ela engolir.

Mas ela tenta.

Ela até sorri para mim corajosamente, embora eu saiba que ela está sofrendo.

Ela não reclama.

Há medo em seus olhos também. Eu vejo isso sempre que ela encontra meu olhar... sempre que ela olha para os alienígenas ao nosso redor.

Não consigo imaginar o terror que ela está sentindo por dentro.

— Vai ficar tudo bem, Mina.

Uma mentira descarada.

Ela sabe disso.

Eu também sei. Mas engulo em seco e continuo alimentando-a de qualquer maneira.

Estou alimentando-a quando seus olhos se arregalam e se concentram em algo atrás de mim.

É quando ouço um silvo que me dá um arrepio na espinha.

Quando me viro, o de olhos escuros está lá.

Suas lâminas se ergueram, seus dentes estão arreganhados e seus olhos estão no meio de Mina.

Deixando cair a polpa de peixe que fiz, me apoio no cotovelo e me coloco na frente de Mina, encontrando o olhar do alienígena no processo.

Não sei o que o deixou tão nervosa, mas de todos esses alienígenas, ele é o que mais me deixa desconfortável.

E mesmo que eu tenha me colocado em sua visão, ele ainda está rosnando. Ele sibila novamente e suas lâminas sobem ainda mais alto.

Sinto o sangue escorrendo da minha pele.

Eu disse que Fer'ro era adorável?

Eu estava errada.

Sua espécie é totalmente aterrorizante.

Agora há tantas lâminas em seu corpo que tenho certeza que ele está cortando o próprio ar com cada movimento de seu peito.

Ele parece estar prestes a se lançar sobre nós, mas parecia bem um momento antes.

O que está acontecendo?

E então eu sinto isso.

Nas minhas costas.

A parte que está pressionada contra a barriga de Mina.

Eu sinto isso sob sua pele.

Ele se contorce contra mim e eu congelo, um suspiro se alojando em minha garganta enquanto tento permanecer congelada enquanto encaro o alienígena na minha frente.

Essa coisa dentro dela...

Ele está se movendo.

Capítulo Quinze

Fer'ro

Estou debaixo d'água quando ouço o som estridente.

Abafado pelo líquido ao meu redor, mas ainda assim estridente.

Não sei como faço, mas sei que é ela.

Meu ba'clan é ativado, puxando-me pela água até a superfície, antes mesmo que eu possa enviar o comando mental.

O cheiro de medo de Adee'ra quase me derruba quando eu saio da superfície e meu olhar a encontra imediatamente.

Ela é tão pequena que o corpo grande de San'ten quase a bloqueia da minha visão.

Ela está de costas para a fêmea infestada, seus braços finos abertos enquanto ela se projeta como um escudo.

E San'ten... mesmo para um Vullan, ele é uma visão aterrorizante.

Ele está em plena forma de batalha.

Seu ba'clan se estendeu de seu corpo, os pelos crescendo em todos os lugares.

Um silvo profundo e um rugido deixam meus lábios enquanto eu mudo para a forma de batalha também, o chão sob meus pés desaparecendo quando eu me lanço da costa em direção a ele.

Ele só tem um segundo para virar antes de colidirmos.

Em uma nuvem de sujeira e poeira, rolamos alguns metros de distância.

O cheiro de medo de Adee'ra se intensifica e tenho apenas uma vaga consciência de que ela está se afastando e tentando levar a outra fêmea com ela.

Todo o meu foco está em San'ten.

Ele rugue, lutando para se afastar de mim e eu percebo com horror que enquanto meu foco está nele, seu foco ainda está nas fêmeas que fogem.

— Solte-me! — O rugido de San'ten ecoa pelas árvores da Terra.
— Devemos matá-lo!

Ele fala na língua humana e tenho certeza que as mulheres ouvem.

— Não até que você recupere o controle! — Eu torço meu corpo no dele, prendendo-o e San'ten sibila. Mas, em vez de ceder, ele me agarra.

Ele só erra porque eu o libero.

Mas agora estamos agachados, um de frente para o outro.

Seus olhos sangraram até ficarem pretos e eu sei que ele está louco.

— Controle-se! — Repito e ele sibila em resposta.

Sinto meus irmãos se aproximando, mas eles mantêm distância suficiente para não entrar na luta.

Por trás, sinto meu companheiro de útero, Ga'Var, mas San'ten não percebe que ele está se aproximando. Seu foco total está em mim.

— Devemos matá-lo — ele repete.

— Eu concordo — eu digo. — Mas ainda não.

San'ten mostra suas presas ainda mais. — Você vai deixar crescer?

Estou desapontado.

San'ten sabe que não deve reagir assim.

Sua irritação aumenta ainda mais quando ele se prepara para se lançar sobre mim e sei que, se eu permitir, lutaremos até a morte, ou até que um de nós ceda.

Eu sou maior do que ele. Mais forte.

Mas sei, sem dúvida, que San'ten não está com disposição para ceder.

Ele vai morrer.

— Agora! — Eu grito e há apenas um momento de surpresa no rosto de San'ten antes de Ga'Var colidir com ele.

A força os manda para trás e Fi'rox se junta para conter o homem enlouquecido.

San'ten está lutando e xingando em nossa língua nativa, mas meu foco não está mais nele.

Em vez disso, meu olhar se volta para onde as fêmeas estavam descansando.

Tínhamos caído um pouco longe de onde eles estavam, mas mesmo com a estrela descendo e a visibilidade diminuindo, meu ba'clan eriçou.

As fêmeas não estão lá.

— Contenha-o e volte para a nave. Terminamos aqui — eu digo enquanto me dirijo para onde as fêmeas estiveram.

Tínhamos terminado de vasculhar o Scrit antes. O plano era partir de qualquer maneira.

— Onde você está indo? — Ga'Var clica, e é aí que ele percebe também. — Onde elas estão?

— Se foram — eu digo.

Ninguém as estava guardando.

Há alguns cliques preocupados quando mais de meus irmãos saem da água e vêm em nossa direção.

Mas as fêmeas não podem ter ido longe.

— Eu as encontrarei.

Adira

Eu tenho um dos braços de Mina sobre meus ombros enquanto Sam tem o outro.

Juntas, suportamos o peso dela enquanto nos afastamos mancando.

Eu ainda estou doendo de todos os ferimentos que recebi. Acho que Fer'ro e os outros não percebem o quanto estamos feridas. Escondemos bem. Mas, suportando o peso da Mina, estamos sentindo isso agora.

Sam estremece tanto quanto eu enquanto tentamos nos apressar sob a cobertura das árvores.

— Merda. Eles vão nos encontrar, não vão? Sua voz sai com um silvo de dor.

Eu resmungo antes de responder. — Definitivamente.

Não tenho dúvidas de que o farão. — Mas talvez possamos ganhar algum tempo enquanto elaboramos algum tipo de plano.

Eu olho para trás, mas há apenas a escuridão crescente e, embora devêssemos estar em uma floresta, já nos deparamos com dois pontos de árvores pisoteadas de onde a máquina havia caminhado.

Tenho sorte de estar usando botas.

Eu os encontrei no mesmo porão em que estava escondido quando a máquina me levou. Eles eram melhores do que os tênis de corrida que eu usava no Dia D.

Mina e Sam não tiveram tanta sorte.

Ambos estão usando sapatilhas.

Eu olho para trás de novo enquanto tentamos nos afastar. Aquele de olhos escuros me assustou pra caralho e se Fer'ro não tivesse aparecido quando apareceu, estremeço só de pensar no que teria acontecido.

— Ele disse que queria matá-la — disse Sam, olhando para trás também. — Temos que encontrar um lugar para escondê-la, pelo menos.

— Não — Mina resmunga. — Você não... — Ela respira fundo. Se não fosse por mim e Sam, ela já teria desmaiado. — Você não tem que fazer isso. Aceitei meu destino. Eu fiz isso há muito tempo.

Há aquele tom em sua voz, que eu já tive muitas vezes.

Aquele tom que você consegue quando nada mais importa.

Mas eu me recuso a deixá-la desistir.

Não sei se isso me torna egoísta. Se eu estivesse no lugar dela, teria desejado que ela e Sam permitissem que o alienígena de olhos escuros me matasse.

Engulo em seco enquanto forço meu olhar para frente e examino o que resta da floresta ao nosso redor.

Eu senti a coisa contra minhas costas.

Cresceu tanto em pouco mais de um dia. De jeito nenhum isso é normal.

Antes, na máquina, os outros não cresciam tão rápido.

Ou eles?

Eu nunca toquei seus estômagos para descobrir.

Mina estremece contra nós e nós tropeçamos.

Ela puxa os braços de nossos ombros e se apoia no chão enquanto seu corpo arfa.

Ela vai vomitar, pelo menos tentando, mas nada sai de seu estômago.

— Deixe-o — diz ela entre respirações — deixe-o me matar. — Não.

Eu encaro seu estômago antes de meus olhos arregalados encontrarem os de Sam.

Algo não dito passa entre nós.

Entendimento. Realização.

— Podemos tentar tirá-lo — eu deixo escapar. Meu próprio peito está arfando com as respirações ásperas que estou tomando, mas agora com as palavras saindo da minha boca, meu coração está martelando por um motivo totalmente diferente.

Nós poderíamos.

Nós poderíamos tirá-lo.

— Temos que pelo menos tentar. — Eu encaro Sam.

Seu cabelo escuro é encaracolado e uma bagunça quente no topo de sua cabeça. Ela acena com a cabeça, seu cabelo balançando e seus olhos arregalados enquanto ela olha para mim.

É uma ideia ridícula. Um perigoso. Mas acho que consigo.

Meu olhar cai para Mina e ela levanta a cabeça para encontrar meu olhar.

Há esperança lá. Esperança que não tivesse morrido.

— Tem certeza de que consegue? — É Sam que está perguntando isso em vez de Mina.

Pois enquanto sustento o olhar de Mina, sei que ela conhece o risco.

Ela está desesperada.

E... ela acredita em mim.

— Sou veterinária. Era veterinária — digo, mas é mais para meu próprio benefício do que para o deles. Como se eu estivesse me convencendo de que posso fazer isso. Que esta não é uma ideia maluca. — Nunca operei um humano antes, mas já fiz cirurgias. — Minha voz treme um pouco enquanto eu respiro. — Eu posso fazer isso.

O corpo de Mina se agita mais uma vez enquanto seu estômago tenta expelir nada.

— Eu posso fazer isso. — Minha voz está mais segura desta vez e eu olho para Sam, incapaz de encontrar o olhar de Mina pelo que estou prestes a dizer a seguir. — Mas não haverá anestesia... ela sentirá tudo.

Espero Mina protestar. Para me dizer que isso é uma má ideia e que ela prefere não.

Mas ela não.

— Faça isso — ela resmunga enquanto lentamente levanta a cabeça para olhar para nós. — Faça isso.

Capítulo Dezesseis

Adira

A escuridão vem muito rapidamente.

Em um momento, estamos tentando levar Mina para um local seguro na floresta e, no seguinte, mal consigo ver minha mão se movendo na frente do meu rosto.

Eu luto pela floresta, um braço segurando meu estômago enquanto ando sozinho.

Deixei Sam guardando Mina enquanto voltava para o acampamento. Com sorte, posso pegar uma faca ou algo assim e falar com Fer'ro.

Felizmente, eles não se voltaram contra nós.

Meu corpo dói enquanto caminho e, embora o peixe que comi tenha me dado um pouco de energia, essa energia está diminuindo rapidamente.

Eu me preocupo em desmaiar antes de chegar ao meu destino.

Quando paro para me apoiar em uma árvore, lembro a mim mesma que não estou fazendo isso por mim mesma.

Isso é para Minas.

Ela está contando comigo.

Estou prestes a me inclinar para fora da árvore novamente quando a escuridão se move ao meu lado.

O terror rasga através de mim como uma ponta de gelo na minha espinha e eu congelo antes que os olhos de lava apareçam em minha visão.

Fer'ro.

Meus ombros relaxam um pouco, mas minha respiração ainda está difícil.

Ele não diz uma palavra, ele simplesmente se aproxima de mim e eu congelo novamente por um motivo totalmente diferente.

Esta não é a primeira vez que ele veio atrás de mim na floresta.

Ele não está mais mantendo distância, observando minha reação.

Ele vem até mim até que não haja espaço entre nós e de repente eu esqueço de respirar.

Eu o ouço fungar, seu olhar descendo pelo meu rosto, e embora eu quase não consiga ver nada, sou mais uma vez lembrada de que ele é diferente .

Parece que ele pode ver cada linha do meu rosto. Cada detalhe, mesmo com a escuridão ao nosso redor.

Eu não ousa piscar.

— Você é... — Sua voz vibra no ar ao meu redor, e no fundo da minha mente, um pequeno pensamento diz que eu deveria ter medo. Mas eu não estou. — ... não tenho mais medo.

Engulo em seco com isso, mas não respondo.

— Onde estão as outras? — ele murmura.

Ele se eleva sobre mim.

Minha cabeça está bem abaixo de seu queixo, mas ele se inclina e posso sentir sua respiração roçar minha testa.

— Se eu te contar... o que você vai fazer com Mina?

Ele está tão perto que posso sentir o calor irradiando de sua pele... de seu traje.

— Mee'na?

— Ah... você não sabe o nome delas.

Eu olho para a frente enquanto me forço a respirar normalmente, e estou olhando diretamente para o peito dele.

— Você fala da infestada.

Eu engulo em seco com isso.

Ele está muito perto.

É difícil me concentrar no que ele está dizendo, no que estamos discutindo quando estou me tornando cada vez mais consciente dele.

— Ela não está infestada — consigo dizer. — Aquela coisa, o Gryken, se forçou...

Ao som do nome da criatura, Fer'ro rosna, mas ele está tão perto de mim que sinto a vibração descer pela minha pele.

Eu nunca considerei isso até agora, mas ele é homem . Não apenas um alienígena, mas um homem grande e forte.

Um que poderia nos forçar como o Gryken fez.

— O Gryken a criou. — Sua voz é tão áspera que me tira dos meus pensamentos. — Ela está infestada com sua prole.

Engulo em seco novamente com suas palavras. — Ainda há uma chance de salvá-la. Ela só foi criada há um dia.

— Mesmo enquanto falamos, o Gryken está crescendo. Seu antigo está morto. Não há mais um link neural. O ciclo de vida foi perturbado. — Seu rosnado envia outro arrepio através de mim. — Ele crescerá rapidamente para ocupar o lugar de seu antigo e continuar seu papel em sua espécie.

Não entendo uma palavra do que ele está dizendo. Eu quero perguntar mais.

Ele obviamente sabe muito sobre eles.

— Diga-me onde ela está.

Eu inclino minha cabeça para trás finalmente e seus olhos de lava encontram os meus.

Por que ele está me perguntando isso quando algo me diz que ele poderia encontrar Sam e Mina sozinho se quisesse?

— Ela está com medo. Aterrorizada. Mas acho que posso ajudar. Posso tirar a coisa dela.

Ele congela com isso, seu olhar perfurando o meu.

— Você não tem ideia do que são os Gryken.

Não aguento mais muito tempo e meus joelhos se dobram quando ele diz essas palavras. Sem pensar, eu estendo a mão e agarro seu braço e a dor dispara em minha mão.

Eu o agarrei com o pulso quebrado.

A dor faz meus olhos se encherem de lágrimas, mas eu não poderia mover minha mão agora, mesmo que quisesse.

Posso sentir seus músculos se flexionando sob meu toque, mas Fer'ro não se mexe.

Então eu me seguro nele por um tempo enquanto reúno força suficiente para endireitar minhas costas.

— O que você quer dizer? — Eu respiro através da dor na minha mão.

É quando eu sinto.

É como uma cócega, quase um sussurro, subindo pelo meu braço. Como água - e por um momento, estou lutando contra a dor e a tontura repentina para me concentrar na sensação subindo pela minha pele.

Está no meu pulso agora, movendo-se mais alto e eu lanço um olhar confuso na direção de Fer'ro.

— O que... o que está acontecendo?

Soltando-o, eu deslizo para o chão enquanto levanto meu braço para olhar para ele.

Quase não consigo ver nada, mas o que mais me preocupa é que também não consigo ver meu braço.

É como se... fundisse na escuridão.

— O que está acontecendo com meu braço? — Há urgência em minha voz, medo, e percebo vagamente que Fer'ro está agora agachado ao meu lado.

Ele faz um som que eu nunca o ouvi fazer antes.

É um tipo de ronronar diferente dos outros.

— Eles gostam de você — é tudo o que ele diz.

Eles? — Quem são eles?

Eu balanço meu braço na minha frente.

Eu posso sentir, mas não posso ver, e percebo lentamente, meus olhos se arregalando a cada segundo, o motivo.

Meu braço se funde com a noite como Fer'ro faz, como se ele fosse parte da própria escuridão.

O traje dele está em mim.

Fer'ro

Adee'ra grita e o som machuca meus ouvidos quando ela mostra o braço na frente do rosto.

— O que está acontecendo?

Meu ba'clan se contorce contra mim e sinto sua angústia com a reação dela.

— Não tenha medo. Eles não vão te machucar.

Espero que a última frase seja verdadeira.

Nunca os vi fazer o que estão fazendo agora.

Eles nunca deixaram meu ser desde que nasci.

Eles são tão parte de mim quanto meus olhos, meus ouvidos, meus membros.

Mas Adee'ra está ficando cada vez mais em pânico.

Eu posso ouvir seu órgão de sangue batendo em seu peito.

— Diga-me que não estou imaginando isso — suas palavras são instáveis. Perturbado. — Parte do seu traje está em mim. — Ela olha para mim e eu cheiro seu medo crescendo. — Como?

Ela está se afastando de mim agora e posso sentir a mortalha de seu medo me envolvendo.

— O que você está fazendo comigo?

A acusação em seu tom arde.

Quero dizer a ela que não estou fazendo nada. Que nós, os vullanos, nunca machucariamos uma fêmea, independentemente de sua espécie. Mas com a recente falta de controle de San'ten, duvido que ela veja minhas palavras como verdade.

E... não sei o que os ba'clan estão fazendo.

Eu nem sequer considerei que eles poderiam se conectar com sua espécie.

Humanos.

Talvez eles sejam mais parecidos conosco, Vullan, do que eu percebi.

— Não se mova — eu digo enquanto diminuo a distância que ela colocou entre nós.

Seus olhos estão arregalados, mas ao som da minha voz ela para de jogar o braço. Em vez disso, agora ela está olhando para ele como se não pudesse vê-lo e seu cheiro de medo se intensifica.

Eu cerro os dentes e sufoco um rosnado, fechando minhas narinas para o cheiro dela.

Depois de me envolver com San'ten, meus instintos ainda estão no modo de luta.

Eu disse a Ga'Var que esses seres não são nossas presas, mas meu corpo não está ouvindo.

Adee'ra ainda está olhando para seu braço e seu órgão sanguíneo continua a martelar com força.

Ela é completamente inconsciente do meu estado e eu sou grato pela escuridão.

Ela não tem ideia de que seus instintos de se proteger me fazem querer persegui-la.

Mas não para matar... ou para comer...

Pelo menos... não da maneira que um predador lidaria com sua presa.

Eu nunca vi outro ser como ela antes.

Quero saber mais sobre a espécie dela. Mais sobre ela .

Havia outro cheiro antes. Antes que meu ba'clan decidisse migrar para a pele dela.

O cheiro era fraco, mas ainda assim estava.

Um cheiro que me fez querer... prová-la.

O pensamento registra e minhas células se contraem.

Eu tenho que me impedir de vibrar.

Se ela soubesse o que estava passando pela minha cabeça, ela teria medo de mim de novo?

— Fer'ro... o que é isso? — O pânico está crescendo em sua voz, lembrando-me de por que me aproximei dela. — O que está acontecendo com meu braço?

Aproximando-me, pego seu braço na minha mão, ignorando o jeito que ela se encolhe de mim.

— Você sente dor?

Ela está balançando a cabeça, mas não sei se isso significa a afirmativa.

— Sem dor — diz ela, com a respiração acelerada. — É o braço que está machucado. Meu pulso está quebrado. Eu bati com muita força enquanto tentava me libertar do orbe. Estava doendo muito antes, mas agora é só... formigamento.

Seus olhos piscam para os meus e eu ainda posso ver o pânico lá.

— O que está acontecendo?

Meu olhar cai de volta para o ba'clan que foi transferido para o braço dela.

Eles são um forte contraste com a palidez de sua pele.

— Não sei.

Resposta errada, pois seu órgão sanguíneo acelera.

— Mas você não precisa se preocupar. Acredito que meu ba'clan está... consertando você.

Ela pisca para mim. — Seu o quê? O que?

Eu encontro seu olhar novamente. Eu não sei como explicar isso.

Ela provavelmente não tem ideia do que são ba'clan.

— Seu traje ... — Seu olhar se move sobre mim. — Você colocou parte no meu braço, certo?

Faço uma pausa, contemplando o quanto devo revelar a ela.

— Eu não. — Espero que o pânico dela não aumente mais, mas é estável. — Eles se aventuraram até você por vontade própria.

Ela engole. É audível e observo sua garganta se mexer.

A pele ali é tão fina que dá para ver o esqueleto dela por baixo.

Ela precisa de mais sustento. Vou pegar mais criaturas marinhas antes de partirmos.

— Ele... se aventurou a mim...? — Ela está repetindo minhas palavras como se não tivesse acabado de ouvi-las e eu não sei como responder a isso, então espero que ela continue.

— Seu traje... está vivo ?

— Os ba'clan são... sencientes... sim.

Seu braço estremece na minha mão e seu peito está arfando agora.

— Você quer dizer... não é como uma tecnologia legal que você está usando. Seus trajes são... eles são alienígenas também?

Eu penso por um momento. Ela está certa, eu suponho. Mas nenhum Vullan pensa no ba'clan assim.

Eles somos nós.

Nós somos eles.

— Eles não são parasitas. Nossa simbiose é... mútua. Nós fornecemos um hospedeiro e nutrientes. Eles nos protegem... entre outras coisas. — Eu olho para o braço dela mais uma vez. — Agora, eles estão curando você.

Ela engole em seco e olha para o braço novamente.

— OK. — Ela engole novamente. — Tudo bem, mas... por quê? O que eles querem de mim?

Eu a estudo. Ela ainda está apavorada. Eu mantenho minhas narinas fechadas.

— O que eles querem?

— Sim, tipo... eles não estão tentando entrar em mim nem nada, estão?

As pontas das minhas orelhas se contorcem. O que ela diz é engraçado, mas também me diz que, embora a espécie dela não seja tão evoluída quanto a nossa, eles são inteligentes.

Ela ainda está pensando neles como parasitas.

Os ba'clan não são nada parecidos com os Gryken.

— Não. Eles não entrarão em seu ser.

Meu ba'clan está fundido com o meu ser, mas não digo isso a ela. É um processo mais complicado do que algo invadindo o corpo.

Embora... este seja um novo território. Os Ba'clan nunca foram transferidos de um Vullan para outro.

Ao nascer, um esporo é escolhido para os jovens. Um único simbiote que se multiplicará à medida que o feto cresce. Eles vão compartilhar experiências, memórias, vida, todos juntos. Assim como meu ba'clan fez comigo.

Para eles se transferirem por vontade própria para Adee'ra... uma fêmea adulta de uma espécie alienígena... é algo que terei que discutir com Ga'Var e nosso médico a bordo da nave.

Eu sei que eles não farão mal a Adee'ra, porque eu me conheço, e eles são eu. Mas eu não sei o que eles estão fazendo.

Estou focado em seu braço quando o ba'clan em sua pele começa a se contorcer.

A respiração de Adee'ra aumenta imediatamente. — O que... o que está acontecendo agora?

Seu braço está tremendo. — O que eles estão fazendo?!

Ela está tremendo tanto que sei que é um esforço consciente dela evitar balançar o braço no ar novamente.

Mas nada que ela faça fará com que eles se afastem dela.

Como uma onda, eles se contorcem no braço de Adee'ra.

— Eles estão tentando se comunicar com você.

— O... o quê? Eles falam?!

— Não com palavras.

Coloco a palma da mão onde os simbioses estão se contorcendo e eles se acalmam um pouco.

Eu sei o que eles querem fazer, mas tenho certeza que Adee'ra não vai ceder.

— Eles querem curar todo o seu ser — eu digo.

Ela está balançando a cabeça novamente quase imediatamente.

Não.

— Eu não estou confortável com isso — ela ofega. — Você pode tirá-los?

O ba'clan em meu corpo se arrepiou a seu pedido.

Eles não gostam da sugestão de Adee'ra.

Eles não gostam de rejeição.

Eu decido tentar de qualquer maneira.

Capítulo Dezesete

Adira

Ele não consegue tirar o traje do meu braço.

Eu sei antes mesmo que ele levante o olhar para o meu, me estudando.

Faz pelo menos uma hora que ele tenta, sem sucesso, chamar o ba'clan de volta.

Eles se recusam a voltar para ele.

Cliques agudos saem de seus lábios de vez em quando.

Nada.

— Você não pode simplesmente arrancá-los?

— Não — ele responde.

Quero perguntar por que, mas tenho a sensação de que essas coisas estão grudadas em mim e que forçá-las a se mover será uma experiência dolorosa.

O que é pior, e até parcialmente assustador, é o fato de que minha mão já está melhor.

Posso flexionar meus dedos agora sem sentir aquela dor aguda.

Não me interpretem mal, ainda dói como um filho da puta, mas é mais uma dor constante agora.

Eles estão me curando.

O que me preocupa é o que eles podem querer em troca de sua ajuda.

Nada nunca é gratuito.

Deixo escapar um suspiro quando meus ombros caem e minha mente volta para Mina e Sam.

Exceto por um leve formigamento de vez em quando, quase não sinto o... ba'clan na minha pele.

Minha situação não é uma emergência. Pelo menos, ainda não.

Eu preciso me concentrar em Mina.

— Eu preciso ir.

Fer'ro recua um pouco e se levanta como eu.

Deus, ele é tão grande.

Assim que ele está de pé novamente, eu me sinto... vulnerável.

Eu olho para o meu braço mais uma vez.

Ainda mal consigo vê-lo à luz das estrelas, mas se não olhar para baixo, parecerá normal, como se eu não tivesse uma coisa alienígena senciente em minha pele.

— Onde estão as outras mulheres?

Claro, ele não se esqueceu deles.

— Elas estão seguras. — Espero. Seria ruim para o primeiro animal selvagem que encontramos ser um urso faminto ou algo assim. É por isso que preciso me apressar de volta para onde os deixei.

— Não por muito tempo.

Suas palavras me congelam e eu jogo minha cabeça para trás enquanto procuro seu olhar.

É como geralmente é - não revelando pensamentos. Sem emoção.

— O que você quer dizer com isso? — Eu me forço a ficar parada, mas tudo dentro de mim quer dar um passo para trás dele. — Não está a salvo de quem? Você? Aquele de olhos escuros?

Pela primeira vez, vejo um lampejo de emoção passar por seus olhos.

— Eu nunca faria mal a uma mulher — ele quase rosna. —
San'ten nunca faria mal a uma mulher também.

Eu não acredito nele.

Eu vi o que vi.

Eu ouvi o que este, San'ten, disse.

Ele se transformou em algo aterrorizante bem diante de nossos olhos. Seu corpo... não, seu traje, a mesma coisa em meu braço agora, completamente distorcido. Todo o seu corpo tinha espinhos e ele estava pronto para vir até nós se Fer'ro não tivesse intervindo.

— Eu não acredito.

Há um lampejo no olhar flamejante de Fer'ro.

O primeiro que vi.

— Não somos como os Gryken. Ele quase cuspiu a palavra. —
Nós nunca machucamos e nunca machucaremos mulheres.

Eu engulo enquanto olho para ele.

Ele é tudo escuridão diante de mim.

Mais uma vez, tenho que confiar no que está diante de mim ou seguir meus instintos.

É difícil confiar em algo que parece um demônio do inferno.

— Você pode... posso ver você? — Por alguma razão, meu coração dispara no peito e sinto um arrepio de antecipação. — Você pode retirar o processo? É mesmo possível?

Fer'ro pisca para mim da maneira mais estranha. Seus olhos estão abertos, mas aquela pálpebra interna desliza sobre seus olhos. Acontece em uma fração de segundo. Eu teria perdido se não estivesse olhando em seus olhos.

Pálpebras nictitantes.

Estou maravilhada como da primeira vez que ele fez isso.

Estou quase prendendo a respiração enquanto a escuridão se move dele em uma onda suave.

Descendo sua cabeça, seus ombros, e meus olhos se arregalam quando percebo que está escorregando para baixo.

Eu não esperava que ele tirasse tudo, mas a curiosidade me manteve em silêncio. Eu não o paro.

Não quando o traje derrete para revelar um peito e braços esculpidos ou quando desce, passando pela cintura.

Há cumes em todos os lugares.

Eles correm por toda a sua pele escura, dando a ele uma estranha aparência texturizada.

Sinto minha garganta seca quando o traje desliza sobre seu torso, sua pélvis, seu...

Há uma protuberância. Uma grande abaixo do que presumo ser sua aba genital.

Minhas bochechas ficam quentes quando não consigo desviar os olhos.

Ainda está escuro. Não consigo ver muito, mas vejo o suficiente e esse — suficiente — está me deixando estranha por dentro.

— Hum — meus lábios estão secos e eu tenho que passar minha língua sobre eles para molhá-los. O olhar de Fer'ro está fixo em tudo o que faço e meu coração dispara novamente. — Hum, eu não sabia que você podia fazer isso.

— Nós raramente fazemos. Assim, somos vulneráveis.

Minhas sobrancelhas disparam enquanto meu olhar se move sobre ele, tentando o meu melhor para não olhar para sua virilha. Nada nele parece vulnerável para mim.

Ele ainda parece que pode matar um tigre sem suar.

Meus lábios estão tão secos que tenho que lambê-los novamente, e o jeito que ele está olhando para mim faz minhas bochechas queimarem.

— Você está nu agora, não está?

— Nu?

— Sim, você não usa roupas. — Eu agarro o que resta da minha. O vestido está rasgado em vários lugares, os fios mal pendurados.

Não é um grande exemplo de roupas.

— Não há necessidade de usar roupas. Debaixo do ba'clan, todos os vullanos estão nus.

— Vullan — eu sussurro, meu olhar descendo por ele novamente. Seu povo é chamado de Vullan.

Eles são magníficos.

Ele é magnífico.

Eu tenho que piscar para sair do transe em que caí.

Eu disse a ele para remover o traje para que eu pudesse me relacionar melhor com ele.

Mas ver sua verdadeira forma não está ajudando nisso.

Ele é algo esculpido pelos próprios deuses.

Algo proibido.

Eu limpo minha garganta em um esforço para limpar meus pensamentos.

Não sei para onde minha cabeça está indo, mas os pensamentos são claramente inapropriados.

— Ok, fale comigo agora. Se você não vai machucar Mina, o que vai fazer com ela se eu te levar até ela?

Suas orelhas se contorcem. — Vamos extrair o Gryken.

Eu pisco para ele. — Você pode fazer aquilo? Sem prejudicar Mina, você pode fazer isso?

— Nossa ala médica terá que aprender sobre sua espécie antes da operação, mas isso não deve demorar muito. Você parece bastante semelhante ao vullano.

— Área Médica?

Ele olha para o céu escuro.

— Nossa nave espera. Enquanto falamos, meus irmãos estão voltando para ela.

Voltando?

Também olho para o céu, mas não consigo ver nada.

Eu pensei que a nave deles tivesse afundado ou algo assim, mas agora que penso nisso, é um pensamento estúpido.

Eu não os tinha visto trazendo nada, exceto a máquina da água. Certamente, eles também teriam tentado recuperar sua nave, se fosse esse o caso.

— Você tem uma enfermaria — eu sussurro, esperando fazer meu coração bater rápido novamente.

Mas Fer'ro não responde.

Ele não tem chance.

Há um som agudo e agudo, que me faz pular e quase imediatamente, o traje de Fer'ro desliza sobre toda a sua forma.

Percebo no próximo segundo que um dos outros está por perto - estive por perto o tempo todo - e eu não tinha percebido, mas antes que eu pudesse perguntar o que diabos estava acontecendo, Fer'ro me agarrou.

Capítulo Dezoito

Adira

Minhas pernas estão em volta de sua cintura, meus braços em volta de seu pescoço enquanto ele corre.

Ele está se movendo tão rápido que a própria escuridão é um borrão.

— O que está acontecendo?! O que está errado?

Ele clica em resposta e eu quero dizer a ele que não entendo, mas é quando a escuridão se move para a minha esquerda e percebo que ele não está clicando em mim.

Eu só tenho um vislumbre de olhos cor de vinho enquanto nos movemos por entre as árvores e quando olho para o outro lado, tenho a sensação de que outra pessoa está correndo conosco também.

Não tenho ideia de para onde estamos indo, mas eles não estão diminuindo a velocidade.

Se alguma coisa, eles estão começando a ir mais rápido.

Não humano.

Definitivamente não é humano.

Nenhum humano pode se mover tão rápido.

Foda-se, acho que nem uma chita consegue.

Atravessamos uma clareira, uma das áreas que a máquina pisou, e o ar frio da noite bate em meu rosto.

É quando eu vejo.

É apenas um vislumbre enquanto atravessamos a clareira, mas nada poderia ter me preparado para a visão.

Uma máquina.

À distância está uma máquina, o orbe refletindo a luz das estrelas.

Meu coração para de bater.

Foi apenas um vislumbre, mas sei que está indo nessa direção.

Eles sempre se dirigem para a água.

Merda!

Aperto Fer'ro com mais força. Agora eu sei porque eles estão fugindo.

Era apenas uma questão de tempo até enfrentarmos outra máquina, mas eu esperava que tivéssemos mais tempo.

Mais do que alguns dias, pelo menos.

E então eu ouço.

Aquele som enjoativo que faz o ar vibrar. Aquele que aprendi que a máquina faz antes de atacar.

Não percebo o quanto estou segurando Fer'ro com força até sentir seu traje se mover contra meus dedos.

Meu rosto está enterrado contra ele e posso senti-lo contra a minha pele.

E embora agora eu saiba que é senciente, não me assusta tanto quanto aquele orbe.

A noite está tão silenciosa que ouço o baque distante quando uma de suas pernas de metal bate no chão e as árvores se partem e caem sob seu peso.

Ele vai nos pegar. Estou com medo de que isso aconteça.

Não importa onde você se esconda, é como se ele pudesse sentir você.

Achei que tivéssemos mais tempo!

Fer'ro está diminuindo a velocidade de repente e eu o agarro com mais força.

— Mina — eu digo. — Temos que ir buscar Mina e Sam.

— Feito — ele responde e suas palavras não se conectam até que ouço a voz de Sam.

— Adira? É você? — Sam parece hesitante, assustada, e quando Fer'ro me coloca no chão, percebo que ele e os outros correram diretamente para onde Sam estava escondida com Mina.

Então eu estava certa.

Ele sabia como encontrá-las mesmo sem eu dizer a ele.

Por que ele me perguntou de qualquer maneira?

Eu me afasto dele e através do pequeno grupo de arbustos que deixei Sam e Mina para trás.

— Sou eu — eu sussurro. — E nós temos companhia.

— Eu ouvi isso — a voz de Sam estremece e quando eu abro os arbustos, vejo o terror absoluto em seus olhos. Ele brilha até mesmo na escuridão ao nosso redor.

Ela está se referindo à máquina e mesmo quando a compreensão passa entre nós naquele segundo, ouvimos outro baque distante.

Árvores se dividem e caem.

Está longe. Podemos ter uma chance.

Espero que sim.

Não me sinto forte ou capaz.

Na verdade, minhas entranhas são gelatinosas e minhas pernas são de borracha.

Ainda assim, tento manter o nível da minha voz enquanto meu olhar desliza para Mina.

— Eles estão aqui também — eu sussurro. — Fer'ro e dois outros.

Porra. Mina parece ainda pior do que quando eu a deixei não muito tempo antes.

— Ela está inconsciente — Sam sussurra e eu aceno.

Podemos sobreviver a isso.

Nós ficaremos bem.

Tento acreditar nessas palavras, pois de alguma forma sinto Fer'ro atrás de mim.

Não sei como, mas quando me viro e olho para cima, lá está ele e atrás dele está o de olhos cor de vinho e San'ten.

San'ten .

— O que ele está fazendo aqui? — Minha voz treme um pouco quando olho de San'ten para Fer'ro.

Fer'ro clica em algo para ele e San'ten dá um passo à frente. Seu olhar não está em mim... está em Mina.

— Eu não vou machucar a fêmea — ele diz, mas mesmo enquanto fala, a escuridão aumenta um pouco ao seu redor enquanto seu traje reage. Ele rosna em sua garganta e seu traje achata novamente. — Eu te dou meu juramento.

Engulo em seco quando olho para Fer'ro. Ele é o único em quem confio, mas não há tempo para deliberações sobre isso.

Há outro baque distante e sei que o orbe está um passo mais perto de nossa localização.

Se nos encontrar... sei que estamos mortos.

Fer'ro está clicando novamente... mas soa diferente.

Mais baixo.

Mais fundo.

Ele também não está olhando para nós. Seu olhar está focado em algum lugar na escuridão à frente.

Olhos cor de vinho responde e San'ten também.

O que se segue é uma série de cliques agudos e os lábios de Fer'ro recuam quando seu olhar de repente dispara para mim.

Sua raiva não é dirigida a mim, porém, de alguma forma eu posso sentir isso, mas o que quer que eles estejam falando obviamente fez com que todas as suas emoções aumentassem.

Fer'ro termina a conversa com um clique agudo e fico olhando de um para o outro.

Não tenho ideia do que está prestes a acontecer agora.

— Ga'Var vai levar o menor — ele finalmente diz.

— Quem?

— Eles são todos minúsculos — diz Olhos cor de vinho, mas ele se move em direção a Sam.

— Oh, você está falando sobre m...mim? — Há um tremor na voz de Sam e ouvimos outro baque distante que a faz estremecer ao meu lado. — O meu nome é Sam.

Ga'Var não responde. Ele simplesmente se abaixa e a agarra. Sam abafa um grito quando ela é levantada como se não pesasse nada.

Fer'ro estende a mão para mim ao mesmo tempo.

— Levá-la para onde? Onde estamos indo? — Enquanto pergunto isso, meus olhos estão em Mina.

San'ten estende a mão para ela e o alarme passa por mim. Mas ele simplesmente levanta o corpo flácido dela em direção ao peito.

Ele é todo escuridão, mas há um rosnado em seu rosto. Posso ver seus dentes brancos no escuro.

Hesito quando Fer'ro me levanta.

— Ele não vai machucá-la — Fer'ro fala baixo perto do meu ouvido antes de levantar a cabeça mais uma vez.

— Vamos embora daqui — diz Fer'ro antes de clicar em um comando para seus amigos. — Nós saímos. Nós nos escondemos.

Fer'ro

Adee'ra está contra meu peito e posso sentir cada batida de seu órgão sanguíneo.

Seu cheiro de medo é quase avassalador, mas quase não o percebo agora.

Cada instinto dentro de mim está focado no grande perigo em nosso meio.

O Scrit está se aproximando constantemente... e nós estamos correndo em direção a ele.

Acho que Ade'e'ra ainda não percebeu isso, mas é o caminho que temos que seguir.

O Gryken provavelmente não retornará de onde veio. A segurança está atrás, não na frente.

Mantendo-nos entre as árvores, nos movemos rapidamente sobre a superfície e sinto a grande máquina ao meu redor antes mesmo de avistá-la mais uma vez.

Cada simbiote em meu ser se arrepia.

Ga'Var rosna sua frustração, mas não podemos atacar.

Ainda não.

Nossa nave não está pronta para isso.

E assim, teremos que deixar o Scrit ir. Teremos que vê-lo ir embora enquanto se esconde como covardes.

Pequenas mãos me agarram e eu olho para a humana em meus braços enquanto nos movemos.

Seus olhos arregalados estão focados bem à frente. Seu olhar subindo para o Scrit.

Seu peito arfa em aflição.

— Você está indo na direção errada! — Ela me agarra com mais força. — Está na nossa frente!

Não há tempo para explicar enquanto diminuo a velocidade, meu olhar correndo ao redor para encontrar um bom lugar.

Há uma pequena área sem muita flora.

— Fer'ro — ela está olhando para mim agora — diga-me que você sabe o que está fazendo.

Seu olhar é frenético quando eu a coloco no chão, deitada no chão, de costas contra as folhas mortas.

O Scrit soa novamente; seu chamado de alerta.

Ele sente os humanos.

Mas não nos sente.

— Adee'ra — o nome dela sai da minha língua facilmente, como se eu estivesse dizendo isso por eras. Sua respiração cambaleia enquanto ela olha para mim. — Você confia em mim?

Ao lado, Ga'Var e San'ten também estão colocando suas humanas no chão.

— Você está nos deixando? — ela pergunta e eu não consigo ler o olhar em seus olhos. — Você está nos deixando aqui?

O Scrit soa novamente e as árvores se dividem e quebram quando o chão treme muito perto de nossa localização.

Em breve estará logo acima de nós.

— Estou prestes a fazer algo que pode... te aterrorizar. — Eu sinto seu medo aumentando, mas eu continuo. — Não dê alarme. Ele já sabe que você está aqui.

Na minha última linha, seu órgão sanguíneo palpita.

Não há mais tempo.

Eu só vejo seus olhos se arregalarem enquanto eu pouso sobre ela e a mortalha nos cobre.

De repente, o mundo ao nosso redor não existe mais.

O céu escuro, as árvores, meus irmãos por perto... tudo desaparece.

Nós somos... casulos.

Adee'ra olha ao redor, mas ela não se move. — O que é isso? O que está acontecendo?

— Escondido — eu digo. — Não vai nos sentir assim.

O ba'clan afina um pouco para que eu possa ver e no momento em que o Scrit aparece acima de nós, uma respiração falha na garganta de Ade'e'ra.

Meu ba'clan se irrita, mas mantém sua forma ao nosso redor.

Já faz um tempo que não tenho esse tipo de visão. Pequeno e olhando para o terror que se eleva acima de nós.

Lembro-me de quão poderosos os Gryken se fazem parecer.

A esfera brilhante paira acima enquanto levanta uma de suas pernas e, por um momento, a luz das estrelas é bloqueada enquanto a perna desce.

Está vindo direto para nós.

— Fer'ro!

A terra treme, ondas de choque passando por ela enquanto a perna bate ao nosso redor e Adee'ra me agarra, suas pequenas mãos cavando em minha pele.

Seus olhos estão os mais arregalados que eu já vi enquanto ela olha para a perna que agora está ao nosso lado.

Estamos entre suas garras. Tão perto.

Se eu me esticar, posso tocá-lo.

Mas não estou focado nisso.

Silêncio repentino.

O Scrit não está se movendo.

Os cumes em todo o meu corpo estão subindo lentamente conforme os segundos passam.

O Gryken não deve ser capaz de nos sentir. Eles podem sentir as humanas, mas agora todas as três estão protegidas por nosso ba'clan.

Nos últimos dias da guerra, foi por mero acaso que uma criança vullana de alguma forma removeu sua assinatura de energia quando um Scrit se aproximou.

É um efeito útil do ba'clan, que descobrimos tarde demais, que poderia ter nos salvado se o tivéssemos descoberto antes.

Agora, estou rezando para que salve os últimos seres vivos neste planeta.

Mas o Scrit ainda está parado.

Meu ba'clan ondula quando a energia passa por eles.

Digitalizando.

O Gryken está escaneando.

Teria captado assinaturas de energia de três humanos que agora desapareceram repentinamente.

Uma ocorrência impossível até onde ele sabe.

Mas espero, torcendo para que pense que foi um mero erro.

Do outro lado da clareira, posso ver meu companheiro de ventre enrijecendo sob a capa de seu ba'clan.

Eu quase posso sentir sua tensão...

Algo está errado.

Estou a segundos de montar uma ofensiva quando sinto movimento.

Meu ba'clan se arrepia quando outro baque alto sacode a terra novamente.

Uma enorme perna do Scrit sobe e desce.

Está continuando.

Indo para a água.

Ainda bem que o corpo daquele que matamos não está mais lá, transportado para a nave junto com os materiais que recolhemos.

Estaremos bem por enquanto.

Mas eu permaneço encasulado.

Nenhum músculo em mim se move até que o Scrit se afaste de nós, e então, eu respiro.

Meus olhos encontram os de Adee'ra.

Há água no dela, mas ela pisca para afastá-lo.

— Obrigada — ela sussurra.

Quero perguntar a ela pelo que ela está expressando gratidão quando inspira profundamente.

Seu olhar passa por mim e me pega.

Eu não tenho que olhar para mim mesmo. Eu já sei o que ela está vendo.

Para criar o casulo, meu ba'clan não está mais envolvido em meu ser.

Estou nu.

A garganta de Adee'ra se move e seu corpo se aquece. Posso sentir a mudança de temperatura abaixo de mim, contra minha pele.

Há um cheiro curiosamente estranho vindo dela.

Fraco

Muito fraco. Mas ainda assim.

É diferente de seu cheiro de medo. Doce também, mas não tão poderoso.

Em vez disso, há um tempero nisso e eu cheiro, tentando determinar de onde está saindo, pois não parece estar vindo de seus poros.

Ela faz uma espécie de som áspero em sua garganta que faz meus ouvidos se animarem e ela se arrasta contra mim um pouco.

— Já foi? — Ela não está encontrando meu olhar. — Estamos seguras?

Há algo de errado com ela.

Sua pele está esquentando ainda mais e suas bochechas estão coradas.

É uma cor saudável, que faz sua pele brilhar sob a luz das estrelas e me pergunto como ela era antes da invasão de Gryken.

Isso é uma prévia de como ela deveria parecer o tempo todo?

— Você está se aquecendo...

Seu olhar vai para mim e depois para longe, o calor em sua pele aumentando.

— Hum... é só que... você está nu e está em cima de mim.

Não entendo o que ela está tentando dizer.

Se ela estivesse de quatro, seria mais compreensível.

Essa é a posição de montagem.

Ou... pode ser simplesmente porque estou nu.

Eu chamo meu ba'clan de volta para mim e a mortalha ao nosso redor desaparece.

Eu fico olhando para aqueles estranhos olhos castanhos enquanto ela olha para mim.

— Você vai levar algum tempo para se acostumar — ela sussurra, antes de seu olhar se voltar para a área ao nosso redor.

É quando ela se apoia nos cotovelos.

Eu já sei o que ela está vendo antes de dar uma olhada.

É o que sempre fica para trás depois que o Gryken passa.

Pois eles pegam. Eles destroem.

Eles não deixam nada.

Enquanto me concentro em Adee'ra, o terror que acabara de aparecer em seu olhar se repete em minha mente.

Vou lutar por este pequeno ser.

Lutarei pela liberdade dela como gostaria que outros lutassem pela minha.

Capítulo Dezenove

Adira

Fer'ro se levanta e eu o sigo.

Estamos em uma clareira e, apesar da escuridão, percebo o súbito espaço ao nosso redor porque tudo é plano.

Eu não posso acreditar o quão perto o Gryken chegou de nos esmagar.

Não acredito que sobrevivemos.

Eu olho para trás na direção para onde ele foi e ainda está perto o suficiente para eu ver claramente contra a luz das estrelas.

Como uma enorme torre escura de destruição.

Ver uma máquina parada ali tão perto me faz tremer por dentro.

Mas não consigo ficar olhando por muito tempo porque Fer'ro está me segurando pela mão e estamos correndo de novo.

Ele corta para o lado, de volta para a cobertura das árvores e é só porque ele está segurando minha mão que eu não tropeço enquanto nos movemos pelo que resta da floresta.

— Há água à frente, em algum lugar. Uma pequena fonte... e abrigo também. Vamos descansar lá até que o Gryken deixe este lugar.

Abro a boca para perguntar como ele sabe disso, mas não questiono.

Ele é a única razão pela qual ainda estou viva.

A única razão pela qual ainda estamos vivas.

À esquerda, Sam está correndo, mas quando meu olhar se fixa nela e depois em Ga'Var, vejo seu olhar em mim.

Minha coluna endurece um pouco enquanto eu corro. Eu não esperava que ele estivesse olhando na minha direção.

Mas ele não está olhando para mim.

Ele está olhando para onde minha mão encontra a de Fer'ro, e deve ser a escuridão, as sombras, mas algo perturbador se move em seu olhar.

Atrás de nós, San'ten carrega Mina.

Ela ainda está inconsciente, mole. E eu me pergunto quanto tempo ela ainda tem.

O parasita está crescendo a uma taxa que não é — normal — se é que isso pode ser considerado normal .

Estamos indo para o que parece ser uma colina escarpada e olho para trás na direção do lago.

A máquina ainda está lá, erguida na noite.

Eu me pergunto se tem pessoas dentro dele.

Não, eu não me pergunto.

Eu sei que sim.

E não podemos ajudá-los.

Meu coração aperta e eu tenho que desviar meu olhar enquanto me concentro à frente.

Se Fer'ro pudesse ajudá-los, ele o teria feito. Ele não iria?

Ele disse que eles vieram para nos salvar.

E estou começando a acreditar.

Agora diminuimos a velocidade para uma caminhada, talvez porque eles estejam sendo cautelosos ou talvez porque estejam cansados.

Mas duvido que seja o último.

Minhas pernas estão fracas, ainda manco, mas avanço.

— Isso vai servir. — A voz de Fer'ro me tira das minhas ruminções e percebo que paramos de andar.

Diante de nós está um espaço aberto e escuro.

Uma pequena caverna.

San'ten é o primeiro a entrar, desaparecendo na escuridão e Fer'ro se vira para olhar para mim.

— Entre. É seguro.

Não pergunto como ele sabe. Não consigo mais pensar que suas capacidades são parecidas com as minhas.

Sam pega minha mão e fazemos o nosso caminho para o buraco escuro, mas logo antes de entrarmos, eu olho para trás.

Fer'ro está enfrentando Ga'Var.

Não há palavras trocadas entre eles, pelo menos, nenhuma que eu possa ouvir, mas há uma óbvia agressividade no ar. Como duas cargas separadas de eletricidade, uma de frente para a outra.

Nós não vamos muito para dentro e enquanto eu deslizo no chão, meus olhos permanecem em ambos.

Mal posso vê-los lá fora, mas um silvo baixo seguido de outro me diz que eu estava certa.

— Perdemos alguma coisa? — Sam sussurra. — O que está errado?

San'ten fala tão perto de nós que quase pulo. — Ele se mostrou a você. Seu companheiro de útero está preocupado.

Ele colocou Mina no chão e está agachado sobre ela, e mesmo que ele esteja falando conosco, seu foco ainda está nela... em sua barriga.

— O que? — Sam sussurra.

— Ele mostrou a você a si mesmo nu.

Meus olhos se arregalam um pouco quando meu olhar volta para onde Fer'ro e Ga'Var estão parados.

Eles estão tão próximos agora que a luz das estrelas quase funde seus corpos em um enquanto rosnam um para o outro.

Eu não tenho ideia do que está acontecendo.

Era um tabu para ele me mostrar sua forma nua?

Era estranho, mas eu não... me importava.

Com esse pensamento, o ba'clan em meu braço pulsou um pouco e mais uma vez me lembrei de sua presença.

Eu deslizo esse braço para baixo de mim e para longe dos outros.

Não quero Sam preocupado comigo. Temos que nos preocupar com Mina.

Tanta coisa aconteceu que mal posso esperar até de manhã para dar uma boa olhada nisso e avaliar o que diabos isso realmente está fazendo comigo.

Com um grunhido que desvia minha atenção do meu braço, Fer'ro vem em nossa direção.

Sua voz é rouca.

— Descansamos aqui até que o Scrit se mova.

— Então o que? — Sam pergunta.

— Então nossa nave virá e nós iremos.

Fer'ro

Ga'Var é meu companheiro de útero, mas neste momento não gosto dele.

Ficamos de frente um para o outro neste buraco escuro enquanto San'ten se agacha sobre a fêmea infestada.

— Você disse que o convite dela para comer não era sobre acasalamento — Ga'Var clica em um tom baixo demais para os humanos ouvirem.

— Não foi — eu assobio.

— Ainda assim, você se mostra a ela nu. — Ele quase rosna, mas consegue manter sua expressão em branco.

— Não foi uma proposta para ela.

— Bom. Ela não é sua para reclamar.

Eu me irrita com isso.

A implicação é óbvia.

Ga'Var quer Ade'e'ra e... eu desprezo a ideia.

— Nem ela é sua para reclamar.

Agora ele rosna e eu sinto quando as duas humanas olham uma para a outra.

Ga'Var sempre foi o único a ansiar pela atenção feminina, mas neste planeta, esses instintos têm que morrer.

— O acasalamento não é nossa missão — eu o lembro. — E eles são muito pequenas e frágeis. Você pode ver isso. Elas não podem nos levar. Elas iriam quebrar. Faço uma pausa e acrescento: — Elas não nos querem.

Ele clica em desacordo antes de seu olhar cair sobre Ade'e'ra. Seus olhos passam por nós dois e ela estremece um pouco.

Eu ronco em aborrecimento comigo mesmo. Alto o suficiente para ela ouvir.

Pele fina.

Ela é fria. Mas não podemos fazer uma fogueira para que o Gryken não a veja.

Então eu faço a única coisa que posso pensar em fazer.

Movendo-me para o chão ao lado dela, sento e estendo meu braço.

Ela olha para ele.

— Eu não sei o que você quer que eu faça...

— Você está frio. Toque me. Vou compartilhar meu calor.

Há um rosnado de Ga'Var e eu o ignoro.

Se Adee'ra é de alguém, ela é minha.

Esse pensamento me balança quando ela pega minha mão quase nervosamente e o ba'clan em nossos braços pulsa.

O que ele fará quando descobrir isso? Que alguns dos meus ba'clan foram transferidos para ela por vontade própria.

Alguns minutos se passam e meu olhar está fixo em meus companheiros de útero.

Ele não está quebrando seu olhar cheio de raiva e eu também não.

Nenhum de nós se mexe até que Adee'ra fala e então nós dois estamos nos concentrando nela.

— Onde está a sua nave?

Levanto a mão e aponto para cima, esquecendo que a visão dela não é das melhores no escuro.

— Está acima. Perto do grande corpo de água. Escondida.

— Você quer dizer algum tipo de modo furtivo?

Eu acho que você poderia chamá-lo assim. — Correto.

— Sempre esteve acima de nós?

— Sim

Ela digere isso por um momento.

— E quando a máquina se mover... sua nave virá e você partirá.

— Sim

Ela endurece um pouco com a minha resposta, como se minhas palavras a preocupassem.

— Descanse — eu murmuro.

Ela não resiste. Sua cabeça desce contra o meu braço e outra batida começa no meu peito, apenas para ser acompanhada por um rosnado do meu companheiro de útero.

Eu o ignoro.

Ele pode estar com raiva, mas vou aproveitar este momento, pois esta é possivelmente a única vez que poderei descansar.

Quando a nave chegar, tudo mudará.

O que não contei aos humanos é que estivemos examinando a superfície. Temos informações e temos um plano.

E mesmo que eu queira ver o quão semelhantes nossas espécies são, Adee'ra não faz parte desse plano.

Capítulo Vinte

Adira

Eu não vejo isso até muito tarde.

É como se ele se materializasse do nada. Um enorme pássaro preto, pairando sobre nós e absorvendo a luz do sol da manhã.

Nunca vi nada tão grande.

É maior do que qualquer avião ou nave que já vi.

Tinha sido realmente tão grande quando o vi no primeiro dia?

— Merda — eu respiro.

Consegui descansar um pouco ontem à noite. Mas talvez eu ainda esteja tão cansada que estou alucinando, pois uma abertura aparece embaixo da nave e algo escapa.

Parece uma caixa flutuante e vem diretamente para nós.

— Que porra é essa? — A maneira como Sam diz isso quase me faz rir nervosamente.

— Nosso elevador. — Fer'ro avança enquanto minhas sobancelhas se erguem.

Um elevador?

Imagino a gente tendo que subir em cima da coisa para entrar na nave e o nervosismo que estou sentindo aumenta.

Este é um caso certo de 'o que poderia dar errado'. Tenho certeza de que deslizaria para fora da coisa sem nem tentar.

Nós vamos entrar em uma nave alienígena.

O quadrado escuro flutua mais perto, desviando-se por entre as árvores até nos alcançar. Então ele se abaixa até quase tocar o chão.

Fer'ro estende a mão e o toca.

De repente, uma abertura aparece dentro do quadrado.

Meus olhos saltam.

É como uma sala lá dentro e Fer'ro entra, seu olhar pousando em mim.

Com bravura que não tenho, ando em frente, seguido por Ga'Var e depois pelos outros.

É como uma cabine telefônica de *Doctor Who* - é maior por dentro, porque, de alguma forma, cabemos todos.

Meu olhar nervoso encontra o de Sam quando o selo da caixa começa a subir.

Eu cambaleio um pouco com o movimento brusco, minha mão agarrando o braço de Fer'ro.

Vagamente, eu estou ciente de seus músculos tensos, mas estou muito ocupada levando o choque da minha vida enquanto subimos mais alto.

As paredes da caixa são transparentes por dentro, dando a impressão de que estamos flutuando no ar.

E a vista...

A admiração se transforma em tristeza quando meu coração se parte com o que estou vendo.

O lago agora está seco e além da pequena floresta em que estávamos escondidos, ao nosso redor, o mundo é marrom.

Estou olhando para ele, a realidade afundando quando a visão desaparece lentamente para ser substituída por uma luz fraca.

Estamos dentro da nave.

A vista abaixo de nós é substituída por metal escuro e a caixa flutuante para.

Logo, a porta se abre mais uma vez e Fer'ro avança.

Levo um minuto para perceber que a caixa desapareceu ao nosso redor.

Há mais Vullan aqui. Muitos, e me pergunto se são os mesmos que trabalharam na limpeza da máquina morta de Gryken.

Eles ficam parados, mas há um rosnado quando passamos.

Alguns deles puxam os dentes para trás e cheiram o ar e eu me pego me aproximando de Fer'ro.

Há uma sensação definitiva de que não somos bem-vindos aqui.

Fer'ro estala algo afiado e alguns dos vullanos puxam os dentes para trás, mas isso não tira a ferocidade absoluta em seus olhares.

— Fer'ro?

Eu olho de um para o outro e posso até sentir a respiração de Sam contra o meu braço enquanto ela se aproxima do meu lado.

— O que está acontecendo? — ela sussurra.

Fer'ro olha para mim antes de clicar novamente e atrás de nós, Ga'Var também clica.

Seu olhar cai sobre Mina, que ainda está nos braços de San'ten.

— É a fêmea infestada — San'ten quase rosna. — Eles podem sentir o cheiro dela. Eles podem sentir o cheiro.

Meu olhar cai para Mina e depois para sua barriga.

— Não há mais tempo a perder — a voz de Fer'ro chega ao meu ouvido. — Devemos removê-lo agora.

Mina parece ainda pior do que na noite anterior.

Sua pele é tão pálida que é transparente.

Acho que não temos escolha. Então eu aceno.

— Por aqui — diz Fer'ro e então estamos caminhando pela sala ampla, passando pelo vullano ainda rosnando.

É quando percebo que seus olhos não estão em mim ou em Sam.

Eles realmente estão totalmente focados em Mina.

Alguns até têm suas lâminas apontando para fora.

Fico feliz quando finalmente passamos por todos eles e chegamos a um corredor.

Fer'ro continua e meu olhar percorre o interior do que é algo que eu nunca pensei que estaria a bordo - uma nave alienígena.

A luz é tão fraca na nave, porém, que mesmo quando meus olhos se ajustam, não consigo captar muita coisa.

Tudo o que sei é que as paredes são cobertas com o mesmo metal escuro que está em todos os outros lugares.

Fer'ro caminha com determinação, virando corredor após corredor e eu consigo acompanhá-lo até ele parar em frente a uma parede.

Eu olho ao redor dele confusa.

É quando um retângulo de luz neon verde se forma dentro da parede.

Ele assobia e percebo que é uma porta quando... desaparece.

Fer'ro entra na sala que acabou de ser aberta e clica em algo.

Um clique é retornado e, quando olho ao redor dele, encontro os olhos azuis mais legais que já vi em toda a minha vida.

O vullano à nossa frente nos encara de trás de uma mesa.

Existem instrumentos lá. Os de metal escuro que parecem estranhos dispositivos de tortura da idade média.

— Este é He'rox. Nosso médico — diz Fer'ro antes de pousar o olhar em San'ten. — Traga a fêmea para frente.

Os olhos de He'rox estão em mim. Eles são tão... diferentes dos outros que não posso deixar de olhar.

E seu ba'clan... seu traje é branco .

Ele olha. Não rosnando. Nenhuma lâmina subindo, mas seu olhar me deixa nervosa.

Mas não é apenas a cor que o torna diferente.

Este He'rox tem... tentáculos. Eles são magros. Apenas um em cada lado da boca, pendurado logo abaixo do queixo, e eu os observo se moverem enquanto ele olha para mim.

Ele continua a me observar, aqueles olhos gelados procurando minha alma, enquanto San'ten se aproxima com Mina e a coloca sobre a mesa.

À medida que as luzes aumentam na sala, é quando percebo que o olhar do médico se moveu para o meu braço. Aquele onde está o traje de Fer'ro.

Eu olho para ele também e meus próprios olhos se arregalam antes de eu pegar meu braço do meu lado e colocá-lo nas minhas costas.

O ba'clan parece óleo espesso sobre a minha pele.

Eu não posso nem senti-los mais lá e minha mão, que estava latejando e inchada, parece que está quase de volta ao normal.

— Progrediu muito rapidamente. — Fer'ro está falando com o médico e, finalmente, o homem desvia o olhar de mim. — O primeiro foi morto. Não há muito tempo.

O médico olha para Mina e depois para sua barriga.

Ele olha para ela por tanto tempo antes de olhar de volta para Fer'ro.

Fer'ro enrijece e tenho a sensação de que eles estão tendo algum tipo de conversa que não consigo ouvir.

— O que está acontecendo? — Sam sussurra. — Por que todo mundo está apenas olhando um para o outro?

— Eu acho que eles estão conversando um com o outro — eu sussurro de volta.

As orelhas de Fer'ro se contorcem com minhas palavras. Acho que estou certa.

— Faça isso — diz ele e meu olhar voa de volta para o de olhos azuis.

Observo enquanto ele olha para mim e para Sam e depois para Fer'ro e não preciso de um tradutor para adivinhar o que ele está dizendo.

— Queremos ficar. Não vamos deixá-la.

O médico olha para mim então e clica em algo para mim.

— É... perigoso, Adee'ra. — A voz de Fer'ro me lava como uma onda espessa e não percebo que estou segurando seu braço até sentir seus músculos flexionarem. — Para sua segurança e para a de Sa'am, você deve esperar do lado de fora. Ga'Var irá levá-la para aposentos privados até que a enfermaria esteja livre novamente. Você também precisa de atenção médica.

Eu balanço minha cabeça para ele. Nada foi mais perigoso do que os últimos dias, semanas, meses?

Eu confio em Fer'ro. Eu sei que ele fará o que for melhor para Mina, mas como qualquer outro ser humano neste planeta, tudo o que nos resta é um ao outro.

Eu não posso deixá-la.

Sam sente quando eu enrijeço e ela dá um passo ao meu lado. — Também não vou a lugar nenhum.

Seus olhos estão arregalados enquanto ela olha para as ferramentas médicas e vejo quando ela engole.

O médico clica novamente, seu olhar em Fer'ro e mesmo em seus olhos alienígenas semicerrados, tenho a sensação de que ele está dizendo: — tudo bem, a escolha é deles. Tentei avisá-los.

Aperto Fer'ro com mais força enquanto a luz aumenta um pouco mais e o médico tira algo que parece uma lâmina afiada.

Com um movimento rápido, ele coloca a lâmina contra a pele de Mina e move a mão para cima.

O que resta de seu vestido se rasga em dois e cai para o lado.

Sua barriga está exposta para todos nós vermos.

Ouve-se um rosnado e um silvo ao lado, e as lâminas de San'ten se erguem.

A barriga de Mina é ainda maior do que eu percebi e coloco a mão na boca. Sua pele está tão esticada que posso ver a rede de veias por baixo dela.

Algo se move sob sua pele.

Algo grande. Isso distorce um pouco a barriga dela, enquanto nada.

Sabendo o que tem lá dentro, não sei como faço, mas consigo não vomitar ao vê-lo.

Sinto Fer'ro enrijecer novamente e então ele está se virando e me tirando do chão.

— Espere!

Uma sensação de traição absoluta de repente me invade quando Fer'ro sai da sala.

Antes que Sam possa responder, Ga'Var está fazendo o mesmo com ela.

— Sinto muito, Adee'ra — é tudo o que ouço enquanto Fer'ro se move rápido demais pelo corredor.

A última coisa que vejo antes que as portas se fechem atrás dele é o médico levantando sua lâmina.

Capítulo Vinte e Um

Adira

Estou batendo minhas mãos contra ele, minhas maldições ecoando no corredor enquanto Fer'ro se move para outra sala e me coloca no chão.

— O que você está fazendo? Não vou deixá-la lá sozinha!

Com aquele psicopata, quero acrescentar.

Eu tento passar por ele, mas ele me mantém imóvel.

— Não — ele rosna. — Esperamos muito. É muito maduro para expô-lo a isso.

Meus ombros levantam quando eu olho para ele.

— O que você quer dizer?

— Não há tempo para explicar.

Ele bate em algo na parede e a parede desaparece em um escudo transparente.

— Uau — Sam murmura.

Do outro lado do escudo, posso ver Mina na mesa, o médico ainda sobre ela.

Dou um passo à frente, pressionando minha mão contra o escudo. É sólido, como vidro.

He'rox ainda não a cortou. Ele está olhando em nossa direção e percebo que não é um espelho unidirecional.

Ele pode nos ver também.

No canto da sala, está um ser alto com tantos espinhos que quase não reconheço San'ten.

Ele está completamente distorcido com a multidão de lâminas ao seu redor.

Minha respiração ainda está difícil enquanto meu coração bate contra o meu peito.

— Tem certeza que está tudo bem para ele estar lá?

Fer'ro se eriça ao meu lado. Seu traje realmente se move.

— Não — diz ele.

Não é a resposta que eu esperava e meus olhos se arregalaram.
— O que você quer dizer? Por que isso é tão perigoso?

O olhar de Fer'ro se volta para mim. — Eu tenho que voltar, Adee'ra. Um ou ambos os meus irmãos naquela sala não estarão seguros.

Eu pisco para ele. Eu não entendo porque eles estão sendo tão ameaçadores.

O que poderia haver de tão perigoso em algo que deveria, essencialmente, ser um bebê?

— Você fica aqui. Este quarto é seguro. Você estará segura. E... quando essa coisa sair... não deixe ninguém que esteve naquela sala entrar. Ele faz uma pausa. — Mesmo se implorarmos.

Olho para Sam, mas agora ela está tão apavorada quanto eu.

Consigo acenar com a cabeça para Fer'ro e ele para de novo enquanto olha para mim.

Nesse momento, quero me agarrar a ele porque sinto que vai acontecer algo que não vou gostar.

Abro a boca para dizer isso quando ele desvia o olhar do meu e se vira.

Ga'Var o segue porta afora e, enquanto os vejo sair, o ba'clan pulsa em meu braço.

É uma sensação calorosa, como se eles estivessem tentando me confortar e eu roço minha outra mão contra eles.

— Adira? — Sam chama meu nome e eu vou até onde ela está parada, de braços cruzados, na frente da barreira.

Fer'ro e Ga'Var estão de volta à sala e seu foco está no médico.

Eu gostaria de poder entender o que eles estão dizendo porque obviamente estão discutindo algo crítico.

É quando as lâminas de Fer'ro de repente se erguem ao seu redor. O mesmo acontece com Ga'Var e agora sei o suficiente para entender que isso significa que eles se sentem ameaçados ou estão prestes a atacar.

O médico abaixa sua lâmina, cortando a pele de Mina e o sangue enche a mesa.

Estou congelada enquanto assisto.

É muito sangue.

Eles não podem deixá-la sangrar.

Há uma pulsação doentia em seu estômago e prendo a respiração.

— O que eles estão esperando? Por que eles não o pegam e o matam?!

Não aguento o suspense. Parece que estou prestes a ter uma parada cardíaca quando algo se move rápido, tão rápido que quase não vejo.

Ele cai no chão e tenho um momento em que vejo cinza.

O Griken.

É enorme!

Há um momento em que vejo sua forma borrada antes que o caos exploda na sala.

O médico está levando Mina para outra sala cuja porta era um retângulo invisível na parede, enquanto Fer'ro e os outros...

Alguém bate na barreira bem na minha frente e eu pulo.

— Fer'ro!

Ele está de costas para mim, enquanto San'ten está à sua frente, com os dentes arreganhados e as lâminas estendidas.

Eu não entendo o que está acontecendo.

E onde está essa merda? O Griken.

Em algum lugar nos fundos, Ga'Var está destruindo a sala. Acho que ele está tentando encontrá-lo, enquanto Fer'ro está tentando desesperadamente segurar San'ten, embora San'ten pareça estar prestes a rasgar sua garganta.

Cada barra San'ten aponta em sua direção, Fer'ro se esquivava, mas sem apontar um ataque por conta própria.

Ele está jogando na defesa, mas San'ten parece louco.

Suas garras se estendem e ele golpeia Fer'ro, tirando sangue.

Um grito sai da minha garganta quando o sangue espirra contra a barreira, pintando-a de um vermelho escuro e profundo.

Não consigo ver nada, mas não é por causa do sangue espesso que escorre lentamente pela parede à minha frente.

Não consigo ouvir a respiração profunda de Sam enquanto ela olha fixamente paralisada. Não consigo ver Ga'Var destruindo a sala ao fundo.

Não consigo nem ver San'ten enquanto ele mira outro golpe.

Tudo o que posso ver é Fer'ro.

Eu observo enquanto a cena se passa em câmera lenta diante de mim.

Ele se esquivava de outro ataque enquanto San'ten aponta para sua garganta.

A lâmina afiada erra por um centímetro e perfura a parede à nossa frente.

Fer'ro .

Contra meu braço, o ba'clan pulsa em um ritmo que bate com meu coração.

Fer'ro !

Ele consegue jogar San'ten pela sala e o homem de olhos escuros colide com a parede.

San'ten cai no chão, mas ainda não caiu, pois está se levantando novamente.

Estou olhando para eles, me perguntando o que diabos está acontecendo, por que San'ten está tentando matar Fer'ro, quando algo vem voando pelo ar, direto para mim.

Eu empurro para trás instintivamente, mas o que quer que seja não me alcança.

Em vez disso, ele pousa na barreira bem na minha frente e tudo que vejo são dentes afiados cravados na própria barreira enquanto enormes olhos escuros encontram os meus.

Estou olhando nos olhos do inimigo e Deus sabe, é aterrorizante.

O Gryken grita para mim.

Mesmo com a barreira ali, o som abafado, ainda consigo ouvi-lo.

Seus seis membros estão estendidos e ele se agarra ao escorregar para o chão para ficar de pé sobre eles.

— Puta merda ... — Sam sussurra.

Suas fileiras de dentes se fecham e se abrem novamente.

Seu rosto é perverso.

Tudo o que posso ver é pura maldade.

Eu quero desviar o olhar, mas... eu não posso.

Há um borrão escuro no fundo quando San'ten se levanta mais uma vez e corre em direção a Fer'ro.

Eu só tenho um momento para gritar seu nome antes que Fer'ro se mova na direção oposta, longe do macho que está investindo contra ele.

Ele se move tão rápido que é difícil para os meus olhos acompanhá-lo.

Suave. Eficiente. Ele gira no ar, voando enquanto se esquiva de San'ten.

Ao mesmo tempo, uma das lâminas em seus braços se estende enquanto ele desce.

O Gryken grita novamente, pouco antes da lâmina de Fer'ro perfurar seu crânio.

O corpo fica flácido e o sangue escuro espirra contra a barreira, misturando-se com o sangue que já estava lá.

Meu coração está na minha garganta agora.

O que diabos aconteceu?

Fer'ro está olhando para mim através da barreira, aqueles olhos de lava dele me envolvendo. E então ele... cai de joelhos.

Eu não sei o que dá em mim.

Eu só tenho o súbito desejo de chegar até ele.

Meu braço pulsa, como se seu ba'clan estivesse me dizendo algo, e então eu estou correndo para fora da sala.

— Adira?

Não consigo nem prestar atenção em Sam. Eu só tenho que ir.

Eu pressiono minha mão boa contra a parede lateral onde imagino que seja a porta, mas nada acontece.

Algo me diz para tentar o outro, aquele com o ba'clan, e eu faço.

A porta se materializa e desaparece. No segundo seguinte, estou correndo pela abertura, voltando para a ala médica.

Assim que entro na enfermaria, paro no meio do caminho.

A sala inteira está destruída e San'ten está diante de mim.

Mas suas lâminas estão retraídas agora e ele está de pé, olhando para Fer'ro.

— O que é que você fez?! — Meu grito o atinge e ele se vira para olhar para mim.

Eu deveria estar com medo.

Eu sei que deveria ser. Em vez disso, estou correndo para dentro da sala, meus pés me levando em direção à única coisa que está me chamando.

Este estranho macho alienígena que está de joelhos de frente para a barreira.

As lâminas de Fer'ro ainda estão fora e o Gryken ainda está perfurado na ponta de uma delas.

— Fer'ro?

Eu me agacho diante dele, mas seu olhar está desfocado.

— O que você fez com ele?!

Com minhas palavras, San'ten dá um passo mais perto.

— Fique longe! Não se aproxime!

Minhas mãos pairam sobre o rosto de Fer'ro.

Ele não está respondendo nada.

Seus olhos estão abertos, mas é como se ele não estivesse lá.

San'ten clica em algo, mas estou muito emocionada para tentar entender o que ele está tentando dizer.

— É o Gryken — Ga'Var finalmente diz e eu percebo que ele também está sangrando.

Ele está coberto com seu próprio sangue.

O Gryken deve tê-lo atacado quando eu não estava olhando.

— O que você quer dizer com isso é o Gryken?

Ao pensar na coisa, eu olho para ela e engulo em seco.

É horrível.

Mas está morto agora.

— No momento em que se separou de seu hospedeiro, sentiu o perigo. Precisava se proteger.

— Eu não entendi. — Eu ainda estou olhando para Fer'ro, meu olhar caindo em seu rosto, seu corpo...

Quando eu olho para trás em seu rosto, ele pisca e eu sinto uma sensação de alívio.

— Fer'ro?

Eu não percebi que as lágrimas encheram meus olhos até meu olhar ficar embaçado.

— San'ten não era ele mesmo — diz Fer'ro. — Perdoe-o.

Sua voz soa tão tensa que a ansiedade dentro de mim não se acalma. — Isto — e ele sacode o braço e o corpo morto do Gryken se move, — isso o estava controlando.

O Gryken cai da lâmina de Fer'ro e escorrega para o chão com uma poça molhada repugnante.

— O que?

San'ten dá mais um passo à frente. Ele clica em algo em Fer'ro.

— É apenas uma pequena ferida. Você não poderia evitar — diz Fer'ro.

Eu olho para o peito dele. Não consigo ver a ferida. O traje cobre, mas o sangue contra a barreira me disse o suficiente.

Meu peito está arfando enquanto minha respiração demora um pouco para desacelerar.

— Mina — eu sussurro.

Como se estivesse me ouvindo, a porta lateral se abre e He'rox fica no caminho.

Ele clica em algo para Fer'ro e Fer'ro responde de volta.

Por alguns momentos, a conversa preenche a sala até que He'rox desaparece atrás da porta novamente.

Um caroço se forma na minha garganta.

— Cadê a Mina?

— Mee'na está bem. Mas levará dias para que seu corpo se recupere, mesmo com nossa tecnologia. O olhar de Fer'ro me envolve mais uma vez. — He'rox diz que sua espécie não cura tão rapidamente quanto nós.

Uma respiração que eu não sabia que estava segurando estremeceu através de mim.

— Eu quero vê-la.

Fer'ro se levanta e cambaleia um pouco.

O que quer que San'ten tenha feito deve tê-lo machucado muito.

Lancei um olhar zangado na direção de San'ten e suas orelhas estremeeceram antes de cair para trás para pressionar os lados de sua cabeça.

Fer'ro vai até a parede. He'rox está atrás e pressiona algo na parede.

Outra barreira transparente aparece diante de nós e vejo Mina... flutuando sobre uma mesa.

Ela está completamente nua, mas não há mais uma ferida em sua barriga.

Apenas uma linha onde sua pele foi costurada.

— Mina... — eu sussurro.

— Ela vai se curar — diz Fer'ro. — Tiramos o Gryken bem a tempo.

Eu a encaro e me sinto relaxar um pouco ao ver seu peito se mexer.

Ela está respirando.

— Bem na hora — eu sussurro. — O que teria acontecido se nós... não tivéssemos tanta sorte?

— Aquela coisa teria nascido sozinha e a usado para sua primeira refeição. —

O pensamento me faz estremecer.

Que tipo de ser nasceu?

Apenas algo extremamente aterrorizante.

Ainda estou olhando para Mina, minhas mãos pressionadas contra a barreira quando Fer'ro se vira e dá ordens para Ga'Var e San'ten.

Ele se afasta da barreira e eu o ouço falando com eles antes que a sala fique em silêncio.

Não percebo que estamos sozinhos até olhar para trás e encontrar Fer'ro bloqueando meu caminho.

Meu olhar sobe por seu peito para encontrar seus olhos e suas orelhas se contorcem quando encontro seu olhar.

— Obrigado — eu digo e suas orelhas se contorcem novamente.

— He'rox irá examiná-la em seguida — diz ele.

Eu olho de volta para He'rox e o encontro me observando através da barreira.

É enervante como o olhar vullano e minha espinha enrijece um pouco.

Não confio em nenhum deles o suficiente para ficar sozinho com eles.

Fer'ro é o único...

Eu me viro para ele, revirando isso em minha mente.

— Eu me sinto bem. Estes — eu levanto meu braço com o ba'clan ainda preso a ele — parece estar ajudando. Eu sei que eles estão apenas no meu braço, mas todo o meu corpo está um pouco melhor.

Suas orelhas estremecem novamente. — He'rox vai precisar olhar para isso também. Não é usual.

Engulo em seco enquanto aceno e olho de volta para He'rox.

— Talvez mais tarde. Eu quero que ele se concentre em Mina. Ela precisa de toda a atenção possível.

— Então você deve descansar.

— E quanto a Sam?

Eu saí correndo da sala, deixando-a para trás, mas quando olho para aquele lado, não consigo vê-la esperando ali.

— Onde ela está?

— Meu companheiro de útero a levou para um quarto privado para descansar.

— Ah. — Concordo com a cabeça novamente e acabo cruzando os braços sobre o peito.

Tem sido tanta ansiedade nas últimas horas que, agora que diminuiu, me sinto perdida.

— Venha — diz Fer'ro, e então ele está me levando para fora da sala.

Capítulo Vinte e Dois

Fer'ro

O cheiro de Adee'ra mudou.

Não acho que ela esteja ciente da mudança e não sei o que isso significa.

No momento em que ela entrou correndo no quarto, eu senti o cheiro.

Ela correu... para mim .

Apesar do perigo que San'ten representou, ela veio de qualquer maneira, ferocidade em seu rosto e em sua voz.

Assim como uma fêmea Vullan ao proteger um ninho.

Eu não sei o que esse novo cheiro significa, mas mesmo com dor, tenho que me concentrar em sufocar o dedo que ameaça estourar na minha garganta.

Eu me pergunto se Ga'Var e San'ten também sentiram o cheiro.

Não era o cheiro do medo dela.

Esse cheiro quase desapareceu.

Ela não nos teme tanto quanto antes.

Ela não tem medo de mim .

Mais uma vez, tenho que reprimir um zumbido com esse pensamento e, enquanto a conduzo para meus aposentos, tento me concentrar no que está à nossa frente.

Este planeta está cheio de recursos brutos. Nós digitalizamos e encontramos o suficiente.

Mas esses recursos não estão prontamente disponíveis.

Eles estão bem abaixo da superfície.

É um mundo primitivo, está Terra. Nossa tecnologia não é compatível.

Definir uma ofensa será difícil. Precisamos de recursos para construir mais armas e precisamos fazer isso logo.

Mais um Gryken está morto. A mente coletiva saberá agora que uma ameaça está no meio deles.

Eles vão pensar que são os humanos. Pelo menos, ainda temos o elemento surpresa.

Enquanto nos dirigimos para meus aposentos, Adee'ra um pequeno passo atrás de mim, passamos por vários vullanos. Apesar de minha mente estar em muitas coisas, sinto a curiosidade de meus irmãos quando seus olhos se voltam para Adee'ra.

Eu quero protegê-la de seus olhos.

Alguns deles devem ver o ba'clan em seu braço também.

Isso é algo que tenho certeza que se espalhará pela nave.

Algo que não sei como abordar.

Quando paro de andar abruptamente para abrir a porta dos meus aposentos, Adee'ra quase esbarra em mim.

Seu corpo macio roça nas minhas costas e meu ba'clan estremece um pouco antes de cada músculo do meu ser se recusar a se mover.

Eu posso senti-los se estendendo em direção a ela.

Eu nunca... eu nunca senti nada parecido antes.

— Fer'ro? Você está bem?

Suas palavras musicais suaves fazem cócegas em meu ouvido e eu me viro para olhar para ela.

Ela não está olhando para mim embora. Seu olhar é amplo e nas minhas costas.

Meu ba'clan volta à minha pele no momento em que olho para baixo e percebo que não foi apenas um sentimento.

Eles estavam fisicamente deixando meu ser, indo em direção a Adee'ra em pontas.

Estendendo a mão para ela.

— Você se sente ameaçado agora? — ela sussurra, seu olhar correndo ao nosso redor enquanto seu cheiro de medo começa a crescer.

— Não — eu rosno em sua língua.

— Seu traje era... seus espinhos... as lâminas...

Estou impressionado com seu nível de observação e sua coragem de ficar tão imóvel enquanto pensa que o perigo pode estar próximo.

Ela já percebeu que ficamos com raiva quando nos sentimos ameaçados.

— Aqueles não eram meus pelos ...

Sua testa franze na mais curiosa das expressões faciais, e por um momento me pego tentando imitá-la.

Eu não posso. Minhas cristas não permitem que minha testa se mova tão livremente.

— O que foi então?

Não sei.

— Com o tempo, talvez eu possa lhe dizer.

Sua testa franze ainda mais e ela olha para trás no corredor vazio.

Na curva, sinto vários de meus irmãos.

Eles estão ouvindo nossa conversa.

Adee'ra está olhando além de mim agora, para o quarto escuro que é meu espaço privado.

— Onde está Sam? Achei que estaríamos compartilhando...

— Não. Você não estará compartilhando.

Não com a outra fêmea, pelo menos.

— Ah — ela diz e olha ao meu redor para o meu quarto escuro.

— Então... estes são meus aposentos?

Suas palavras são hesitantes, como se ela achasse deslocado perguntar tal coisa.

— Não — eu respondo. — Eles são meus.

Eu me viro e finalmente entro na sala. A luz ativa o suficiente para eu ver claramente, mas tenho certeza que Adee'ra ainda está quase cega para o que está dentro.

Eu clico em um pedido para o computador de bordo e quando a luz aumenta, eu a ouço suspirar.

É um quarto singular, mas tem tudo o que preciso. Uma área de limpeza e um espaço de descanso.

Adee'ra dá um único passo para dentro, deixando metade de seu corpo para fora da porta. Ela está particularmente olhando para as luzes geométricas que formam padrões nas paredes.

— Uau — ela sussurra.

Eu suponho que é uma coisa boa.

— Você deveria descansar.

Clico em um comando e a área de dormir flutuante desce do telhado. Está cheio de penas de grandes criaturas voadoras de Edooria e deve ser confortável o suficiente para ela.

Não sei.

Apenas as mulheres Vullan dormem nas penas.

Os olhos de Adee'ra se arregalam um pouco, suas bochechas ficam quentes, mas ela balança a cabeça e dá um passo à frente, permitindo que a porta se feche atrás dela.

Agora que ela está no meu espaço, um sentimento me envolve que eu não esperava.

O cheiro dela já está invadindo meus aposentos e meu ba'clan começa a reagir novamente.

Eu os desligo e vou para a estação de lavagem.

Devo me preparar para o trabalho que tenho pela frente e cuidar dos meus ferimentos.

Qualquer coisa para tirar minha mente dessa humana que está atraindo todo o meu corpo.

Adira

Sento-me na beira da cama estranha, meus olhos em Fer'ro enquanto ele se move em direção ao canto do quarto.

Tenho tantas perguntas para ele que não sei por onde começar.

E tudo é tão diferente agora. Ele se moveu em uma direção que eu não esperava.

Achei que ia morrer naquele orbe...

Agora estou em uma nave alienígena como convidada olhando para um alienígena que é...

Minha respiração para na garganta enquanto observo Fer'ro.

Ele está nu.

Completamente.

E esta é uma situação totalmente diferente de quando ele estava naquela floresta comigo no escuro.

Agora eu posso ver tudo claramente. E meu Deus...

O ba'clan parece ter desaparecido de alguma forma, como se derretessem em sua pele.

Seu corpo é como a magnificência esculpida em carvão.

Há mais sulcos em seu peito, costas, braços, pernas e sua pele parece brilhar na luz.

Ele não percebe que estou olhando para ele e fico feliz, porque não consigo desviar os olhos.

Há um anel circular no chão e ele está sentado dentro dele, de costas para mim.

Há arranhões profundos em sua pele e vejo sangue escuro escorrendo.

Ele está ferida. Muito mais do que eu percebi.

Eu pensei que o ba'clan o protegeu, mas aparentemente não?

Há tanto que eu tenho que aprender sobre essas coisas.

Mesmo enquanto penso neles, sinto-os pulsar contra meu braço e olho para mim mesma.

Meu braço parece estranho para mim, mas é bastante óbvio que minha mão não está mais inchada. Também não dói mais.

Parece... normal.

Há uma rajada de ar e quando olho para cima, Fer'ro está de pé.

Quando ele me encara, como mágica, seu ba'clan rasteja sobre sua pele.

Leva apenas um segundo para acontecer, mas estou olhando para ele com admiração.

A única coisa que ele deixa descoberto é seu rosto.

— Você deve se purificar e depois descansar — diz ele.

Eu olho ao redor da sala. Eu tomaria um banho de bom grado, mas não vejo um banheiro em lugar nenhum.

— Onde?

Ele faz uma pausa por um segundo antes de se virar para olhar o anel no chão.

— O que? — Então era isso que ele estava fazendo? Tomando um banho? Tão rapidamente e sem água?

— Sente-se ou fique aqui — diz ele, apontando para o círculo enquanto eu saio da cama.

Meus passos hesitantes em direção ao círculo são recebidos com paciência da parte dele. Ele está apenas me observando mover e, assim que chego à borda do círculo, faço uma pausa.

vou ter que ficar nua.

Eu olho para Fer'ro, contemplando isso.

Talvez esteja tudo bem.

Ele tem sido nada além de respeitável até agora e, apesar de ser homem, duvido que meu corpo humano pálido, machucado e carnudo seja atraente para sua espécie.

Agora certamente não é hora de ser modesto.

O mundo está acabando.

Minha nudez não importa.

Enquanto minhas roupas escorregam para o chão, eu as observo cair.

Manchada. Suja. Elas são uma lembrança dos últimos dias, assim como minhas cicatrizes, e percebo que nunca mais quero vê-las.

Vou ter que encontrar uma nova maneira de me cobrir.

Eu tiro meus sapatos e os deixo na pilha também antes de entrar no círculo e sentar do jeito que Fer'ro fez.

Estou prestes a perguntar o que devo fazer a seguir quando o anel de luz sobe do chão e passa por todo o meu corpo. Segue-se uma rajada de ar quente antes que a luz volte ao seu lugar.

Um momento se passa em que me pergunto o que vem a seguir. Eu olho para o meu corpo e ele parece... limpo.

A sujeira e as manchas que estavam por todos os meus braços e pernas sumiram.

— É... é isso?

Eu lanço um olhar questionador na direção de Fer'ro e minha respiração fica presa na garganta.

Seu olhar é como fogo enquanto ele olha para mim e suas orelhas estão levantadas do lado de sua cabeça.

Mas o que é mais alarmante é seu ba'clan.

Eles estão esticados na frente de seu corpo em minha direção, como um fluido escuro se contorcendo.

Meus olhos se arregalam enquanto eu luto para ficar de pé e observo como eles se encaixam de volta no lugar.

Esta é a segunda vez que os vejo fazer isso.

Aconteceu na porta também.

— Fer'ro?

Ele está olhando para mim e suas pupilas se tornaram tão estreitas que as fendas parecem linhas.

— Eu deveria levá-lo para He'rox — diz ele. — Você precisa ser... verificada.

Eu engulo com isso e envolvo meus braços em meu peito.

— Há algo de errado? Você acha que algo está errado? — Eu olho para o ba'clan ainda no meu braço.

Estou me acostumando com eles lá agora. Eu sempre esqueço que eles estão na minha pele, a menos que eles pulsam ou eu olho diretamente para eles.

— Você tem feridas.

Seu olhar está se movendo sobre a minha pele e eu me arrasto em meus pés. Tenho vários arranhões, hematomas e cortes, mas me sinto bem.

O problema é que eu deveria ir ao He'rox, só para ter certeza de que está tudo bem.

Mas eu não quero...

— Eu não quero estar perto dos outros. Eu não...

Eu não confio neles .

Mas de alguma forma... eu confio nele .

— Posso ficar com você por enquanto? Até eu me acostumar com tudo isso?

Suas orelhas se contorcem e eu me pergunto o que a ação significa neste caso.

Ele me estuda por um momento e está tão parado que parece que o ar na sala não se move.

— Descanse nas penas. Eu mesmo vou curá-la.

Minhas sobrancelhas se erguem um pouco, mas uma sensação de alívio flui através de mim.

Eu não sabia que ele podia fazer isso e soltei a respiração que não sabia que estava segurando.

É uma opção muito melhor. Prefiro lidar apenas com ele.

Além de San'ten, os outros não parecem hostis, mas... quanto mais tempo passo perto de Fer'ro, mais segura me sinto.

Enquanto volto para a cama, me permito relaxar um pouco.

É uma coisa enorme e tem uma camada de lã macia por cima.

Eu me sinto pequena enquanto subo, o pensamento de que estou completamente nua pairando em minha mente.

Eu deveria me preocupar mais com isso.

Mas Fer'ro não me preocupa.

Isso é até eu me virar e perceber que ele está subindo na cama atrás de mim.

Capítulo Vinte e Três

Fer'ro

O cheiro de medo de Adee'ra aparece assim que ela se vira e me vê atrás dela.

Talvez ela tenha mudado de ideia sobre eu curá-la.

Fiquei surpreso que ela concordou com isso em primeiro lugar. As fêmeas vullanas geralmente não permitem que machos que não são seus companheiros deem tal cura.

Pode ser um... ato íntimo.

Adee'ra está de quatro e tenho uma visão clara de seu centro.

Seu perfume doce flutua em meu nariz e inalo profundamente, incapaz de desviar meu olhar dela.

Ela é a coisa mais linda que eu já vi.

Eu sei que a pele dela é pálida. Muito mais pálida e magra que a minha.

Mas até que ela descartou seu estranho traje, não percebi que ela toda era pálida e macia.

É um tom estranho que só vi na arrogância jovem.

Ela é magra, frágil, posso ver seu esqueleto sob a pele, mas ainda é fascinante.

Não consigo parar de olhar e apenas quando um suspiro sai de sua garganta é que meu olhar se eleva daquele estranho triângulo em seu centro.

Ela se senta sobre as pernas e agarra aqueles montes no peito que se destacam com pontas gêmeas.

Meu olhar se fixa neles e vejo a pele contra eles formigar.

— Fer'ro?

Seu cheiro de medo formiga um pouco e, apesar de querer sentir o cheiro dela um pouco mais, fecho minhas narinas.

Se eu sentir o cheiro do medo dela agora, nesse estado, vou querer persegui-la. Caça-la.

Seus olhos estão arregalados enquanto ela olha para mim e quando olho para mim mesmo, percebo o porquê.

Meu ba'clan responde assim que percebo o que eles estão fazendo.

Eles estavam tentando tocá-la novamente.

Estou perdendo o controle.

O pensamento registra e ecoa em minha mente.

Perdendo controle?

Vullan nunca perde o controle de seu ba'clan.

Preciso descobrir por que isso está acontecendo agora.

Talvez tenha algo a ver com este planeta.

A atmosfera. Algo microscópico que não consigo ver.

Ou talvez não tenha nada a ver com isso.

Meu olhar encontra o de Adee'ra e suas grandes pupilas redondas ainda estão em mim.

Talvez tenha algo a ver com ela.

Eu tomo a decisão imediatamente. Lembro-me de meu ba'clan dentro de mim e eles desaparecem sob minha pele como água escorrendo.

Estou nu pela quarta vez na presença dela.

Se Ga'Var soubesse...

Uma lasca de prazer me preenche.

Adee'ra está comigo, não com ele.

Ele não sente o prazer da presença dela.

Adee'ra mexe nas penas e olha ao meu redor.

Suas pernas ainda estão cruzadas e mesmo que eu não seja seu companheiro, desejo pedir a ela que as abra mais uma vez.

Atrás de mim, meu sazi lateja.

Está ereto.

Sempre está.

Mas agora pulsa tão forte que quero liberá-lo.

Por um momento, considero me afastar de Adee'ra.

Meus sentidos estão sobrecarregados.

Eu realmente estou perdendo o controle.

Mas o som de suas palavras musicais me congelou.

— Onde está o kit de primeiros socorros?

— Qual kit?

— Você sabe, com as bandagens e álcool... se você tiver isso? —

Ela olha em volta novamente. — Para minhas feridas? — Ah.

— Um kit médico? — Eu clico para ela no meu idioma e a confusão inunda seu olhar.

— Não temos um kit médico — eu digo para que ela possa entender. — Eu te curarei.

Sua testa franze naquelas linhas que parecem estar permanentemente gravadas em sua pele antes de se suavizarem como se nunca tivessem existido.

— Eu não entendo, você vai ter que me explicar.

— Eu vou te mostrar.

Seus olhos se arregalam um pouco mais, mas ela não protesta quando eu chego nas penas adormecidas.

Ela ainda está sentada em uma posição defensiva, então eu me concentro na ferida que está mais perto de mim.

Uma perto dos seus tornozelos.

— Não vai doer — digo enquanto pego seu pé em minha mão, esticando uma de suas pernas.

Cinco dedos, não quatro. E pequeno também.

Seu pé é macio e delicado como o resto dela e sua pele parece tão macia contra a minha.

Eu me pergunto o que eu sinto por ela.

Meu corpo está cheio de sulcos. Osso chapeado que sobe e desce debaixo da minha pele.

Eu sou duro onde ela é macia.

Viro o pé dela na minha mão enquanto o examino.

Está rachado em vários lugares embaixo e o que eu seguro parece um pouco maior que o outro.

Inchado.

Deve doer, e não acredito que o que estou prestes a fazer vá ajudá-la nesse sentido.

Meu tratamento — vai principalmente acalmá-la até que ela esteja confortável o suficiente para deixar He'rox vê-la. Uma espécie de solução temporária para o que a aflige.

Dobrando-me, dou-lhe um último olhar antes de mergulhar, minha língua escorregando da minha boca enquanto passo sobre a pele em seu tornozelo.

Adee'ra ganiu e, se não fosse por eu segurar sua perna, ela teria escapado de mim.

— Hum... o que você está fazendo? — Seus olhos estão arregalados antes de cair em seu tornozelo.

Minha língua ainda está lá e eu a lambo novamente.

Sua perna estremece novamente.

Tomo sua falta de resistência como consentimento para continuar e passo a língua por outro ferimento perto de seu tornozelo.

Sua respiração sibila em seu nariz enquanto ela inala profundamente.

— Relaxe — eu digo — eu não vou te machucar.

— S...sim, eu sei disso, mas o que diabos você está fazendo?

Faço uma pausa e pisco para ela.

Isso obviamente não é algo que os humanos fazem.

— Minha saliva tem propriedades curativas suficientes para aliviar essas feridas — eu digo. — Isso irá ajudá-la até que você esteja pronta para He'rox vê-la.

— Oh — ela diz e sua garganta se move, mas ela não se afasta.

Há vários ferimentos minúsculos em suas pernas e eu cuido de um de cada vez.

Adee'ra tem gosto de comida doce e resisto à vontade de dedilhar. Eu poderia lambar sua pele por eras.

Por um momento, deslizo minha membrana nictitante sobre os olhos para poder saborear seu sabor sem assustá-la.

Sem fazê-la se afastar de mim.

Pois sei que meus olhos sangraram completamente, minhas pupilas invisíveis.

Quero vibrar alto com o gosto de sua pele em minha língua, mas duvido que ela entenda que não estou sendo agressivo.

Pois o que de repente está passando pelo meu ser não é agressão.

É exatamente o oposto.

Eu quero engolfá-la...

Mas eu não sou seu companheiro.

Eu torço um pouco com esse pensamento.

Há apenas um problema.

Eu não sou o companheiro dela... mas Eu não me importo.

Eu quero prová-la ainda.

Cada vez que minha língua passa por sua pele, ouço a respiração de Adee'ra estremecer em seu peito, mas me concentro no que estou fazendo.

O número de pequenos cortes e arranhões percorre toda a perna e são tantos que eu poderia chupar sua pele.

Então eu faço.

Sua respiração faz sua barriga estremecer e ela de repente cai para trás, olhando para mim por seu corpo.

Leva tudo em mim para não enterrar meu rosto em sua pele e estou feliz por ter lembrado do meu ba'clan.

Não há como eu ter sido capaz de controlá-los agora.

Eles estariam rastejando sobre ela.

Assustando-a.

Não quero que ela fuja de mim como fez naquele primeiro dia.

Eu me movo mais alto, lambendo as feridas em ambas as pernas e, quando alcanço seus joelhos, faço uma pausa.

Bem na minha frente está aquele estranho triângulo de pelo.

Eu não deveria... mas abro minhas narinas.

O cheiro doce de Adee'ra me atinge como uma tempestade estelar e eu rosno um pouco.

Seu cheiro é ainda mais forte aqui, mas ela está se segurando tão rigidamente que me pergunto se a machuquei.

Lembro que ela ficou alarmada quando viu minha língua pela primeira vez.

É um pouco grosseiro em comparação com a perfeição suave que é Adee'ra.

Mas sua absoluta falta de movimento é preocupante.

Deslizo minha membrana nictitante para poder vê-la melhor.

— Adee'ra? Você está viva?

Um som cantado escapa de seus lábios que faz meus ouvidos tremerem. Leva um momento para eu perceber o que é.

Ela está vibrando.

Ela está feliz?

A felicidade a faz vibrar.

É a primeira vez que ela vibra na minha presença e isso faz algo pesado e grande crescer e inchar dentro do meu peito.

— Eu, uh, eu estou bem viva. Graças à você. Você me salvou. Nos salvou. Mas hum...

Ela cobre o rosto com as mãos e lança o olhar para o teto dos meus aposentos. Por mais que tente, não consigo tirar meus olhos dela para ver o que deve ter sua atenção.

Eu sei que não há nada lá em cima, exceto espaço morto.

— Humanos não costumam fazer... Nossa saliva não faz o que a sua faz.

Como eu pensava.

Talvez isso a esteja deixando desconfortável.

— Estou quase terminando.

Sua garganta se move e ela empurra o queixo para baixo algumas vezes.

Ainda assim, seu olhar está fixo no telhado.

Ela se recusa a olhar para mim.

Mas não consigo resistir à refeição que está na minha frente.

Eu tenho que sacudir o pensamento da minha cabeça.

Adee'ra não é uma refeição. Ela não é algo para eu consumir...

Meu sazi lateja em desacordo como se soubesse exatamente como quer consumir esse ser macio diante de mim.

Parece ainda mais ereto do que o normal.

— Fer'ro?

Eu parei por muito tempo, olhando para ela, e Ade'e'ra puxa seu olhar do telhado para olhar para mim.

— Apenas... apenas tome cuidado, ok. Eu confio em você, mas...

E aquele perfume doce, aquele que me atrai. Doce com notas de especiarias.

Ele cresce enquanto eu olho para o triângulo de pelo dela.

Ignorando meus impulsos, eu tolamente me inclino em direção a esse cheiro doce e passo minha língua sobre um arranhão que sobe pela parte interna de sua coxa.

Pelos Deuses...

Uma batida cresce dentro de mim com tanta força que sou incapaz de contê-la e bato contra a perna dela, tão perto, tão perto do pelo de onde esse cheiro parece emanar.

Seu núcleo .

Adee'ra engasga e se contorce um pouco embaixo de mim.

— Fe... Fer'ro? Meu nome estremece com a respiração que sai de seus lábios.

Mas não consigo me conter agora. Eu quero mais.

Eu sei o que é esse perfume inebriante agora.

É o cheiro de acasalamento dela.

Adee'ra é fértil e está me chamando para caçá-la, pegá-la, reivindicá-la, preenchê-la com minha semente.

Outro rosnado me escapa e meu sazi lateja quase dolorosamente enquanto eu lambo a parte interna da coxa de Adee'ra novamente. Desta vez ela se contorce.

Eu me pergunto se ela vai me deixar...

Eu me pergunto se ela está sofrendo lá também...

Há uma ferida ainda mais perto da fonte daquele cheiro doce, doce.

— Ok, talvez devêssemos parar.

Antes que ela possa terminar de falar, eu lambo a ferida e a ponta da minha língua roça naquele triângulo de pelo.

— Porra! — Seu corpo arqueia para fora das penas, mas ela não consegue se debater porque meus braços estão sobre suas pernas.

Não me lembro de ter subido entre eles.

Mas o gosto dela...

O êxtase explode em minha língua e eu gozo de novo.

— Isso é meu! Fer'ro, isso não é um ferimento! Ela se contorce e arfa, mas aquele tempero que agora sinto na minha língua se intensificou.

Eu inspiro profundamente novamente e enterro meu nariz no pelo.

Posso sentir os deuses me chamando de volta para casa, de volta para Edooria.

— Fer'ro, esse é meu... Seu rosto está enterrado em meu...

Sua pele está quente agora e um gemido escapa de seus lábios enquanto eu toco novamente.

— Seu suu'ci — eu digo.

— Minha soosie? — Sua garganta se move e quando eu olho para ela, seu olhar se afasta de mim como se ela estivesse com medo de me encarar.

Mas não sinto cheiro de medo.

O que sinto é doce, picante e convidativo.

— Eu acho que você quer dizer que é minha boceta. Quero dizer, você não parece ter um pau no mesmo sentido que os humanos, mas presumo que você perceba onde seu rosto está tão perto agora e que você o lambeu por acidente? Isso é bom. Podemos fingir que nunca aconteceu e podemos...

— Você quer que eu pare?

Eu não quero que ela diga não.

Sou um idiota por fazer essa pergunta, porque se ela disser não agora, ficarei para sempre assombrado com o que pode acontecer se eu continuar.

Mas ela não respondeu à minha pergunta.

Em vez disso, aquele perfume doce que emana de baixo de seu pelo aumenta e sua pequena língua rosa sai de sua boca para molhar os lábios.

— Quero dizer... isso não é apropriado — ela sussurra, seu olhar fixo no meu e suas bochechas ficam com uma cor rosada, é como se sua palidez tivesse desaparecido.

Eu relaxo um pouco.

Uma mulher Vullan é sempre aquela que inicia se ela quer a atenção de um homem.

Ela oferece comida a ele como convite para visitar seu ninho ou canta para ele se for mais direta.

Mas Adee'ra não fez nada disso.

Ela não é Vullan. Não espero o mesmo comportamento dela.

Mas, do jeito humano dela, acho que ela está me dizendo que não quer isso.

— Isso é um não?

Sua garganta se move novamente e suas bochechas esquentam.

— Não — ela sussurra. — Não é um não...

Graças aos deuses.

Seu olhar se desvia de mim por um segundo e eu juro que sua pele fica mais quente.

A sala escurece quando eu fecho meus olhos e um tambor vibra no meu peito.

— Bom.

Capítulo Vinte e Quatro

Adira

Todo o meu corpo estremece enquanto vejo Fer'ro se inclinar entre minhas pernas.

Eu já estou doendo lá e quando sua língua passa pelo meu centro, meu corpo inteiro estremece.

Isso não era o que eu esperava estar fazendo agora...

A pessoa moralmente correta dentro de mim quer dizer a ele para parar, mas a pessoa aqui, agora, não quer que ele pare.

Suas mãos deslizam pelas minhas pernas para descansar na junção das minhas coxas enquanto ele abre minhas pernas, abrindo-as enquanto olha para mim.

Naquele momento, eu quero juntar minhas pernas.

Nenhum homem jamais olhou para mim do jeito que Fer'ro está olhando para mim agora...

Nenhum homem jamais me observou com tanto foco.

As fêmeas Vullan ainda têm vaginas como a minha?

O pensamento de que talvez seu olhar intenso seja porque eu pareço estranho para ele me faz tentar juntar minhas pernas.

Mas há um grunhido de desaprovação e a vibração que enche o peito de Fer'ro e se espalha por seu corpo me deixa paralisada, meu peito arfando quando olho para ele.

Ele faz um som que sai quase como um gemido profundo antes que aquela língua perversa dele saia de sua boca novamente.

A visão disso faz minha boceta apertar e eu realmente me sinto como uma cadela suja por de repente querer tanto isso.

Putá merda...

Tudo que eu quero é que ele me toque com isso novamente.

A textura dele, a sensação contra minhas pernas e minhas coxas enquanto ele lambia minhas feridas, tornava quase impossível ficar parada.

E agora, enquanto o observo passar o espesso rosa sobre os lábios, estremeço ao pensar nisso me tocando novamente.

Fer'ro faz um clique e um trinado que me lembra um pássaro da floresta tropical antes de abaixar a cabeça.

Meus olhos reviram em minha cabeça enquanto sua língua passa sobre mim.

É quente e úmido, aveludado, mas firme. Existem pequenas saliências descendo pelo centro e sinto cada uma delas enquanto se movem sobre minha pele sensível.

Sua língua estala timidamente, como se estivesse me provando. Ele se move lentamente pelos meus lábios internos, como se estivesse explorando cada centímetro de mim e eu luto para manter minhas costas retas. Luto para ficar parada, para não me mexer.

Eu agarro a roupa de cama e mordo com força meu lábio inferior.

Não consigo respirar e meu corpo está tão esticado que posso sentir meus músculos protestando.

É tudo o que posso fazer para não gritar e me debater. Meus quadris se esforçam para resistir e, quando ele encontra meu clitóris, meu corpo se move para cima.

O movimento apenas bate meus quadris em seu rosto e ele vibra novamente.

E então... ele está me prendendo.

Mesmo que eu quisesse me contorcer agora, não conseguiria.

Sua língua está em todo o meu sexo. Quente. Molhado.

Fer'ro vibra contra mim e o som, o fato de que ele parece estar gostando disso tanto quanto eu, me deixa tensa quando uma nova onda de calor se espalha por mim.

Fer'ro rosna contra mim enquanto lambe meus sucos e tudo isso é tão inesperado, mas tão deliciosamente sujo, que eu aperto novamente.

Ele está vibrando tão forte que sua língua vibra a cada golpe enquanto ele me lambe e me chupa.

Ou talvez seja o fato de que ele também está gemendo em minha boceta cada vez que puxa a língua para trás.

Meus quadris empurram contra ele mais uma vez e ele geme novamente.

Posso sentir a pressão crescendo dentro de mim, caindo em meu ser como um trem de carga.

Quero avisá-lo, mas não posso.

As palavras não vêm.

Abro a boca para dizer algo, mas apenas um gemido escapa.

Isto está errado.

Isso é muito errado.

Mas parece que sim. Porra. Bom.

Estou ofegante quando me abaixo para tocá-lo, minhas mãos acariciando as mechas grossas no topo de sua cabeça, e Fer'ro bate mais forte.

Eu — eu vou vir.

Minhas pernas apertam com força, apertando com força e há uma preocupação momentânea que dispara através de mim que pode ser desconfortável para ele. Mas Fer'ro geme contra mim quando minha boca se abre em um gemido meu - um que se transforma em grito quando perco o controle quando o sinto.

Grosso e molhado, Fer'ro me perfura com sua língua.

O orgasmo que me atinge me põe em órbita.

A parte superior do meu corpo salta para fora da cama, mas não posso ir a lugar nenhum porque Fer'ro ainda está me segurando.

E ele não está parando.

Posso sentir sua língua dentro de mim, cavando e torcendo enquanto sua boca se fecha sobre mim.

Ele está lambendo meus sucos enquanto eu perco o controle do meu corpo, todo o meu ser, e caio para trás, minha barriga convulsionando quando eu me empurro.

— Fer'ro. — Eu quero dizer a ele para parar. Que eu não aguento mais. Mas tudo o que escapa dos meus lábios é um gemido.

O orgasmo ainda está fazendo meu corpo tremer. Não está terminando e Fer'ro não está diminuindo a velocidade.

Eu começo a choramingar enquanto meu corpo treme. Minha boceta parece que está vazando açúcar quente e Fer'ro não hesita em lamber cada gota.

— Fer'ro — eu gemo novamente e, finalmente, sinto sua língua desacelerar.

Quando ele olha para mim, não consigo mais ver suas pupilas. É como olhar para o fogo e eu libero neste momento, é exatamente isso que ele é para mim.

Sempre fui atraída por coisas que podem me queimar, mas nenhuma como ele antes.

Uma vergonha repentina toma conta de mim.

O que acabei de fazer?

A língua de Fer'ro percorre seus lábios, lambendo o restante de meus sucos de sua pele e minhas bochechas queimam.

O que diabos há de errado comigo?

O mundo está acabando. Enquanto isso, Adira Mosely está sendo fodida por uma língua alienígena do tamanho do pênis de um homem adulto.

Porra!

O objeto de meu prazer e minha mortificação desaparece por trás dos lábios de Fer'ro, mas seu estranho olhar de lava ainda está em mim.

Eu não posso dizer o que ele está pensando e me pergunto se ele está se arrependendo do que aconteceu entre nós.

Ou... ele quer que eu devolva o favor?

Eu aperto novamente com isso, uma resposta que me surpreende tanto quanto o que acabou de acontecer entre nós.

A sala ficou em silêncio.

O que deveria dizer?

Eu abro minha boca para... me desculpar? Mas o retângulo que é a porta de repente se ilumina, brilhando em verde.

— Tenho que ir — Fer'ro diz e seu ba'clan aparece novamente, deslizando sobre sua pele em uma fração de segundo. — Eles precisam de mim.

Minha boca se fecha e tudo que posso fazer é acenar com a cabeça.

Enquanto Fer'ro escorrega da cama, eu o observo partir.

Ele parece tão composto quanto no primeiro dia em que o conheci.

Mas quando ele se vira para olhar para mim antes de sair da sala, noto que suas pupilas ainda estão invisíveis, seus olhos ainda ardendo como fogo.

Talvez não tão composto quanto parece.

Merda.

Meu coração está batendo forte no meu peito enquanto eu aperto minhas coxas para tentar parar o latejar lá.

Eu devo ser uma pessoa horrível porque um arrepio de excitação agora está passando por mim.

É ruim eu querer mais?

Fer'ro

Todo o meu ser vibra e meu ba'clan pulsa contra mim quando saio de meus aposentos para enfrentar Ga'Var.

Meu companheiro de útero fareja e seu olhar fica lívido enquanto seus dentes se afastam de seus lábios.

— Você não fez.

Finjo que não sei a que ele está se referindo e começo a caminhar até a ponte, mas sei que ele também pode sentir o cheiro.

Mesmo com meu ba'clan de volta no lugar, o cheiro de Adee'ra está em mim.

Não houve tempo para me limpar antes de sair de meus aposentos sem que Ga'Var entrasse.

Privacidade não é algo compartilhado entre nós Vullan.

Mas assim que senti sua presença fora de meus aposentos, soube que não queria que ele visse Adee'ra.

Não com ela nua...

Não com aquele rubor rosa por todo o corpo...

Não com seu corpo ainda tremendo com a sensação da minha língua contra seus preciosos pedaços.

Então, tive que sair às pressas, sem antes visitar a estação de limpeza.

Rek... eu não desejo remover o cheiro dela de qualquer maneira.

— Você acasalou com a fêmea? — Os passos de Ga'Var soam ao meu lado e eu paro no meio do caminho.

— Ela não é apenas a fêmea.

Ela é minha. Eu sei disso agora.

Mas isso não é algo que eu queira revelar ainda.

Ainda estamos em um planeta desconhecido e coisas confusas estão acontecendo, como minha falta de controle, o fato de alguns dos meus ba'clan terem migrado do meu ser para Adee'ra...

Ga'Var se aproxima. — Achei que tínhamos concordado em não avançar nas fêmeas. Elas não são como as mulheres Vullan. Elas não são tão agressivas. Não tão fortes. Elas não podem nos levar. Para você forçar uma quando ela não quer você...

Meu companheiro de útero dá um passo mais perto e é como se ele quisesse me matar.

Sinto sua agressividade mesmo sem enfrentá-lo.

— O que deu na sua cabeça, Fer'ro? Quando os outros souberem disso, e eles vão sentir - o cheiro dela está em você - eles ficarão furiosos. Você, mais do que ninguém, sabe que não forçamos...

— Eu não a forcei.

Ga'Var olha para mim, suas orelhas estremecendo enquanto ele fareja novamente.

— É um cheiro de acasalamento que eu sinto. Eu sou positivo porque me faz querer encontrar a fêmea e...

Um rosnado sai da minha garganta.

Em um momento, estou parado de forma não ameaçadora, e no outro meus pelos estão à flor da pele e Ga'Var está preso contra a parede do corredor.

A surpresa alarga suas feições.

— Adee'ra — eu clico, — é minha

Tanto para não revelar isso ainda.

— Ela não escolheu você — ele rosna de volta e meu domínio sobre ele afrouxa um pouco.

Ele está certo.

Eu praticamente segurei suas pernas abertas para que eu pudesse tê-la.

Para que eu pudesse prová-la.

Eu sufoco um tremor com a memória de suas dobras macias, mas seu cheiro ainda está na minha pele, meus lábios.

Eu quero mais.

— Você é meu companheiro de útero, Fer'ro. Mas se você forçou a humana...

Eu o solto e ele cambaleia um pouco. — Eu não a levei — eu digo enquanto coloco meus pelos para longe.

Pelo menos... não com meu sazi. Mas eu rekking queria.

— Você é meu companheiro de útero. Por que mentir para mim? Posso sentir o cheiro dela na sua pele .

— Não é o que parece — eu me afasto dele. — Há coisas mais importantes de qualquer maneira. Devemos lidar com eles primeiro. Não vai demorar muito para o Gryken perceber que estamos aqui. Não podemos demorar.

Posso senti-lo me observando enquanto me afasto, mas suas palavras permanecem em minha mente.

Adee'ra não me escolheu.

Só posso esperar que ela o faça.

Porque eu sei agora. Eu a quero e ninguém mais vai tê-la.

Ela é minha.

Capítulo Vinte e Cinco

Adira

Estou quente e confortável quando acordo e percebo que devo ter adormecido.

Parece que alguém está me abraçando por todo o corpo, segurando-me com força em um abraço reconfortante.

Fer'ro.

Meus olhos se abrem e eu aperto um pouco.

Mas quando acordo, percebo que há alguém diante de mim.

Fer'ro... o que significa que não é ele quem está me segurando .

Meus olhos se abrem totalmente e minha cabeça pisca para o lado enquanto olho para trás. Mas estou sozinho na cama.

Assim que me viro para olhar para Fer'ro, sei que algo está errado.

Há alarme em seu olhar. Confusão. Cautela.

No fundo, estou surpresa comigo mesma por ser capaz de identificar suas emoções tão claramente, mas o fato de elas estarem lá me preocupam mais.

Quase não quero seguir seu olhar, mas o faço de qualquer maneira, inclinando o queixo para olhar para mim mesma.

A pele ao longo dos meus braços se arrepia assim que me vejo e me jogo na posição sentada.

Todo o meu corpo até o pescoço está coberto de preto.

O ba'clân.

Meus olhos estão arregalados enquanto meu coração martela contra meu peito.

— O que está acontecendo? Eles não eram assim antes de eu adormecer. Estou quase com medo de me mover, como se isso fosse fazer com que algo ruim acontecesse, mas minha voz treme mesmo assim. — Mais deles migraram de você enquanto nós...

Eu paro, minhas bochechas ficando quentes com o pensamento.
Meu centro ainda está agradavelmente dolorido.

— Não — diz ele. — Esses são o mesmo lote que migrou para você desde o início.

Estou balançando a cabeça antes que as palavras se formem na minha garganta. — Mas... não havia tantos antes.

— Correto. — Seu olhar percorre meu corpo.

Estou nu... mas não.

O ba'clan esconde tudo como uma espécie de roupa de látex justa.

— Você criou uma nova colônia.

Pisco para Fer'ro. — Eu criei um - e agora?

Eu o ouvi bem. Acho que não entendo.

Acho que não quero entender .

— Uma colônia — ele repete enquanto se inclina e se ajoelha diante de mim, seu olhar um pouco mais amplo do que o normal.

— O que você quer dizer? — Meu coração está começando a bater com tanta força contra minhas costelas que tenho certeza que ele pode ouvi-lo. — Você tem que quebrar isso para mim como se eu fosse uma criança. Eu não ...

— Uma nova colônia do ba'clan que migrou para você. — Sua voz tem uma nota de admiração. — Isso só acontece quando...

Eu engulo. Minha mente está gritando que eu deveria tirá-los de mim, mas é uma experiência estranha.

Eu realmente não posso senti-los.

A sensação de ser abraçado vai indo embora aos poucos.

Estou me olhando, notando que nem um centímetro de pele está livre, quando percebo que Fer'ro parou de falar.

Meu olhar pisca para o dele e ele está olhando para mim como se eu fosse a quinta maravilha do universo.

— Fer'ro... isso é uma coisa ruim?

O ba'clan ainda não me machucou, mas algum tempo atrás, eles simplesmente estavam no meu braço.

Se eu tivesse que perder um braço por causa deles, isso poderia ter sido algo a que me acostumaria. Mas agora eles estão sobre todo o meu corpo e, bem, não existe eu se eu não tiver mais corpo.

— Eu... acho que não — diz ele. — Eles não vão te machucar. — Seu olhar está se movendo sobre a minha pele, ou, pelo menos, o ba'clan que se prendeu a mim.

— Como eles se sentem?

Tento acalmar minha respiração e me concentrar.

Eu realmente não consigo sentir... nada e isso me deixa nervosa.

As dores que estavam por todo o meu corpo por causa dos cortes e arranhões... não consigo sentir nem um deles.

Eu me sinto tão bem quanto me sentia antes dos orbes caírem do céu.

— Eu me sinto bem.

As orelhas de Fer'ro se contorcem um pouco e enquanto seu olhar continua a se mover sobre mim, ele para no centro das minhas coxas.

Minhas bochechas esquentam e sinto o ba'clan pulsar contra minha pele, como se pudessem sentir meu constrangimento.

Eles também me cobriram completamente, escondendo minha nudez.

Eu pisco para eles.

Eu não consegui tirá-los do meu braço antes... e se eu precisar fazer xixi?

Fer'ro deve ter lido minha mente porque responde minha pergunta sem que eu fale.

— Diga a eles para se moverem — diz ele.

Eu pisco para ele. Não pode ser tão fácil.

Se fosse esse o caso, por que ele não havia sugerido isso desde o início, quando eles estavam no meu braço?

— Apenas... diga a eles para se moverem?

Fer'ro não está focado em mim. Seu olhar ainda está vagando sobre a tinta em branco que está em cima de mim agora.

— Mova-se — eu digo, mas minha testa franze quando nada acontece.

Há um som suave. Um trinado suave que vem de Fer'ro e quando eu olho para ele, suas orelhas se contraem um pouco.

— Com sua mente. Diga a eles para se mexerem.

Estou franzindo a testa para ele agora. Certamente, isso não vai funcionar, mas eu faço mesmo assim.

Mova-se .

Nada acontece.

— Eu não acho que eles trabalham comigo da mesma maneira que fazem com você.

— Eles se uniram a você. Ter formado uma colônia novinha em folha... — Seu olhar viaja um pouco mais sobre mim. — Diga a eles para se moverem novamente. Não diga o pensamento — ele encontra meu olhar — em vez disso... pense neles se afastando.

Eu aceno para ele um pouco enquanto tento entender o que ele está tentando me dizer para fazer.

Pense neles se afastando.

Tipo... imagine eles?

Estou tão tensa, é um esforço consciente para me acalmar.

Imagino o ba'clan se afastando de minhas partes íntimas da mesma forma que os vejo se mover como água na pele de Fer'ro.

Eu nem sinto quando eles se afastam, mas meus olhos se arregalam quando vejo minha pele sendo revelada.

Percebo, tardiamente, que acabei de mostrar minhas partes íntimas na frente dele mais uma vez.

Fer'ro rosna e o selo se fecha, cobrindo-me novamente.

Meu coração bate contra o meu peito.

Eu não sei o que pensar.

Acabei de controlar uma forma de vida alienígena.

As pupilas de Fer'ro estão ficando mais finas quando ele se levanta e dá um passo para longe de mim.

Ele rosna de novo e eu mal vejo a ponta de sua língua enquanto ele desliza contra a linha de seu lábio.

Engulo em seco, meu coração batendo contra o meu peito por uma razão totalmente diferente agora.

— Eu devo buscar He'rox — diz ele.

— Não!

Eu escorrego da cama e quase tropeço quando meu pé toca o chão.

Ficar de pé parece diferente. Meu peso parece diferente.

Quase parece que estou flutuando um pouco.

Estou arquivando tudo isso no fundo da minha mente enquanto encaro Fer'ro.

— He'rox precisa cuidar de Mina. Eu posso ir até ele. Não quero que ele deixe a enfermaria para não emergências.

— Isso é imprudente. — Fer'ro não está olhando para mim e, quando me aproximo, percebo a coisa mais curiosa.

Dentro de seu nariz há uma membrana. Só vejo agora porque ele está usando para bloquear as narinas.

— Meus irmãos ainda não o viram. Eles podem estar... alarmados.

Olho para mim mesma então. Talvez eu possa dizer ao ba'clan para desaparecer como Fer'ro faz, mas quando tento, nada acontece.

— Eles não podem se infiltrar em sua pele do jeito que fazem por nós. Eles existem com meu povo há eras. Nós evoluímos juntos. Nossa pele é mais grossa que a sua. Com você, eles não têm para onde ir.

Faz sentido.

Em vez disso, imagino-os formando uma coluna estreita ao longo da minha coluna e fico maravilhada quando eles desaparecem da minha pele.

— Como eles estão fazendo isso? Como eles sabem o que estou pensando?

Mas estou nua de novo e Fer'ro parece não ter ouvido o que acabei de perguntar.

Em vez disso, ele vibra.

É um som sexy que faz meu olhar disparar para o dele e eu posso sentir meu centro pulsar enquanto as imagens do que nós fizemos possivelmente apenas algumas horas atrás inundam minha mente.

— Eu também não desejo que meus irmãos ponham seus olhos em você quando você está nua.

Sua voz é tão baixa, quase possessiva, e tenho que me esforçar para ouvi-lo.

Mas ele está certo.

Não é como se eu quisesse sair deste quarto nua também.

Com esse pensamento, o ba'clan se espalhou sobre mim novamente, cobrindo-me em uma fração de segundo.

Fer'ro se vira para a porta e vejo seu ba'clan ondular em suas costas largas.

— Eu vou pegar He'rox.

Eu nem protesto desta vez.

Capítulo Vinte e Seis

Fer'ro

Existem muitos cheiros estranhos ao redor de Adee'ra e um por um, estou notando o que eles significam.

Aquele cheiro estranho que estava fraco antes, aquele que Ga'Var sentiu enquanto estava naquela floresta, está aqui novamente.

Eu sei o que é agora.

Excitação

Senti o cheiro distintamente quando ela ficou nua e olhou para mim.

Meu peito arfa com o pensamento de que talvez, apenas talvez, esse pequeno ser humano me queira tanto quanto agora sei que a quero.

Mas primeiro, devo determinar o que está acontecendo com ela com o ba'clan.

Nenhum outro ser em sistemas estelares próximos ao nosso foi capaz de se relacionar com nosso ba'clan.

O que torna os humanos tão especiais?

Mas, novamente, não são todos os humanos que têm essa habilidade.

Apenas Adee'ra.

Sa'am e Mee'na não atraíram nenhum ba'clan.

Quando passo por alguns de meus irmãos pelos corredores, eles olham em minha direção e estalam saudações em suas gargantas.

Seus rostos parecem serenos, mas não perco a forma como suas orelhas se contorcem ou o cheiro discreto que ocorre quando passo.

Eles devem estar ocupados preparando as coisas para que possamos ir para um local que encontramos na superfície deste planeta.

Um lugar para criar uma base.

Um lugar para se esconder enquanto reunimos recursos para construir armas suficientes para derrubar o Gryken.

Nossa nave está camuflada. O Gryken ainda não pode nos detectar e as varreduras mostram que não há nenhum por perto.

Mas nem tudo é como parece. Não há tempo para se tornar complacente.

Eles não devem se preocupar com onde eu coloquei meu rosto recentemente, ou o que eu faço com minha língua.

Mas mesmo quando eles se afastam, com cliques comunicando curiosidade baixa em suas gargantas, não posso negar que... gosto disso.

Gostei de compartilhar esse tempo com Adee'ra.

Espero que ela deseje que eu lamba suas feridas novamente.

Breve.

Assim que chego à ala médica e ativo a porta, sou recebido com o rosto sério e hostil de He'rox.

Atrás dele, a enfermaria voltou ao normal. Nada está fora do lugar para sinalizar o caos que foi desencadeado dentro dele e o Gryken morto não está em lugar nenhum.

He'rox é provavelmente o responsável por isso.

Ele possivelmente tem o corpo preservado em algum lugar.

Para... estudar.

— Eu estive esperando por você — diz ele e minhas orelhas se contorcem um pouco.

Ele não diz mais nada, mas eu sei exatamente o que ele quer dizer.

Ele tinha visto o braço de Adee'ra antes.

Eu estou certo disso.

Nada parece passar por ele.

— Onde está a fêmea? — Ele olha para trás e percebe que Adee'ra não está lá.

— Venha — Eu me viro e a única indicação de que o homem está me seguindo é o assobio quase inaudível da porta quando ela se fecha atrás dele.

— Os outros viram... a anomalia? — ele pergunta.

— Não tenho certeza.

Se Ga'Var e San'ten notaram, eles não comentaram sobre isso. Isso por si só é curioso.

— O que você acha disso?

Meu ba'clan se contorce um pouco, fazendo cócegas na minha nuca.

Há um certo tom em seus cliques e eu paro no meio do corredor para me virar e olhar para ele.

— Ela não será uma de suas pequenas experiências, He'rox. — Meu olhar desliza por seu corpo pálido. — Nós já sabemos o que acontece quando você fica... excessivamente zeloso.

Vejo o momento em que suas pupilas se estreitam e imediatamente me arrependo de minhas palavras.

Mas elas precisam ser ditas, para que ele não se esqueça do passado.

Sua mandíbula aperta enquanto seus dentes aparecem um pouco enquanto ele clica em uma resposta através deles.

— Entendido... capitão.

Meu ba'clan se arrepiou um pouco com a súbita formalidade em seu tom.

Caminhamos o resto do caminho em silêncio, tudo sobre os últimos cliques, de Adee'ra, se repetindo em minha mente.

Quando chegamos à entrada dos meus aposentos, faço uma pausa.

O interior é preenchido com o belo aroma de suu'ci e acasalamento - como a pequena e perfeita fêmea humana que tranquei dentro de mim.

De repente, é uma má ideia trazer He'rox aqui.

Ele estala atrás de mim, sentindo meus pensamentos.

— Eu já sinto o cheiro do acasalamento em você. Não seja estúpido. Eu não quero ter nenhuma mulher. Eu nunca terei. — Ele faz uma pausa. — Eu nunca vou.

Há amargura nas últimas palavras e não tenho escolha a não ser abrir a porta.

Então eu faço isso.

O cheiro doce de Adee'ra flui pelo ar assim que entramos.

É uma garantia. Não cheira mais como meus aposentos. O cheiro é quase estranho. Mas eu gosto.

Eu murmuro baixo, ignorando a presença de He'rox quando eu a avisto.

Ela está parada perto das penas, seus olhos arregalados indo de mim para He'rox.

— Pelos deuses... — He'rox avança. — Impossível.

O olhar de Adee'ra se volta para mim. Ela não consegue entendê-lo porque ele fala em nossa língua.

Seu ba'clan precisa de mais tempo para assimilar a linguagem humana.

Ou isso, ou ele não se importa em aprender.

— Ele está surpreso — eu traduzo para ela.

— Boa surpresa? Muito surpreso?

He'rox está parado na frente dela agora e ele é tão grande que ela parece terrivelmente pequena ao lado dele.

A diferença de tamanho me pega de surpresa.

É assim que ela se parece ao meu lado?

Ele e eu somos quase do mesmo tamanho.

Sei que ela é pequena, mas...

De repente, as preocupações do meu companheiro de útero não parecem surgir apenas de ciúmes.

Possivelmente, Ga'Var está genuinamente preocupado com a segurança de Adee'ra.

Não há como Adee'ra me pegar se nós acasalarmos.

Ela não é apenas muito frágil. Ela é muito pequena.

— Quando isto aconteceu? — He'rox clica, seu olhar se movendo sobre o corpo revestido de simbiote de Adee'ra. — Conte-me tudo.

Adira

Eles estão discutindo sobre mim como se eu não estivesse aqui.

De vez em quando, Fer'ro traduz alguma coisa para que eu possa entender, mas posso sentir que ele está omitindo muito e que a conversa está esquentando.

Aparentemente, essas... coisas que agora cobriram todo o meu corpo não costumam se ligar a novas formas de vida, nem mesmo em seu planeta.

Os ba'clan sempre coexistiram com os Vullan e apenas com os Vullan.

O médico quer fazer exames e Fer'ro é contra.

Eles discutem sobre isso por vários minutos, com o branco ficando tão aquecido que seus tentáculos começam a se enrolar.

— Ela está bem . Saudável. Ileso. O ba'clan não vai machucá-la. Eles já teriam feito isso. Fer'ro fala em inglês e sei que ele faz isso por mim. Mas suas palavras me arrepiam.

Eles já teriam feito isso ...

Uma lasca de medo corre pela minha espinha com essas palavras e o ba'clan nas minhas costas se arrepia como se eles pudessem sentir o que estou sentindo.

Não é a primeira vez que eles reagem a mim... minhas emoções.

Eu vi o que eles podem fazer também. Eles parecem ser capazes de reagir, transformar -se por capricho.

Eu os vi passar de perigosas lâminas afiadas para criar um casulo que escondemos embaixo.

Fer'ro está certo. Se eles quisessem me machucar, eles já não teriam me matado?

Enquanto os dois alienígenas à minha frente discutem, cliques agudos ecoando na sala, eu me afasto deles, meu olhar em minhas mãos.

De alguma forma, fiz com que eles quisessem viver em mim como um parasita? O que essas coisas querem comigo?

O que você quer?

É um pensamento, mas o ba'clan se irrita contra mim de qualquer maneira.

Por um momento, paro, sem saber se eles estão reagindo a alguma outra coisa ou à pergunta que fiz em minha cabeça.

Você quer me matar?

Há uma pulsação contra o meu peito, sobre o meu coração, e meu olhar cai para o local.

É uma espécie de pulsação reconfortante. Não sei como sei disso, mas tenho a nítida sensação de que a resposta é não.

Então o que você quer? Por que vir a mim?

Eu não recebo nenhum pulso desta vez. Talvez minha pergunta tenha sido muito complicada.

Se você não quer me matar, o que você quer? Eu engulo em seco e lambo meus lábios. Estou quase com medo de projetar a próxima pergunta.

Você pretende me prejudicar de alguma forma?

Nada.

Você quer me ajudar?

Pulso.

Meu peito arfa quando lentamente me decido sobre o pensamento de que os ba'clan estão se comunicando comigo.

Estou falando, me comunicando, com uma entidade alienígena sem rosto que me encobriu inteiramente.

Uma entidade que quer me ajudar.

Eu me pergunto o que eles querem dizer com isso, mas, em vez do medo que deveria estar lá, eu estou... calma.

Viro-me para Fer'ro e He'rox, prestes a contar a eles o que acabei de perceber quando o tempo passa devagar diante de mim.

Meus olhos se arregalam. Minha boca se abre quando o ar deixa meus pulmões.

Algo está vindo em minha direção pelo ar.

Algo metálico.

Algo afiado.

Direto para o meu peito.

Eu só tenho um momento de percepção antes de uma parede preta aparecer de repente diante de mim, pegando o objeto dentro dela.

Meu coração para.

Eu não sei o que diabos aconteceu até que ouço um rugido e o escudo diante de mim cai. O objeto cai aos meus pés com um som abafado.

Meu cérebro deve estar lento porque tudo está acontecendo muito rápido.

A percepção surge nos lentos segundos em que observo o súbito caos se desenrolar.

Fer'ro está no ar, seus braços em volta da garganta de He'rox enquanto os dois batem na parede.

Meu olhar cai para o objeto que vinha em minha direção e percebo que é um daqueles estranhos instrumentos de metal que vi na ala médica.

Então me ocorre.

Ele é... me atacou. E o ba'clan... eles criaram uma parede. Eles pararam o ataque. Eles me salvaram.

Fer'ro é todo espinhos e fogo enquanto joga o outro macho pela sala.

Ele olha na minha direção, provavelmente para verificar se estou bem, antes de se lançar contra He'rox novamente.

Mas o que é estranho é que He'rox não está em sua forma de batalha.

Ele está olhando para mim e eu não sou especialista em ler suas feições inexpressivas, mas ele não parece nem um pouco hostil.

O que diabos?

— Eu estava certo — diz ele

Ele é respondido por outro rugido que ecoa nas paredes quando Fer'ro o agarra mais uma vez, levantando-o do chão.

— Não se atreva a falar com ela depois do que você acabou de tentar!

Uma grande lâmina se forma no traje de Fer'ro e ele planta a ponta na base do pescoço de He'rox.

He'rox não parece nem um pouco perturbado.

Seu olhar ainda está em mim e o que parece ser admiração brilha naqueles olhos azuis semicerrados dele.

— Espere — eu sussurro.

É tão baixo que estou surpreso que Fer'ro me ouça mesmo com seu próprio rosnado.

Dou um passo à frente e a voz de Fer'ro ressoa. — Não se aproxime, Adee'ra. — Ele pressiona He'rox na parede um pouco mais. — Não posso prometer que o sangue dele não vai derramar em você depois que eu o cortar em dois.

Eu paro no meio do caminho, meu olhar em He'rox.

— O que você quer dizer com 'eu estava certo?' O que você quer dizer com isso?

Os tentáculos de He'rox se movem um pouco. — Eu não queria assustá-la, pequena humana, mas sabia que eles iriam protegê-la.

Parece que seu olhar azul está perfurando minha alma.

— Isto é um... — ele clica no resto da frase e fico me perguntando o que ele quer dizer.

Mas Fer'ro endurece um pouco e rosna. — Impossível. Ele clica na mesma palavra — é impossível.

— Um o quê? O que você está falando?

Quando Fer'ro larga suas lâminas e solta He'rox, o macho cai no chão, mas não tira os olhos de mim.

O olhar de He'rox é enervante, como se eu fosse algum espécime estranho que ele acabou de descobrir.

— O início de uma nova era Vullan — diz ele.

Capítulo Vinte e Sete

Fer'ro

He'rox quase perdeu sua energia vital neste dia.

Para puxar tal golpe em minha Adee'ra... eu deveria aleijá-lo de qualquer maneira.

Eu mantenho minhas costas para Adee'ra enquanto concentro toda a minha raiva no macho na minha frente.

Não quero que ela me veja assim porque sei como sou.

Morte.

Então eu me forço para baixo enquanto as palavras de He'rox se repetem em minha mente.

Uma nova era...

— Você é especial — He'rox clica para Adee'ra. — Talvez todos vocês sejam.

Eu rosno para ele. — Quietos. Você não consegue falar com ela. Sinto meu ba'clan endurecer, pronto para se eu decidir atacar mais uma vez. — Você não pode falar com ela depois do que acabou de fazer. Você tem sorte de eu não te apagar da presença dela permanentemente.

Suas orelhas se contorcem quando ele olha para mim e eu vejo como elas caem para trás contra sua cabeça de vergonha.

— Você está certo em estar com raiva. Mas foi a melhor maneira de testar minha teoria.

— E se sua teoria estivesse errada? — Dou um passo em direção a ele e tenho que me conter fisicamente para não agarrar sua garganta mais uma vez.

— Meu instrumento não a teria perfurado. É apenas uma cópia plasmática feita para se parecer com a coisa real. Um leve hematoma é tudo o que teria resultado do ataque.

Eu ainda me eriço e um rosnado escapa dos meus lábios.

— Veja se eu me importo?

As orelhas de He'rox se contorcem nas laterais de sua cabeça e seus tentáculos se flexionam um pouco. — Você não.

Seu olhar se move para Adee'ra.

Ela está em silêncio. Nos ouvindo. Mas estou falando propositalmente em nossa língua porque não quero que ela ouça o que esse homem insano antes de mim sugeriu.

Isso... Adee'ra é meu laço de alma.

— Você vê a evidência diante de você — diz He'rox. — Você sabe que o que eu digo é verdade. — Ele faz uma pausa e se levanta em toda a sua altura. — Edooria está destruída. Os simbioses precisam continuar suas espécies... assim como nós. Eles estão começando a resolver um problema que não sabíamos como resolver.

Lentamente, meus pelos se levantam um pouco. É apenas a presença calma de Adee'ra atrás de mim que os mantém contidos.

Estendo meus sentidos em direção a ela e inspiro profundamente quando seu calor, sua suavidade e seu perfume me envolvem.

Ela é minha e se o que He'rox sugere for verdade, a pequena humana atrás de mim será minha para sempre.

— Adee'ra — eu luto para manter meu nível de voz, não afetado. — Você está ferida?

Eu sei que ela não está. Os simbioses que ela segura estão conectados aos meus.

Eu teria sentido se ela fosse ferida.

— Não, eu estou bem. O ba'clan, eles... eles criaram algum tipo de escudo.

Trabalhando em uníssono para proteger o hospedeiro.

Eles se uniram com sua coluna neural.

Não sei como dizer isso a ela - que também é a razão pela qual ela pode comandá-los com seus pensamentos.

— Como você está se sentindo?

Ouço quando ela engole em seco e quero olhar para ela, mas ainda não tenho certeza se consigo me controlar.

Em vez disso, concentro-me em He'rox, porque raiva é algo que estou acostumado a sentir.

O que Adee'ra está despertando dentro de mim é algo que nunca senti antes.

— Eu me sinto ótimo. — Ela diz a última palavra com alguma surpresa em sua voz.

— Bom — He'rox clica. — Sem efeitos adversos. Uma tenaz raça de seres. Não é forte... — Seu olhar desliza sobre Adee'ra e eu sinto meus lábios repuxando meus dentes. Mas He'rox continua como se fosse burro, o que não é. — Fraco. Frágil...

Meu rosnado o faz olhar em minha direção.

— Mas adaptável — diz ele. — Possivelmente essa é a força desta corrida. A velocidade com que os simbioses se adaptaram à humanidade é surpreendente.

Ele está olhando para Adee'ra com tanto interesse agora que sibilo para ele.

— Não se preocupe — seus tentáculos se enrolam enquanto ele olha para mim, — eu sei. Eu não vou estudá-la.

— Bom — eu clico.

As coisas ficaram muito mais complicadas. Há muito que tenho que considerar agora com esta nova revelação.

Mas não tenho a chance de seguir nessa direção, pois meus pensamentos são suspensos quando a entrada de meus aposentos se acende.

Ga'Var.

Rekking ...hora horrível para ele aparecer.

O retângulo verde pulsa um pouco antes da abertura se materializar para revelar o grande contorno do meu companheiro de útero.

Ele é o último ser que quero em meus aposentos agora.

A primeira coisa que ele faz é cheirar o ar, seu olhar voando imediatamente para Adee'ra.

— O que é isso?

Meus dentes recuam ainda mais com a acusação em seu tom. Eu já estou no limite. Tanto assim, que meus cabelos se levantam.

— Nada para se preocupar, companheiro de útero.

Ele dá um passo para dentro e a porta se fecha atrás dele.

Terei que fazer uma regra de que ninguém mais pode entrar em meus aposentos sem ser convidado.

Eu tenho uma mulher aqui comigo agora, porque de jeito nenhum vou permitir que Adee'ra descanse em outro lugar nesta nave

— Qual o significado disso? — Ga'Var pergunta novamente, seu olhar fixo em Adee'ra. — Ela é...

Antes que eu possa responder, Adee'ra fala.

— Eu não consigo entender você, embora eu realmente desejasse poder. Algo parece estar acontecendo aqui que me envolve, mas não

tenho ideia do que diabos vocês estão dizendo. Ela dá um passo à frente, ignorando minha irritação, e encontra meu olhar.

Eu me sinto me acalmando só de olhar para ela.

— Eu sei que você provavelmente não está falando inglês porque não quer me assustar ou algo assim, mas eu prometo a você, nada do que você disser agora me surpreenderia.

Ela estende a mão em minha direção e meus cabelos se arrepiam. Ga'Var clica em desaprovação.

Eu o ignoro.

— Fale para que ela possa entender — eu digo.

Quando volto minha atenção para Ga'Var, ele está carrancudo para mim. — Você tinha a fêmea assimilada? — Seus olhos escuros ficam mais ricos de raiva e quase posso sentir o ciúme emanar dele. — Você acasalou com ela e compartilhou sua colônia?

Ele está falando na língua de Adee'ra e ela entendeu cada palavra. Seus olhos se arregalam um pouco.

— Nós não — Sua pele está quente novamente. — Nós não acasalamos.

— Ainda não — He'rox clica e fico feliz que ele não tenha falado para que ela possa entender.

Ga'Var fareja o ar novamente. — Cheira como acasalamento para mim. A nave inteira pode sentir o cheiro de suas atividades.

Os olhos de Adee'ra se arregalam tanto e então ela está olhando para mim.

— O que?

Meus simbioses vibram um pouco com o súbito prazer que estou sentindo só de lembrar a sensação da minha língua em sua fenda. Mas ela não parece gostar da memória.

O pensamento do que compartilhamos. Ela deseja escondê-lo.

Minhas orelhas se fecham com a percepção e aquele zumbido de prazer que estava crescendo dentro de mim morre.

Adee'ra tem vergonha do que compartilhamos.

— Todo mundo sabe?

Ga'Var fareja novamente. — Todo mundo que entrou em contato com meu companheiro de útero sabe que ele está se banquetecendo com suu'ci e agora eles estão se perguntando se a outra fêmea também está procurando um companheiro. Agora, todo mundo está se perguntando...

Eu rosno, parando as palavras em sua garganta. — Suficiente. Por que você veio aqui? Deixei você na ponte.

Ga'Var não desvia o olhar de Adee'ra, embora esteja falando comigo.

Há decepção em seus olhos.

— Estamos com problemas — diz ele.

Espero que ele continue, a impaciência fazendo meu ba'clan subir um pouco.

— Avistamos um Scrit.

O silêncio cai na sala.

— Quão longe?

Ga'Var diminui a distância e eu me irrita novamente.

Está perto. Perto o suficiente para ver se estiver na ponte.

— Não temos energia suficiente para outro feixe — diz ele.

— Eu sei que. Mesmo assim, não podemos atacar outro Scrit. Ainda não. Matamos dois Gryken. Isso deve saciar a necessidade de sangue da tripulação por alguns dias. Precisamos montar uma base primeiro.

— Afirmativo.

— Temos que ficar camuflados.

— Afirmativo.

Eu me irrita novamente. Ele está sendo difícil.

— Então por que você veio aqui? Não se envolva.

Ga'Var se vira para mim e finalmente vejo a extensão da raiva e do ciúme em seus olhos.

— Nós não temos escolha. Nós temos que fazer alguma coisa. O Scrit está escaneando.

O ar congela entre nós e pelo canto do olho, noto He'rox se movendo em direção a Adee'ra.

Ela não recua.

Em vez disso, noto que seus simbioses se irritam.

Eles estão prontos para atacar se ela quiser — mesmo que ela escolha não fazê-lo. Eles não confiam em He'rox agora, depois de sua pequena façanha.

Ainda assim, rosno para He'rox e ele para de repente.

— Um filhote morreu nas proximidades. Claro, eles estão escaneando — diz ele. — Gryken não morre simplesmente. Nós sabemos disso.

— Isso não significa que eles vão nos detectar — eu digo. Minha voz se aprofunda de raiva enquanto falo com ele e clico em um tom de advertência muito baixo para Adee'ra ouvir.

Não se aproxime dela ou perderá um de seus membros.

Ele faz uma pausa. Me assistindo.

— Mas... — Ga'Var diz.

Eu rosno mais uma vez, desta vez para o meu companheiro de útero.

Eu sei o que ele está sugerindo.

Se não fizermos algo, o Scrit perceberá o que aconteceu com o filhote mais cedo ou mais tarde e informará os outros. Não estamos preparados para tal situação

— Podemos mantê-lo aqui — He'rox sugere como se estivesse lendo nossas mentes e eu olho em sua direção. Seus tentáculos estão quase tremendo de alegria.

— Mantê-lo aqui? — Ga'Var quase ruge para ele e pelo canto dos meus olhos, posso ver Adee'ra olhando de um de nós para o outro em confusão.

— Isso significaria capturá-lo vivo. Ninguém é tão estúpido. — Ga'Var procura meu apoio em sua declaração, mas não posso fornecê-lo.

Ele está correto.

Se enviar um sinal para a mente coletiva, podemos esmagar nossas esperanças de um ataque silencioso e calculado.

Temos que capturar a coisa.

Os pelos de Ga'Var se arrepiam quando ele dá um passo em minha direção, seus lábios se retraem, mas eles caem no segundo seguinte.

Não entendo por que até sentir Adee'ra parada na minha frente.

Ela está olhando para ele com um olhar que eu já vi naqueles olhos arregalados dela antes.

Resiliência.

— Estou com, Fer'ro — ela diz e eu não sei que emoção devo sentir.

— Este é o meu planeta. A Terra é o único lar que nós humanos conhecemos. Se tivermos que pegar um desses filhos da puta para

permitir que vocês façam suas coisas, então teremos que pegar um desses filhos da puta — ela diz.

Todos nós somos levadas de volta por um momento porque nenhum de nós diz uma palavra.

Ela apenas sugeriu o acasalamento de Gryken conosco... com eles.

Filhos da puta.

O horror que ela deve ter visto enquanto estava presa na barriga do Scrit.

Imagens de Edooria piscam na minha cabeça.

Eu sei o que ela experimentou. O que ela viu.

Alimenta o mesmo ódio que sinto pelo Gryken que emana dela agora.

Mas então ela diz algo que faz meu órgão do sangue parar.

— Diga-me o que precisa ser feito. Eu quero ajudar.

Capítulo Vinte Oito

Adira

Eu ando em direção à porta antes que qualquer um dos homens possa protestar, porque eu posso sentir na ponta da língua que eles estão prestes a me dizer não.

Que eu deveria ficar na segurança dos aposentos de Fer'ro.

Que eu deveria sentar e observar como isso se desenrola.

Não.

Eu me recuso.

Eu tinha família.

Amigos.

Uma vida.

Vivia em um lindo planeta que eu não dava valor.

Isso tudo acabou agora por causa daqueles bastardos andando na superfície, destruindo tudo.

A porta se abre assim que meu ba'clan interage com ela e eu entro no corredor.

Está escuro, como quando entrei na nave pela primeira vez, e levo um momento para meus olhos se ajustarem.

Eu sigo em uma direção sem saber para onde estou indo.

Vou encontrar a ponte de alguma forma.

Eu quero ver isso.

Não sei de onde vem essa bravura. Não sei se é o pulso agora constante e reconfortante do ba'clan contra a minha pele, mas me sinto mais fortalecido desde que toda essa provação começou.

Eu sinto que tenho a chance de lutar contra isso.

Passos soam atrás de mim, quase silenciosos, e sei que os três machos me seguem.

Eu estou na liderança e quando chegamos a um grupo de Vullan, eles param e ficam de lado enquanto passamos.

Meu coração palpita em meu peito.

Eu posso sentir seus olhos em mim.

A pergunta em seus olhares.

A única coisa que uso é o ba'clan e agora entendo o que Fer'ro disse sobre eles.

Eles parecem fazer parte de mim - uma extensão de mim mesma.

Como se agora eu pudesse fazer coisas que não podia antes.

Estamos chegando a um cruzamento de corredores e meus passos vacilam.

— Esquerda — diz Fer'ro.

Eu empurro meu queixo em um aceno de cabeça e continuo na direção que ele indicou.

Passamos por mais Vullan.

Mais olhares confusos.

Ninguém diz nada.

Ou, se eles falam, eu não posso ouvir.

Não demorou muito para que eu encontrasse uma parede preta plana.

Parece um beco sem saída.

Fer'ro finalmente dá um passo à frente. Sua mão paira acima da parede enquanto ele olha para mim.

Nossos olhares se encontram e eu tenho que engolir em seco.

Há muito sobre o que precisamos conversar e enquanto seu olhar desliza sobre meu rosto para cair em meus lábios, imagens dele entre minhas pernas surgem como uma caixa de surpresas.

Eu tenho que desviar meu olhar.

Não posso pensar nisso agora.

Especialmente porque agora sei que eles podem sentir o cheiro da minha excitação.

Eu sou uma veterinária. Era veterinária.

Tal ideia não é estranha para mim... ou estranha...

Muitos animais são baseados em cheiros.

É que... uma diferença tão pequena entre nós mostra que esses seres, os vullanos, não são nada parecidos com os humanos.

Uma abertura se materializa e como um sino tocou, todos na ponte se viram para olhar em nossa direção.

É uma sala ampla com um painel de controle preto liso na frente.

Luzes fracas decoram o teto e as paredes.

Há uma ampla tela de visualização na frente e um único assento no centro em um nível elevado acima dos controles.

Mas mesmo que a sala seja incrível, encontro-me focando nos olhares dos vullanos lá.

O ba'clan deles estava subindo antes de entrarmos, mas assim que entramos na sala, todos e cada um deles abaixam suas lâminas, seus olhos em mim.

Meu coração bate contra o meu peito.

Está claro para mim agora que sou uma anomalia. Eu e o ba'clan que me cobre não somos normais.

Mas isso é algo que temos que focar em outro momento, pois bem à frente, através da névoa de nuvens em que a nave flutua, vejo o terror que pousou no planeta Terra e procura destruí-lo.

Eu dou um passo para frente, e depois outro.

Os vullanos saiam do meu caminho.

Eu ouço cliques em suas gargantas. Hums. Thrums. Mas nenhum deles me impede.

Eu continuo andando até que estou na frente do painel de controle escuro, meu olhar à nossa frente.

O Scrit está avançando continuamente em nossa direção, suas enormes pernas de metal subindo e descendo, esmagando tudo abaixo dele.

Sinto Fer'ro ao meu lado. Eu não preciso olhar. Eu sei que é ele.

— Então — continuo olhando para frente — como pegamos essa coisa?

Ninguém tem ideia.

Ninguém diz uma palavra até que He'rox vem para ficar do meu outro lado.

— Só consigo pensar em uma maneira — diz ele. — Uma maneira de capturar um Gryken vivo enquanto ainda mantemos nossa presença aqui em segredo.

Eu olho para cima e o Vullan de olhos azuis está olhando para mim.

Ao meu lado, Fer'ro sibila baixo.

— Não — diz ele.

He'rox não tira o olhar do meu.

— Só há um caminho — repete.

Tenho a sensação de que ele está dizendo que sou o único caminho. Mas não tenho ideia de como posso derrubar aquela máquina enorme.

Nada do que já tentamos foi capaz de fazer isso.

Eu nem sabia que as máquinas podiam ser destruídas até o Vullan chegar. Eles sabem disso certo?

Eu lambo meus lábios enquanto o silvo de Fer'ro fica mais alto ao meu lado.

— Acho que isso envolve a mim, certo?

Bem, eu disse que queria ajudar.

Isso não era mentira.

Volto meu olhar para o Scrit enquanto ele se afasta.

Não há muito tempo para pensar nisso. Eu vou fazer alguma coisa ou não.

Quando volto meu olhar para He'rox, me preparo contra o que quer que ele vá dizer.

O que eu tiver que fazer, eu farei.

No momento em que olho para ele, sei que ele entende minha vontade.

Suas mãos aparecem atrás de suas costas como se ele estivesse escondendo algo ali o tempo todo.

Duas pequenas bolas de luz azul e branca rodopiantes.

Engulo em seco quando olho para eles.

— O que são aqueles?

— A chave — diz ele.

— E você — continua ele, — você é o libertador .

Eu o encaro, suas palavras se estabelecendo em minha mente enquanto tento entender exatamente o que ele quer dizer.

Enquanto isso, atrás de mim, uma grande sombra se aproxima.

Fer'ro.

Ele se inclina sobre mim, seu rosnado dirigido a He'rox.

— Você deve estar rekking insano.

Ele olha para trás da tela de visualização, seu olhar pousando no Scrit.

— É o único caminho. De que outra forma o impediremos de saber que estamos aqui?

Engulo em seco enquanto observo a coisa se aproximando.

Há tanta tensão na sala que posso sentir tudo ao meu redor.

— O que você quer que eu faça?

Fer'ro

Esta é uma ideia estúpida, estúpida, estúpida.

Cerro o maxilar enquanto observo Adee'ra avançar pelo terreno rochoso.

Estou camuflado, escondido contra uma das grandes pedras, assim como alguns de meus irmãos.

Ela está nua.

Pés descalços.

Vulnerável enquanto ela caminha em direção à monstruosidade imponente que é a nave Gryken.

Eu cerro meu punho enquanto a observo avançar bravamente. Aperto com tanta força que a pedra estala debaixo da minha mão.

Suas mãos estão atrás dela, segurando as duas coisas, as bombas de energia, que esperamos que possam derrubar o Scrit sem destruí-lo completamente.

Pois precisamos de seu piloto vivo.

E essa é a única razão pela qual Adee'ra está indo em direção a ela.

Ela estremece e olha para trás, seu cabelo ao vento.

Ela está olhando diretamente para mim, mas sei que ela não pode me ver.

Meu ba'clan assumiu a forma do meu entorno.

Eu sou invisível.

Vejo o medo em seus olhos, posso sentir o cheiro, mas ela continua caminhando.

Para ela mesma.

Para o povo dela.

Para nós .

Se isso der errado...

O pensamento quase me faz mudar de posição para ir atrás dela.

Esta foi uma ideia estúpida.

Eu nunca deveria ter concordado com isso.

Mas uma mão em meu braço me impede.

Ga'Var.

Ele clica baixo em sua garganta.

— Espere.

Esperar enquanto vejo *Espere?*

Espere?!

a única coisa boa que encontrei em todo esse caos indo se sacrificar?

Mas a coluna de Adee'ra está reta e seu cheiro de medo está desaparecendo.

O Scrit está quase acima de nós e eu sinto o momento em que ele a vê.

Meu ba'clan se contorce de agitação, quase perdendo a camuflagem.

Há um momento em que o ar para, e tudo que consigo ver é Adee'ra. Seu corpo pequeno e pálido se destaca contra o marrom de seu planeta.

Ela olha para o nosso inimigo com uma ferocidade que faz meus irmãos vibrarem em uma canção de batalha.

Sinto sua força e por um momento quero acreditar nela.

Que esse plano idiota vai funcionar.

Mas então o Scrit soa.

O ar vibra ao nosso redor enquanto sua perna desce e a agarra.

Há um grito agudo quando Adee'ra é levantada no ar e por um longo segundo, meu mundo começa a desmoronar mais uma vez diante dos meus olhos.

O Scrit a traz para si e de repente ela está de frente para a cúpula.

Um único ser pequeno contra o monstro.

Adee'ra olha para ele, e eu não preciso sentir o cheiro de seu medo. Eu posso sentir isso.

Meu órgão de sangue dá uma guinada no meu peito.

Eu não ouço até segundos depois.

Meu nome ao vento.

Como se ela pudesse sentir minha crescente ansiedade. O fato de que tudo dentro de mim quer revelar nossa localização, nossa presença, para vir e tirá-la das garras do inimigo.

— Fer'ro! — Adee'ra grita meu nome. — Espere!

Ela me conhece melhor do que eu suponho.

A mão de Ga'Var aperta meu braço enquanto observamos o Scrit depositá-la dentro de sua barriga.

Imediatamente, eu sei que isso é um erro. Eu deveria ter tomado o lugar dela.

Mas nenhum vullano pode enganar um Gryken fazendo-o pensar que é humano.

Nossas assinaturas de vida são diferentes.

Assim que o Gryken me visse, saberia que estamos aqui e tudo pelo que trabalhamos até agora, todos os nossos planos, tudo teria sido em vão.

Então eu observo meu laço de alma sendo depositado na barriga da besta e de alguma forma eu me impedi de correr para ela.

Eu observo enquanto ela cai dentro dele, sinto meu ba'clan se esticar e puxar contra mim, tentando chegar até ela.

Para ajudá-la.

Contenção, digo a mim mesma. Restrição!

Só mais alguns segundos...

Adee'ra executará o plano. Ela vai detonar as bombas de energia. E então eu posso ir buscá-la.

Só mais alguns segundos...

Mas nada acontece.

A enorme perna do Scrit bate ao nosso redor.

Algo está errado.

É quando eu o vejo cair do céu.

Como o sinal de que meu mundo está realmente acabando...

Golpes de realização.

A bomba.

A bomba de energia está caindo.

Deve ter escorregado das mãos de Adee'ra quando o Scrit a ergueu.

Enquanto outra de suas pernas bate ao nosso redor, minhas pupilas se dilatam de horror.

A bomba de energia caiu de suas mãos!

Era a única arma que tínhamos que era pequena o suficiente para entrar a bordo sem ser detectada.

A única coisa que tínhamos para atacá-lo.

A única coisa em que todo esse plano se baseava.

— Merda — Ga'Var amaldiçoa ao meu lado.

Eu não acho.

Eu ajo.

Simbiontes ainda me camuflando, eu me lanço na próxima perna que vem à frente.

Reveja o plano.

Eu estou indo atrás dela.

Capítulo Vinte e Nove

Adira

Sinto uma das bombas escorregar de meus dedos no momento em que o Scrit me levanta.

Agora só tenho um.

O medo sobe pela minha espinha quando o Scrit me joga dentro de si e eu caio no chão metálico duro.

A dor é a próxima coisa que sinto. Ele dispara através de mim e cerro os dentes contra ele.

Fique. Não se mova.

Eu tenho que usar tudo dentro de mim para dizer ao ba'clan para ficar calmo ao longo da coluna da minha espinha.

Se eles correrem para me ajudar agora, nosso disfarce será descoberto e todos estão contando comigo para fazer isso.

Para derrubar essa coisa por dentro.

Mas eu só tenho uma bomba.

Convencer Fer'ro a me deixar chegar tão perto da coisa já foi bastante difícil.

O tempo todo, eu tinha certeza de que ele não me deixaria sair da nave.

Mas, por algum milagre, ele o fez - com base no fato de que assim que o Scrit me deixa cair em sua barriga, eu ativo as bombas.

Agarro o último na palma da mão e levanto a cabeça para olhar ao meu redor.

Três mulheres estão amontoadas, seus rostos contraídos enquanto me encaram, sem esperança em seus olhares.

Meu olhar percorre o espaço e uma sensação horrível se desenvolve em minha barriga.

Eu odeio este lugar.

Eu odeio tanto.

Meu estômago revira com o fato de que estou mais uma vez dentro de uma máquina.

Mas não por muito.

Eu tenho que encontrar uma maneira de derrubá-lo.

Os vullanos no terreno contam comigo.

Precisamos desse filho da puta vivo e a única maneira de fazer isso é derrubar o Scrit sem matar seu piloto.

Porra.

Quando fico de joelhos, olho para as mulheres.

Nenhum deles fala e posso ver imagens de mim, Sam e Mina bem diante de mim. Três de nós, como se fossem três deles.

Pobre Sam. Se algo acontecer comigo, ela nem saberá que não foi culpa do vullano.

Eu não tive tempo de encontrá-la e explicar antes que He'rox viesse com esse plano imprudente e eu concordasse com isso.

— Onde está a grávida? — Eu pergunto e uma das fêmeas olha para mim como se ela tivesse visto um fantasma antes de desviar o olhar. Mas não antes de ver as lágrimas que transbordam de seus olhos.

Sua boca treme um pouco quando ela responde. — Levou um ou dois dias atrás.

Dois dias.

Deve querer criar outra pessoa em breve.

Incubar sua semente.

Esperar crescer.

Mordo meu lábio inferior enquanto subo até a parede do Scrit e olho para baixo.

Tudo o que posso ver é lama e sujeira.

Não consigo ver os vullanos que estão escondidos entre as rochas.

Não consigo ver Fer'ro.

Foda-se .

Preciso dizer a eles que perdi uma das bombas.

Sinalize para eles de alguma forma.

Merda .

Eu estava me sentindo muito mais corajosa quando tinha os dois.

De acordo com o Vullan branco, se eu lançar ambas as cargas contra o receptáculo Gryken, elas criarão algum tipo de carga poderosa para afetar o Scrit e o Gryken dentro dele.

Não sei como ele sabe disso. Eu não perguntei.

Mas é óbvio que as bombinhas são algo que ele inventou.

A maneira como ele os segurou... as instruções precisas que ele me deu...

Com ambas as bombas, a carga seria suficiente para derrubar temporariamente o Scrit e então o Vullan poderia fazer seu movimento.

Eles poderiam extrair o Gryken. Coloque-o em uma câmara selada. Leve-o de volta a nave.

Desative-o de alguma forma.

Mas o plano já está falhando.

Minha bravura está prestes a ser em vão, porque uma bomba de energia não pode penetrar no Scrit o suficiente para derrubá-lo.

Pelo menos, não de onde estou.

He'rox havia dito que eu precisaria de ambas as cargas para criar uma bomba de energia grande o suficiente para penetrar profundamente no Scrit.

Se eu tiver apenas um...

Meu coração bate forte, como um tambor no meio de uma caverna profunda. Isso ecoa através de mim.

Eu sei o que tenho que fazer.

Preciso entrar na sala de controle.

Preciso me aproximar do Gryken.

— Porra!

Eu bato meu punho contra a barreira do lado de fora enquanto um caroço se forma na minha garganta.

— Isso é perigoso... — As palavras saem da minha boca como um sussurro que acho que só eu posso ouvir. — Adira... você está ficando louca pra caralho.

Eu bato meu punho contra a barreira novamente enquanto um gemido de frustração me deixa.

Não acredito que estou pensando nisso.

— Eu sei — diz uma das mulheres. — É muito para absorver. Só... não lute contra isso e não pareça tão... viva . Pode levar você.

Minha cabeça se vira e eu olho para ela.

— O que?

— Não lute contra isso. É inevitável uma vez que você é levada. Só temos que rezar para que a morte não seja dolorosa.

— Não, o que você disse depois disso? — Eu me viro para ela e noto que seu olhar desliza pela minha nudez.

Eu nem me importo.

— O que você disse sobre aparecer viva?

Ela desvia o olhar de mim e engole em seco.

— Nós notamos isso... leva aquelas que lutam. É a única razão pela qual ainda não fomos levadas. Quase não nos movemos. Mas... — seus olhos lacrimejam — talvez nossa sorte esteja prestes a acabar. Não tem encontrado muitas fêmeas ultimamente.

Seu olhar me encontra novamente e vejo um fio de suspeita. — Estou surpresa que tenha encontrado você aqui.

Seu olhar se move sobre mim, sua confusão e suspeita crescem, mas estou preso no alcance da minha própria teia emaranhada de pensamentos.

— É preciso lutar? — Eu sussurro.

A mulher engole em seco e acena levemente com a cabeça.

— Eles pegam quem luta. — Repito as palavras enquanto um plano surge em minha mente.

Estou de pé agora, meu olhar viajando pelo teto da câmara.

Do outro lado de onde as mulheres se sentam, do outro lado da barreira, há o habitual emaranhado de trepadeiras.

Não sei se algum Alimentador está vivo por lá. Eu duvido.

Mas meu plano não os incluiria de qualquer maneira.

Eu não tenho muito tempo sobrando.

Fer'ro e os outros devem ter percebido que algo está errado agora, já que o Scrit continua seu caminho.

Eu tenho que tentar fazer algo agora antes que eles estraguem o disfarce.

Toda a raça humana depende de mim.

Essa é uma pressão da qual não preciso... mas estou acostumada com a pressão.

— Antes de ser pega, eu era uma médica. — Falo alto enquanto me levanto.

A influência do Scrit nem mesmo me afeta.

— Eu conheço a pressão. Já lidei com a pressão. — Não tenho certeza com quem estou falando, mas ouvir as palavras saindo da minha boca me fortalece de alguma forma. — Eu lutei com uma anaconda de estimação uma vez. — Eu falo mais alto. — Eu cortei pequenos pedaços de coelho!

Pressão? Isso não é pressão.

Respiro fundo e sinto a pequena bomba de energia em minha mão. É do tamanho de uma bola de golfe e quente.

Eu aperto enquanto olho para o teto da câmara e... eu rugo.

O som ecoa nas paredes, saltando para frente e para trás, machucando até meus ouvidos, e mal percebo o alarme que se espalha pelos rostos das mulheres.

Eu jogo minha cabeça para trás e rugo novamente.

Mas o Scrit anda como se nada estivesse acontecendo dentro dele.

Eu tenho que fazer mais.

Algo !

Dando alguns passos para trás até que minhas costas toquem a barreira do lado de fora, respiro fundo e avanço para acertar um chute do outro lado do compartimento.

— Faça alguma coisa! — Eu chuto a parede novamente antes de bater meu punho no metal.

— Eu disse para fazer alguma coisa! Faça alguma coisa, seu filho da puta!

Meus gritos ecoam enquanto minha respiração ofegante inunda meus ouvidos.

Alguém agarra uma das minhas pernas. A mulher com quem falei. Seus olhos arregalados estão em mim, terror gravado em suas feições.

— O que você está fazendo?! VOCÊ ESTÁ LOUCA?!

— Ela vai se matar — diz uma das outras.

— Ela vai matar todos nós !

Eu me livro do alcance da mulher e dou mais alguns chutes na parede.

— Estou viva o suficiente para você?! Huh?! — Eu grito para o Gryken que agora sei que está ouvindo. — Você pode ter levado tudo o que tenho, mas ainda não estou morta! O que você está esperando seu filho da puta feio?!

No centro das minhas costas, meu ba'clan pulsa, e o medo me atinge como um tijolo.

O ba'clan continua pulsando e por um momento, perco a luta dentro de mim.

Esse medo que estou sentindo... não é meu.

Não me pertence. Parece... secundário... como contrair as emoções de alguém com quem você simpatiza.

Meus olhos se arregalam quando isso me atinge.

O ba'clan está pulsando tão forte agora, não tenho dúvidas sobre isso.

Fer'ro.

Este é o medo de Fer'ro.

Não sei como sei que vem dele, mas é como se pudesse vê-lo em minha mente.

Sinta-o.

Mas ele está no chão em algum lugar, dependendo de mim.

Eu tenho que fazer isso funcionar de alguma forma.

— Eu sei que você está me olhando! — Eu grito de novo. — Eu sei que você pode me ouvir! Eu sei o que você é e sei por que você está aqui! — Eu me viro em um semicírculo enquanto meu olhar procura o teto do compartimento. — Você veio aqui e destruiu tudo . Tudo! Você tirou tudo de mim. Eu engasgo com essas palavras.

Levou tudo, exceto minha esperança de que possamos sobreviver a isso.

Antes eu não tinha nada.

Eu tenho Fer'ro ao meu lado agora.

— Por que você não termina o trabalho, seu pedaço de merda nojento! — Eu bato meus punhos contra a parede mais uma vez. — Termine o trabalho!

O tempo para quando ouço um zumbido acima de mim.

Meu coração para, em seguida, bate contra o meu peito quando um buraco no topo da câmara se abre e eu vejo o longo e familiar braço de metal descer.

Uma das mulheres atrás de mim grita e eu as ouço se afastando, mas fico com as costas retas, olhando para a coisa.

O ba'clan contra minhas costas se eriça com força, como se eles também estivessem tentando fugir, mas de alguma forma eu consigo ficar de pé e encarar a coisa.

— Faça isso — eu digo. — Leve-me.

Pela primeira vez, vejo o braço parar.

Ele não se move para me agarrar imediatamente e o medo rasteja através de meus ossos.

E se ele souber?

E se ele souber que tudo isso é uma armadilha? Que estou tentando algo incrivelmente perigoso, mas algo que pode derrubá-lo?

E se puder sentir o ba'clan contra minha espinha?

Mas o braço começa a se mover novamente e me agarra pelo pescoço.

Eu nem sequer vacilo, embora minha pele esteja arrepiada e cada fibra do meu ser queira que eu grite e lute.

Esta é uma má ideia.

Esta é uma péssima ideia.

Mas não posso voltar atrás agora.

Eu não posso recuar.

Isso tudo depende de mim.

O braço de metal me levanta enquanto os gritos das outras mulheres ecoam na câmara e eu engulo meu medo.

Eu não estou lutando contra a garra.

Vou de bom grado enquanto minha mão se fecha mais sobre a última bomba em minha mão.

Não sei o que tem do outro lado desse buraco.

Eu temo o que a máquina quer fazer comigo.

Mas vou sobreviver.

Eu tenho que.

Capítulo Trinta

Adira

Está escuro onde isso me leva.

O buraco, o túnel pelo qual o braço serpenteia, parece durar para sempre, mas sei que não pode ser tão longo.

Mas o tempo é distorcido conforme eu me movo. Envolto em terror. Meu próprio medo.

Agarro-me à garra enquanto ela me puxa para a frente, vagamente ciente de que diante de mim há luz.

Está escuro, mas o suficiente para eu ver.

Ele ilumina a entrada do túnel e a fina cobertura de plástico transparente que o veda.

Mas quando o braço serpenteia pelo selo, percebo que não é plástico.

É como uma gosma fina.

Ele cobre minha pele enquanto a garra me puxa pelo túnel e então...

Não tenho chance de respirar antes de ser puxada para a água.

Água .

A câmara inteira está cheia dele.

Não posso. Respirar.

A garra me solta abruptamente e serpenteia para algum lugar, mas não me importo em vê-la partir.

Meu primeiro instinto é encontrar ar.

Meus braços disparam enquanto tento nadar para cima, mas mesmo quando meu corpo sobe, o medo enche minha alma.

Eu não acho que há uma superfície.

É claro, a água. Tão claro que uma parte da minha mente percebe que a luz fraca está realmente vindo de fora do Scrit.

Também há luzes pontilhando o interior, mas não parecem artificiais.

Eles se parecem com alguma forma de vida vegetal bioluminescente.

Eu empurro a água para cima. Eu preciso chegar ao topo. Espero que haja uma bolsa de ar lá. Mas enquanto me movo, algo flutua por mim que para meu coração.

Está envolto em uma membrana espessa do que parece ser a mesma gosma que sela a entrada da câmara.

Um corpo.

Fêmea.

Sua barriga está inchada. Movimento dentro dela.

Meu coração bate contra minha caixa torácica.

A outra mulher.

É a outra mulher.

Achei que ela estaria morta - não tenho certeza se ela está viva.

Há coisas ligadas a ela e percebo que ela não está flutuando livremente.

Ela está presa à parede por alguns tendões carnudos que balançam suavemente na água ao redor deles.

O medo sobe pela minha espinha e tento me mover para trás enquanto me concentro na origem dos tendões.

Tenho certeza de que verei o Gryken se materializar ali nas sombras, mas estou errada.

Um movimento repentino vem da minha direita e não há tempo para reagir.

Algo fino e viscoso envolve meu pescoço e eu abro a boca em um grito.

Tentáculos.

Em vez de som, tudo o que escapa da minha boca é o ar de que meus pulmões precisam desesperadamente.

As bolhas flutuam para cima enquanto eu agarro o tentáculo com minha mão livre, mas é incrivelmente forte.

E viscoso.

Minha mão se move sobre ela, sem conseguir agarrá-la.

Tudo o que sinto são várias juntas sob a carne do braço comprido.

O Griken.

Eu sei que é o monstro antes mesmo de seu rosto aparecer diante de mim.

Grandes olhos escuros, bulbosos em suas órbitas, me encaram e, por um momento, vejo a morte.

Eu esqueço de respirar.

Eu esqueço da vida.

Tudo o que posso ver é esse horror diante de mim.

Mais de seus tentáculos aparecem atrás dele, espalhando-se no que parece ser um arco da destruição.

É assim que os portões do inferno se parecem.

Enquanto eu o agarro, tentando encontrar apoio, ele me empurra para baixo.

Isso é forte. Mais forte do que parece.

E este é o seu elemento.

Mais bolhas de ar escapam dos meus lábios enquanto lutamos.

Há uma pulsação na minha cabeça agora enquanto sou empurrada para baixo, enquanto olhamos um para o outro.

Eu nos olhos do alienígena. O Gryken no meu.

E então...

— Você.

Em minha mente eu ouço a palavra.

Como um pensamento.

Um pensamento que não é meu.

A voz é como um silvo em minha mente — um que esgota meus neurônios e faz minha cabeça latejar.

Meus olhos se arregalam quando percebo que é o Gryken falando comigo.

A pulsação em minha mente não para, e sinto meus membros ficarem fracos.

Eu afundo, descendo até a base da câmara com o Gryken ainda me segurando.

À distância, sei que meus pulmões estão queimando, mas mesmo que eu queira respirar, não posso.

Estou... perdendo o controle do meu corpo... de mim mesma.

Estou perdendo o controle da minha mente .

Mas eu tenho que fazer isso.

Eu não posso falhar.

Com a última energia que resta dentro de mim, paro de lutar contra o braço em volta do meu pescoço e concentro essa energia na parede.

Eu empurro em direção a ela, esperando que a água me ajude.

Afundamos tanto que estamos perto o suficiente para que aquela última explosão de energia me leve aonde eu quero estar.

Há um momento singular em que sei que terei sucesso.

Eu encontro os olhos do Gryken.

Porra.

Você.

Meu braço se conecta com a parede e a bomba em minha mão se prende a ela. Ao mesmo tempo, sinto uma onda de calor na minha espinha.

Por um momento, o aperto do Gryken afrouxa um pouco.

Há um lampejo de clareza quando sinto o calor se espalhar por todo o meu ser.

Encobrindo-me.

O ba'clân.

Não consigo mais sentir a água em minha pele e a pulsação em minha mente diminui.

Eu só posso senti-los .

É diferente de todas as outras vezes que estiveram na minha pele.

Desta vez, posso sentir a energia deles e eles pulsam. Eles pulsam contra mim como se quisessem me dizer que vai ficar tudo bem.

A qualquer momento agora.

Isso tem que funcionar.

Meus pulmões estão prestes a expirar, mas eu dobro minhas pernas em direção ao meu corpo antes de empurrar para fora com um chute que cai no corpo carnudo do Gryken.

Um silvo soa na minha cabeça tão alto que parece que minhas células cerebrais estão fritando.

O Gryken me solta de repente, assim que a câmara se ilumina.

Uma carga de energia tão forte que é como um raio através da água preenche o espaço.

Eu vejo o Gryken diante de mim claramente.

Seu corpo estremece dentro da água, seus tentáculos se contraem, torcem e giram conforme a carga passa por ele.

Não tenho tempo para pensar. Eu empurro a parede de volta para aquele túnel com a membrana sobre ele.

Mas não consigo chegar lá.

A sala gira em um terrível semicírculo e o buraco de repente está no topo.

A gravidade parece estar me puxando para baixo enquanto luto contra ela para nadar para cima.

Mas eu mal estou me movendo.

Parece que há algo me puxando para trás.

Porque há.

Atrás de mim, um tentáculo está enrolado em minha perna.

O Griken.

Não está morto.

Mas eu sabia que não seria.

O objetivo disso é capturá-lo vivo!

Mas há apenas um problema com isso.

Não está me deixando sair daqui.

Está me levando para baixo com isso.

Capítulo Trinta e Um

Fer'ro

Agarro-me ao lado do Scrit enquanto subo.

Subi alto e rápido, esperando não ser tarde demais.

Mas eu sou.

Eu alcanço o orbe no momento em que ele pega minha Adee'ra.

Vejo suas pernas desaparecendo na abertura central.

Um rugido alto sai da minha garganta.

Eu já estraguei nosso disfarce subindo no topo da embarcação.

Destruí nossos planos e provavelmente nossas chances de salvar este planeta.

Mas o fato de o Gryken não ter me detonado e ativado seus escudos... agora eu sei por quê.

Está muito focado em Adee'ra.

Não me notou.

Existem outras fêmeas humanas dentro da barriga do Scrit e quando uma delas se vira e me vê, vejo o momento em que seu ser astral deixa seu núcleo.

Ela grita, com a boca e os olhos arregalados, mas não consigo ouvir o som.

Eu não me importo que ela esteja assustada.

Neste momento, eu só me importo com Adee'ra.

Eu me arrasto para cima, meus simbioses me impedindo de deslizar para fora da superfície lisa do Scrit.

O Gryken dentro de mim vai me sentir em breve.

Eu tenho que me apressar.

Eu tenho que resgatar Adee'ra antes...

Eu rosno com o pensamento do Gryken implantando sua prole dentro de sua barriga e me apresso.

Chego ao topo do Scrit em questão de segundos e posso ver lá dentro.

Na água habita o Gryken. Dentro de sua câmara um ser flutua.

Meu órgão do sangue dá uma guinada com a visão.

Adee'ra...

Mas não é ela.

É outra fêmea humana.

Aquela que está grávida

Prestes a ter o filhote.

Meu olhar busca o líquido...

Há movimento inferior.

Pele pálida lutando para conseguir nadar mais alto.

Filamentos marrons flutuando atrás de sua cabeça.

Meus sentidos se inflamam.

Adee'ra!

Mas ela também não está ciente da minha presença.

Nem o Gryken que está nadando em sua direção.

Esta exclusivamente focado nela e a visão disso me deixa arrepiado.

Ele a agarra pelo pescoço, empurrando-a para baixo e outro rugido sai da minha garganta.

Eu levanto meu punho, minha palma se iluminando com o núcleo de energia que recuperei do chão.

Estou prestes a acertar meu punho na superfície do Scrit quando alguém segura meu braço.

— Espere! — Ga'Var clica.

Ele me seguiu.

— Não! — Eu não posso esperar. Não dessa vez. — Ela está em perigo!

— Espere! — Ele repete. — Olhe!

Volto meu olhar para a água quando vejo os simbioses de Adee'ra se ativarem, cobrindo todo o seu ser.

E então...

O interior se ilumina.

Fico paralisado enquanto olho para ela – para o que ela fez, o que ela conseguiu fazer contra as probabilidades colocadas contra ela

Quando o Gryken à solta e o Scrit entra em curto-circuito e começa a cair, fico paralisado de descrença.

Ela fez isso.

A pequena fêmea...

Adee'ra... conseguiu.

O choque me atinge com sua bravura pouco antes de a realidade chegar.

Não há tempo a perder.

Não posso deixar que seus esforços sejam em vão.

Empurrando para baixo com força, eu me lanço para cima, lutando contra a força da máquina em queda enquanto ela se dirige para o chão.

Eu preciso chegar ao ponto acima do núcleo interno onde o Scrit é o mais fraco.

Lá, posso enviar uma carga final através de sua superfície selada e fazê-la abrir.

Mas está caindo rapidamente e no momento em que atingir o solo, teremos apenas alguns segundos antes que o Gryken recupere a consciência.

Posso sentir meus irmãos no chão abaixo, correndo para a posição.

Eles são listras pretas na terra marrom enquanto se movem.

Não está mais camuflado.

Não pode desperdiçar a energia para fazê-lo.

Tudo depende de pegar o Gryken vivo.

Temos que fazer isso agora.

Temos que fazer isso rapidamente.

Chego ao local quando vejo Adee'ra nadando em direção à abertura interna.

Mas a membrana não abre para ela.

Não com o Scrit desabilitado.

Ela está se debatendo, desesperada para alcançá-lo enquanto o Scrit vira, suas bochechas inchadas como se ela não pudesse respirar.

Porque ela não sabe que pode.

O ba'clan selou todo o seu ser. Até o rosto e a cabeça estão cobertos, assim como as narinas.

Eles vão respirar por ela.

Mas ela não sabe disso.

Um novo senso de urgência me preenche imediatamente e eu ativo o núcleo de energia em minha mão enquanto bato meu punho contra o núcleo interno do Scrit.

A membrana oscila por um momento enquanto absorve o ataque, antes de enfraquecer.

É o suficiente para eu fazer o resto do trabalho.

Eu o corto com um movimento do meu braço, meus pelos se movendo através do material enfraquecido.

A água jorra para mim enquanto mergulho dentro da máquina, meu foco em Adee'ra.

Ela ainda está tentando chegar ao respiradouro, mas não vai a lugar nenhum.

O Griken.

Tem um de seus tentáculos imundos nela.

A raiva que me preenche enquanto eu me atiro para frente, cortando a perna em duas enquanto agarro Adee'ra, é uma raiva que venho abrigando há muitas luas.

Meus braços se fecham em torno de minha fêmea e o alívio me inunda.

Mas ainda não acabou.

Assim que meus braços a envolvem, Adee'ra entra em pânico.

Ela chuta e luta, seus membros se debatendo enquanto ela tenta se afastar de mim e é só quando eu a giro e a trago para o meu peito que ela para.

Seu corpo enrijece quando nossos olhos se encontram e então ela relaxa contra mim.

Mas ela ainda está tentando prender a respiração e posso ver o efeito que isso está causando nela.

Enquanto eu a seguro lá, ela começa a lutar novamente, seus olhos se arregalando.

Ar.

Ela precisa respirar.

É estranho ver aquelas piscinas marrons sob a proteção escura do ba'clan e de repente percebo como devo ter parecido estranho para ela desde o início.

Eu giro, pronto para levá-la para cima quando toda a câmara tremer.

A água estremece ao nosso redor antes de parar de repente.

Derrubamos o Scrit.

Segurando Adee'ra em meu peito, eu me impulsiono para cima, de volta ao ponto que acabei de enfraquecer.

Já selou novamente. Ele voltou a selar no momento em que deslizei por ele e os pelos do meu braço se estenderam em direção ao local que enfraqueci.

É quando seu corpo se ergue contra mim.

Seus pulmões fazem uma última tentativa de puxar o ar, e eu sinto o momento em que ela percebe que acabou de respirar debaixo d'água.

Seu órgão sanguíneo martela contra o meu enquanto seu peito arfa.

Quero compartilhar com ela este momento, está revelação, sua nova experiência, mas não posso.

Eu me concentro no trabalho em questão.

Sua vida... o destino de seu planeta... depende disso.

Conforme eu corto a membrana aberta mais uma vez, eu subo.

Alguém agarra meu braço e nos puxa.

Fi'rox.

Eu clico nele, urgência enchendo minha voz.

— Você tem o recipiente?

Ele clica na afirmativa enquanto desliza pelo buraco que acabei de fazer e entra no Scrit.

Eu sei que ele tem apenas alguns segundos restantes, mas todo o meu foco está de volta em Adee'ra.

Ela está mole em meus braços.

De novo.

Mas desta vez, não estou tão calmo quanto na primeira vez.

Desta vez, tudo dentro de mim está gritando.

Eu pulo do Scrit, me lançando no ar e caio de pé.

Há poeira ao nosso redor, levantada pela máquina caída, mas eu avanço.

Há um pedaço macio de grama morta por perto e eu descanso Adee'ra nele, inclinando-me sobre ela enquanto meus simbioses desocupam minha cabeça e rosto.

— Adee'ra.

Quando toco seu rosto, seu ba'clan se retrai como se sentisse que preciso deles.

Ela tosse, seu olhar encontrando o meu enquanto seu ba'clan se afasta.

Seus olhos estão arregalados, seu peito ainda arfando.

— Adee'ra?

Ela está em choque.

— Fer'ro. O Gryken... era...

Algo está crescendo dentro de mim que faz meu ba'clan se contorcer e eu a puxo para mim.

É um calor. Um calor que tudo consome que está me puxando para esta fêmea.

— Você correu um grande risco. — Mesmo enquanto falo, estou ciente da escuridão que nos cerca.

Um novo fenômeno novamente. Um que não me interessa observar ou questionar.

Mas Adee'ra percebe. — O que está acontecendo?

Ela olha ao nosso redor e depois para si mesma.

O ba'clan está deixando o corpo dela como está deixando o meu.

Ao nosso redor.

Criando um casulo... fundindo-se.

Duas colônias separadas, fundindo-se como uma mais uma vez.

— Você está segura agora. — Eu olho para o olhar deste ser que está transformando meu mundo no limite.

Sua pele pálida...

Seu corpinho...

Sua fraqueza... e sua força.

— Adee'ra...

Ela olha para mim enquanto desvia o olhar do ba'clan rodopiante ao nosso redor, e eu sinto quando seu órgão sanguíneo pulsando desacelera de seu ritmo errático.

Olhos castanhos profundos.

Eu vejo uma imagem de mim mesmo neles. Meu próprio reflexo.

Um Vullan que quase foi rasgado do avesso.

Adee'ra...

Uma mulher que eu não sabia que queria... mas uma que eu sei que preciso.

Nunca mais a deixarei fora de vista.

Capítulo Trinta e Dois

Adira

Eu estou viva.

Enquanto o ba'clan gira ao nosso redor, cobrindo-nos, protegendo-nos, percebo uma coisa.

Neste novo mundo onde eu sou a presa, onde minha vida pode acabar a qualquer momento... eu sou vulnerável.

Uma coisa é viver a vida como se tivesse tempo.

Era assim que eu vivia antes.

Mas agora...

Agora eu rocei os dedos com a morte muitas vezes.

Eu sei o que é agora estar realmente viva.

E eu aprecio isso.

Eu aprecio.

Os simbiontes não estão girando em torno de nós apenas para me proteger.

Eles também estão nos protegendo.

Posso ver isso quando olho para este estranho alienígena diante de mim.

Ele é... diferente dos outros.

É como se eu pudesse senti-lo. Sentir seu coração batendo.

Sentir nossas vidas se entrelaçando.

Apesar do que os vullanos podem fazer, apesar do sacrifício que acabei de fazer, esses alienígenas estão oferecendo um sacrifício ainda maior.

Eles estão aqui para salvar um mundo que não é deles.

Meu mundo.

Minha casa.

Envolvo meus braços em volta do pescoço de Fer'ro e olho dentro daqueles olhos ardentes.

— Você veio atrás de mim — eu sussurro.

Ele não deveria.

Aquilo foi estúpido.

Mas eu teria feito o mesmo por ele?

Sim.

Sim, eu teria.

— Você foi estúpido. — Suas palavras me fazem engasgar com uma risada inesperada. — Diga-me que a humanidade não é toda como você. Você poderia ter se matado.

— Se isso lhe desse uma chance de salvar meu planeta, eu faria de novo.

As presas de Fer'ro aparecem diante de mim, mas nenhum pico de medo em minha espinha.

Ele está com raiva... de mim?

Não.

Ele está sendo nada além de gentil.

Estou aninhada em seus braços no topo desta grama macia.

Ele não está com raiva de mim.

Sinto que ele está com raiva de outra pessoa.

Ele mesmo.

— Nós fizemos isso? — Tento me levantar, mas Fer'ro me segura.
— Nós pegamos?

— Sim.

— Tem certeza? — Eu sofro ao pensar que tudo o que acabei de fazer poderia ter sido em vão.

— Nós pegamos, Adee'ra. Caso contrário, eu sentiria a luta agora.
— Ele olha ao nosso redor. — Está... calmo lá fora.

— E os outros humanos? — Eu olho ao nosso redor.

Não consigo ver nada fora desta parede que o ba'clan está criando.

— Resgatada. — Ele faz uma pausa. — As que estavam vivas, é isso.

Meu olhar cai.

Claro.

Eu não poderia esperar que todos sobrevivessem àquela queda.

— E a fêmea... a mulher que estava na água...

Fer'ro simplesmente olha para mim, seu olhar não diminui.

— Certo. — Engulo em seco.

Ele não precisa dizer isso.

Ela provavelmente está morta.

Engulo em seco quando olho para longe dele.

Morte.

Tanta morte ao meu redor.

Eu nunca vou escapar disso, vou?

Não até livrarmos nosso planeta do flagelo que caiu sobre nós.

Mas eu estou viva.

Estou viva por apenas um motivo e ele está diante de mim agora.

Um suspiro sai de mim e o olhar de Fer'ro se move para baixo em meus braços.

Neste momento, quero sentir essa vida fluindo através de mim.

Antes que eu possa reconsiderar, inclino meu queixo para cima.

— Fer'ro... — eu sussurro. — Não se assuste, mas...

Fer'ro

Adee'ra lambe meu rosto e lágrimas de choque através de mim tanto que eu endureço contra ela.

Por um momento, ela faz uma pausa, hesitante, antes de suas pálpebras se fecharem e eu observar aquela pequena língua rosa dela se esticar em direção à minha boca.

Ela me lambe novamente e meu sazi surge, lutando para sair.

O que ela está fazendo?

Isso é um ritual humano?

Ela está me limpando com a boca?

Não tenho certeza do que ela está fazendo, mas não ousou me mexer.

Eu não poderia me mover se quisesse.

Todos os meus sentidos estão focados na umidade quente do pequeno órgão estalando contra meus lábios e com um gemido, ousou abrir minha boca.

Ela faz uma pausa por um segundo antes de sua língua entrar e... Eu caio.

É tão profundo que o ar dentro do pequeno casulo parece carregado, e quando a boca de Ade'e'ra se fecha sobre a minha, cada linha de pensamento deixa meu cérebro.

Ela está me comendo.

Tal coisa não deveria me deixar excitado, mas me pego segurando-a com mais força, querendo que ela continue.

Terei prazer em ser sua refeição.

Minhas presas gotejam com a necessidade e quando sua língua passa timidamente sobre uma delas, meu sazi surge com tanta força que sai um pouco. O suficiente para eu me afastar dela, pois se tocar seu núcleo, o pouco controle que me resta não será suficiente para me impedir de reivindicá-la bem aqui, perto do cadáver de um Scrit caído.

Esse pensamento diminui os impulsos de alguma forma... mas a língua de Adee'ra é insistente.

Sua boca esfrega contra a minha e um gemido sai de seus lábios. Já estou apaixonada por esse ritual humano.

Quaisquer que sejam os deuses que estamos adorando agora, prometo adotá-los como meus.

Enquanto sua língua estala em minha boca um pouco mais, eu lentamente movo a minha para frente.

É maior que o dela. Mais longo. Mais grosso. Mais grosso.

Não quero assustá-la com isso, mas quero... prová-la em todos os lugares .

Ela treme contra mim quando nossas línguas fazem contato e outro gemido sai de sua garganta.

Este perfume...

Esse sabor doce e picante...

A necessidade de Adee'ra.

Enquanto nossas línguas se chocam, eu me delicio com o cheiro dela.

Ela pode não saber ainda e não sei se ela vai aceitar...

Deixei Edooria... mas acho que encontrei meu novo lar.

Com ela.

Os simbioses sentiram isso muito antes de mim ou mesmo poderia.

É por isso que me senti atraído por ela desde o início.

Adee'ra é minha companheira perfeita — um fenômeno que não acontecia entre os vullanos há eras.

E enquanto ela se abre para mim... enquanto eu a saboreio... eu sei que He'rox estava certo.

Ele pode ser louco... um maníaco... mas ele estava certo...

Este é o começo de uma nova era.

Capítulo Trinta e Três

Adira

Quando interrompo o beijo e abro os olhos, há um fogo no olhar de Fer'ro que nunca vi antes.

Parece que está me envolvendo, mas as chamas não queimam.

Em vez disso, eles me cercam com calor e proteção.

Mas eu fiz isso de novo.

Algo sexual quando não tenho ideia do que está acontecendo entre nós.

A maneira como esse alienígena me afeta...

Ele sabe que estou ardendo por ele?

Aquilo entre minhas coxas está quente e encharcado só de sentir sua língua na minha boca... só de lembrar o que aconteceu entre nós em seus aposentos...

Minhas bochechas ficam quentes e eu afasto meu olhar do fogo.

— Eles estão esperando por nós — diz ele.

Ao mesmo tempo, o ba'clan retorna lentamente à nossa pele e o céu reaparece acima de nós.

Estamos cercados.

Vários vullanos formaram um círculo ao nosso redor e eu luto para me levantar, minhas bochechas queimando ainda mais.

Porra.

Eles estiveram lá o tempo todo?

Eles poderiam ver o que acabamos de fazer?

Seus olhos estão em mim, como sempre, e enquanto nos levantamos, eles fazem a coisa mais curiosa.

Cada um deles se ajoelha aos nossos pés, com a testa no chão.

Meus olhos disparam ao redor.

No canto do meu olhar, amontoadas, estão as três mulheres que eu vi dentro da barriga do Scrit, e muito perto de nós está a própria máquina enorme.

Mas não entendo por que os vullanos estão ajoelhados.

É a primeira vez que os vejo tão submissos.

Nós ganhamos. É por isso?

— Por que eles estão ajoelhados? — sussurro para Fer'ro. — Eles estão demonstrando respeito por você?

— Não. — Ele se vira para olhar para mim e seu olhar brilha tanto através de mim que prendo a respiração. — Eles estão mostrando respeito por você.

Meus olhos se arregalam e eu aperto meu peito com uma mão.

— Desculpa, o que?

— Você ganhou o respeito deles. É uma honra estar sob seu comando.

Eu tenho que piscar várias vezes porque isso passou de zero a cem.

— Meu o quê?

— Você tomou uma decisão enquanto estava naquele Scrit. Aquele que o coloca em perigo. Você seguiu em frente com um plano, mesmo que isso pudesse custar sua vida. Você enfrentou o Gryken de frente. Você colocou sua vida em risco por todos nós.

E então Fer'ro faz algo que faz meu coração disparar.

Eu observo, fascinada, enquanto ele cai de joelhos diante de mim também, sua testa tocando a terra aos meus pés.

— Para o Vullan — ele diz — você fez o sacrifício final. Somos eternamente gratos a você.

Eu os encaro.

Eu realmente não sei o que dizer.

Eu não mereço isso – nada disso – por fazer algo estúpido.

Sim, pode ter funcionado, mas não sou nenhum herói.

Abro a boca para dizer isso quando faço uma pausa.

Meu ba'clan pulsa contra mim e eu me lembro do que estava pensando momentos antes enquanto estava envolto em Fer'ro.

Esta não é mais apenas a minha luta. Não é mais a luta da Terra. É a luta deles também.

Eles não estão apenas me agradecendo pelo que fiz, eles estão me agradecendo por confiar neles.

Engulo meu orgulho, meus preconceitos, minhas dúvidas...

Esses grandes alienígenas precisam saber que são aceitos aqui.

— É uma honra ser visto sob tal luz por guerreiros tão corajosos. Eu não poderia ter feito nada sem a sua ajuda. — Meu olhar se move sobre cada um deles. — Obrigado.

Não sei se o que eu disse é suficiente.

Certamente não abarca o peso dos sentimentos em meu peito.

Mas conforme os vullanos sobem, não me sinto mais tão nervosa com seus olhares.

Eles me veem como um deles.

E enquanto eu olho para mim, para o ba'clan me cobrindo... eu percebo que, talvez, eu me tornei mais parecida com eles do que eu imaginava.

Talvez eu não seja mais inteiramente humana.

Adira

As três mulheres que resgatamos se amontoam no chão do elevador enquanto ele sobe pelo céu em direção a nave ainda encoberta.

Seu olhar está nos alienígenas altos ao seu redor.

Todos os vullanos estão com o queixo erguido, como se algo cheirasse mal aqui.

As fêmeas cheiram. Eles não se lavam há muito tempo. Mas o cheiro não é tão ruim.

Enquanto seus olhares assustados se fixam nos alienígenas ao nosso redor, até eu posso sentir seu medo, e quando eles olham para mim, há uma desconfiança definitiva em seus olhares.

Sou menor, mais magra, obviamente não alienígena, mas com meus simbiosites, pareço o Vullan.

E para elas, o Vullan é o inimigo.

Elas ainda não sabem que foram resgatadas.

Foi uma boa ideia eles terem transportado o Gryken para a nave logo após capturá-lo. Nem eu vi o monstro.

E isso é bom.

Não consigo imaginar o quão traumatizante ver o alienígena teria sido para essas mulheres.

— Vocês estão seguras agora — eu me viro e digo para aquela que falou comigo primeiro depois que eu caí no Scrit. — Esses

homens... esses vullanos... eles estão do nosso lado. — Meu olhar se move sobre os três antes de pousar de volta no que eu foquei primeiro. — Você não precisa mais se preocupar.

Seus olhos se voltam para Ga'Var e depois para Fer'ro ao meu lado antes que ela rapidamente abaixe o olhar.

— Como você tem tanta certeza?

Encontro-me endireitando um pouco as costas.

— Porque eu confio nesses machos com a minha vida.

Meu ba'clan pulsa contra mim e, pela primeira vez, consigo distinguir os simbioses dos outros pulsando contra eles também, como se minhas palavras os movessem.

É um pulso reconfortante como sempre, um tipo estranho de comunicação entre nós que eu nunca notei que o vullano fazia antes.

— Estamos perto da nave — Fer'ro sussurra em meu ouvido e seu hálito quente envia um arrepio na espinha.

Eu aceno enquanto olho para ele por cima do meu ombro.

— Vamos embarcar na nave deles agora. Não tenham medo. Eles não vão te machucar.

As mulheres balançam o queixo para mim enquanto acenam com a cabeça, mas o medo ainda brilha em seus olhos.

Elas estão sujas.

Magrelas.

Cansadas.

Frágeis.

Eu me pergunto se eu ainda pareço assim?

Certamente não me sinto mais assim.

Quando o elevador atraca e entramos no interior escuro da nave, Fer'ro dá ordens enquanto o outro vullano sai.

— Ga'Var vai levá-los para He'rox para cura e depois levá-los a aposentos privados.

— Oh. — Eu me viro enquanto Ga'var se eleva sobre as mulheres. Ele não faz nada para parecer menor. De pé em toda a sua altura, ele se parece com a sentinela da morte.

O medo das mulheres é palpável e posso ver os simbiontes de Ga'Var ondulando.

— Talvez eu devesse ficar com elas. Esta tem sido uma... experiência estressante. Tenho certeza que elas ficariam mais felizes com outro humano lá.

— Não.

Fer'ro fala com tanta firmeza que preciso me virar em sua direção novamente.

— O que? Por que não?

— Você já fez o suficiente por hoje. Você vem comigo.

Quando me viro para olhar para trás, Ga'Var já está direcionando as mulheres para uma porta na parede. Ela se abre para outro corredor e quando eles entram, a parede se fecha atrás deles.

Um nó cresce em minha garganta e meu coração acelera.

Não é que eu não queira descansar... é só que... não tenho certeza do que vai acontecer se eu estiver perto de Fer'ro de novo... sozinho .

— Venha, Adee'ra.

Esse alienígena alto e sombrio está andando na minha frente pelo corredor e, enquanto caminhamos, todos os outros vullanos por quem passamos fazem contato visual comigo antes de colocar uma palma sobre a outra e inclinar a testa para ela. Rapidamente percebo que é uma versão abreviada e mais informal do que eles fizeram lá fora.

Chegamos rápido demais à entrada dos aposentos de Fer'ro e, quando ele passa pela porta, paro um pouco do lado de fora.

Se eu entrar lá...

Meu ba'clan pulsa contra mim como se estivesse me dizendo para entrar.

Mas se eu entrar lá... Se ficarmos sozinhos de novo...

Meu ba'clan pulsa mais uma vez e minhas pernas se movem quase por vontade própria, me puxando para dentro da sala.

Fer'ro está parado na estação de limpeza e, quando entro, seus simbioses se retraem, mostrando-o nu.

Eu engulo em seco, minha língua saindo da minha boca para molhar meus lábios enquanto eu olho.

Ele tem uma aparência verdadeiramente magnífica.

Aqueles músculos tensos sob aquela pele escura parecem esculpidos em metal e minhas mãos coçam para tocá-lo.

Posso sentir meus pulmões começando a trabalhar mais forte enquanto fico ali, incapaz de me mover, apenas capaz de olhar como um idiota.

Controle-se, Adira!

Mas a única coisa que eu quero agarrar é ficar bem na minha frente, sem vergonha de sua nudez...

Porra.

Parece errado ter esses pensamentos. Tão carnal.

Fora desta sala, desta nave, o mundo está acabando.

Mas... dentro... dentro de mim, algo está nascendo. Uma semente que eu nunca soube foi semeada.

Pois eu quero esse homem... esse alienígena. Este Vullano.

No Scrit, quando pensei que estava me afogando, quando seus braços me envolveram, de repente eu soube que tudo ficaria bem.

Meu olhar desce por sua forma, descendo por seu peito até a junção de suas coxas e minha garganta fica seca.

Há uma linha grossa ali... como uma dobra... uma abertura ... e abaixo dela algo se move... pulsa.

Minha língua parece pesada na minha garganta.

— Adee'ra...

Meu nome em sua língua me faz pular e afasto meu olhar de sua... área, meu coração batendo mais forte do que nunca.

As orelhas de Fer'ro se contorcem, mas ele não se mexe, embora a luz já o tenha purificado.

Em vez disso, ele fica parado olhando para mim, como se esperasse que eu fizesse ou dissesse alguma coisa.

E a coisa mais estúpida sai da minha boca.

— Você está limpo.

Suas orelhas estremecem novamente. — Sim eu estou.

Há um momento de silêncio em que o ar fica espesso e eu quero começar a afundar lentamente no chão abaixo de mim.

— É sua vez.

Seu olhar percorre meu corpo tão lentamente que fico ciente de cada centímetro de mim.

Permaneço nos meus lábios, nos meus seios, no meu estômago, no centro das minhas coxas...

Está quente aqui.

— Certo. Minha vez. — Eu dou um passo em direção a ele. — E então... jantar?

— Jantar... — Ele fala tão baixo que soa como um zumbido e o jeito que ele olha para mim enquanto diz a palavra...

Como se eu fosse a coisa que ele quer devorar...

Minhas coxas apertam quando abro minha boca para respirar.

Eu me aproximo, meu ba'clan se retrai para descansar sobre minha coluna vertebral enquanto eu fico ao lado de Fer'ro dentro da estação de limpeza.

Eu tenho que inclinar minha cabeça quando eu olho para ele.

Ainda assim, ele não se move.

Ele está congelado quando olha para mim, com a cabeça virada para o lado, e pelo canto dos meus olhos, vejo o mesmo pulso em sua virilha.

Ele tem um pau escondido lá.

Estou certa disso.

Eu pensei... no começo eu pensei que ele não tinha um, mas eu deveria ter pensado melhor.

Eu sei o suficiente sobre animais para saber que várias espécies têm vários pênis e embora Fer'ro possa parecer bastante semelhante a nós... ele não é humano.

Nem todos os animais exibem seus pênis como os humanos.

A maioria dos répteis não...

Réptil...

Meu olhar encontra o dele e solto uma risada nervosa.

Eu deveria ter adivinhado. Seus olhos semicerrados são uma revelação inoperante.

— Você está mostrando seus dentes sem presas para mim — ele diz e eu calo minha boca.

Ele fareja o ar então. — Não é agressão que eu cheiro...

Isso faz minhas bochechas esquentarem. — Não. Não, não é. Eu estava rindo. Significa que estou feliz. Agressão é a última coisa em minha mente.

Ele se vira para me encarar completamente e parece que sua presença me envolve.

— O que está em sua mente?

Minhas bochechas queimam mais forte.

Quais são as regras que cercam esse tipo de coisa?

Podemos mesmo foder?

Porque eu quero...

Só não sei se é possível.

Fer'ro é um cara grande...

— Tenho certeza que você pode dizer o que está em minha mente — eu sussurro. — Você fica cheirando o ar.

Isso provoca um rosnado que me faz apertar minhas coxas novamente.

— Eu posso — ele resmunga.

A luz da estação de limpeza se move sobre nós, me distraindo por um momento, e eu tenho a chance de respirar.

Acho que não posso voltar atrás agora.

É tão real quanto a respiração que flui pelos meus pulmões.

Eu quero Fer'ro.

O pensamento me faz doer e Fer'ro de repente inala profundamente.

Ele está tão perto que sinto a força do ar contra a minha pele, e então sou levantada do chão.

Eu grito um pouco quando meus braços vão automaticamente ao redor de seu pescoço.

As grandes mãos de Fer'ro seguram minhas nádegas nuas enquanto ele me puxa para ele.

— Você é inebriante — ele murmura e as palavras vibram contra a minha pele.

Inebriante.

Nunca fui chamado assim antes.

Eu grito de novo enquanto Fer'ro caminha em direção à parede. Estou sendo erguida mais alto e é só quando minhas costas batem na parede e minhas pernas se acomodam sobre seus ombros que percebo o que ele pretende fazer.

Eu só consigo gritar um pouco antes de sua boca fechar sobre o meu centro.

— Porra. — Como ele é tão bom nisso?

Meus olhos reviram na minha cabeça quando sua língua me invade e eu choramingo.

É um som suave. Quase como se eu estivesse implorando para ele parar, mas também implorando por mais.

Fer'ro rosna contra mim, fazendo com que sua língua vibre entre meus lábios e meus quadris saltem.

Sua boca está quente, molhada, sua língua insistente enquanto ele me lambe e eu começo a tremer enquanto agarro sua cabeça, movendo-me sobre as saliências que correm até o topo onde suas mechas estão presas.

Eu os agarro com tanta força que sinto quando eles se desfazem entre meus dedos.

Uma inspiração afiada fez minhas costas arquearem.

Parece que um jardim de flores está florescendo entre minhas coxas.

A boca dele. Sua língua.

Sem vergonha, eu resisto contra ele e Fer'ro agarra meus quadris me segurando lá.

Ele geme contra mim novamente antes de sua língua provocar minha entrada.

Eu grito contra ele, meu corpo lutando para se contorcer enquanto minhas pernas ficam fracas.

Há um momento em que minha consciência deixa meu corpo. Aquele momento singular em que sinto o órgão grosso e úmido romper minha entrada para deslizar profundamente dentro de mim.

Meus olhos reviram, minhas costas arqueiam, meu corpo fica mole quando um gemido sai de dentro de mim.

Há um rio doce que corre através de mim e se transforma em um gêiser.

Ele move sua língua para dentro e para fora enquanto sua boca se fecha sobre meu clitóris. E então ele geme.

É uma vibração profunda que me enrijece. Meus dedos dos pés se enrolam.

Eu grito quando o orgasmo me atinge com tanta força que perco a noção de tudo ao meu redor.

Sinto mais do que ouço Fer'ro rosnar contra meus lábios.

Eu não posso controlar meus quadris enquanto eu resisto, tremores passando por mim, até que eu tenho que colocar minhas mãos contra sua cabeça e empurrá-lo para longe, pois ele não está parando.

Ele está lambendo meus sucos, ainda provocando aquele broto tenro entre minhas pernas.

— Fer'ro — eu ofego quando ele finalmente faz uma pausa para olhar para mim.

Eu poderia mergulhar naqueles olhos de lava. Não consigo desviar o olhar enquanto meu corpo arfa e Fer'ro olha para mim, suas pupilas tão finas que mal consigo vê-las.

Ele passa a língua sobre mim novamente e eu estremeço.

— Por favor...

Sua língua faz uma pausa a meu pedido.

— Por favor... eu preciso de você dentro de mim...

Meu corpo inteiro está corado e ainda estou tremendo, meu corpo estremeçando esporadicamente após o meu clímax.

Acho que não consigo aguentar mais, mas há um espaço entre minhas pernas, um buraco que anseia por algo para preenchê-lo.

E eu quero senti- lo...

— Fer'ro — eu digo novamente, e então me ocorre que talvez, apenas talvez, eu tenha lido tudo isso errado.

Talvez ele não queira fazer sexo comigo.

Talvez o pessoal dele não faça do jeito que eu penso.

Mas então... — Adira...

Ele vai me negar.

Meu coração afunda e todo o meu ser fica vermelho por uma razão totalmente diferente, enquanto o constrangimento me preenche.

O que diabos eu estava pensando?

— Se eu perfurar você com meu sah-zi... você será meu para sempre.

Eu pisco para ele.

Para sempre?

Cautelosamente, movo meus dedos para acariciar as saliências que descem por suas bochechas.

Ele está tão sério que fico um pouco sóbrio.

Não conheço os costumes vullanos. Talvez sejam monogâmicos e acasalem para toda a vida.

— Você quer dizer... sua esposa ou algo assim?

— Você será minha — ele repete. — Você já é minha. Desde o primeiro momento em que te segurei em meus braços.

Sua voz ficou mais profunda e seus olhos agora são completamente lava, nenhuma pupila visível.

— Se qualquer outro homem tentar tirar você de mim... eu vou matá-lo.

Ele diz isso tão a sério, não tenho dúvidas de que o que ele diz, ele fará.

Mas este é o fim do mundo e não posso negar que também me sinto atraída por ele.

— Eu quero você — diz ele.

Minha língua parece grossa na boca, mas consigo responder de qualquer maneira. — Então por que você não me leva?

O corpo de Fer'ro estremece um pouco enquanto ele respira uniformemente pelo nariz. Sua respiração roça meu clitóris e eu me empurro novamente.

— Você é muito pequena. Eu posso te machucar.

O que? Eu quero rir e ignorá-lo, mas de que tamanho estamos falando aqui?

— Eu perfurei você com minha língua. Sua entrada é pequena. Apertada. — Ele roça o nariz contra o interior da minha coxa. — Eu não quero quebrar você.

Sua língua sai e se move sobre a minha pele e a sensação me faz ofegar.

Estou nos ombros desse alienígena, com o rosto enterrado na minha boceta, e nem uma vez me preocupei.

Fer'ro não vai me machucar.

— Vai caber. Nós, humanos, nos alongamos. — Eu tento olhar para baixo para ver com o que estou trabalhando, mas não consigo ver desta posição. — Apenas seja gentil, ok?

Fer'ro inclina o queixo para olhar para mim e é quase como se sua pele escura estivesse brilhando.

Ajustando seus braços para que ele esteja segurando minha cintura, ele me permite deslizar para baixo até que nossos quadris se alinhem.

Por um momento, a incerteza me faz prender a respiração, mas então ele está agarrando minhas pernas e estou posicionada entre elas.

Eu só posso estender a mão e envolver meus braços em volta do pescoço dele.

Ele faz uma pausa ali, me segurando assim, minhas costas pressionadas contra a parede, minhas pernas alargadas enquanto envolvem seu torso, e Fer'ro olha para mim.

Seu olhar faz pequenos arrepios percorrerem minha pele.

Não precisamos falar.

Nós só precisamos sentir.

Acho que ouvi.

Aquele som distinto de carne úmida se movendo contra carne e eu enrijeço um pouco.

Com um toque gentil, Fer'ro levanta a mão para segurar minha bochecha e só consigo me concentrar nele.

Eu não sei o que esperar, mas a sensação distinta de algo duro e úmido enquanto roça meus lábios internos faz minha boca se abrir enquanto meus olhos reviram um pouco.

É tão bom, embora ainda não tenhamos feito nada.

Fer'ro geme, um estrondo que vibra através de mim, enquanto seu pau roça em mim novamente.

A ponta chega a um ápice, posso dizer isso apenas pela sensação.

Talvez não seja tão grande quanto ele pensa

Com uma batida profunda, Fer'ro encontra minha entrada e avança lentamente.

Sua ponta desliza pelas minhas dobras, me perfurando enquanto abre caminho para o resto dele.

E eu estava errada...

Eu estava tão foddidamente errada.

Eu agarro seu pescoço, um grito deixando meus lábios quando sinto a extensão de sua circunferência.

Mais grosso à medida que vai em direção à base.

Bem mais grosso.

Há dor e ele ainda não está nem na metade, mas junto com essa dor há muito prazer.

A sensação é inacreditável.

Eu gemo seu nome enquanto o seguro, minha boceta apertando enquanto se ajusta a esta invasão massiva, e levo um segundo para perceber que Fer'ro não está se movendo.

Eu olho para ele e entre os choques de prazer saindo do meu centro, consigo processar o que estou vendo.

Os dentes de Fer'ro estão à mostra, suas presas visíveis e afiadas na penumbra. Seus cumes estão amontoados quando ele cerra os

dentes, e todos os músculos de seu corpo estão tensos enquanto ele se força a ficar parado.

Eu não tenho que perguntar.

Ele está fazendo isso por mim, para não me machucar.

Mas a última coisa que quero é que ele se segure.

Esta é a vida.

Eu quero sentir tudo.

Eu quero experimentar tudo.

Eu quero senti-lo.

Puxando-me para cima, eu sussurro contra seus lábios. — Foda-me, Fer'ro. Não se segure.

Um rugido tão alto que faz meus ouvidos zumbirem preenche o espaço enquanto Fer'ro me pressiona contra a parede atrás de mim.

Meus lábios se fecham sobre os dele enquanto ele avança um pouco mais, me enchendo, me alongando enquanto seu pau me invade, enviando foguetes de prazer por dentro.

Fer'ro puxa seus quadris para trás e com outro grunhido, ele avança novamente, me enchendo com um golpe lento.

Merda!

— Haaaaaa...

Fer'ro desliza para trás lentamente, e há outra onda lenta para a frente.

— Haaaa...

E de novo.

E de novo.

Nossos corpos balançam e avançam um contra o outro em uníssono e me vejo gritando seu nome contra seus lábios.

Está tão molhada. Tão foddidamente molhada.

Posso sentir a mistura de nossos sucos escorrendo pelas minhas coxas e me pergunto se ele gozou.

Mas quando ele começa a acelerar o passo, sei que isso não é possível.

Minhas pernas ficam fracas e flácidas quando Fer'ro nos leva para o chão.

Estou de costas e ele está em cima de mim, nossos corpos balançando enquanto ele me fode lentamente.

Seu olhar se fixa em meus seios enquanto eles se contraem com cada estocada e seus olhos se tornam ainda mais ardentes, se é que isso é possível.

Os sons úmidos da nossa foda estão me deixando no limite e minha cabeça se inclina para trás enquanto me entrego a ele, meu corpo se contraindo com força enquanto ele empurra profundamente dentro de mim.

Eu não consigo ver nada.

Não sei se fiquei cego ou se meus olhos rolaram completamente para trás em minha cabeça.

Tudo o que posso fazer é sentir... e quando Fer'ro agarra meu seio com uma mão, pouco antes de sua boca se fechar sobre meu mamilo, todo instinto, todos os sentidos, tudo dentro de mim se perde.

Eu grito quando meu corpo arqueia, uma onda crescendo e quebrando dentro de mim.

O orgasmo me pega desprevenida e todo o meu corpo estremece e estremece.

Mas Fer'ro não para.

Ele não acabou.

Ele rosna contra o meu peito enquanto suas estocadas ganham velocidade.

Eu estou sendo fodido fora da minha mente...

Agora eu entendi.

Aquelas mulheres que eu costumava ver fazerem a caminhada da vergonha com o cabelo todo bagunçado, com o histórico de maquiagem e com as roupas do avesso... é assim que se sente como ser fodida.

— Fer'ro! — Eu grito quando outro orgasmo cai através de mim.

Minha boceta aperta em torno dele e eu o ouço vibrar forte.

E então ele empurra em mim profundamente, puxando meus quadris em sua direção enquanto ele endurece.

Eu só sei que ele está gozando porque posso sentir os pulsos passando por seu pênis de onde estamos unidos.

Por alguns momentos, sou excluído da existência.

Estou simplesmente flutuando no meio enquanto olho para o telhado dos aposentos de Fer'ro.

Minha visão está embaçada, mas algo bloqueia minha visão.

Ele.

— Adee'ra — ele sussurra, sua voz ainda tão rouca. — Adee'ra...

Olhos de lava procuram os meus enquanto volto à realidade.

Ele está se afastando de mim, seus olhos arregalados no meu corpo enquanto ele cambaleia para trás.

Meus próprios olhos se arregalam quando me inclino sobre os cotovelos e meu olhar cai para sua virilha.

Porra.

É maior do que eu pensava.

Grande. Vermelho. Cheio de veias.

Tem uma linha escura e grossa correndo na parte de baixo e seu pênis ainda está pingando.

Estou abalada enquanto olho para ele.

Não acredito que peguei tudo isso.

— Adee'ra... me desculpe.

Eu pisco para ele, meu olhar finalmente focando em seu rosto mais uma vez.

Esse não é o tipo de coisa que eu esperava ouvir.

Desculpe por quê?

Desculpa por ele ter me fodido?

A decepção começa a crescer dentro de mim quando meu olhar encontra o dele.

Mas ele não está olhando para mim, digamos. Seus olhos estão se movendo sobre o meu corpo.

É quando finalmente olho para mim mesma... e faço uma pausa.

Meu corpo inteiro está vermelho, como se eu tivesse me esfregado em um tapete duro.

Seus cumes. O atrito.

Isso é o que fez isso.

— Bem, isso é constrangedor. — Eu pareço um tomate.

Não exatamente o que eu chamaria de sexy.

Eu tento rir com uma risada baixa, mas Fer'ro ainda está olhando para mim como se tivesse acabado de cometer algum crime.

— Tudo bem. — Eu me levanto para uma posição sentada totalmente. — Não dói. Você não me machucou.

Ele não parece nem um pouco convencido.

— É assim que a minha pele é.

— Fui muito rude.

Meu olhar se move de volta para seu pênis e eu me pego encarando novamente.

Ele estremece quando olho para ele e acho difícil falar.

Ele não foi nada rude.

Com aquela coisa, ele poderia ter me machucado muito, muito mesmo.

— Você não me machucou. Eu aproveitei cada segundo.

Observo seu pênis se curvar para cima e afundar lentamente naquela fenda dentro de seu torso, ainda duro.

— Isso não dói? — Eu sussurro.

Fer'ro está rastejando de volta para mim agora e seus simbioses estão reaparecendo.

Eu meio que me sinto... mal com isso.

Ele só vai sair agora? Voltar para suas funções?

Mas, em vez disso, ele me levanta do chão e se dirige para a cama.

— Eu deveria ter levado você nas penas — ele murmura. — As fêmeas vullanas preferem assim.

Um pico de ciúme dispara através de mim.

Ele me coloca diante dele e de repente me sinto nua e vulnerável.

Fer'ro funga.

— Que cheiro é esse? Eu não gosto disso.

Meus olhos disparam ao redor. Não sei que diabos ele está cheirando agora.

— Você está... decepcionada.

Minhas sobrancelhas se levantam. — Você pode sentir o cheiro do meu humor?

Suas orelhas se contraem um pouco. — Alguns.

Meus olhos se arregalam um pouco enquanto pisco algumas vezes.

Bem, isso explica o jeito deles de cheirar tanto.

— Eu não te agradei — ele diz e começa a abrir minhas pernas mais uma vez, sua cabeça inclinando-se para mim. Eu mal consigo me afastar.

— Não, acredite em mim, estou muito satisfeita. — Eu rio um pouco. E um pouco dolorida.

— Então... por que você está desapontada?

Minha alegria seca enquanto eu suspiro. — É só... parece que você está prestes a... ir embora.

Ele se levanta e olha para mim, seu olhar me estudando por alguns momentos.

— Eu não te alimentei e você precisa de atenção médica para sua pele. Eu estava indo buscar os dois. Não tenho nenhuma intenção de deixar você.

Desta vez, eu sorrio.

— Não estou com fome agora. Eu só... você pode ficar... aqui... comigo?

Sua membrana nictitante se move sobre seus olhos enquanto ele pisca e acho que ele está prestes a dizer não.

Porra.

Se ele me recusar agora, não sei como poderia enfrentá-lo com confiança novamente.

Mas sem uma palavra, Fer'ro se move para a cama comigo.

Ele me pega em seus braços e me puxa contra seu peito.

Seus simbioses também desaparecem e, mais uma vez, estamos nus juntos.

O silêncio nos envolve e eu me permito relaxar contra ele.

— Esta é a primeira vez... — Suas palavras são baixas... murmuradas contra o meu cabelo.

— A primeira vez o quê?

— Que eu fiz isso.

— O que? abraçado depois?

Ele leva um momento para pensar sobre isso. — Sim. Vullan feminino geralmente não quer essa proximidade depois.

— Hmm — murmuro. Outra pontada de ciúme me atinge e eu percebo... não quero ver Fer'ro com outra pessoa. Quero para sempre.

Eu penso sobre isso enquanto me acomodo contra ele.

Ele está confortável. Quente.

Eu me encontro à deriva.

— Mas... talvez seja diferente com você — ele sussurra.

— Hum? Por que isso?

Fer'ro enterra o nariz no meu pescoço e inala profundamente.

— Porque você é minha. Minha companheira.

Meus olhos se abrem enquanto olho para frente, mas em vez de pânico, uma sensação reconfortante enche minha barriga.

— Sua companheira?

Fer'ro rosna um pouco e me aperta mais contra ele. — Sim. Minha. Para sempre. Sempre. A partir deste momento.

Um sorriso se espalha em meus lábios enquanto uma vibração passa por minha barriga.

Eu quero dizer algo, mas nada parece encher minha língua.

Então eu fecho minha boca e me deleito com a sensação que Fer'ro envia através de mim.

Se eu tivesse que escolher alguém para passar o fim do mundo,
não poderia escolher ninguém melhor.

Ninguém pode substituir o alienígena ao meu lado.

O Vullan que de alguma forma fez um lugar no meu coração sem
que eu percebesse.

Eu sou dele.

E ele é meu.

Capítulo Trinta e Quatro

Fer'ro

Por vários cliques, seguro Adee'ra.

Ainda assim, ela está dormindo profundamente.

Mesmo quando me movo, agitando as penas abaixo de nós, ela não acorda.

É preocupante essa total falta de consciência enquanto ela está mais vulnerável, mas eu valorizo o momento.

Ela quer que eu esteja aqui.

Então eu fico, embora não haja esperança de eu também descansar.

As penas são macias demais para dormir e, embora a luz seja fraca, não consigo dormir nela.

Então... eu a seguro.

Eu embalo seu corpo macio contra o meu e reflito sobre os últimos cliques.

O cheiro dela mudou. Agora é uma mistura do meu cheiro, misturado com o dela.

Entre suas pernas, meu esperma ainda perdura, cobrindo a parte interna de suas coxas.

Ela me surpreendeu...

Eu não esperava que ela quisesse me levar - tinha decidido que iria me conter porque era certo que ela não o faria.

Mas... ela fez.

A lembrança do calor apertado de seu suu'ci me faz gemer e meu sazi lateja novamente.

Tocando meu nariz em sua cabeça, inspiro profundamente.

Minha Adee'ra .

Eu me deparei com as estrelas, buscando vingança, procurando mudar o inevitável e durante todo esse tempo, nem uma vez pensei que encontraria... você .

Ela geme em meus braços e se vira para mim. Espero que seus olhos se abram, mas a única coisa aberta é sua boca.

Um som suave e irritante vem de sua garganta e meus ouvidos se contorcem enquanto ouço.

Ela ainda está dormindo profundamente.

Como algo tão vulnerável pode descansar tão inconsciente e tão ruidosamente?

Passo minhas mãos pelas costas dela, puxando-a para mais perto, e posso sentir a coluna de simbiontes descansando ali.

Ela está até mesmo controlando-os enquanto ela descansa.

Não acredito que ela perceba o quão integrados com ela eles se tornaram...

Ela não é mais tão vulnerável.

O ba'clan pulsa contra minha mão e sinto a conexão que já tive com eles.

— Você sabia que isso iria acontecer, não é?

Eles pulsam novamente.

Eu sei que eles fizeram.

... ro?

A testa de Adee'ra se enrugou, assim como seu nariz, enquanto seus olhos se apertam.

Ela se espreguiça um pouco e então, tão repentinamente quanto falou, ela se levanta.

— Adormeci.

Meu olhar se move sobre ela.

Seus cabelos estão apontando para todos os lados e há uma linha de fluido que vazou de sua boca. Ele corre em direção ao queixo e ela o enxuga com as costas da mão.

Eu a encaro, paralisado.

Ela é a coisa mais linda que eu já vi nas estrelas.

— Merda. — Ela passa a mão pelo cabelo. — Nós devemos ir. Os outros devem estar muito preocupados.

Seu olhar se move para baixo de mim, hesitando por um segundo onde meu sazi se esconde, e suas bochechas esquentam.

Meu sazi lateja novamente, aproveitando a atenção, e tenho que forçar meus pensamentos para longe disso.

Adee'ra não estaria pronta novamente tão cedo.

Mas aquele cheiro doce e picante está crescendo ao nosso redor e meus ouvidos se animam com a atenção.

Adee'ra puxa seu olhar de volta para o meu rosto e então ela se inclina para frente.

Estamos tão perto agora, sua respiração roça na minha pele.

Quando ela se inclina mais baixo desta vez, não fico surpreso quando seus lábios roçam os meus.

Estou faminta por ela e gozo imediatamente.

Deitar com ela em meus braços foi a mais doce tortura. Eu estava doendo, e agora, aqui está ela.

Ela geme contra mim enquanto eu esfrego a ponta da minha língua contra a dela e então ela está se afastando muito rapidamente.

Eu não deixo.

Eu me movo com ela até que ela caia para trás.

Sua cabeça bate nas penas macias e eu estou sobre ela mais uma vez.

Adee'ra estremece um pouco, seu olhar subindo pelo meu tronco e subindo. Aquele cheiro doce e picante dela enche o ar.

Mas... ela não pode estar pronta para me levar de novo tão cedo... ela pode?

Abro as narinas e inspiro o máximo de ar que consigo, enchendo meu peito com o cheiro dela.

Eu nunca cheirei algo mais inebriante.

— Fer'ro — ela sussurra meu nome tão suavemente que faz cócegas em meus ouvidos. — Os vullanos acasalam para o resto da vida?

— Nós costumávamos. — As palavras saem como um grunhido enquanto tento controlar a batida insistente do meu sazi.

Ele quer se enterrar dentro deste ser macio abaixo de mim. A memória de como ela se sente bem ainda está muito fresca.

— Costumava ser? Então você não quer mais?

Eu me forço a me concentrar em suas palavras. Para não abrir as pernas e enterrar alguma parte de mim dentro dela.

Minhas presas gotejam. Eu quero prová-la.

— Não houve um laço de alma em muitas, muitas luas. — Eu trago minha cabeça para baixo e escovo meu nariz contra o lado de seu rosto. — Até agora. — Sua pele não está tão vermelha quanto antes, mas ainda tomo cuidado para não irritá-la ainda mais.

— O que você quer dizer com até agora?

Faço uma pequena pausa e fecho os olhos, saboreando a sensação da minha mulher embaixo de mim.

Se ela decidir fugir agora... a vida não terá sentido.

Mas eu tenho que dizer a ela a verdade.

Talvez ela sinta isso também.

— Até você — eu sussurro.

Por alguns longos momentos, Adee'ra não fala, e então, seus pequenos braços estão se estendendo nas minhas costas, me puxando para mais perto.

Eu não sabia que todos os músculos do meu ser estavam congelados até que me derreti nela naquele momento.

— Então é isso que He'rox quis dizer — ela sussurra. — O ba'clân...

Eu relaxo e olho para ela, procurando aqueles estranhos olhos brancos e castanhos dela.

— Achei que algo estava estranho. Sam e Mina não ganharam nenhum ba'clan... só eu ganhei, e...

Eu espero que ela continue, meu órgão sanguíneo se contraindo em meu peito.

— E eu acho que sei por quê.

A mão de Adee'ra acaricia minha bochecha enquanto sua outra mão desliza pelo meu tronco em direção à minha dobra.

Seu dedo desliza sobre a abertura e eu gemo.

Um arrepio passa por mim.

— Eu posso sentir você — diz ela. — É como se eu pudesse sentir o quanto você está com tesão por mim agora. — Suas bochechas ficam rosadas e ela desvia os olhos enquanto sua mão para em mim. — Eu

posso sentir outras coisas também. — Ela olha para mim. — Não sei explicar.

— É o ba'clan — eu consigo responder. — Eles são parte de você agora, assim como são parte de mim.

— Isso significa... — Ela olha para mim novamente antes de desviar o olhar. — É por isso que você disse que eu era sua?

Eu rosno um pouco e seu olhar finalmente se volta para o meu.

— Mesmo sem o ba'clan, você seria meu. Não suporto pensar em você com outra pessoa.

Meu companheiro de útero, Ga'Var, salta à minha mente, e eu rosno de novo, mas minha mente é rapidamente afastada da raiva ciumenta quando sinto a mão macia de Adee'ra bem sobre meu sazi.

Eu respiro profundamente enquanto meu sazi pulsa contra sua mão.

— Você está duro — ela sussurra e aquele cheiro doce e picante se intensifica, enchendo a sala.

— Eu sempre sou — eu rosno. — Estou aqui quando você quiser. Sempre que você precisar de mim.

Meu sazi lateja novamente enquanto sua mão se move sobre ele, ameaçando sair.

— E se eu quiser você agora?

Sou incapaz de avisá-la quando meu sazi se projeta direto para a palma da mão dela.

Há um suspiro de Adee'ra quando seus olhos se arregalam, mas então suas pálpebras se fecham e ela coloca o lábio inferior em sua boca.

Ela se arrasta debaixo de mim, abrindo as pernas e eu a encaro maravilhada.

Mas... não consigo me mexer.

Não há nada que eu queira mais do que entrar profundamente dentro dela agora, e meu sazi lateja insistentemente, empurrando contra sua mão, pré-derramamento se formando em sua ponta.

Quero prová-la com minha língua, inalar seu perfume inebriante, prepará-la para mim, mas Adee'ra solta minha mandíbula e agarra meu sazi com as duas mãos.

As palavras esvaziam minha mente, os pensamentos desaparecem e um tamborilar profundo me preenche enquanto ela move as duas mãos pelo meu comprimento.

— Foda-se — ela murmura.

Tradução: rek.

Foder de fato.

Eu quero foder ela.

Eu quero foder ela muito.

— Sinto muito — diz ela, e sou rapidamente tirada do meu transe.

Ela está se desculpando.

Eu me forço a ficar quieto, os músculos dos meus braços se juntando em ambos os lados dela enquanto eu resisto aos impulsos crescendo dentro de mim.

Eu posso parar agora.

Vai ser difícil, mas posso me afastar.

— Mal posso esperar — ela sussurra enquanto traz meu sazi para sua doce entrada.

Um gemido estrangulado me escapa enquanto ela esfrega minha ponta contra suas dobras.

Então . Suave .

Sua boca se abre com um gemido e eu cerro os dentes, meus lábios puxando para trás enquanto minhas presas aparecem sobre ela.

Adee'ra olha para cima. Não há medo em seus olhos.

Ela me quer e me guia sobre sua suavidade, seus sucos revestindo minha ponta.

É uma luta para mim ficar parado, não assumir o controle, mas não quero trocar a beleza que estou vendo diante de mim por mais nada.

O rosto de Adee'ra se contrai quando minha ponta esfrega aquela pequena protuberância em seu centro - aquela que a fez chorar na minha língua.

Ela massageia aquele ponto por alguns momentos, sua respiração ficando difícil a cada passagem.

— Haa...

Estou paralisado.

Meu sazi lateja e Adee'ra geme mais alto enquanto ela me guia para baixo.

Eu sinto o calor de sua entrada um segundo antes de minha ponta afundar dentro de seu calor.

Explodindo estrelas...

Não consigo mais ficar parado.

Eu agarro seus braços e os levanto, prendendo-os acima de sua cabeça enquanto avanço.

Ela é apertada.

Tão incrivelmente apertado e eu vazo profundamente dentro dela.

Quanto mais ela toma de mim, mais sua boca se abre até que eu possa ver sua pequena língua rosa.

Mergulho minha boca na dela, saboreando-a enquanto meu comprimento desliza profundamente em sua umidade.

Um tamborilar passa por mim, montando em cima de um gemido meu enquanto me afasto e avanço lentamente novamente.

Posso sentir sua resistência ao redor do meu sazi, sei que não posso ir tão rápido quanto quero, mas a doce tortura vale a pena.

O olhar no rosto de Adee'ra é suficiente para fazer mais derramamento vazar da minha ponta.

Adee'ra sussurra algo que não ouço por causa da batida selvagem do meu órgão sanguíneo em meus ouvidos.

— Diga de novo, meu pequeno pássaro.

Suas pálpebras vibram com o apelido e eu me lembro daquele dia em que vi a pequena criatura voadora. O dia em que Adee'ra estava caçando criaturas marinhas.

Lembro-me do olhar em seu rosto quando ela viu, lembro como soa como ela quando ela fala.

Eu mergulho mais fundo dentro dela e gemo enquanto seu suu'ci treme ao meu redor.

— Eu disse — ela arqueja — eu sou sua, Fer'ro. — Seus olhos se abrem e encontram os meus. Com as pálpebras baixas, ela olha para mim. E eu estou nu. É como se ela pudesse me ver agora.

Não sei quando isso mudou.

Quando ela parou de me olhar com medo nos olhos para me olhar como está me olhando agora.

— Eu sou sua — ela repete, e suas palavras acendem algo em mim que é como um fogo violento.

Eu avanço e Adee'ra grita enquanto ela me agarra.

Seu suu'ci aperta meu comprimento, me puxando mais fundo.

— Você é minha — eu rosno, enquanto me afasto e empurro mais fundo, e quando Adee'ra agarra meus quadris, envolvendo suas pernas em volta de mim, eu sei que é o fim.

Eu explodi dentro dela, meus quadris empurrando para frente com a torrente do meu gasto.

Um rugido profundo vem da minha garganta, enchendo a sala, e tenho certeza de que qualquer vullano que passe agora sabe o que acabei de fazer.

Meu corpo estremece quando finalmente a libero, relaxando enquanto rastejo por seu corpo macio.

— O que você está fazendo?

Suas palavras saem em respirações ofegantes e ela levanta a cabeça para olhar para mim antes que ela caia sobre as penas.

Mas eu não preciso falar. Ela só tem que sentir.

Minha língua roça a protuberância escondida em suas dobras macias e os puxões de Adee'ra.

Eu ronco de prazer quando minha boca se fecha sobre ela e ela choraminga em cima de mim.

Não vou parar até que ela me implore.

Capítulo Trinta e Cinco

Fer'ro

É assim que a felicidade se parece.

Há um brilho no meu rosto, o gosto da minha mulher na minha língua e seu corpo macio em meus braços.

Eu a fiz gritar muitas vezes na minha língua, até que ela não aguentou mais, e nada me enche mais de alegria do que seu corpo saciado e o olhar de felicidade em seu rosto.

Há um brilho sobre ela também. Um calor que não estava lá na primeira vez que a vi.

Eu gosto disso.

Tenho prazer em seu contentamento.

— Isso é bom — ela sussurra enquanto se vira em meus braços para me encarar. Ela passa a mão pelo meu peito antes de seu olhar vagar atrás de mim.

Eu me viro para ver no que ela está focada, mas não há nada lá.

— Quase posso esquecer que coisas ruins estão acontecendo lá fora quando estou com você.

O tempo passa enquanto nos deitamos assim, nossos órgãos sanguíneos batendo em sintonia um com o outro.

Ela respira duas vezes mais rápido do que eu, e me pego apreciando o subir e descer de seu peito.

Estou contando sua centésima vigésima respiração quando ela inclina a cabeça e olha para mim.

Ela segura meu olhar, sem dizer nada e eu não a pressiono.

Acho que ela não vai falar nada.

Isto é, até a água encher seus olhos. Ela prontamente pisca para afastá-lo.

— Você tem um plano, não é — ela sussurra. — Você tem um plano para derrubar o Gryken.

A preocupação em seu olhar tem um cheiro semelhante ao seu medo.

Eu tenho o desejo de dissipá-lo.

— Sim.

Adee'ra sacode a cabeça para baixo algumas vezes.

— Devemos ir comer e ver se podemos colocar esse seu plano em ação.

Sim.

Ela está certa.

Tenho certeza de que meus irmãos estão esperando para ver onde estamos.

E embora eu não queira deixar meus aposentos ainda, quanto mais rápido nos livrarmos da escória Gryken, mais cedo poderei ter mais dias como este com Adee'ra.

— Vamos — ela sussurra, seus simbioses rastejando sobre sua pele.

Ela começa a se afastar de mim, mas eu a impeço.

— Você pode descansar aqui. Eu trarei o seu sustento.

Ela lambe os lábios e senta-se ereta.

— Eu sei que você está apenas tentando me manter aqui, não é?

Eu olho para ela, estupefato.

— Você vai me alimentar e sair novamente para olhar aquele monstro que capturamos e fazer planos com sua equipe, não é?

Ela está certa.

— Eu quero vê-lo.

Meus olhos se fecham assim que as palavras saem de seus lábios.

O Gryken está contido em um tanque especial. Não pode nos prejudicar.

Não pode prejudicá-la, mas mesmo tendo Ade'e'ra na mesma sala que isso me deixa desconfortável.

Lembro-me de ver seu domínio sobre ela naquele Scrit.

Lembro-me do terror absoluto que senti por ela naquele momento.

Quando meu olhar se levanta para ela, porém, a determinação final em seus olhos me diz que isso é algo que ela precisa fazer.

— Eu quero fazer parte disso. — Ela estende a mão e passa um dedo pela minha perna.

Meu sazi lateja imediatamente, mas eu o afasto da minha mente.

— Você colocou sua vida em risco e eu quase perdi você. Discordo.

Uma lufada de ar faz seus ombros subirem e descerem.

— Eu sei... mas... eu simplesmente não posso ficar parada. — Ela balança a cabeça e passa a mão pelo cabelo. — Simplesmente não posso.

Por alguns momentos, ela não diz nada.

— Deixe-me ver — diz ela. — Acho que nunca mais poderei fazer o que fiz, mas vou ajudá-lo a lutar por nós. — Seu olhar encontra o meu. — Para o nosso futuro.

Tenho a sensação de que ela também está se referindo ao nosso futuro — meu e dela juntos.

Eu a estudo por alguns momentos.

Eu sei que nunca poderei negar seus desejos.

— Vou levá-lo até ele.

Adira

Fer'ro caminha ao meu lado enquanto deixamos seus aposentos.

Acontece que eles trouxeram peixe a bordo para nós e, depois de assá-lo, comi até ficar satisfeita em seu quarto.

Agora, cada passo me lembra o que mais eu tinha dentro de mim.

Estou um pouco dolorida, mas uma sensação de bem-aventurança me envolve como uma nuvem invisível.

Acho que nada pode mudar isso agora. Nem mesmo a cara horrível de um Gryken.

Estamos indo em direção à ala médica, presumo, e quando passamos pela porta, meu primeiro pensamento é Mina.

Fer'ro parece ler minha mente.

— Sua amiga está aqui. — Ele caminha até a parede e pressiona algo. Ele se transforma em uma tela como antes.

Do outro lado da barreira, na outra sala, a luz é fraca, mas posso ver a forma de uma mulher com bastante clareza.

Mina está na mesa, bem, sobre ela. Seu corpo flutua e já há alguma cor em sua pele.

A sala parece silenciosa e ela parece tão pacífica que meu coração dispara, pensando que ela está morta.

— Ela recebe sustento automaticamente — diz Fer'ro, apontando para um tubo que está preso ao corpo de Mina. — E íons regenerativos. — Ele aponta para outro tubo. — Nós a teríamos colocado no tanque de regeneração — ele se vira para mim, seu olhar aquecido deslizando sobre mim — mas ainda não está calibrado para sua espécie.

Concordo com a cabeça enquanto olho para ele antes de voltar a olhar para Mina.

Ela vai ficar bem.

Eu não acho que ela realmente esperava sobreviver a isso.

Meu olhar se desvia dela para percorrer a sala, procurando por aquele estranho médico branco, mas não sinto que haja mais alguém lá dentro.

— Ela está sozinha — murmuro.

Fer'ro faz um som como um grunhido. — He'rox tem... — Ele faz uma pausa. — Ele vai checá-la momentaneamente. — Outras coisas têm sua atenção agora.

Cerro os dentes e engulo quando um suspiro faz meus ombros subirem e descerem.

Outras coisas.

Ele quer dizer o Gryken.

— Você está pronta? — ele pergunta.

Eu concordo. — Sim. Eu penso que sim.

De repente, não tenho certeza se quero enfrentar aquele monstro novamente.

Só de pensar nisso, posso sentir seu braço viscoso em volta do meu pescoço, senti-lo me empurrando para baixo na água, ouvi sua voz na minha cabeça.

Um arrepio percorre meu corpo.

Você, ele havia dito.

Tinha falado comigo.

Acho que nunca vou esquecer a sensação.

— Por aqui — Fer'ro se vira e atravessa a sala e eu sigo um pouco atrás dele.

Quando outra porta se materializa e desaparece, engulo minha hesitação e dou um passo à frente.

Esta sala é mais clara do que as outras e leva alguns momentos para meus olhos se ajustarem.

À nossa frente, em uma sala grande e vazia, está He'rox.

Ele está de costas para nós e não tenho certeza se ele nos ouviu entrar, pois seu foco está no que está à sua frente.

Num enorme tanque cilíndrico, paira na água o terror que presenciei naquele Scrit.

Olhos escuros estão focados em He'rox até que eles repentinamente piscam.

Um arrepio percorre meu corpo quando o olhar do Gryken me encontra.

Olhar em seus olhos é como olhar para um vazio escuro e sem fundo.

Seus braços estão abertos para trás em um arco e se movem lentamente, mantendo-o no lugar.

Pensar que o que estou vendo é um ser inteligente. Um conjunto para destruir o meu planeta.

Ele me encara, e eu encaro de volta.

Não percebo que avancei até estar ao lado do homem branco.

A cabeça de He'rox vira quando ele olha para mim e seus tentáculos se contraem um pouco, mas não consigo me concentrar nele.

Minha única atenção está no monstro diante de mim.

— Você — eu digo a ele.

Ele paira, me observando, e sua cabeça carnuda se levanta um pouco, dando-me um vislumbre daquelas fileiras de dentes perversos por baixo.

— Ele não pode ouvir você — diz He'rox. — Este tanque bloqueia seus sinais cerebrais. Nada sai. — Ele move os ombros no que imagino ser um encolher de ombros. — Mas também não entra nada.

Sinto calor nas minhas costas e sei que Fer'ro está lá. Eu me afasto um pouco e nossos corpos se tocam.

— Mas os outros de sua espécie não saberão que algo está errado? Eles não vão suspeitar de nada?

Os tentáculos de He'rox se movem. — Não conhecemos todas as complexidades da comunicação Gryken, mas este Gryken não está morto. Eles ainda podem sentir que está vivo e bem. Isso servirá ao nosso propósito por enquanto.

Concordo com a cabeça e afasto meus olhos da coisa.

Olhar para ele causa todo tipo de mal-estar na minha espinha.

— Não precisamos mais ficar. — Fer'ro me puxa contra ele e no canto dos meus olhos, He'rox permanece rígido, apenas sua cabeça vira para o lado enquanto nos observa nos abraçar.

Concordo com a cabeça, permitindo-me relaxar contra Fer'ro.

Vendo o Gryken bem diante de mim, sei que o tempo não está do nosso lado.

Há um tipo sinistro de inteligência em seus olhos.

Quanto mais esperamos para derrubá-los, mais nos colocamos em perigo.

Mantenho seu olhar por mais alguns longos minutos.

Provavelmente me odeia.

Bem, o sentimento é mútuo.

Arrisquei minha vida para pegá-lo para que pudéssemos ter uma chance.

Não vou deixar a oportunidade passar.

Espero que possa ver a determinação em meus olhos. Espero que possa ver que a humanidade não está desistindo.

Farei tudo ao meu alcance para dar uma segunda chance ao meu mundo.

— Vamos — eu sussurro.

Capítulo Trinta e Seis

Adira

Estamos andando pelo corredor, a enfermaria atrás de nós, quando me agarro a Fer'ro e paro.

Seu ba'clan se eriça e ele me puxa para o seu lado.

— Você está segura, Adee'ra. — Sua voz baixa parece intensificada com as paredes de cada lado de nós. — Não pode te machucar.

Eu coloco um sorriso no meu rosto enquanto coloco meus braços em volta de sua cintura. — Eu sei.

Não sei por que parei de andar. Eu só preciso me sentir fundamentado, eu acho.

Mesmo com o Gryken no tanque, quase sem se mover, apenas parado antes de tomar toda a força que eu tinha.

Alguns vullanos se aproximam do outro lado do corredor e param quando nos veem.

Estou prestes a me afastar quando os braços de Fer'ro se apertam ao meu redor.

Eu só sei que ele está olhando para elas quando suas orelhas batem nos lados de suas cabeças e elas desviam seus olhares.

Eles nos saúdam, com a testa batendo na palma da mão, enquanto seguem seu caminho, mas não perco os olhares quando passam por nós ou os cliques baixos que ecoam pelo corredor quando desaparecem de vista.

Isso é outra coisa.

Todos eles vão saber sobre Fer'ro e eu.

Meus olhos se arregalam um pouco.

Sam e Mina...

Como vou explicar que me apaixonei por...

Apaixonado?

Engulo em seco quando as palavras se acomodam em minha mente.

Mas elas não estão erradas

Elas estão ... certas.

E eu percebo algo.

Sentir falta é a ansiedade e a dúvida que geralmente tenho quando me apaixono rápido demais por alguém.

Não tenho medo de ir rápido demais com o Fer'ro.

Não tenho medo de ele ficar entediado comigo, ou de ele me deixar por outra pessoa.

O que sinto é uma segurança calma que nunca senti antes.

Eu pisco para ele quando percebo isso, meu olhar procurando o dele.

Ainda estou segurando ele quando uma porta se materializa à nossa direita e um enorme Vullan sai, bloqueando nosso caminho.

Ga'Var.

Eu o reconheço apenas por causa de seus olhos cor de vinho.

— Oh, oi Ga... — Estou aliviando Fer'ro para cumprimentar o outro macho quando as palavras cortam na minha garganta.

Um arrepio enche o ar quando as lâminas de Ga'Var aparecem em todo o seu corpo, seu ba'clan no limite.

Ele não está olhando para mim, ele está completamente focado em Fer'ro.

Em um movimento, Fer'ro me coloca atrás dele e fora do caminho enquanto suas lâminas se estendem também.

Meus olhos se arregalam.

— O que é...

Há um estrondo baixo que preenche o corredor e levo um momento para perceber que são os dois rosnando um para o outro.

É uma cena repentinamente cruel.

Ambos parecem estar prontos para lutar.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Fer'ro se lança no ar.

Ele é tão rápido que não passa de um raio preto voador.

Ele está no ar, pura raiva em seu rosto enquanto Ga'Var avança também.

Mas Fer'ro é mais rápido.

Ele pousa em Ga'Var e os dois derrapam pelo corredor.

Meu coração bate contra o meu peito.

Eu não sei o que diabos está acontecendo.

— Fer'ro! — Grito seu nome enquanto Ga'Var usa um de seus braços em forma de lâmina para golpear Fer'ro, quase cortando a garganta de Fer'ro.

— Você acasalou com ela! — Ga'Var ruge. — Não minta para mim ou eu vou te matar aqui, agora mesmo!

Fer'ro rosna. Suas presas parecem ainda mais longas do que o normal. Seus olhos vermelhos como sangue quando ele vira Ga'Var e o joga do outro lado do corredor.

Ga'Var bate na parede, mas ele não consegue se recuperar antes que Fer'ro o atinja novamente.

Uma lâmina perigosamente longa aparece no braço de Fer'ro e com uma mão, Fer'ro prende Ga'Var contra a parede enquanto o braço com a lâmina é levado ao crânio de Ga'Var.

Se algum deles se mover para o lado errado, a lâmina perfurará Ga'Var direto no cérebro.

Estou correndo em direção a eles sem sequer pensar nisso.

— Você acasalou com ela! — Ga'Var ruge novamente, suas presas também parecendo mais longas do que o normal, e seu olhar cheio de raiva em Fer'ro.

— Sim — responde Fer'ro. — Eu acasalei com ela. Mais de uma vez acasalei com ela e pretendo fazer muitas, muitas mais vezes.

As palavras de Fer'ro me param no meio do caminho.

Eles estão falando de mim.

Ga'Var ruge novamente.

— Como você pôde ? Ela não quer você!

Essa luta... é por minha causa ?

— Ela é minha companheira! — Fer'ro ruge.

— Você se forçou sobre ela!

Fer'ro ruge novamente e joga seu irmão para o lado.

Ga'Var colide com a parede dura e vejo um fluido escuro inchar dentro de sua boca.

Ele tosse, mas se levanta cambaleando.

Eu... eu não posso deixar isso acontecer.

Ele está indo para Fer'ro novamente quando eu me interponho entre eles.

— Pare!

Ga'Var faz uma pausa. — Saia do caminho, pequena fêmea. — Mais lâminas parecem aparecer ao seu redor. — Você não precisa mais temer meu companheiro de útero.

Eu pisco para ele.

— Eu não o temo . Ele não fez nada além de cuidar de mim e... — Minhas bochechas esquentam quando olho para Fer'ro atrás de mim. Suas lâminas ainda não se retraíram também. — E... ele está certo. Ele não me forçou.

Porra.

Acho que nunca vou me acostumar com o olfato deles.

Ga'Var finalmente olha para mim. Me estuda.

E lentamente, suas lâminas começam a achatar.

— Você se entregou a ele?

Há uma nota de arrependimento lá. Não sei se estou imaginando, mas aceno com a cabeça.

— Ele não me forçou. — Eu tento manter meu nível de voz e calma. Apesar de não apontarem as lâminas um para o outro, há tanta tensão entre os dois que poderia cortá-la com uma faca. — Você, de todas as pessoas, deveria saber que ele não é assim.

O olhar de Ga'Var me percorre lentamente e Fer'ro rosna atrás de mim.

— Mas você é tão pequena. Certamente, você não gostaria de acasalar com a minha espécie?

O final de suas palavras é uma pergunta, embora soe como se ele estivesse fazendo uma declaração, e eu me pergunto o que está acontecendo em sua mente.

Ele está olhando para mim de forma estranha agora.

— Seu tamanho não importa.

Minhas bochechas queimam.

Realmente, porra, faz.

Ga'Var me estuda um pouco mais e, conforme os segundos passam, sinto Fer'ro relaxando atrás de mim.

— Seu tipo é... compatível com o meu? — O olhar de Ga'Var se move rapidamente para Fer'ro e depois de volta para mim.

Estou tentando entender aonde ele quer chegar, mas mesmo assim respondo afirmativamente à sua pergunta.

— Sim...?

Olho para Fer'ro em busca de ajuda, mas só o pego encarando Ga'Var com tanta intensidade que é um milagre que Ga'Var não entre em combustão.

— E sua espécie... quer acasalar com a minha espécie? — O olhar de Ga'Var me varre novamente.

Fer'ro rosna mais alto desta vez.

— Eu não colocaria dessa forma... — respondo cautelosamente.

— Mas... é uma possibilidade?

Meus olhos se estreitam um pouco quando eu aceno.

— Sim...?

Ga'Var se endireita então, seu olhar passando rapidamente de Fer'ro para mim e vice-versa, e eu me pergunto mais do que nunca no que ele está pensando.

— Vejo que posso ter me enganado sobre o que aconteceu entre vocês dois — diz ele.

Curvando-se, ele coloca uma palma em cima da outra antes de descansar a testa nelas.

— Aceite minhas desculpas. Eu estava apenas preocupado que meu companheiro de útero tivesse enlouquecido. Ele faz uma pausa.
— Mas agora eu sei.

Quando ele levanta a cabeça, ainda há aquele olhar estranho em seus olhos, e ele limpa uma linha de sangue de sua boca.

Ele dá a Fer'ro um último olhar antes de se virar e fazer a estranha reverência novamente.

Então ele está se afastando pelo corredor.

Eu o observo ir, meus olhos nunca deixando suas costas até que ele desaparece em uma esquina.

Meus ombros caem com a tensão reprimida que eu não sabia que estava segurando.

— O que diabos foi aquilo?

Eu me viro para Fer'ro, mas de repente estou sendo empurrada para trás até minhas costas baterem na parede.

Fer'ro inclina a cabeça para o meu pescoço e inala profundamente.

Sua mão encontra meu centro e ele me segura lá.

O calor inunda minha alma.

— Fer... o que você está fazendo? Qualquer um pode nos ver agora mesmo!

— Ga'Var queria acasalar com você.

Suas palavras desintegram tudo o que eu estava prestes a dizer.

— Antes, quando te encontramos pela primeira vez, ele a queria para si.

Pisco quando Fer'ro esfrega o nariz em mim.

— Você teria escolhido ele e não eu?

Balanço a cabeça, embora a revelação tenha me surpreendido.

— Não.

E é a verdade.

O único vullano que me atraiu é o que está diante de mim.

Eu envolvo meus braços em torno de suas costas largas enquanto ele me puxa para ele.

— Bom — ele sussurra.

Por alguns instantes, ficamos assim e acho curioso que mais ninguém passe pelo corredor mesmo ouvindo constantemente cliques de conversas de Vullan se aproximando.

— Então não há mais brigas entre vocês dois? — Eu me preparo para olhar nos olhos não tão alienígenas de Fer'ro. Ele pisca para mim com aquela pálpebra secundária e eu sorrio. Ele parece um pouco diferente agora, com o cabelo não mais preso atrás da cabeça e os cachos caindo para o lado do rosto.

— Agora que ele sabe que estou disposta, não haverá mais luta, certo?

Fer'ro clica em mim e presumo que seja um sim.

— E os outros? Eles vão lutar com você também? Devo anunciar a todos que é consensual entre nós?

— Não. Eles não ousariam. Apenas meu obstinado companheiro de útero ousaria me atacar assim.

Concordo com a cabeça enquanto aliso um de seus cachos para trás.

— Devemos ir — eu sussurro. — Tenho certeza que todo mundo sabe que estamos pressionados um contra o outro no corredor... e estou começando a me sentir culpada. Temos trabalho a fazer.

Fer'ro respira fundo enquanto sai de cima de mim e há um clique em algum lugar no corredor.

— Veja — eu sussurro.

Fer'ro faz um leve trinado quando começamos a andar novamente.

— Eles estão animados.

Eu bufo uma risada pelo nariz.

— Animado para quê?

Quando eu olho para ele, seus olhos são como fogo novamente.

— Para a nova era — diz ele.

Epílogo

Adira

Ao nos aproximarmos da ponte, passamos por vários Vullan.

Eles fazem a mesma reverência, seus olhos passando rapidamente para mim antes de desviarem seus olhares.

Tenho a sensação de que Fer'ro está olhando para eles, mas sempre que olho para ele, tudo que posso ver é aquele olhar firme e inexpressivo dele.

Nunca pensei que olhar em olhos tão diabólicos seria reconfortante, mas um calor se espalha sobre mim sempre que nossos olhares se encontram.

A porta da ponte se abre e vários vullanos se viram para olhar em nossa direção.

Vejo o momento em que Sam se vira e me vê.

Sua boca se abre para chamar meu nome, mas ela fica congelada em estado de choque enquanto me acolhe.

— Adira? — De repente ela está correndo em minha direção.

Ela agarra meus braços enquanto me olha de cima a baixo.

— Você tem um dos trajes deles?!

Abro minha boca para dizer a ela que não era o caso quando ouço um clique baixo.

Fer'ro.

Ele tem razão.

É muito para explicar agora, especialmente quando os vullanos não entendem completamente os detalhes de tudo.

Em vez disso, sorrio para Sam.

— Sim, eu fiz.

— Como?!

— Apenas sorte, eu acho. — Meu olhar encontra o de Fer'ro e suas orelhas se contorcem enquanto ele nos observa.

— Eu estava preocupado com você. Ouvi dizer que você foi à superfície para ajudá-los e foi levada pela máquina novamente. Oh meu Deus, como você conseguiu sair?

Meu sorriso se ilumina.

— Longa história. Eu vou te contar algum dia. — Meu olhar desvia para a frente da ponte, onde há uma ampla tela de visão.

— Agora, temos que fazer planos para o que está por vir.

Dou alguns passos em direção à tela e olho para fora.

Sinto quando Fer'ro se move para ficar ao meu lado. Seu calor é como uma energia reconfortante que flui ao redor do meu ba'clan.

— Pronto — diz ele, gesticulando com o queixo à frente.

Parece uma montanha rochosa.

— O que estou olhando?

— As varreduras indicam uma série de grandes túneis por baixo.

— Um sistema de cavernas?

— Correto. — Fer'ro olha para mim por um segundo antes de voltar seu olhar para a vista. — Vamos abri-la e esconder nossa nave lá. E então... as operações começarão.

Sinto uma leve bola de ansiedade começar a crescer em meu peito.

— Operações? — Sam pergunta.

— Existe apenas uma maneira que conhecemos de matar o Gryken. Uma arma que conseguimos criar nos últimos dias da guerra, mas já era tarde demais para Edooria.

Eu olho para ele, mas Fer'ro não pula uma batida.

— Quando chegamos a este planeta, foi assim que derrubamos o primeiro Gryken - aquele que o prendeu dentro dele.

Sam se mexe um pouco e eu sei que as mesmas imagens, o mesmo terror de ter estado na barriga da máquina, está voltando para ela.

— Mas precisamos de materiais para abastecer. Infelizmente, esse material não é facilmente acessível e temos estoque limitadas nesta nave.

Sam olha para mim e solto um suspiro.

— Nós podemos fazer isso — eu digo. — O que você precisar, nós podemos fazer.

— Faremos isso — corrige Fer'ro. — Juntos

Um sorriso se espalha em meus lábios enquanto cruzo os braços e olho para ele.

Não percebo que trocamos olhares por mais do que alguns momentos até Sam pigarrear ao meu lado.

Afasto meu olhar de Fer'ro e me concentro fora da nave mais uma vez. É a única coisa que posso fazer além de encarar o olhar questionador de Sam.

Há tanto que preciso dizer a ela.

— Então essa será a base, hein. — Eu olho para a montanha diante de nós. Não tenho ideia de onde estamos agora, mas a massa de terra para a qual estou olhando está prestes a ser meu lar em um futuro próximo.

— Bem — eu digo — se vai ser em casa, temos que dar um nome.

Fer'ro tamborila um pouco. É tão baixo que sei que Sam não ouve, embora ela esteja bem ao nosso lado.

— Tem nome — diz. — Nós o chamamos de... *Base Zero*.

— *Base Zero* — eu sussurro.

Meu ba'clan vibra enquanto olho para a montanha e estendo a mão e seguro a mão de Fer'ro.

Ele enrijece um pouco antes de relaxar contra mim e sua mão apertar a minha.

Já fizemos tanto...

Mas este é apenas o começo.

Fim por enquanto ...